

Fase IV Outubro/Novembro/Dezembro Ano I - N.º 1



Revista Brasileira

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.
MACHADO DE ASSIS



Rio de Janeiro

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 1974

Presidente	Austregésilo de Athayde
Secretário-Geral	Hermes Lima
1.º Secretário	Odylo Costa, Filho
2.º Secretário	Genolino Amado
Tesoureiro	Candido Motta Filho
Diretor da Biblioteca	Barbosa Lima Sobrinho
Diretor da Revista da Academia Brasileira de Letras (Anais)	Herberto Sales
Diretor do Arquivo	José Honório Rodrigues
JOSUÉ MONTELLO	Diretor da Revista Brasileira
ORLANDO MOTA	Editor de publicações da ABL
ALDA BROWNE	Secretária

A Academia não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações. Os pronunciamentos feitos de improviso não foram revistos pelos oradores.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Avenida Presidente Wilson, 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL

SUMÁRIO

Apresentação	7
Antologia de Marques Rebelo	9
Auto-Retrato Crítico de Marques Rebelo	11
Cronologia de Marques Rebelo	23
O Contista	33
O Romancista	49
A Longa Viagem de Ida	65
O Epistológrafo	77
O Biógrafo	81
Literatura de Viagem	87
Recepção de Marques Rebelo na Academia	95
Discurso de Marques Rebelo	97
Resposta do Sr. Aurélio Buarque de Holanda	113
Julgamentos Críticos da Obra de Marques Rebelo	143
Outras Opiniões Críticas Sobre Marques Rebelo	209
Bibliografia Crítica Sobre Marques Rebelo	213
In Memoriam	219
Adeus a Marques Rebelo	221
Pronunciamentos Acadêmicos na Sessão de Saudade	225
Outros Pronunciamentos	265
Colaboração Especial	307
No mundo de Perez Galdós (Josué Montello)	309
Carlos Nejar (Octávio de Faria)	323
A Contribuição de Aluísio de Azevedo Para a Formação do Realismo Crítico no Romance Brasileiro (Sigurd Schmidt)	329

APRESENTAÇÃO

A Revista Brasileira entra com este número numa nova fase. Dirigida anteriormente por Levi Carneiro, que lhe imprimiu as marcas de sua personalidade e de sua cultura, ela completou com ele um ciclo perfeito de sua evolução histórica, como instrumento de comunicação literária, na área de língua portuguesa. Mestre Levi queria-a como instrumento exclusivo dos valores literários não pertencentes aos quadros da Academia Brasileira. Na defesa dessa orientação foi intransigente. A instituição, que tinha por ele o mais alto apreço, embora discordasse do companheiro, preferiu silenciar essa discordância. Após a morte do mestre de O Livro de um Advogado, fez-se a alteração do Regimento Interno da Academia, abrindo à colaboração dos acadêmicos a revista que eles próprios mantinham. E assim se inicia esta nova fase da Revista Brasileira, colaborada por acadêmicos e não acadêmicos, identificados na comunhão das letras, quer como criação, quer como comentário.

Cumpre acentuar que a nova fase começa quando andam em crise as publicações desta espécie. As diversas fases da Revista Brasileira — que aparece, vive a sua hora, e outra vez deixa de circular — constituem o testemunho de que nem sempre lhe foi propícia, ao longo do tempo, a acolhida do público. Dir-se-ia que ela se identifica, desde as suas origens, com as gerações que se vão sucedendo. Passado o entusiasmo de alguns, cessa a sua divulgação. E o certo é que, se têm sido periódicas as mortes da Revista Brasileira, elas também abrem caminho à sua ressurreição — pela geração que desponta logo a seguir.

*Foi na Revista Brasileira, na fase em que José Ve-
ríssimo a dirigia, que a Academia se constituiu: ela en-
sejou o encontro de duas gerações de escritores, debaixo
da liderança tranqüila de Machado de Assis. De um lado,
os saudosistas da Monarquia; de outro, os propugnado-
res da República. O litígio político desfez-se na comu-
nhão literária. E assim se organizou a instituição que
o mestre das Várias Histórias ajudou a vingar, insu-
flando-lhe um pouco de sua operosidade e outro tanto
de seu prestígio pessoal.*

*As crises por que passam presentemente as publi-
cações desta natureza têm uma explicação mais dra-
mática. Não correspondem a fenômenos isolados, como
até há pouco parece ter acontecido. Presentemente
outros meios de comunicação atraem a atenção do pú-
blico — ao mesmo tempo que se agravam as dificulda-
des para a manutenção das publicações periódicas. O
preço do papel e da mão-de-obra, certo emperro para
uma difusão eficaz, e ainda muitos embaraços para a
coordenação das colaborações especializadas, aliam-se aos
fatores antigos para obstar o reaparecimento de uma
revista essencialmente literária e que somente se
propõe cuidar das letras e bem difundi-las.*

*Sabendo da existência de todos esses óbices, a
Academia vem abrir agora esta nova fase de sua bene-
mérita publicação. Para lhe dar uma feição diferente,
achou por bem imprimir-lhe uma orientação monográ-
fica, de tal modo que cada um de seus números corres-
ponda ao estudo da personalidade e da obra de um
mestre brasileiro, pertencente ou não ao quadro da Casa
de Machado de Assis. Este primeiro número é consagrado
à memória de Marques Rebelo, continuador da tradição
literária do contista de Várias Histórias, e Secretário
Geral da Academia. Nosso primeiro Presidente advertiu-
nos de que o louvor dos mortos é um modo de orar por
eles.*

J. M.

**ANTOLOGIA DE
MARQUES REBELO**

AUTO-RETRATO CRÍTICO DE MARQUES REBELO

I

Posto que não se pudesse viver da pena, ou para tentá-lo teria que descer demais, cortejando público e editores, aceitando um jornalismo escravizante e dissolvente, para não sufocar ou atrofiar a vocação, optei por uma vida modesta, modestíssima, inversa do carreirismo — e note-se que a literatura entre nós funcionou muito como brilhante muleta para a ascensão social, econômica e política do cidadão semi-alfabetizado. Entreguei-me a um ascetismo de empregos modestos, mas relativamente folgados, que facultassem o maior tempo possível para o ócio de pensar e repensar, matriz do engenho artístico, e para ler e escrever, na proporção de 20 livros lidos para 20 linhas escritas, linhas que se reduziam a 2 publicáveis, aliás uma excelente média. E não me arrependi jamais da opção — na vida só aspirei a ser escritor.

Compreenda-se que o exercício da verdadeira literatura é, antes de tudo, um ato de coragem. E além da coragem para múltiplos sacrifícios, precisamos, especialmente, de coragem para cortar. E cortei, corto, cortarei sem avareza e arrependimentos, como se cortasse a obra alheia — e dá-se que se vê sempre melhor o mal alheio que o nosso. Diminui a bagagem vendável, mas diminui também o campo do erro, do excesso, do supérfluo. E com tal sistema podador acabamos por vencer a torpe facilidade, que infelicita tantos va-

lores ponderáveis. E condicionada decorrência, porém, necessário de tempo na minha frente para resolver as paradas literárias, mesmo as aparentemente simples, pois nada é simples nos domínios da criação — ó extenuante ócio! Quanta vez me ofereceram trabalho com pagamento atraente — afinal o dinheiro é assunto cobiçante e útil — digamos uma ou duas páginas de colaboração urgente. E sempre combinei:

— Pelo menos uma semana, meu amigo.

Felizmente tenho amigos, até que uma bonita coleção, apesar de muita gente supor o contrário, dada a minha capacidade de fazer desafetos literários e penitencio-me de algumas injustiças — obras que achei chatas, tornaram-se realmente chatíssimas. E os prazos eram concedidos. Menos uma vez. Certo publicitário queria um conto de Natal, cinco páginas no máximo, em quatro dias. Estávamos em novembro.

— Preciso de um mês, pelo menos. Serve?

Não serviu — fiquei sem os 400 mil cruzeiros. Os publicitários são homens práticos.

Também sou um homem prático, isto é, odeio o rigor do pragmatismo, do planejamento dogmático, da maquinização desumana. Que o processo e a padronização não perturbem a harmonia natural. Tanto a variedade quanto uma aparente balbúrdia são formas de equilíbrio vital. Acreditemos que Deus não ajuda somente a quem cedo madruga. Podemos perfeitamente acordar tarde. Se não houvesse relógios de ponto, mas pontos de honra, a existência seria mais nobre. No dia em que estabeleceram relógio de ponto, larguei um emprego, embora me facultassem só marcar a entrada. Nunca chegara atrasado. Nunca cheguei atrasado em lugar nenhum. Talvez tenha chegado atrasado no mundo, isso sim. Melhor teria sido se nascesse há um século passado. O progresso do século XX, frio, mercantil, ganancioso e chave de cardiopatias e neuroses, me irrita um pouco. Ou até bastante. A natureza não melhora relativamente ao progresso que inventa, e que empurra aos parvos por alto preço, com crediários para iludir. Acho até que aguça a sua congênita velhacaria.

2

O jogo do engajamento nunca me atraiu. Por tal razão os comunistas me consideram fascista, os fascistas me consideram comunista, os socialistas me consideram reacionário,

os liberais me consideram um sem-vergonha. Não tem a menor importância — por absoluto cálculo e decisão nunca precisei de posição política para criar e viver, seguro de que, com as mãos desatadas, pode-se nadar melhor e escapar das correntes fatais. Apenas atrapalhou um pouco certas conquistas justas ou conseqüentes. Fiquei sempre colocado à margem das situações, suspeitosamente — o que fortalece a nossa capacidade de julgar a um ponto de se confundi-la com o cinismo. Mas não escapamos da onda e uma ocasião, apanhado pelo arrastão politiquero, que propositadamente confundia tubarão com cocoroca, levaram-me a responder Inquérito Parlamentar e processo criminal — livreime com ferimentos leves e boa dose de náusea.

Um simpático camarada, que não perde vaza, me condenava por não me candidatar a uma apetecível pepineira pública.

— Você não consegue isto porque é burro!

— É. Sou burro — concordei.

E burro morrerá. Há mortes naturais.

3

Que política me apraz? A da livre deliberação. A maior indignidade que se comete contra o homem é o voto obrigatório, penso e existo. Ao cidadão deve ser obrigatório o título eleitoral. Votar, não! Quanto cavalheiro não foi eleito com a ajuda de centenas de eleitores que não gostariam de votar nele? As pirâmides e convicções partidárias são mais frágeis do que os castelos de cartas. Mas se é impossível o mundo sem política convicta e partidária, que alegria, que liberação, que certeza da nossa independência é o voto em branco! — afirmação interior que raramente pratiquei, tão contraditório é, sob todos os aspectos, nosso passeio no mundo.

4

A vida é escola e recordemos duas lições. A principal: estava escrevendo, menino ainda, meu pai veio por trás, leu e disse:

— Se o sujeito está falando *nervosamente*, também *nervosamente* deve vestir o paletó... Gestos e palavras se harmonizam.

Nunca mais me esqueci. E a complementar: de repente atacou-me um gosto desvairado pela indumentária em tecnicolor, como influência talvez das minhas aprofundações no campo da pintura, conquanto o estilo continuasse da mesma cor sem gritos. Foi na porta da Colombo. Ostentava impecável e estival conjunto — paletó de uma cor e calça de outra. Manuel Bandeira apalpou minha gravata:

— Gravata de lã, só no inverno...

Apliquei a escolha também na literatura. Há palavras de inverno e há palavras de verão.

E mais outra lição: trabalhei durante uns dez anos na difusão das artes plásticas. Modéstia à parte, com inteligência, entusiasmo, devoção, desprendimento — há provas. Um dia viram que era tempo de haver um grande museu. Convocaram 50 pessoas para a sessão fundatória. Compareceram 41, e três delas, que eu conhecia, não tinham em casa um único quadro nas paredes. Estabeleceram 40 lugares de diretoria, comissões, etc., e fez-se imediata eleição. Somente um dos presentes não foi eleito — eu.

5

A fascinação da leitura vem cedo, mesmo com luz de vela, de lampião, de bico de gás, que é luz lindíssima! Aos 7 anos já era alfabetizado praticamente por esforço próprio e com o auxílio do semanal *Tico-Tico* e do *Jornal do Brasil* todos os dias. Daí para o livro nem era um pulo — um simples passo. E afundi-me pelo mundo maravilhoso da carochinha, lastro incorruptível de sonho e imaginação — debaixo duma pedra do jardim poderia encontrar um tesouro, com uma varinha de condão poderia transformar minha tia em sapo!

Aos 9 anos recebo o *Coração* como livro de leitura — felizes tempos! Guardo ainda o exemplar com assinalada data — 6 de março de 1916 — e a minha assinatura em gorda letra horizontal. Colou para sempre — é responsável por todo o sentimentalismo que minha pena distila, apesar da vigilância, e que Manuel Bandeira, em 1931, quando da minha estréia em livro, registraria um pouco soprado em carta por Antônio de Alcântara Machado, não muito de acordo com a generosidade que a crítica recebeu *Oscarina*. E Alcântara tinha razão — muito foguete é para estréia de circo.

Aos 11 anos, um pastor protestante americano, que acabou bispo em Goiás, pôs nas minhas mãos a Bíblia, na tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. E guardo também este livro, datado de 1919, com a assinatura em caligrafia mais magra e ascensional, como a do médico que atendia a nossa família, jamegão que eu achava deslumbrante. Cético quanto ao seu conteúdo e destino, até agora tem sido meu livro de cabeceira, o único que jamais me enfastiou, que abro constantemente para encontrar riqueza, inesgotável em exemplos de propriedade expressional. Jorge Amado pilheriou:

— Ainda bem que o Marques não tem obrigação de pagar direitos autorais de transcrição.

Meu pai tinha uma estante com uns duzentos e tantos livros no corredor, biblioteca escolhida, um pouco tumultuosamente escolhida, convenhamos — Herculano, Eça, Camilo, Fialho, Júlio Diniz e franceses, pois já traçava o meu francês, Anatole, Dumas, Vitor Hugo, Bourget, Daudet, e, incrível que pareça, Buffon e Darwin, na tradução de Barbier! E foi minha, depressa esgotada pelo infantil ardor. Mesada tinha pequena — 10 mil réis. Mas compravam-se livros por dois tostões naquele tempo! Editoras lusas e francesas inundavam nossos balcões com variado e barato sortimento. E passei assiduamente a freqüentar os sedutores sebos da Rua São José e adjacências. Carlos Ribeiro era caixeirinho de calças curtas na Quaresma — vivo como sagüi! O velho Matos, português, gerente, era rústico e boníssimo — quantos livros não me deu com cara amarrada, olhando-me por cima dos óculos! Aos 15 anos encontrava lá as *Memórias de um Sargento de Milícias*, que foi um alumbramento! e daí por diante a breve e desconhecida vida de Manuel Antônio de Almeida passou a ser uma das minhas apaixonantes preocupações.

Li, li, li — os olhos são de ferro! E não considero que, em nenhum caso, houvesse perdido meu tempo. As baboseiras ensinam tanto quanto as grandes obras. Pelo efeito contrário, como no bilhar. Claro que ensinam apenas àqueles que seriamente pretendem escrever, sejam duas dúzias de predestinados para cada milhão de amadores.

6

Meu pai tinha escrúpulos vernáculos e colocou-me sob a domesticação de seu amigo Mário Barreto. Foram quase três anos de aulas particulares, noturnas, três por semana, ber-

radas, pois Mário Barreto era surdo, e algumas vezes interrompidas pela chegada do General Tasso Fragoso, que vinha discutir questões lingüísticas com o mestre. Tomei um fartão de obras clássicas — o alicerce às vezes penoso — ora indicadas, ora emprestadas, ora tiradas da biblioteca do professor, mas rigorosamente devolvidas, menos uma — certa tradução de Beaumarchais, toda anotada pelo olho exigente do gramático, muito atilado para os problemas de semântica. Tomou-me amizade, ajudou-me muito, mormente naquilo que eu não precisaria para me tornar escritor, e era severíssimo nas redações; em cada aula tinha de apresentar uma, previamente determinada, e que ele corrigia, discutindo as correções, achando graça em achados meus, incentivando-me ou me reduzindo a pó — um extraordinário exercício! A morte do bom professor foi realmente um abalo que sofri. Finou-se na Beneficência Portuguesa, dizendo:

— Morro feliz numa casa portuguesa, entre portugueses.

Dessa forma explicava muito seu amor. Não perdeu o latim que me ensinou — ainda estou crente que só temos uma língua, nós os brasileiros e portugueses e defendo-a o quanto possa. Mas peço vênias para sustentar que o português cá das nossas bandas banhou a lógica alforria, sem perder a lógica base, coisa que muitos portugueses infelizmente não compreendiam e muito menos estão custando a compreender. Se escritores nossos, como Jorge Amado e Érico, têm tiragens de 100 mil exemplares, já seria para desconfiar. Quando formos 100 milhões haverão de compreender...

7

Alguns escritores do tempo e outros já na penumbra, pois há aqueles que desaparecem em vida, em horas diversas faziam ponto na Quaresma, ou por lá passavam a farejar escaparates e estantes, exatamente como eu — não há perfume mais perturbador que o de papel impresso! Via-os de longe, somente com um falei, Agripino Grieco — esfuziante de sátira — que deu atenção ao infante e a quem me mantenho fiel. Mas comoção foi a presença de João Ribeiro, o tradutor perfeito de *Coração*. Desleixado e bonachão, alheio à maledicência daquelas conversas de intelectuais, sempre sábia e santamente disposto a perdoar a tolice, a vaidade, a pequenez. Espírito milagrosamente aberto, anos depois, quando a vida começava a lhe fugir, com a inteligência intacta

continuara a receber e a aplaudir a contribuição modernista. Nada foi lido por mim, sobre mim, com mais emoção, e não seria a natural emoção dos estreantes, do que aquelas enxutas linhas no seu "Registro Literário" sobre *Oscarina*. Suas críticas eram curtas, mas uma coisa é crítica curta e outra o colunismo literário. Acho que podem coexistir, o que não pode haver é confusão.

8

Estávamos às vésperas do Centenário. Machado de Assis sofria um momentâneo esvaziamento, a importância de Lima Barreto não era reconhecida, muito menos que isso, e ambos ganharam com o Modernismo. Monteiro Lobato crescia como um Maupassant dos pobres, na obra do qual Rui Barbosa, o gênio nacional, encontrara a jeito o Jeca Tatu para citar num discurso contra o Brasil oligárquico. E recitava-se muito Olavo Bilac e havia muitas conferências literárias sobre o Pé, a Mão, a Luva, a Linha Reta, a Linguagem das Cores... Veio a Semana de Arte Moderna acabar com tais jogos florais e fiquei no sereno, batendo palmas. Crescido o movimento, foi um acordar de inteligências por esse Brasil a fora. Algumas não eram tão grandes quanto imaginávamos, mas sempre será assim nos períodos de renovação — muitos oportunistas, muitos gatos por lebres... A Academia de Letras, reduto da fossilização, servia de mira à juventude, afinal não tão iconoclasta. Atirei minhas flechas. Com Walter Benevides e Bastos Leite brilhei à frente de um jornalzinho quinzenal, que se apagou com seis meses — mais flechas perdidas! Comunicava-me com jovens de todos os cantos do país e quantas revistas! Acompanhei a rapaziada de *Verde* e tudo que sobrou da aventura foi a amizade de Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar. Ah, gracioso período de tanta poesiazinha fulera! Por fim, desconfiei que a poesia não seria o meu forte e voltei à prosa, cujos ensaios rasgara. Desfrutava-se o edificante clima do governo Bernardes com estado de sítio permanente, violações de domicílio, proibição de reuniões e ajuntamentos na rua, mais de duas pessoas conversando já era olhado como comício, depuração de deputados e a invenção da censura da Imprensa, da futura Delegacia de Ordem Política, então 4.^a Delegacia Auxiliar, onde alguns presos suicidaram-se atirando-se das janelas, do campo de concentração da Clevelândia e dos tenentes comissionados,

isto é, sargentos que passavam àquela patente para cobrir os claros do oficialato, desfalcado com as expulsões em massa verificadas na Escola de Guerra. Foi quando apareceu em cena o famoso Tenente Jesus.

A Pátria precisava dos meus serviços e lá fui me apresentar ao Forte de Copacabana. Naquele tempo ainda havia percevejos nos quartéis e ainda há pessoas que têm alergia ao DDT! Um pouco de artilharia de costa é importante na vida de um paisano e o telêmetro é aparelho fascinante! Capitão José Agostinho dos Santos — o comandante — era uma flor. Capitão Honorato Pradel, que o substituiu, mostrava-se pessoa decente. O Capitão Calmon, médico e que fora bom jogador do Fluminense, era uma jóia de criatura. Tenente Pedro Geraldo caprichava em ser um pouco tesudo, porém, depois de algum tempo entrava na nossa simpatia. Mas Tenente Jesus, comissionado, era o diabo! Uma das suas diabruras consistia em acreditar em exercícios físicos e querer que se ficasse musculoso à força. Decepionei-o um pouco quando venci, com meu físico miúdo, todas as competições de fundo contra qualquer espécie de latagão e ainda quando marquei alguns golzinhos nas peladas do Forte. Mas o diabo do homem era insaciável. Exigiu proezas de equilibrista. Resultado — caí de uns 11 metros de altura. Ainda bem que a água lá em baixo amoleceu o tombo, contudo sempre deu para quebrar o espinhaço, como diagnosticava o Paru, que partilhava das minhas perneiras particulares e especiais — as famosas paraná — em dias de ver namorada.

A longa imobilidade e o longo sofrimento — dores terribes e não morri por mero acaso — devolveram-me à leitura intensiva e analgésica, descerraram-me a cortina da legítima ficção. E assim entrei realmente no palco literário, mas varrendo do espírito a superstição de que há males que vêm para bem, meu terreno Jesus!

Quando consegui voltar a andar, tinha a novela *Oscarina* no bolso, fixação da vida de soldado. Schmidt, que usava *pince-nez* com fitinha preta presa à lapela, levou-a para São Paulo e lá saiu na *Feira Ilustrada*. Depois que saiu, fiquei desconsolado — achei-a uma porcaria! E modifiquei-a toda. Lembro-me ter descoberto que ela acabava antes uma página do ponto final. Inverti as duas últimas páginas e tudo ficou direitinho — tais são os mistérios da criação. Fato engraçado é que o caro Ribeiro Couto achava melhor a versão inicial. . . .

Encouraçado com mil exigências natas e adquiridas, cometi uma falta clamorosa — fabriqueei um romance para concorrer a um prêmio. Ganhá-lo não me comoveu. E quando o livro saiu, me desesperei. Por quase dez anos refiz o livro para a segunda edição e, publicado, o desespero se renova. E outro largo tempo mexendo em cada página, com uma paciência já doentia, e lá apareceu a terceira edição, ainda insatisfatória — o mal vem do ovo.

Levei quatro anos capinando as 88 páginas iniciais de *A Estrela Sobe* (na edição de José Olímpio, que foi a primeira). E dali não saía. Foi quando Paulo Silveira veio fazer curso superior no Rio, iniciar-se no jornalismo e ocupou, por tempo de aclimação, na minha casa da querida Tijuca, com rio e árvores, a vaga de Joel Silveira, que se casara. E começou a me atazanar para prosseguir o romance. Tanto atazanou, que decidi meter mãos à obra — ficaria mais paz para as nossas biscoitas e escopas, nossas audições de vitrola e leituras em voz alta, horas boas da vida. E decidi que ele pagasse pela impertinência. Era e é excelente datilógrafo. Em dez dias de ditado estavam liquidadas as páginas restantes, que foram até o número 260 da aludida edição, numa média de 17 páginas por sessão noturna, mas parece que houve um sábado e um domingo em que se deu mais avanço na chorumela. Foi a única experiência que fiz de ditar meus escritos. Claro que fiquei horrorizado ao ler o monstro. E me debrucei, pela calada da noite, pois a noite é a minha hora de trabalho, durante dez meses naquelas páginas e tais originais estão em poder do bom amigo Professor Leme Lopes, por um ímpeto de vaidade, seguramente. Passado a limpo, sempre pelos dedos velozes de Paulo Silveira, que também ia corrigindo a minha penosa ortografia, entreguei ao editor e as provas escrupulosamente feitas por Paulo, que alia mais esta prenda às muitas que tem. É o único livro que praticamente não sofreu posterior retocação. Só havia para a segunda edição um exagero da palavra *tranquilo*. Entrei com os sinônimos: sossegado, calmo, sereno, plácido, etc.

O romance tinha uma novidade: notas em pé de página. Mais da metade delas poderia ser material incluível no texto. Fora inspiração resultante de *Do Amor*, de Stendhal. Lendo é que tomamos conhecimento de muito macete utilizável

puro ou disfarçado. José Lins do Rego glosou o tom documentário delas. É que eu combatia o documentário que andava solto...

Vieram depois alguns contos, que formaram um volume, e o cansaço pelo gênero, como se tivesse tornado um fácil mecanismo — por mais de 20 anos fiquei invulnerável à tentação de praticá-lo e só há pouco voltei a ele, utilizando uma quantidade maciça de compridos e interpolados parágrafos, procedimento talvez maçante, mas experiência nova para mim, não tentada antes por não me sentir capaz. É o caso do recente *O Simples Coronel Madureira*, em que focalizo os deliciosos acontecimentos que nos envolveram e, curioso, é o primeiro livro meu que tem imediata aceitação popular.

10

Antilatifundiário por índole e devoção, acabei agraciado com uma capitania literária, não sei quantas sesmarias rigorosamente cariocas. Aceitei, passei escritura no cartório da crítica, posso sem prejuízo vender alguns lotes. Que apareçam os compradores!

Alberto de Oliveira, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade — eis as nativas chácaras poéticas em cujas sombras passeio. Mas apesar de muito agredir Augusto Frederico Schmidt, com quem fumei em tempo o cachimbo da paz, estava constantemente me apanhando a estropiar alguns curtos versos seus, hábito que não perdi. Não consigo decorar versos. Nem versos nem número de telefone. A única poesia que cuidei decorar foi o soneto Alma Minha — um dia, tarde, verifiquei que o recitava errado. Todavia, sou capaz de decorar os trezentos objetos duma sala vista cinco minutos. Cornélio Pena afirmava que era evidência do meu amor pela vulgaridade.

Orris Soares era um bom sujeito. Teve a coragem de prefaciar Augusto dos Anjos, quando não se fazia caso do poeta. Uma tarde, entrando na Livraria José Olímpio, ouvi-o dizer:

— O Marques Rebelo é o Barreto Pinto da literatura.

Nenhum dos circunstantes divergiu. Orris dedicava-se a estudos filosóficos, tendo até publicado o primeiro tomo dum dicionário da matéria. Devia saber, portanto. Imediatamente passei a olhar o deputado cassado por falta de decoro par-

lamentar — vejam só! — com a maior ternura. E a fazer mais picardias literárias.

Convocam-me razoavelmente para Rádio e Televisão — é o preço que se paga por alguma notoriedade. Não sei nunca, de chofre, dizer o que pretendo. Não engreno com facilidade, os pensamentos se amontoam na cabeça. No outro dia, sim, sei perfeitamente o que deveria ter dito.

Por essas e outras é que o diário crescia com a possibilidade de virar romance, como aconteceu — *O Espelho Partido*. Cada dia uma linha, cada linha um pouco da nossa miséria.

II

Entrada para a Academia — convencido de que é preciso fazer toda a carreira até ao esquecimento. Não basta bater à porta, muitos o fazem inutilmente. Há uma série de obstáculos a saltar. Há principalmente o momento exato. Usei da indispensável calma — derrota no primeiro pleito — vitória fácil no segundo. Desagradei a uns poucos acadêmicos que não votaram em mim — mostrei-me um consócio cordato, amável, disposto a trabalhar quando convidado. Espantei um companheiro que me disse na véspera da eleição garantida:

— Vai ser o dia mais feliz da sua vida!

Pois respondi:

— O dia mais feliz da minha vida já aconteceu. Foi o dia 18 de dezembro de 1960.

Ele não sabia do que se se tratava. Expliquei-lhe a paixão:

— O América foi campeão depois de 25 anos de espera. Cuidei morrer sem usufruir tal alegria.

Três anos de convívio acadêmico ensinam razoavelmente. Penso no meu passamento. Esticadinho no Salão dos Poetas Românticos e os candidatos no salão de entrada cutucando os futuros eleitores. E a quase certeza de que um inocente e comovido imortal irá fazer o meu elogio, enaltecendo calorosamente os meus defeitos e deixando as minhas qualidades em branco.

Acho divertido o chá das quintas-feiras, agradável convívio de cavalheiros que já estão na marca do *penalty* à espera do chute. As vezes tenho vontade de apresentar propostas para corrigir certas pequenas falhas, mais ronçeirismos do

que falhas, acelerar a máquina acadêmica, conservadora por natureza. Fico no desejo — não sou mais do que 1/40 avos daquele moroso e sólido condomínio.

E a primeira vez que vesti o fardão, lindo como um general, lembrei de Mário de Andrade no *Losango Cáqui*: “A primeira vez que apareci fardado, duas lágrimas nos olhos de minha mãe.” O verso pode não estar certo, que não sou de decorar versos, já disse, e deu-me preguiça de conferir.

12

Sessenta anos! Nunca pensei viver tanto! Nem escrever tanto! E satisfeito com o que construí — um pequeno talento perseverante pode merecer tal satisfação. Leio menos — os olhos fraquejam. Mas compreendo mais — lúcido para as minhas deficiências, limitações e inferioridades, percebendo que vem chegando o cansaço de assistir à repetição da mesma comédia, de que fui personagem em várias e passadas récitas. Consulto o espelho — a testa está vincada de rugas. A alma não tem tantas. As decepções, porventura, não têm tanta força. Ou a epiderme é mais frágil.

Manchete, Rio, maio de 1967

CRONOLOGIA DE MARQUES REBELO

- 1907** Nasce no dia 6 de janeiro, uma quinta-feira, no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro. Pais: Manuel Dias da Cruz Neto, químico e professor da Escola Nacional de Química, e D. Rosa Reis Dias da Cruz.
- 1910** Vê passar o cometa Halley pelo céu do Rio de Janeiro, fato que o impressionou durante toda a vida. (Entre outras recordações da sua infância, Marques Rebelo incluía uma representação de *A Tosca* no Teatro Lírico e o rinque de patinação da Praça Barão de Drummond.)
- 1911** Vai residir, com a família, em Barbacena, Minas Gerais, e faz o curso primário na escola de D. Rosinha Ede.
- 1913** Assiste, pela primeira vez, a um jogo de futebol, no campo do América Futebol Clube, de cujo time fica fiel e apaixonado torcedor, até a morte (no seu sepultamento o caixão estava coberto pela bandeira vermelha do América).
- 1915** Lê muita literatura, inclusive Buffon, Flaubert, D'Amicis, Eça, Camilo, Fialho, Júlio Diniz, Herculano,

Balzac, seguindo-se Daudet, Dumas, Anatole, Darwin, Dickens, Hugo, Bret Harte e outros, da biblioteca de seu pai. Lê e relê a Bíblia.

- 1918 Retorna ao Rio onde passa a residir novamente. Inicia os estudos preparatórios (secundários), cujos exames eram feitos no Colégio Pedro II.
- 1920 Termina os estudos preparatórios e passa um ano inativo.
- 1922 Aos 15 anos *descobre* Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida. Por esse tempo aprofunda-se no estudo do português, durante cerca de três anos, em aulas particulares noturnas dadas pelo Professor Mário Barreto, amigo do seu pai.
- 1924/1925 Publica seus primeiros trabalhos literários nas revistas *Para Todos* e *Beira Mar*, do Rio.
- 1926 Adota o pseudônimo *Marques Rebelo*.
Publica alguns dos seus primeiros poemas na revista *Verde*, de Cataguases. Em seguida colabora na *Revista de Antropofagia*, *Leite Crioulo*, *Ilustração Brasileira*, *Revista Souza Cruz*, e depois dirige a revista *O Atlântico*.
- 1927/1928 Serviço Militar, no Exército. No Forte de Copacabana, como soldado, escreveu parte dos contos de *Oscarina*, seu livro de estréia, publicado em 1931.
- 1927 Ingressa, depois de prestar exame, na Faculdade de Medicina, mas no 3º ano abandona os estudos, passando a dedicar-se ao comércio, onde trabalharia durante 12 anos, nos mais variados ramos.
Publica novos poemas na revista *Para Todos*, inclusive o *Rua Indolente*, mesmo título de um livro de versos que depois planejou publicar, mas não publicou.
Redator-chefe da revista literária *O Atlântico*, do Rio.
- 1928 Redator-chefe do jornal publicitário *Saibam Todos*, da Cia. Nestlé, Rio.

- 1930 Prêmio de conto de *O Jornal*.
- 1931 Publica seu primeiro livro, *Oscarina* (contos), pela Editora Schmidt.
Prêmio de conto da *Revista Souza Cruz*.
Redator de *A Razão* (crítica de cinema), de São Paulo.
Encarregado da propaganda social da Cia. Nestlé, Rio.
- 1932/ Redator do *Boletim de Ariel* (crítica de rádio e música
1934 popular — discos), Rio.
- 1933 Publica seu segundo livro, *Três Caminhos* (contos) pela Editora Ariel.
Prêmio *O Mais Belo Conto*, do *Jornal do Brasil*.
Casamento com D. Alice Dora de Miranda França.
O casal teve dois filhos: Maria Cecília e José Maria.
Ingressa na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.
- 1934 Redator da *Gazeta do Rio* (crítica de cinema), Rio.
- 1935 Publica seu primeiro romance, *Marafa*, pela Cia. Editora Nacional.
Grande Prêmio de Romance Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional (por *Marafa*).
- 1937 Prêmio de Literatura Infantil, do Ministério da Educação.
Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.
- 1938 Publica *ABC de João e Maria* (literatura didática), em colaboração com Santa Rosa, pela Cia. Nestlé, Rio.
Nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário, do Ministério da Educação e Saúde.
Redator-chefe de *Dom Casmurro*, jornal literário, Rio.
Redator de *Diretrizes* (Crítica de Discos), Rio.
- 1939 Publica o seu segundo romance, *A Estrela Sobe*, pela Editora José Olympio.
Publica *A Casa das Três Rolinhas* (literatura infantil), em colaboração com Arnaldo Tabaiá, pela Livraria do Globo, Porto Alegre.

- Publica *Tabuada de João e Maria* (literatura didática), em colaboração com Santa Rosa, pela Cia. Nestlé, Rio.
- Diretor de Propaganda da Quimioterápica Brasileira, laboratório de produtos farmacêuticos de seu pai, e que Marques Rebelo recebeu como herança.
- 1940 Publica *Rua Alegre, 12* (teatro) pela Editora Guaíra Ltda. — Curitiba.
- Publica *Amigos e Inimigos de João e Maria* (literatura didática), em colaboração com Santa Rosa, pela Cia. Nestlé, Rio.
- 1941 Casa-se, em outubro, com D. Elza Proença, que foi sua secretária até o fim de sua vida.
- Redator de *Cultura Política*, revista do Departamento de Imprensa e Propaganda, Rio.
- 1941/ Dirige a publicação da coleção *As Cem Obras-Primas*
1945 *da Literatura Universal*, da Editora Pongetti.
- 1942 Publica *Stela me Abriu a Porta* (contos) pela Editora Globo, Porto Alegre.
- Inicia suas atividades como industrial.
- Publica *Aventuras de Barrigudinho* (literatura infantil), em colaboração com Arnaldo Tabaiá, pela Editora Pongetti, Rio.
- Redator-chefe de *A Criança*, revista para os pais, Rio.
- Publica *Pequena História de Amor* (literatura infantil), em colaboração com Arnaldo Tabaiá, pela Editora Criança, Rio.
- Eleito para representar o Brasil no Concurso de Literatura Infantil da União Pan-Americana em Washington, DC — Estados Unidos.
- 1943 Publica *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida* (biografia) pelo Instituto Nacional do Livro.
- Sócio fundador e tesoureiro eleito da Associação Brasileira de Escritores (ABE).

Diplomado Instrutor Escolar de Defesa Passiva Antiaérea, pelo Ministério da Educação e Saúde, Rio.

1944 Publica *Cenas da Vida Brasileira* (crônicas de viagem) pela Editora Irmãos Pongetti, Rio.

1945 Eleito delegado do então Distrito Federal (Rio) ao I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo; eleito secretário da Comissão de Direitos Autorais, do mesmo Congresso.

A convite do Museu de Belas-Artes de La Plata, da Municipalidade de Buenos Aires e da Municipalidade de Montevideu, pronuncia conferências e organiza exposições em várias cidades da Argentina, do Uruguai e do Chile, sob os auspícios da Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Funda a *Sala Brasil* no Museu de Arte de La Plata e no Museu Nacional de Belas-Artes de Buenos Aires.

Publica, em La Plata, Buenos Aires e Montevideu, *20 Artistas Brasileños* (três catálogos) para distribuição em instituições culturais da Argentina, do Uruguai e do Chile, edições do Museo Provincial de Belas Artes (La Plata), Ministerio de Justicia y Instrucción Pública de La Nación (Buenos Aires) e Comisión Municipal de Cultura (Montevideu). Promove a publicação, nesses países, de vários livros sobre literatura e artes plásticas brasileiras. Durante 8 meses divulga a cultura brasileira na Argentina, Uruguai e Chile, apoiado pelos Ministérios da Educação e Saúde e das Relações Exteriores, do Brasil. Curso de Extensão Universitária, de Literatura Norte-Americana, da Universidade do Brasil (tese sobre Bret Harte), Rio.

1946 Contratado para a Secretaria do Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura (IBECC) do Ministério das Relações Exteriores.

1947 Eleito para a Diretoria do Instituto de Cultura Chileno-Brasileiro.

Eleito para a Comissão de Livros do Instituto Brasil-Estados Unidos.

Redator do *Diário das Sessões* da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança do Continente, reunida em Petrópolis. Membro do Secretariado do Brasil na mesma Conferência.

- 1948 Funda o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, Santa Catarina, e a seção catarinense da Associação Brasileira de Escritores.

Eleito para o Conselho Fiscal da Associação Internacional de Imprensa.

Nomeado para a chefia do Serviço de Publicações da Comissão Mista Brasil-OIR (Organização Internacional de Refugiados).

Funda, em Cataguases, Minas Gerais, o Museu de Arte Popular.

Funda um museu de arte moderna em Belo Horizonte.

Redator-chefe do *Boletim da OIR* (Organização Internacional de Refugiados).

- 1950 Funda o Museu de Arte Moderna de Rezende, Estado do Rio.

Observador da Organização Internacional de Refugiados (OIR) na I Reunião da Comissão de Assesores Técnicos Brasileiros das Nações Unidas, no Rio.

Funda o Museu de Belas-Artes de Cataguases, Minas Gerais.

Instituído o Prêmio Permanente de Honra Marques Rebelo no Salão da Primavera de Rezende, Estado do Rio.

- 1951 Enviado do jornal *Ultima Hora* à Conferência da ONU, em Paris.

Publica *Bibliografia de Manuel Antônio de Almeida*, pelo Instituto Nacional do Livro.

Viagem à Europa Ocidental.

- 1952 Publica em *Ultima Hora*, do Rio, as crônicas do *Correio Europeu*.
 Presidente eleito da Rádio Clube do Brasil S. A.
 Colunista de *Ultima Hora*, do Rio, com as crônicas da *Conversa do Dia*.
 Eleito secretário do III Congresso Paulista de Escritores.
- 1953 Diretor do jornal *Flan*.
 Publica em *Flan* uma coluna intitulada *Conversa da Semana*.
- 1954 Convidado especial do Congresso Internacional de Escritores, da UNESCO, em São Paulo; eleito secretário do Congresso.
 A Editora Martins inicia a publicação das *Obras de Marques Rebelo*.
 Convidado especial para a reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo.
 Convidado especial para o II Congresso de Escritores Soviéticos, em Moscou.
 Convidado pelo Ministério da Cultura da Tchecoslováquia para visitar o país.
- 1955 Sócio fundador do Instituto de Cultura Brasil-Tchecoslováquia e seu primeiro secretário.
 Fundador da Sociedade Carioca de Escritores e seu primeiro secretário-geral.
 Eleito vice-presidente da Associação Brasileira de Escritores.
 Representante do Brasil no Comitê Internacional da Juventude e dos Estudantes.
 Presidente da Comissão Brasileira Pró-Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.
- 1956 Publica *Cortina de Ferro* (crônicas de viagem) pela Livraria Martins Editora, São Paulo.
- 1958 Sócio fundador da União Brasileira de Escritores (UBE).
- 1959 Publica *Correio Europeu* (crônicas de viagem) pela Livraria Martins Editora.
 Publica *O Trapicheiro* (romance), 1º tomo de *O Espelho Partido*, pela Livraria Martins Editora, São Paulo.

- Prêmio Jabuti*, de romance, da Câmara Brasileira do Livro.
- Prêmio Carlos Dolores Barbosa*, de romance. Publica *Cartilha Cruzeiro* (literatura didática), em colaboração com Herberto Sales e Santa Rosa, pela Editora O Cruzeiro.
- 1960 Prêmio de Romance do Instituto Nacional do Livro (por *O Trapicheiro*). Publica *Pauster, o Inimigo da Morte* (literatura infantil), biografia, pela Donato Editora, São Paulo. Publica *Florence Nightingale, a Dama da Lanterna*, (literatura infantil), biografia, pela Donato Editora, São Paulo.
- 1962 *Prêmio Jabuti*, de romance, da Câmara Brasileira do Livro. Publica *A Mudança* (romance), 2º tomo de *O Espelho Partido*, pela Livraria Martins Editora, São Paulo.
- 1963 *Prêmio Luiza Cláudio de Souza*, de romance, do Pen Clube do Brasil.
- 1964 No dia 10 de dezembro é eleito para a Academia Brasileira de Letras, Cadeira nº 9 (patrono: Domingos José Gonçalves de Magalhães), sucedendo ao Embaixador Carlos Magalhães de Azeredo.
- 1965 Posse na Cadeira nº 9 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Magalhães de Azeredo. Recebido pelo Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda no dia 28 de maio.
- 1966 Eleito 2º secretário da Academia Brasileira de Letras. Membro do Conselho de Música Popular Brasileira. Membro da delegação brasileira ao IV Colóquio Luso-Brasileiro, em Boston e Nova Iorque, Estados Unidos.
- 1967 Publica *O Simples Coronel Madureira* (romance) pela Biblioteca Universal Popular (BUP). Publica *Antologia Escolar Brasileira*, edição da Campanha Nacional de Material de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura. Publica *Brasil, Terra e Alma — Guanabara* (antologia) pela Editora do Autor.

- Eleito 1º secretário da Academia Brasileira de Letras.
- 1968 Publica *A Guerra Está em Nós* (romance), 3º tomo de *O Espelho Partido*, pela Livraria Martins Editora, São Paulo.
- 1969 *Grande Prêmio Brasília de Literatura*, por conjunto de obra, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
Eleito secretário-geral da Academia Brasileira de Letras, cargo que ocupou até 1973, ano da sua morte.
- 1970 *Prêmio Golfinho de Ouro*, do Museu da Imagem e do Som.
Publica o texto literário de *Rio*, álbum fotográfico editado pela Agência Jornalística IMAGE.
Publica *Antologia Escolar Portuguesa*, edição da Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), do Ministério da Educação e Cultura.
- 1973 Publica *Para Conhecer Melhor Manuel Antônio de Almeida*, pela Bloch Editores.
No dia 21 de julho sofre um derrame cerebral do qual não se recupera.
No dia 26 de agosto, um domingo, morre às 23h30min.
No dia 27 de agosto, segunda-feira, às 11 horas, é sepultado sob a laje nº 22 do Mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista. O corpo foi velado na sede da ABL, de onde saiu o féretro.

Fontes:

- *Curriculum Vitae*, feito pelo próprio Marques Rebelo
- Arquivo de Marques Rebelo, sob a guarda de D. Elza Proença
- Discurso-resposta de Aurélio Buarque de Holanda — Posse na ABL, 28-5-65
- Arquivos da Academia Brasileira de Letras
- *Escritores Brasileiros Contemporâneos*, de Renard Perez
- *Quem é Quem nas Letras e nas Artes do Brasil*, Ministério das Relações Exteriores, 1966
- Recortes de revistas, jornais e suplementos diversos, com notícia da morte e do enterro, além de artigos, entrevistas, reportagens, etc.



Eddy aos 9 anos de idade, numa pose de 30 de dezembro de 1916. Ao lado, a última foto de Marques Rebelo, feita em sua casa, julho de 1973, pouco antes de sua morte.



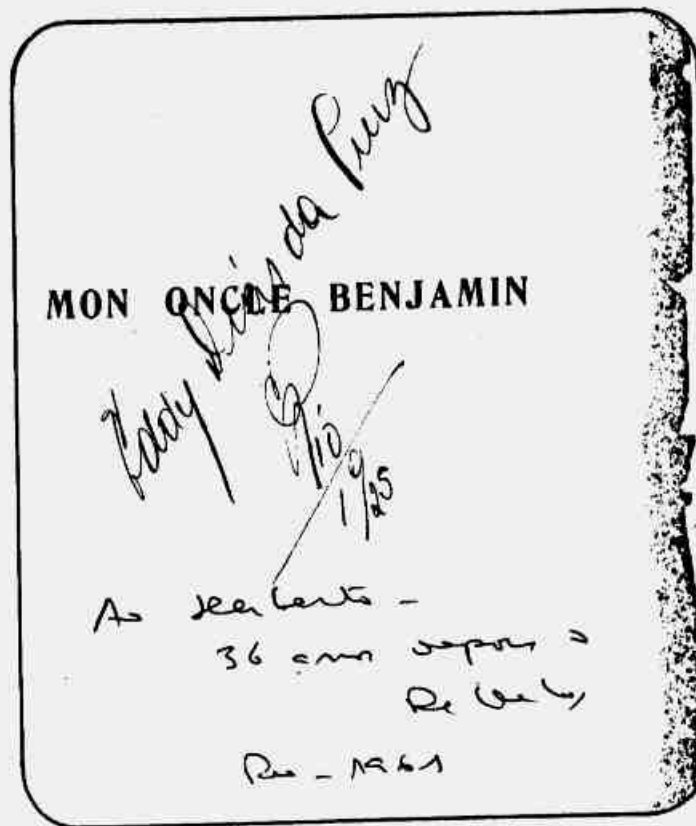
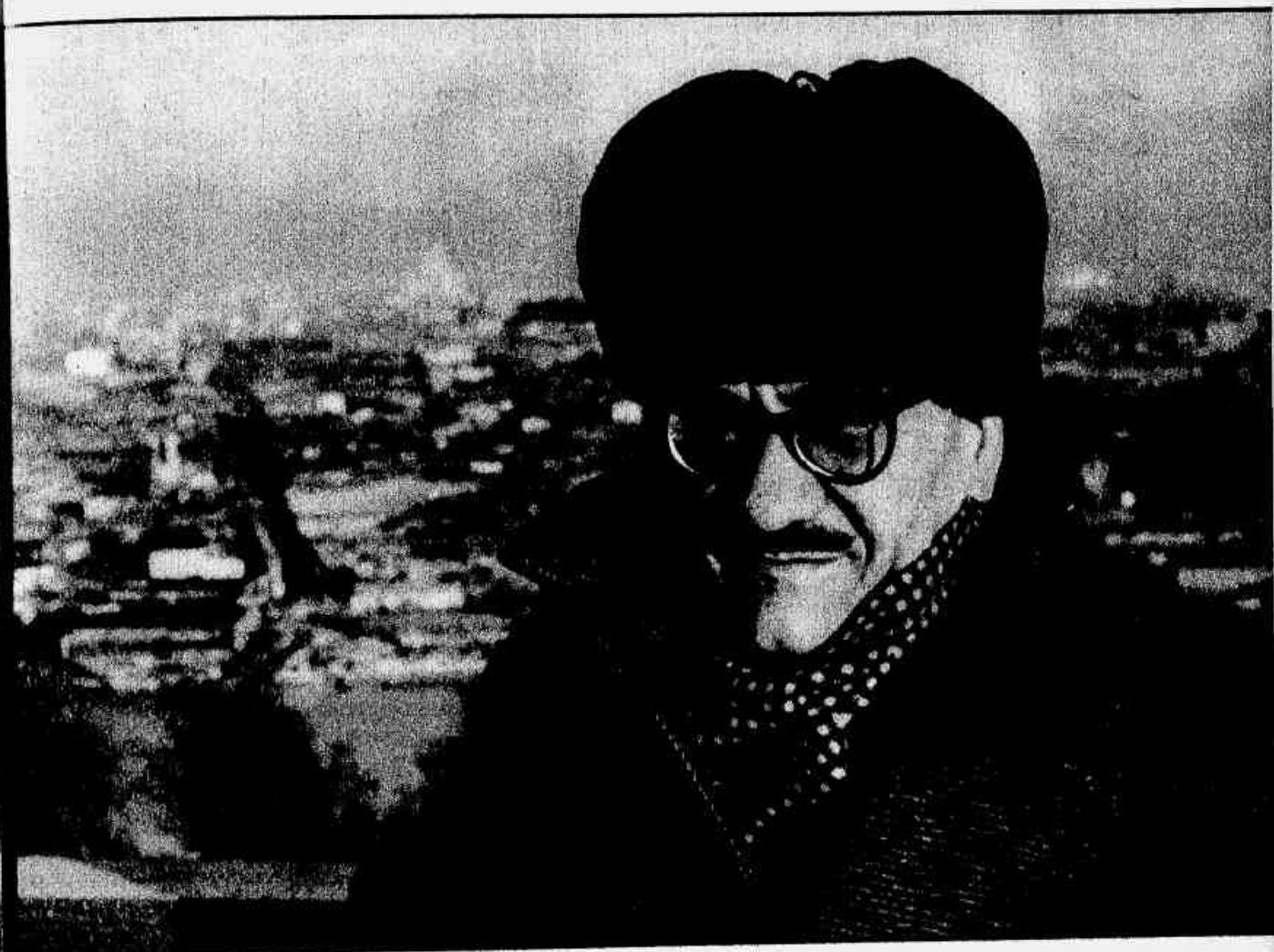


À direita, com Francisco Inácio Peixoto, em 1928, no Rio. À esquerda, Marques Rebelo com sua mãe, D. Rosa Reis Dias da Cruz, e seus dois filhos, Maria Cecília e José Maria, em 1941. Ao alto, em companhia de Jorge Amado e Frota Moreira, novembro de 1954, Estocolmo.

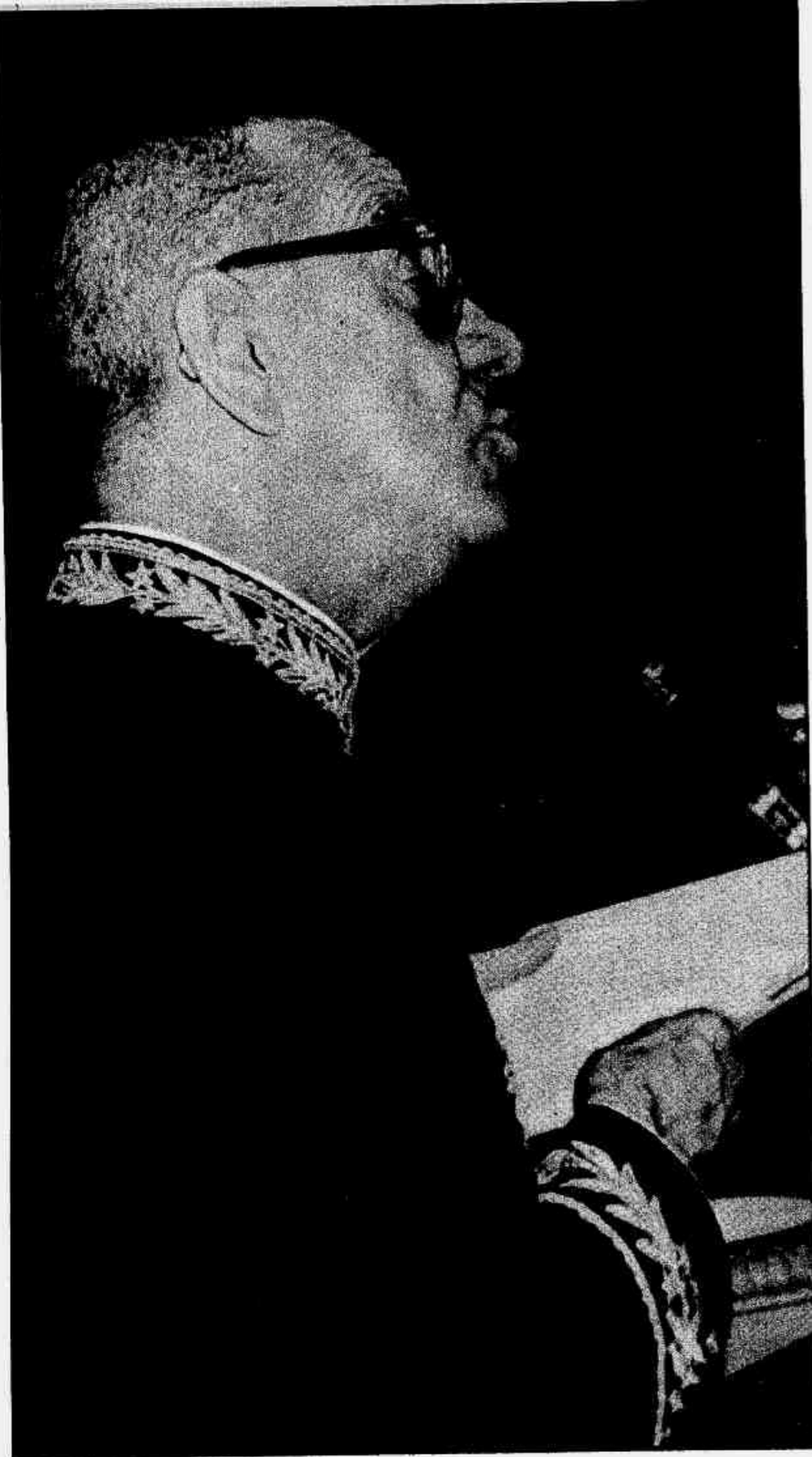




Marques Rebelo,
na moldura de seus
romances: a terra carioca.
Em cima, em Moscou,
para o Congresso de Escritores,
dezembro de 1954.



Dois autógrafos do escritor: em
1925, antes de adotar o
pseudônimo *Marques Rebelo* (o
que aconteceu no ano seguinte,
26); e em 1961, "36 anos
depois", oferecendo a Herberto
Sales o livro de Claude Tillier.
É digna de observação a
completa mudança que se
processou na caligrafia
do escritor.

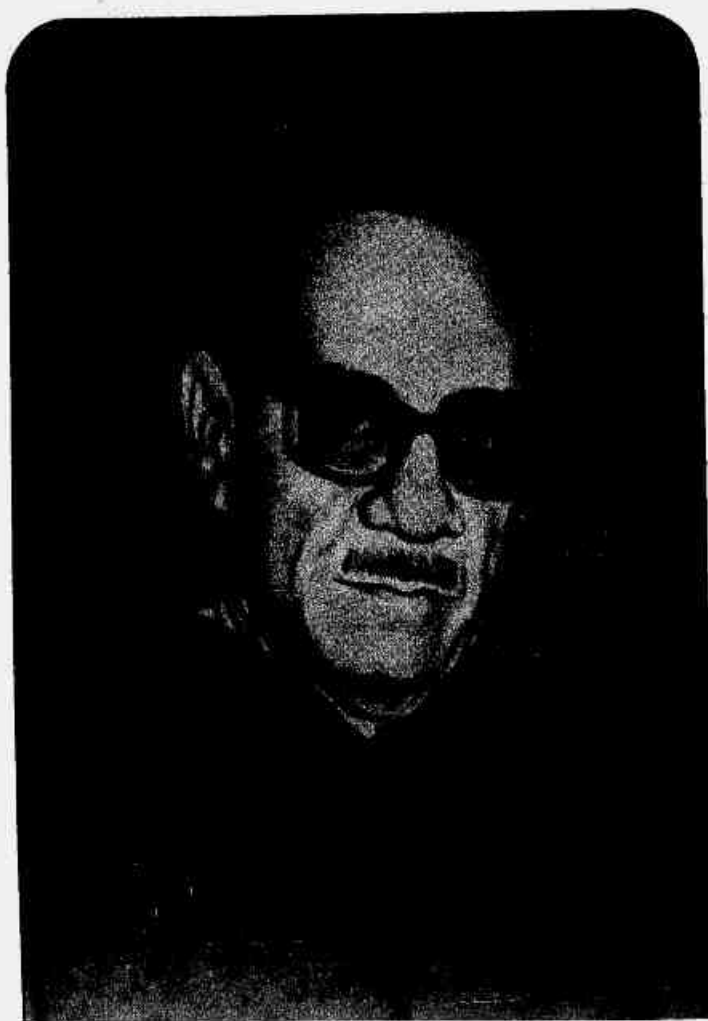


Marques Rebelo pronuncia seu discurso de posse na Cadeira n.º 9 da Academia Brasileira de Letras, na noite de 28 de maio de 1965. Ao lado os Acadêmicos Antônio da Silva Mello, Múcio Leão, Josué Montello, Rebelo, Peregrino Júnior, Rodrigo Otávio, Afonso Arinos de Mello Franco, Manuel Bandeira e o escritor português Vitorino Nemésio. Ao alto, ao lado do Presidente Austregésilo de Athayde, no Chá da Academia, abril de 1966.





Marques Rebelo, no Trapicheiro,
cenário de *Espelho Partido*. Ao lado,
retrato a óleo do escritor, pintado por
seu filho José Maria Dias da Cruz.



O CONTISTA

A Última Sessão do Grêmio

Faz frio, frio de julho, úmido, sem defesa, que sobe do soalho e se infiltra pelo corpo. As moscas, em cachos, dormem no fio da lâmpada de vinte e cinco velas, luz escassa e amarela que quase não ilumina a sala, com grandes manchas verdes de bolor nas paredes altas, triste e improvisada. Sussurrava-se nos cantos, aos grupos.

Quando o mumificado secretário calculou que fossem oito horas e meia, o presidente, cabeça grande e ossuda, cabelo jogado para trás, como de um golpe, uma sujeira premeditada no colarinho marvelo, mandou-o fechar a porta, levantou-se e deu um brado formidando, que trazia no âmago qualquer coisa de trágico e doloroso:

— Está aberta a sessão!

Ninguém se mexeu com o trovão vocal do maioral, acostumados ao ribombo, pois já estavam na quinta reunião. Na primeira, sim, fora horrível. Os rapazes nunca tinham ouvido uma voz tão feroz, reforçada por adjetivos tão profundos. Na segunda ainda tremeram, pálidos do susto, mas na terceira entraram nos eixos.

A trágica dor que pungia o presidente vinha da inutilidade de seu timbre, única coisa que trouxera do berço como dom genial e que já não impressionava mais os rapazes indiferentes. Engoliu o fel sincero do despeito e para satis-

fazer a vaidade pessoal repetiu: Está aberta a sessão! — no mesmo tom, como reminiscência deliciosa do pavor que há tão pouco tempo infundia sua voz, superioridade efêmera que se fora para nunca mais.

Começou por chamar os rapazes de VV. SS.:

— Permitais que ouse o verbo meu — e punha a destra na altura da boca rasgada — para dizer — e olhava torvamente para o vago, para o indefinido que ficava além do teto — para dizer, repetia, que aqui há um traidor. Fez um gesto circular: aqui!

Pela frieza com que o pessoal recebeu esta considerável afirmação, pode-se crer que já há muito participasse do fato, sem lhe ligar a mínima importância, mas ele não percebeu esta frieza e por um longo minuto de soberbo silêncio paralisou o dedo espetado e a palavra nos lábios fáceis. A luz tremelicava. O magro tossiu, fez menção de fechar a janela, pois o vento fininho vinha de fora, perigoso e cortante. Uma pneumonia é o diabo! — soprou ao ouvido do gordo que confirmou com a cabeça: se é. Bateram na porta com pudor. Abriram — era um retardatário. O presidente nem o viu, perdido no alto da sua indignação, alheado a tudo que era terrestre, rasteiro e mesquinho.

Ele sentou-se ressabiado, sentindo intimamente que havia lesado o presidente num dos seus maiores gozos — o da escacha olímpica com que brindava os faltosos do grêmio. Sentou-se e ouviu o presidente denunciar o traidor, acusando-o de “pouquidade mental”. Trovejou um “empós” para continuar insultando o amigo do traidor, “um poetastro de seborrenta musa”. Fulminou o crítico que o elogiara — uma azêmola, senhores! Prosseguiu a estraçalhar vivos e mortos, acabando, as veias do pescoço muito inchadas do esforço, a esmurrar a mesa, por maltratar os próprios camaradas com repetidos: compreendeis, compreendeis? — como se todos eles formassem na sua frente uma cambada de idiotas.

Sofreu um vexame quando, aparteando, o magricela disse que “debocha” era galicismo e “casco dasno” não soava bem.

Defendeu o deboche que Camilo — o mestre dos mestres! — já usara (e citava) mas emudeceu com o casco dasno que não soava bem.

Este aparte é que não lhe soava bem no fundo do coração. Tentava reconstruí-lo: o poetazinho pernóstico, que ele tinha descoberto e trazido para o grêmio, se levantara, re-

puxava a calça cinzenta listrada — senhor presidente: quero crer que casco dasno não...

Bandido! como ousava atacá-lo, aquele ingrato! Com que despalante arregaçara a voz: senhor presidente, quero crer que casco dasno...

Via mais longe — aquilo era o princípio. Ah! e quem diria que já não fosse o fim? Quem diria que não era o termo de mais um sonho, um último sonho que se ia por água abaixo levando-lhe a melhor, a sua única esperança — ter um auditório, uma platéia, um público pequeno, sim, mas seu, já que todas as revistas se fechavam à sua colaboração, já que fora um grande sacrifício vão a publicação do seu livro de versos, produto das suas vigílias tormentadas, rimas que lhe eram a única felicidade.

Recalcou dentro do peito largo a mágoa imensa, acendeu dentro do coração uma chama de esperança: talvez seja ilusão minha...

E passou à ordem do dia — a questão ortográfica.

A questão ortográfica era o seu prato de substância, o preferido, o prato que ele confeccionara para o menu obrigatório de todas as sessões.

— Prosseguindo nos meus profundos estudos, vou profligar umas protervas ejaculações sofisticadas dum desconhecido que me repugna pronunciar o nome, mas que, por boca menos pura, podereis saber. Senhor segundo-secretário, quem é o ignóbil que me ataca?

Alguns riram, que o diabo do homem de vez em quando tinha graças! E a boca menos pura do segundo-secretário, que era o poeta mavioso dos *Versos ao Meu Amor*, esgarrou o nome do desgraçado:

— Antônio Pereira.

O presidente sorriu grosso, refazendo-se do gozo em que se afogara:

— Está aí! Agora chega de imundícies! — malhou uma palmada sólida na mesa. — Passemos à questão ortográfica! Dizia o Sr. Cândido de Figueiredo...

Mas era o fim, bem adivinhara. Era o fim, o desprezo pelo seu esforço, a inutilidade do seus sacrifícios para a fundação do grêmio, uma assembléia onde ele pudesse expor seu pensamento voltado para o amor das velhas formas, para pureza dos trechos clássicos, para o culto de Camilo, de Castilho, de Herculano.

O grêmio precisava de gente e ele apertara com calor a mão do poeta Gonçalves, Artur Gonçalves, com quem tivera em tempos violenta discussão na porta da confeitaria. Procurara o Castelo e solicitara-lhe o apoio, pedindo esquecer — águas passadas não movem moinhos, Castelo, o que lá vai lá vai — a briga por causa de pronomes e do Mário de Andrade — um burro! Procurara o diretor do jornal que o barbara dentre os colaboradores — que importa? é olvidar! — e pedira para o grêmio a publicação das atas. Arranjara a sala, cavara ofertas para a biblioteca. Tudo fizera, desperdiçando forças, nervoso, querendo fazer tudo ao mesmo tempo, humilhara-se até, porque sabia que tudo seria para melhor e no fim de tanta lida lá estaria o seu público, ouvintes para as suas poesias, risadas para os seus sarcasmos. E agora, tão cedo, tudo lhe fugia, ele bem sentia, perdia-se o sonho difícil que arquitetara. Fora-se o entusiasmo dos primeiros dias, só ele era o mesmo. Já se bocejava quando ele lia os poemas da sua lavra, cheios de florões e blasfêmias às mulheres. Já não ouvia, depois das sessões, na rua, no café da esquina, falar do seu sarcasmo que queimava.

Deu uma sacudidela violenta no cabelo como que acordando. Mudou de repente de assunto — propôs dissolver o grêmio!

Ninguém se espantou. Acharam até natural. Pôs em votação.

— Apesar do voto ser secreto — disse — voto pela dissolução!

Os rapazes já sabiam que eram melhores as noites lá fora, no bilhar, o bilhar do Quincas, um sujeito ventrudo, com piadas engraçadíssimas, na praia, entre as pequenas, no cinema, do que ali naquelas sessões estéreis, a ouvir sem cessar a voz do presidente vomitar contra tudo, homem e obras, coisas e divindades, a onda do seu despeito, num elogio desvairado e mórbido do que era seu.

Perguntou secamente ao bibliotecário:

— Quantos volumes temos?

— Vinte e um.

— Amanhã devolva-os aos doadores e está tudo acabado.

Levantaram-se. Apanharam os chapéus, as capas, e foram saindo. O tropel pela escada chegava, entre risos, aos ouvidos do presidente, ainda sentado no lugar de honra, ereto, superior.

— De que se ririam?

Esboçou um sorriso amargo:

— Imbecis!

E levantou-se também, desceu a escada pisando forte, caiu na rua, sem chapéu, a onda dos cabelos elevando-se revolta sobre a cabeça grande.

De *Oscarina*, 1931

Labirinto

Um dia era uma dor de cabeça, manhosa, impertinente que o punha zozzo; noutra, uma pontada do lado; lá vinha depois de um humilhante desarranjo de fígado, que o obrigava a ficar em casa, acamado, tomando salinos, perdendo negócios certos, numa época em que eles se tornavam raros.

A mulher, macia sobre os chinelos, chegava-se como um suspiro, acarinhava-o, cobria-o, triste e delicada:

— Você ainda gosta de mim?

— Que pergunta!

Gostava mesmo, mas naquela hora o que ele gostaria era de ficar bom e aqueles carinhos, aqueles ternos olhares, todo aquele zelo, deixavam-no insensível e até um pouco irritado.

Depois, vieram-lhe as tonteiras. Quase que caía na escada do emprego, uma escada lúgubre, imunda, em três lances. Apoiava-se às paredes. Via tudo tremer. Receava atravessar as ruas.

O médico garantiu-lhe que era lues, e receitou-lhe bismuto — no princípio vai ficar mais excitado, mas depois...

Excitou-se. Chegou a berrar em casa, ele que era tão calmo, tão delicado, tão paciente. Como prevenira, a mulher dobrou de tolerância — é o bismuto que está agindo...

As injeções doíam, sentava-se atravessado, fartou-se de compressas quentes para desfazer os nódulos, agüentou tudo na esperança de melhorar. Nada! Engordara só um pouco, mais corado, melhor apetite. Danou-se. A mulher consolava-o:

— Você melhorou bem, João. Quem sabe se as injeções não foram poucas? Por que você não toma mais uma caixa?

— Eu? Está louca!

Dona Maria do Carmo emudeceu (era o bismuto agindo). Não: era estupidez, brutalidade, loucura — abraçou-a:

— Me perdoe.

— Não tinha nada que perdoar, ora! . . .

Continuou abraçado, numa lamúria doce. Tinha medo da morte. (Tolice, João.) Tinha medo, sim — para que mentir? Ficar frio, amarelo, duro, desaparecer... Virar pó, virar terra, nunca mais voltar! E o enterro?! . . . Todo aquele espetáculo, que já tantas vezes presenciara, lhe metia medo, um medo constante terrível, mais forte que tudo. Procurava disfarçá-lo, colocando a sua morte sob outro plano:

— Como você ficaria se eu morresse aí de uma hora para outra? Quinhentos e três mil-réis na Caixa Econômica. Quinhentos e três mil-réis e nada mais, senão os pobres cacarecos rebentados por oito mudanças nos dez anos de casados.

Ela zangava-se, zangava-se e ria balançando os seios fartos:

— Mas que idéia!

Nunca pensara que ele pudesse morrer. Que agouro! Nunca pensara e nunca pensaria:

— Doente, todo mundo fica, João. Toma remédio e fica bom.

— Mas eu já tomei, já tomei tantos, qual! . . .

— Não acertaram, mas acabam acertando. As coisas não podem ser sempre como a gente as quer. Tem fé em Deus, João!

Tinha. É o que ele tinha, felizmente. Olhou para o crucifixo de ferro pendurado na cabeceira da cama — veio-lhe aquela vaga esperança de que podia ter uma melhora. ELE era misericordioso, ELE era o senhor de todas as almas, ELE tudo podia.

Agora, não eram mais tonteiras somente. Sofria uma espécie de sustos, sem que houvesse o menor motivo. Ia muito bem, de repente, o coração pulava, depois parava, doía numa fisgada fina como se ele descesse um elevador em forte velocidade. Após as refeições passou a ter perturbações — o olhar se turvava, sentia ânsias de vomitar — ânsia só! — pressão na cabeça, mal-estar, um suor gelado pelas têmporas — pensava em congestão.

O médico das consultas grátis sabia:

— É do neuro-simpático. Vai tomar um calmante apropriado e isso passa logo. Não é nada.

Tomou — era azedinho — melhorava, piorava... Deu para contar seus males na rua. O amigo Bentes já tivera o mesmo.

— Verdade?!

O amigo era digno:

— Verdade. Tudo óculos.

— Óculos?!...

— É o que lhe estou dizendo. Óculos! Óculos fracos!

Realmente podia ser. Quatro anos feitos que não mudava as lentes do seu tartaruga. Pensou em ir logo ao oculista. Mas andava sem dinheiro, apertado, os negócios fracos — ó, miserável vida!

Falou à mulher. Ela lembrou:

— E os quinhentos e três mil-réis da Caixa?

— Esses são seus, Maria. Estão no seu nome. E fez ironia amargurada: É tudo que tem após dez anos de casada.

— Não diga isto, João.

— Sim, podia ser pior. Mendigo tem menos.

No outro dia, a mulher foi com ele à Caixa, ficaram na caderneta quatrocentos e cinquenta e três mil-réis.

— O senhor relaxou demais, meu amigo. Está com a miopia quase dobrada e o astigmatismo piorou muito. Muito mesmo. O senhor não desconfiou que estava vendo só numa posição, meio de lado?

— Com os diabos! É verdade, doutor. Reparei. Reparei mas não dei importância. No cinema principalmente, só ficava de banda... Mas quando que eu havia de pensar que...

Levou a receita para a Ótica Norte-Americana.

— Amanhã de tarde estarão prontos.

— Quanto é?

— Sessenta, cavalheiro.

— Adiantados?

O caixeiro sacudiu a cabeça, distintíssimo:

— É indiferente, cavalheiro!

Fosse ou não fosse, não os tinha. Tirara da Caixa somente os cinquenta mil-réis da consulta.

Dona Maria do Carmo voltou à cidade, a caderneta desceu para trezentos e noventa e três mil-réis e os óculos ficaram bons, aproveitando a armação antiga, que o comerciante reforçara graciosamente com um parafuso novo na haste.

(A morte de seu Gomes foi uma afobação, tão generoso, tão amável. Era o fiador da casa. Seu João ficou aturdido. Correu os amigos que podiam. Todos davam o contra, era impossível, era impossível, sentiam muito, muitíssimo. Por

que não fazia depósito? perguntaram alguns. Era prático, não trazia complicações... Mas com que ele iria fazer depósito? Os amigos balançavam os ombros — se era assim. E afinal arranjou seu Farjala, da Sapataria Nero. “Fui muito amigo do seu pai, João. Muito! Alma grande, boníssima!”).

— Está sentindo alguma coisa, meu filho?

— Não, isto é, as tonteiras.

— É nervoso.

Seu João suspirou. A ventania entrava pela janela, balançava as franjas do abajur, feitas de ampolas, balançava as folhas do tinhorão do vaso, trazia vozes de rádios da vizinhança. No céu escuro as estrelas brilhavam com grande fulgor.

Conversavam:

— Que disga, hem?

— Danada.

Riram:

— Quando nos casamos, lembra? Pensávamos economizar um tanto por mês. Dez mil-réis que fosse. Tudo para “a nossa casinha”. Nunca se fez!

— Nunca deu... .

— Quinhentos e três mil-réis em dez anos! E que já foram mexidos... .

Riram mais.

— Felizmente não temos filhos.

— É.

Houve um silêncio, como se um grande mal-estar tivesse pesado subitamente sobre as suas almas. O vento continua forte, balançando a cortina, as folhas do tinhorão. E as estrelas brilhando. Brilhando imensamente distantes e impassíveis no céu escuro, no céu misterioso, no céu infinito. O céu infinito... . Que haveria no céu? Astros, astros rolando, almas talvez, almas dos que morreram. Morte! Veio um arrepio — seu João tremeu. É o vento que balança, é a morte... . Morte! Uma angústia toma-lhe o peito e o silêncio é demais. Foge do silêncio como se fugisse da morte:

— Maria... .

— Que é?

Seu João ia falar, ia falar um mundo de coisas que gemiam no seu peito cansado, no seu peito medroso. Mas o homem bateu na janela:

— Estão chamando ao telefone.

— Muito obrigado.

Seu João ficou sozinho, sentindo coisas, sentindo medo. Afinal Dona Maria do Carmo voltou da padaria:

— É Dora, João. Está doente de cama com muita febre...
Pede para eu ir dormir lá.

O medo fugiu. É todo cólera:

— Que vá plantar favas! Você não é enfermeira nem criada de ninguém! Para que é que ela tem marido?

— O Júlio entrou de plantão à última hora.

— Eu sei bem o plantão dele como é... Sebo! Só dão massadas. Se fosse para um teatro, para uma festa, nem se lembrariam. Convidariam o Casusa e a mulher. Mas como é para ter trabalho, para passar noite em claro... Se arran-jem! Eu também estou doente e não dou trabalho a ninguém.

Dona Maria do Carmo ficou interdita:

— Vou?

— Vamos, pílulas! É sua irmã, afinal.

Lá se foram, ele se queixando das tonteiras, do zumbido nos ouvidos... Parece um besouro, Maria.

— Também você fuma tanto, João...

— Não, Maria. Não pode continuar assim!

Não podia, não. Aquilo não era vida. Não podia contar consigo para coisa nenhuma. Era um imprestável, um inválido, uma pobre coisa miserável e sem remédio. As tonteiras persistiam, os tremores, os sustinhos, tudo continuava, e cada vez pior. Melhor era morrer logo duma vez!

— Meu filho!

Voltou ao oculista:

— Estou na mesma, doutor. O senhor disse que eu melhoraria com as lentes novas. Nada!...

O oculista, que estava com o rosto sombrio, não respondeu. Era metódico. Foi consultar primeiro a ficha do cliente. A enfermeira trouxe o papelão azul. Ele leu e releu, balançou a cabeça:

— Custa um pouco, meu amigo. O senhor durante quatro anos não mudou as lentes. Vai pouco a pouco. Calma. Duram muito estas perturbações. Às vezes, vão a meses. São perturbações do labirinto.

Seu João riu amargo:

— Num labirinto vivo eu, doutor!

O médico abaixou os olhos pequenos que (João reparou bem) pareciam ter chorado:

— Também eu, meu amigo, também eu. Todos nós andamos num labirinto.

E sentou-se desoladoramente na cadeira de ferro, pintada de branco, com a ficha na mão.

De Stela me Abriu a Porta, 1942

Circo de Coelhoinhos

Isabel, Beatriz dos olhos cor de mel, e Loló e Silvino, na farândula infantil dos meus amores, dançaram com Dodô e dois coelhos.

Sim, dois coelhos. Chegaram numa cesta de tampa em certo domingo morno de novembro, quando na casa de tia Bizuca, onde eu morava e que era no Andaraí, apontavam nos ramos do pomar os primeiros saptis inchados.

— São de raça — disse seu Manuel chacareiro, valorizando o presente que me trazia. Angorás legítimos — mostrava, suspendendo-os pelas orelhas, que ao meu protesto por tamanha barbaridade foi explicado ser o processo usual e correto de se pegar coelhos.

Angorás, ou não, jamais houve coelhos tão queridos, lindos que eu os achava, brancos, peludos, olhos vermelhos, orelhas róseas — dois amores!

Minha vida até aí era um suceder de brinquedos e mais brinquedos, pique, cabra-cega, traquinadas na chácara que subia até o morro, barulhentas correrias nas salas vazias do porão habitável, nem eu podia acreditar que outra fosse a finalidade das crianças. Foram eles, aqueles alvíssimos pompons, que me fizeram ver, além do mundo despreocupado dos folguedos, um outro mundo maior, que o colégio desvendava aos outros meninos — o das obrigações. É que a escola para mim fora suave. Longas as férias, poucas as aulas no pavilhão aberto dos menores, que assistia quando bem queria. Nas mãos inteligentes de Dona Judite, maternal, paciente, os métodos modernos dulcificavam asperezas. E havia, sobretudo, a ordem expressa de titia, que “não puxassem” por mim. Foram eles, repita-se, que me trouxeram a noção das primeiras obrigações, mas, longe de me rebelar contra elas, com que amor e alegria a elas me entreguei! “Está na hora de botar água para os coelhos” — e cataclisma nenhum teria a força de me impedir. Penteava-os, catava-os, levava-os a passear no jardim, roseiras, só roseiras, que no reino das

flores era a paixão de titia; recusava ao Taninho passeios dominicais no automóvel de seu pai, uma Benz, ficava com eles, móveis fontes dos meus meticulosos cuidados. Um escravo, um escravo, confesso, fiquei das suas necessidades, pequeninos tiranos inocentes.

Não só de tiranos, também de sábios aventurarei chamá-los aqui (adivinhe-se lá sob tanta brancura quantos segredos traziam!) tanto assim que não deixaram parar no mundo das obrigações a série de revelações que a mim, naturalmente, se propuseram, e trouxeram-me o amor.

Amei-os com a ternura dum namorado. Enfartava-os de carícias. Aos meus sôfregos abraços desabava a chuva de protestos de titia: "Você, um dia, acaba matando estes bichos de tanto os espremer!" Cobria-os de beijos, deixava-me nos cantos solitários da casa, ignorante das horas, em intermináveis conversas com eles, respondendo-lhes coisas como se mas perguntassem. Perdi a realidade, deixei de distigui-los, fundia-os num único coelho, um coelho maior que todos os coelhos jamais vistos, quase do meu tamanho, vivendo como gente, falando e rindo como gente, vestindo-se à marinheira como eu.

Veio com o amor o séquito das suas dores. Que de torturadas horas da minha meninice, vocês, adorados bicharocos, foram a causa! Amava-os demais para não sofrer com o meu amor. O ciúme fez a sua estréia no meu coração e, fero, me consumia. Também não era para menos: tinha um rival, e de que força, anjos do céu! — um rival terrível, Silvino, molequinho dois anos mais velho do que eu, que tia Bizuca tomara para criar, com três dias apenas, por morte da mãe, preta que, fielmente lhe servindo, gastara sem usura a mocidade.

Se na casa eu tinha o prestígio do sangue, ele mantinha o do tempo, de que se servia com sucesso, principalmente entre a criadagem. "Isso se deu antes do senhor ter vindo para cá", diziam-me quando se falava de acontecimentos passados. "O Silvino é que sabe tudo direitinho." Realmente sabia e, olhando-me de lado, um sorriso zombeteiro que mal se percebia, contava, tintim por tintim, detalhado, supérfluo, pois não ignorava que assim fazendo me humilhava. Era o antigo, era, não se podia negar — aproveitava-se disso. Defendia-se do intruso, afinal, o intruso que era eu, finório e humaníssimo Silvino.

Terrível rival, astuto como possam sê-lo os mais, rival das oportunidades esquivas, como me lembro dele, agora, os olhos bisbilhoteiros, a cara redonda de mico, a carapinha muito rente, a esperteza dos trejeitos gaiatos, a dentadura soberba de fortaleza e alvura.

Doeu-lhe o presente do chacareiro. Por que não ganhara também? Que fizera eu para merecê-lo? Ele, sim, teria direito. Ajudava o Manuel na chácara, carregando estrume no carrinho de mão, varrendo a estufa das begônias, levando-lhe a comida, regando-lhe as plantas, auxiliando-o na podação sistemática dos ficus benjamim, tapume verde e compacto que defendia o terreno dos olhos devassadores da vizinhança. Era justo. E fora eu que recebera o presente, eu — grande patife o Manuel, miserável chaleira — quando tinha raiva de português não era à toa! Só porque eu era o sobrinho, só. Ah! não ganhara? Que importa?! saberia disputar a mim o afeto dos bichos. Saber e soube. Se, por exemplo, eu lhes dava alface, ele a substituíria logo pela que corria a buscar, pois que somente ele conhecia, na horta que não lhe guardava segredos, o canteiro em que vicejavam as folhas mais frescas, os grelos mais tenros.

Na luta aberta, tomava o meu partido — eram meus, não eram? Pois então, tome, bacurau beicola! E trazia-os ao colo, dia e noite, não consentindo que ele lhes tocasse com um dedo. “Visse com os olhos!” Afagava-os na sua frente para lhe fazer pirraça: “Meus anjinhos”. Que ele sofria, sofria, mas não se dava por achado e sorria-me — dia virá, pensava. A paciência foi premiada e o dia veio, negro dia em que tive de ir para o colégio, um colégio diferente, sério, rigoroso, com horários a que não podia fugir, pois, como dizia tia Bizuca, já estava um marmanjão, era preciso entrar feio e forte no estudo para ser gente na vida.

Como padeci, Deus o sabe. Intermináveis aulas de seu Silva, que ensinava tudo, menos ginástica, explicando sempre, aborrecidamente, numa lição o que iria tomar na outra. Gramática, geografia, que me importava saber verbos e substantivos, se o mundo era redondo ou quadrado, que me importava, se o meu mundo era os meus coelhos? Seu Silva falava alto, eu, porém não o ouvia; meu pensamento mergulhava-se na dúvida cruel: que estará fazendo o Silvino com os meus coelhos? Devorava com os olhos impacientes o implacável relógio do corredor, infinito corredor sonoro, com

dez janelas para o recreio, pista de astúcia onde os bedéis se exercitavam, surgindo inesperadamente na porta das classes, surpreendendo os desprevenidos alunos faltosos. Que estará fazendo? E os ponteiros não andavam. Perdia-me no labirinto das conjecturas: estará carinhando-os, coçando-os, levando-os para pastar no quintal?... Das problemáticas suposições, seu Silva me despertava:

— De que é que estou tratando, seu Francisco?

Não sabia. Ganhava castigos.

Em casa, mal chegando, sacola para um lado, um beijo apressado em titia, e corria a vê-los. A brancura dos pelos não guardava a marca das pretas mãos odiadas. Os olhos vermelhos nada denunciavam. Batia-lhes, ciumento, furioso. Amedrontavam-se, queriam fugir, orelhas caídas, eu os abraçava, quase chorando, com loucura.

No serão da sala de jantar, titia tricotando, eu preso aos deveres passados para fazer em casa, era ele, o bandido, que puxava o assunto para me ferir:

— Eu hoje — sabe, Seu Francisco? — fui com os seus coelhos até à padaria.

Eu me mordia.

— É?...

Silvino via que a chaga estava aberta, sangrando, e remexia-a mais, deliciando-se com a minha agonia:

— Tá bom, vou até l'embraixo ver se eles estão direitinho — e saía devagar, empurrando as mãos nos bolsos, um esgar de vingança satisfeita no canto da boca.

Meu desespero chegava ao auge. Um pouco mais e estourava. A caneta na mão nervosa fazia uma letra mil vezes pior do que verdadeiramente era; pulava palavras na cópia do *Coração*, trinta e nove menos quinze davam doze no problema das laranjas.

Maió plácido, ameno, maió das sinetas tocando para a bênção, pelo tombar das tardes, na capela do Asilo, maió trouxe, na casa de titia, além da muda dos canários, algumas tangerinas temporãs e um infausto acontecimento — a morte de Silvino, atropelado pelo caminhão do gelo, quando fora à praça botar uma carta no Correio.

Não morreu logo. Veio berrando lancinantemente nos braços de transeuntes solícitos, o caixeiro da venda à frente, abrindo caminho, gesticulando, explicando o acidente.

A noite delirou e o delírio fê-lo autor confesso duma infinidade de malandragens miúdas, tijolos de goiabada furtados da despensa, carretéis e linha que voavam da cesta de costura, colherinhas de prata enterradas no terreiro. Mais ainda, fez aclarar o grande mistério das rosas. É que, durante meses, diariamente aparecia juncado de pétalas o chão do roseiral, sem que nenhum vento noturno tivesse soprado, destruidor. Como o roseiral era fechado por altos muros, a repetição cotidiana do fato preocupava bastante tia Bizuca, que já aceitava a suposição de Dona Marocas Silveira, espírita, que fosse obra de algum espírito gaiato e mistificador. E era ele, Silvino, o vândalo das flores, que possuído de não sei que estranha volúpia, ia, na calada das madrugadas, pois acordava com os galos, ocultamente desfolhá-las, sem que ninguém o apanhasse.

Titia chegou a rir com a inesperada descoberta:

— Ah, gibi sonso, então era você, hem, seu pândego?... Deixe ficar bom que vai ver só... — ameaçou-o.

Ela ignorava a gravidade do acidente. Soube-a no outro dia, pela manhã, quando o raios X confirmou o diagnóstico do seco Doutor Gouveia, que abanava a cabeça:

— Nada, minha senhora, nada é possível fazer, além do que está feito. Só um milagre — fratura da bacia, interessando seriamente a espinha... — só um milagre! — repetia com um nítido acento materialista.

— Mas, Doutor...

Ele atalhou, piedoso:

— Vou lhe dar morfina para que sofra menos.

Titia, então, dedicou-se-lhe toda. Incansável, extremosa, dum lado para o outro, vê isto, vê aquilo, o dia inteiro, velou-o quatro noites, sem pregar olho.

Na quinta noite, seriam onze horas, a lâmpada envolta com um papel pardo, porque ele não suportava a luz, Silvino despertou da pesada letargia que lhe provocara a última injeção.

— Madrinha — sussurrou.

— Que é? Estou aqui — e titia, rápida, saiu da sombra, donde, encolhida num banquinho, ficara, insone, vigiando-o.

— Sei. Me dá a sua mão.

Deu-lhe e ele levou-a, dificilmente, aos lábios. Lágrimas escorriam-lhe dos olhos que foram tão redondos e espertos e se mostravam naquele instante tão esbugalhados e baços.

— Bênção.

Titia adivinhou qualquer coisa:

— Que tolice, meu filho, dorme.

Filho? Silvino fez um esforço, procurou a boca que se confessava maternal e repetiu:

— Bênção. Estou cansado de sofrer, madrinha.

Apertou-lhe a mão com mais força, apertou-lhe, largou-a bruscamente. A cabeça tombara para o lado da parede.

— Francisco! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela!

Todos correram. Titia já se encontrava ajoelhada. Caímos de joelhos também, rezando. A vela começou a arder branca, muito branca, trêmula e brilhante, na mão crioula do pequenino morto. Titia soluçava alto.

Tia Bizuca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mais acabada, no largo vestido preto, nada poupou para o enterro. “Pobre Silvino!” — chorava pelos cantos, entre os braços consolativos das vizinhas. A casa se encheu, que o traquinas, muito alegre, muito serviçal, era estimado nas redondezas.

Acompanhei-o até ao Inhaúma, no primeiro táxi após o coche, levando no rosto o prazer da novidade, através das ruas em que os homens se descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tépida, opalina, sorridente, lá o deixei coberto com rosas, com todas as rosas que o roseiral precioso de titia ofereceu naquele dia, rosas brancas irmãs das que ele, por tanto tempo, tão prodigamente despetalara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascantes, comprimidas — hi, hi, hi, — me senti único no amor dos meus coelhos. Pouco, porém, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrência me tirou, talvez, o apaixonado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer, certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás, já não se mostravam possuidores da famosa brancura dos passados dias de rivalidade. Sujos, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pela horta, onde quisessem, livres, se emporcalhando na lama, no pó, no depósito de carvão, pegado ao galinheiro.

Deixei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Manuel, quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Francisco está ficando moço. Não quer saber mais de coelhos — e piscava o olho com sobranceiras carregadas.

— É, é — respondia confuso e, me esquivando pelo corredor, passei a fugir dele às léguas.

Morreram, um dia, cegos; os olhos como contas vistosas perderam a cor, se cobriram de um véu opaco. Morreram,

um dia, cheios de calombos na barriga, que amedrontavam titia: “Será bubônica, Virgem Santíssima?!” Não, era velhice — explicou o Manuel que, ao que parece, tudo sabia a respeito de semelhantes animais. Morreram. Titia, penalizada, esperou que também me entristecesse. Como, porém, não sentisse tristeza alguma, procurei esconder-lhe este indício de perigosa insensibilidade:

— Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto.

Titia se afastou:

— Tem razão, meu filho. Foi melhor assim.

No íntimo, o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha idéia fixa. Jogava de beque, jogava mal, jogava como criança, mas jogava.

O ROMANCISTA

DE Marafa, 1935

XVI

A Avenida é o mar dos foliões. Serpentinhas cortam o ar carregado de éter, rolam das sacadas, pendem das árvores e dos fios, unem com os seus matizes os automóveis do curso. "Sai da frente! Sai da frente!" — o grupo dos cartolas empurra para passar, com a corneta que arrebenta os ouvidos. O chão é um espesso tapete de confetes. Há uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos.

Sussuca vai pelo braço do namorado, espremida, ouvindo graças, comendo confete. "Comeu! Comeu! Fecha a boca, bobo!" Dona Nieta acompanha-os, perdendo-se a cada instante.

— Nós acabamos indo sem a senhora para casa, mamãe.

— Não se importem comigo, filhos, que eu não me perco. Vão tocando pra diante sem susto, que eu vou seguindo. Não sou matuta, não.

— Eu sei! . . . Sentido nela, José.

— Estou de olho!

A multidão se sacode, sua, vermelha, rouca, feliz. Há o som dos recos-recos e das matracas. Há o berreiro dos cordões improvisados nas calçadas. Cantam no calor descomunal:

*"Queria te ver no inferno
sem ventarola . . ."*

— Vamos parar aqui?

— Vamos.

É uma esquina divertida. O estudante, de guarda-pó branco e seringa de borracha, faz prodígios de humorismo à custa dos que passam no curso:

— De quem é o enterro?

O homem, que vai solitário e sério sentado na capota, não gostou da brincadeira. Curva-se para dizer de quem é. Diz baixinho. O estudante faz uma cara piedosa:

— Pobre órfão...

A risada é vaia para um e aclamação para outro. O carro avança. O estudante, animado, prossegue troçando:

— Esqueceram do papagaio...

Do automóvel com vinte pessoas ensardinhasadas, vem uma voz feminina:

— Não pôde vir. Está doente.

E eis que surge a questão. A gigolete repele decididamente o marinheiro americano:

— Cai n'água, enxerido!

— Deixa de orgulho, princesa.

— Desinfeta logo, se não eu chamo meu irmão, seu bêbado!

Está bêbado na verdade o marinheiro e força com a pertinácia dos bêbados. É o amigo, meio apache, meio espanhol, que o arranca:

— Isso não dá futuro, Maurício. Vamos embora.

DE A Estrela Sobe, 1939

Uma grande aflição assaltou-a quando se despediu de Mário e encetou a subida da ladeira sob os olhos do vigilante, que por acaso passava cá em baixo, na esquina. A cada passo, a angústia crescia. Crescia como uma ferida má, crescia, insuportável, gosto de traição na boca, gosto ácido... As temporadas latejam. Abriu a blusa para receber no peito o vento do mar como um alívio, como um refrigerio, um calmante. Abriu o portão, abriu a porta. A casa estava às escuras. A escuridão é que pareceu acalmá-la. Não acendeu a luz. Foi tateando pelo corredor conhecido, na ponta dos pés. O chão estalava. A voz da mãe cercou-a do quarto:

— Tarde, hem!...

— É. Amanhã eu lhe conto tudo. Agora, não! Estou pregadíssima. Até amanhã.

Abriu a porta do quarto, acendeu a luz, atirou a boina, as luvas e a bolsa sobre a mesinha, pôs-se mecanicamente a se despir. Ratos andavam no forro. Caiu num sono profundo.

Acordou às dez horas. A manhã era brilhante. Galos cantavam perto, um suave calor enchia o quarto e no silêncio da casa dona Manuela arrastava os chinelos, mexia em panelas. Leniza ainda ficou na cama, seminua, mãos na nuca, pensando

. Os minutos passam. O vento traz o palrar dum papagaio, o cacarejar de galinhas, apitos vagos, rangidos de guindastes distantes. Dona Manuela, agora, abriu a torneira da cozinha num jato forte. Abriu, fechou logo. Leniza decidiu-se levantar. Apanhou a toalha de banho (velha, rasgada) e marchou para o chuveiro.

— Bom dia, mamãe.

— Bom dia, minha filha. E então?

— Tudo bem, mamãe. Já te conto. Deixe espertar o corpo. Foi um caso sério ontem. Vá aprontando o café.

A água cai morna. Leniza sente-se revigorada, disposta, outra. Vai para a mesa com apetite de colegial. O café fumeja na xícara, a mãe sentou-se defronte. Leniza, enquanto come, vai contando. Estrearia naquela noite, afinal, mas para isso fora uma coisa horrível o último ensaio. Marcado para as quatro, só começou mesmo às sete e interrompido a todo momento por causa de umas pequenas danadas de erradas. A estação parara às onze e elas ainda ficaram lá. Dona Manuela interrompeu-a: Mas então você não jantou? Não. Não jantara. Mas ofereceram lá uns sanduíches com cerveja, sempre serviram para tapear. Aliás, não tinha fome. Pelo contrário. Quando acabou por fim a encenca toda, estava era estrompada. Parecia que tinha levado uma sova de pau. Quase que aceitara o convite de uma colega, a Marlene de Andrade, muito boazinha, para dormir em casa dela, que é pertinho, num apartamento. Se o Mário Alves não tivesse se oferecido para trazê-la de automóvel, bem que teria aceitado. Felizmente no que tocara a ela, correria tudo além das expectativas. Com o tempo iria melhor.

— Quer dizer que você hoje já canta, não é?

— De noite, no programa da Cidade Encantada. E assim todas as segundas, quartas e sextas.

— Eu vou ouvir na casa de dona Antônia.

Leniza levantou-se, sacudiu as faíscas de pão do vestido:

— É uma amolação a gente não ter rádio em casa. Para mim, então, agora é imprescindível. Mas deixa estar que no mês que vem eu compro um a prestação. Fez uma pausa, voltou com decisão: Neste mesmo, sabe?

— Vê lá o que você vai fazer.

— Ora, mamãe, francamente! . . .

— Estou dizendo, porque estou vendo você se meter em muita embrulhada. Só no seu Nagib. . .

— Mas eu preciso!

— Eu sei. Mas prestação é um inferno!

— Não te impressiones.

— Não. Não me impressiono.

— (Dona Manuela, desde cedo, estava para contar a novidade, mas, não sentia coragem. . . Aproveitou): Mas precisamos pensar que temos um quarto vazio. Alisava o pano da mesa: O marceneiro foi embora.

— Embora?!

— É, foi (Se esforçava para ser muito natural, não dar ao fato senão uma importância relativa): Ontem durante o dia. Para o Hospital dos Portugueses Desamparados. Piorou muito, coitado! . . . Botou muito sangue. Quase uma bacia. Não estou vendo jeito dele voltar, não.

— E não pagou, aposto.

Dona Manuela baixou a voz:

— Não. Mas também, pobre dele, com quê? Não tinha nem para comprar remédios. Seu Alberto é que andou emprestando.

Leniza deu dois passos na sala:

— É o diabo.

— Já falei com seu Gonçalves para ver se arranja quem fique com o quarto.

— Que não seja como esse.

— É da vida! . . . suspirou dona Manuela.

— Mas quem se encrenca somos nós.

13 de fevereiro

A farmácia de seu Políbio cheirava a iodofórmio, a cozimento de ervas, a ácido fênico, a unguento de basilicão. Era escura e triste, duma tristeza decrépita, as paredes com manchas de bolor e as armações de peroba bichadas, com um que outro vidro partido e remendado com papel manilha. Duas ânforas de vidros, cheias de água colorida, verde uma, topázio a outra, ladeavam a alta escrivaninha com cercadura de grade, na qual, com pincenê para vista cansada, ele escrevia os rótulos e copiava as receitas num grande livro negro e sebento. A serpente, obra de talha, se enroscava no cálice, na cornija da armação do fundo, dividindo as palavras Farmácia e Políbio pintadas a ouro com sombras brancas. Diante do balcão, com parte dedicada aos artigos de perfumaria, com uma descomunal caixa redonda, propaganda do pó de arroz Lady, junto às desconjuntadas cadeiras austríacas de espera dos fregueses, o homem com o bacalhau às costas era quase do tamanho natural, anúncio de papelão da Emulsão de Scott, repulsivo martírio que Doutor Vítor nos infligia regularmente por via oral.

Tinha duas portas de vaivém. Uma dava acesso à escadinha de caracol que subia para o sobrado de sacadas permanentemente cerradas, moradia do boticário sem filhos e em constantes desavenças com a mulher, conflitos que não raro terminavam em pancadaria e berreiro. A outra vedava às pessoas estranhas o laboratório onde o prático, cada seis meses um, mas sempre de guarda-pó imundo, auxiliava-o na manipulação do receituário, menos no das pílulas, que era a sua grande arte. Amassava-as na ponta dos dedos com ligeireza e perfeição extremas, enquanto assobiava, como num rito sacrílego, *As Divinas Promessas* ou *Adoráveis Tormentos*, valsa esta que Caruso tornara célebre e que fazia parte do seu gramofone noturno. Ficavam esféricas, primorosamente iguais, como se tivessem sido feitas a máquina. Não sei se era uma necessidade para as pílulas pegajosas ou de desagradável sabor, como as de fel de boi, que Mariquinhas esporadicamente consumia, certo é que prateava algumas. De tanta admiração e perguntas, seu Políbio, um dia, consentiu que eu pene-

trasse no laboratório e me desvendou o argênteo mistério. Dentro da caixinha redonda em que acondicionava as pílulas, em vez do usual quenopódio, punha com cautelosa pinça uma folha finíssima de prata ou substância prateada. Jogava nela, então, o precioso produto da sua exímia digitação e sacudia-a — a folha se reduzia a pó impalpável, que revestia inteiramente as pílulas.

Num canto do laboratório, lembrando as estampas de medievos alquimistas, havia o alambique, artefato de esverdeado cobre, com o tubo longo e curvo como pescoço de cisne, e assim chamado, do qual a água destilada pingava gota a gota; havia o caldeirão para a lenta cocção de folhas e raízes e, pregado sobre uma mesa de mármore, o jacaré de ferro para amassar as rolhas de modo a adaptá-las hermeticamente aos gargalos.

Aos domingos seu Políbio fechava as portas ao meio-dia, mas antes de fazê-lo recebia a pontual visita de papai, que após ter lido de cabo a rabo o *Jornal do Comércio*, ia dar uma prosa com o vizinho, leitor assíduo do *Correio da Manhã*, de cujas idéias políticas compactuava sem discrepar, decorando os mais causticantes e desaforados argumentos oposicionistas para despejá-los na freguesia desprevenida.

Que será feito de seu Políbio? Vendeu a farmácia, pretendendo descansar um pouco e depois montar outra num subúrbio, em Ramos ou Olaria, não me recordo, que prosperava a olhos vistos. Despediu-se protestando a mais inquebrantável amizade, presenteou Madalena, por acaso presente, com um original estojo de perfumaria francesa, mas nunca mais deu notícias. Também papai já estava morto e dele é que era amigo.

DE O Trapicheiro, 1959

Abri os olhos, e por eles a manhã entrou, rompendo a ramela noturna, feita de matéria defensiva e resíduos de morte, manhã translúcida, cálida, virginal, com vôos de borboletas e estertores de cigarras, com gritos infantis e pregões de vendedores-ambulantes, clara manhã estival que incorporava à sua substância o espelho da sala, a cama torneada e os retratos sobre a mesinha, complexo de luz e sons que fazia

repetir sensorialmente em mim outras manhãs iguais, prismáticas e sonoras matinadas, como se nossas mais belas recordações, por força duma física encantada, não fossem mais que música e paleta.

Sacudi-me entre as cobertas num esforço muscular de reintegração, hauri com profundidade o olor de mato, detergente poderoso que a aragem morna arrastava da montanha com palmeiras no cume, destruí a ilusão espectral e sonora, despertando a memória e juntando à conjugação matinal de cores e sons a participação do eu, que poderia singularizar cada manhã por mais interpolada e constante que fosse a sua componência luminosa e sonora. E a manhã que resurgiu foi a da Boca do Mato, em casa de Mimi e Florzinha, manhã de primavera, não de estio, manhã de milagre, com cheiro de café e de pão quente!

Seis meses numa cama na angustiosa consolidação da fratura, esmagamento de vértebras e apófises que ameaçara seccionar a mocidade, truncar um erecto porvir. Seis meses de sofrimento, não separando o dia da noite, o aparelho urinário funcionando precariamente, morosos os intestinos, as costas transformadas em chaga viva num lento processo de calosidade, e a dor integral percorrendo a coluna, mordendo dos pés ao cérebro à menor aproximação estranha ou movimento, e só o coração batendo, forte e resistente, coração juvenil, bomba sem gastos nem falhas ainda, impelindo sem cessar os glóbulos vitais para a irrigação da carne cruciada.

E afinal a bomba, isócrona propulsora infatigável, saíra triunfante e o corpo refloria. Mas a dor nele fizera sede como hábito arraigado. E foi impossível me levantar, tão fulgurante era a descarga dolorida que provocavam as tentativas.

Doutor Vitor entregou a pasta:

— O que de mim dependia, foi feito. Da fratura, clinicamente dou-o como curado. O que lhe acontece agora já é da alçada de um especialista em doenças nervosas.

E o Professor Teixeira Mendes foi chamado. Era modesto, pequeno, mãos delicadas, de doce timbre, doçura que escondia a mais tenaz energia e inflexibilidade. Depois do prolixo exame, entrecortado de carinhosas e animadoras expressões, usou de embuste, traiçoeiro como um felino. Tomando-me imprevisivelmente pela espádua, com uma força que jamais

poderiam prever naquele corpo raquítico, enquanto um seu assistente me segurava fortemente as pernas, dobrou-me o corpo num relance, com um simultâneo estalo de juntas anquilosadas, fê-lo permanecer breves segundos sentado, posição que eu julgava absolutamente impraticável ao corpo que ganhara uma rigidez cadavérica na longa permanência horizontal. O berro animalesco alarmou até a vizinhança, que chegou a acudir ao portão de ferro na expectativa de um desenlace. O suor ensopou o colchão. Todo o meu corpo tremia de dor e covardia, e um sentimento de horror me apossou daquelas mãos diáfanas, mas terríficas, daqueles olhos suaves, mas enganosos, daquela falinha falsamente macia.

— Agora, o meu querido amiguinho, todas as manhãs, irá fazer um exercício para se sentar. Já viu que pode se sentar, não é? — e ria. — Já viu que toda a impressão de impossibilidade não passa de nervoso, que já está completamente restabelecido, e sem defeito algum.

E eram momentos duma crueldade sem limites. O enfermeiro, plasmado ao feitio do mestre, vinha, e auxiliado pela gente de casa, por amigos como Tatá e o fiel Cabo-de-Guerra, encetava cada dia o processo de me vergar, mas com uma cautela, uma paciência que não estiveram presentes na primeira e inaugural intervenção. Ao cabo duma semana, e os exercícios foram se multiplicando e se alargando cada jornada, consegui me sentar sozinho, mediante uma lenta, apalpante seqüência de movimentos que a prudência decorara. Dia sim, dia não, Professor Teixeira Mendes vinha observar os meus progressos, e ora eu o tratava como inimigo, ora como benfeitor, mas, quando assim, temeroso que me tocasse e transformasse seu gesto de inspeção num golpe baixo de surpresa.

— Muito bem! Nosso amiguinho vai se impondo. Já se senta bastante bem sozinho, só que com excessiva lentidão ainda. É preciso apressar os movimentos. Vencer a dor, que é apenas nervosa. Você está bom, já não tem mais nada. Ainda não se convenceu? E vamos começar a andar. Quer que eu o ajude?

— Não! Não! — gritei. — Eu sozinho mesmo vou tentar.

— Ótimo! Assim é que eu gosto. Querer é poder. Na próxima visita quero vê-lo dando uns passos. Não precisam ser passos de dança. Passos comuns já servem.

Oh, que começo! A palma do pé, sobretudo o calcanhar, se tornara tão branda e delicada quanto a de um recém-nascido, sensibilíssima. Ao menor encosto, a dor explodia. E ficava horas seguidas, sentado na beira da cama, os pés suspensos, procurando fazê-los encostar no chão, e a dor fulgurava, e o suor escorria, suor de sofrimento e medo, e vinha uma vontade irreprimível de chorar, e as lágrimas, como gabras, iam molhar grossas, em rosário, o braço dos que sustinham nos inquisitoriais exercícios, papai, Mariquinhas, Madalena, um pouco afoita e impaciente, o inconsolável Pinga-Fogo. E por fim os pés resistiram à contrária pressão e me pus de pé! Era uma conquista, a alegria inundou meu peito, contudo não podia andar, permanecendo pregado ao assoalho como um paralítico, uma estátua. Mas o coração se animara. Com uma pessoa de cada lado, amparando-me os braços como numa paralela, iniciei outra série de provas, e dar três passos, mesmo escorado e guiado, me extenuava como se tivesse percorrido uma distância infindável.

Foi então que o Professor Teixeira Mendes, que conhecera mamãe no colégio da Rua dos Barbonos, sugeriu que eu mudasse de ambiente — era propício, favoreceria um novo metabolismo de iniciativas e invenções. Se a idéia era boa, papai se mostrou inquieto — todas as suas reservas financeiras tinham sido exploradas e consumidas, para onde portanto me mandar? Mimi e Florzinha, que também haviam sido companheiras do Professor Teixeira Mendes em saudosos tempos escolares, tendo se inteirado das dificuldades do primo, foram às velhas e leais parentas — a casa delas estaria às ordens. Era aquela casa espaçosa e tranqüila da Boca do Mato, que por várias outras vezes já abrigara a mim e a Madalena, em dias de precisão, pois Emanuel, em idênticas circunstâncias, sempre preferira se instalar em Magé, no sobradão de uns primos de Mariquinhas, mas não nossos, figuras abastadas, as únicas que na decadente cidadezinha ainda desfrutavam de posses e considerações, quando não na casa de Ataliba, casa de mesa farta e moças casadoiras

As boas senhoras, com fitas de veludo no pescoço, donde pendiam medalhas bentas ou amuletos de coral, já de si gentis, dessa gentileza entre sincera e formal, feita muito na voz do sangue e no apego ao círculo familiar, e que com o

tempo se vai extinguindo melancolicamente, se excederam em pequenas atenções ao incapacitado hóspede e parente. Muitos livros novos foram adquiridos para meu deleite, o forno e o fogão trabalharam diariamente para o oferecimento de quanto petisco e doces as páginas do amarelado caderno de receitas mageenses guardavam a cópia e os segredos. Roberto era uma criaturinha sossegada e bem educada, que não importunava nunca, e que estava sempre atento às minhas necessidades, fosse copo d'água, jornal que caísse, ou o prosaico urinol, cuja entrega era sempre acompanhada de cômicos gestos e espremidos risos. Rosa com assiduidade vinha ver o filho e sua presença era amável e cheia de novidades. E para passar a noite, armavam um víspera na sala de jantar, sob o imenso abajur de opalina, quando me acomodavam na velha cadeira de braço, a única do mobiliário, numa pletora de travesseiros e almofadas.

Há mais de uma semana que estava na casa da Boca do Mato, para onde fora levado de automóvel, o automóvel de entregas da fábrica, com precauções de porcelana, vagarosamente, evitando as irregularidades do terreno, porquanto ao mínimo solavanco todo o corpo reclamava em dores espasmódicas, algo histéricas.

Mimi e Florzinha comboiavam-se pelas dependências da moradia, levavam-me para a varanda ou para a sala de visitas, com panos de crochê e álbuns de retratos, para o almoço sempre na copa, para as difíceis abluções, pacientes, animantes, e seus braços débeis, de carnes chupadas e soltas pelancas, robustos e jovens se tornavam no caridoso mister. Mas na disposição que se apossara de mim, de voltar a andar sem nenhum adjutório ou proteção, no mais breve tempo possível, entregava-me, solitário, ao afã de sucessivos exercícios para a aquisição dos próprios movimentos, e em pouco, sem nenhum auxílio, conseguia me levantar da cama e ir, agarrando-me aos móveis, amparando-me às paredes, ao encontro da vida caseira, proeza que era saudada com estrepitosas aclamações das velhas primas e de Roberto.

E naquela manhã, cromática e cantante, cromatismo e sonoridade que me haviam despertado mais cedo que do costume, quando ia me amparando pelo corredor a caminho da copa, num impulso de coragem e confiança, e mais que tudo,

de fé, recolhi as mãos! Recolhi-as como um trapezista recolhe a rede protetora como inútil, e não perdi o equilíbrio, não senti mais, parando o coração, o vácuo da queda. As pernas canhestras se firmaram como em suprema defesa, e se adiantaram, dóceis ao comando nervoso, para uma meta de felicidade que devia ficar no fundo do corredor! E ao transpor o ambicionado umbral, com cortina de ampolas, foi como se passasse do palco, onde por tanto tempo representara um papel infeliz, para a platéia que ressaltava do fundo de azulejos, azulejos azuis, que lembravam um céu de promessa, cujo prêmio fosse o amor!

DE A Mudança, 1962

24 de abril

Contrafeito fui à missa de sétimo dia de meu pai, mandada rezar pelo pessoal da fábrica, cedo, na clara e amável Igreja do Rosário, com um cheiro de limpo e de passado. Pouca gente, em relação ao que ele espalhou em gentilezas e favores, e nem ao menos era um dia de chuva para que os obsequiados se justificassem — manhã maravilhosa, lúcida, fresca como botão. Mas, como surpresa, lá estavam presentes Tatá, que não via há três anos, Marcos Eusébio, o Chefe e Jurandir, Antenor Palmeiro, seu Afonso, acabadíssimo, Délio Porciúncula, em sóbrio jaquetão cor de chumbo, e Vivi Taveira, com os olhos afogados de sono.

Passei toda a cerimônia de pé, entre Garcia e Catarina, o olhar pregado em Susana, imóvel à minha frente como frágil estátua negra, absorvido pelo órgão que rolava do coro em escalas graves e majestosas que faziam vibrar a nave inteira.

Sei que fui reparado por não ter ido de luto, Mimi e Florzinha entreolharam-se sutilmente, Mariquinhas, indignada, afastou-se ostensivamente de mim, foi se refugiar junto ao sacerdote, à beira do altar, florido de branco, tremelicante de velinhas.

Não botei luto, nem o porei por ninguém — para que lutos? Confesso, aliás, que não sofri com a morte de meu pai. Já não suportava aquele padecimento, aquele coração crescendo, aquelas crises tremendas, dolorosas, asfixiantes, quatro a cinco vezes por dia. Quando o vi morto, estendido

na cama, sem um ricto na face, as pálpebras cerradas como num calmo adormecer, me senti quase tão tranqüilo quanto ele. E sinto-o todo instante à minha volta numa presença invisível, nos objetos que me deixou, nos hábitos que me inculcou, e se me olho no espelho o que eu vejo é ele — ele de quem sou o retrato, menos cabelos, é certo, menos sisudez, menos bom-senso, mas o mesmo pugnaz amor pela verdade, as mesmas descargas de cólera ante os pequenos desmandos, a mesma incapacidade de negar um pedido. Desde que morreu, pouco falei dele, desconverso peremptoriamente quando a isso me obrigam aqueles que acham que me podem ser agradáveis pranteando-o, como o desembargador Mascarenhas — *Non melior quisquam fuit!* — ou como o contábil Ataliba, amigo devotado e braço direito dele nas encrências correntísticas da fábrica. Não gosto de falar nos meus mortos. Não sinto forças, as palavras não me socorrem, parece que estou representando, fingindo. A morte é mais séria do que se crê.

DE A Guerra Está Em Nós, 1968

3 de janeiro

Maria Berlini não mentira quando dissera que não trabalhava, nem estudava. Mas trabalhara pouco depois de chegada ao Rio, com minguados recursos, que se evaporaram como por encanto. A tentativa de entrar para o teatro fracassara. Havia só promessas. Não era fácil como pensara. Mesmo não tinha a menor experiência. Fora estrela estudantil em Guará, isso porém era menos que nada! Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa! Em oito meses fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, para se sustentar. Como chapeleira não agüentara dois meses, que era duro!, das oito da manhã às oito da noite, e quantas vezes mais, sem tirar a cacunda da labuta. Não era possível! As ambições teatrais não haviam esmorecido, e cadê tempo? Conseguira o lugar de balconista numa perfumaria, com ordenado e comissão. Tinha jeito para vender, sabia empurrar mercadoria no freguês. Os cobres melhoravam satisfatoriamente. Mas também lá passara pouco tempo. O horário era praticamente o mesmo, e o trabalho bem mais suave — nunca imaginara que houvesse tantos perfumes e sabonetes nesse mundo!

Contudo continuava numa prisão. Não nascera para prisões. Mesmo como seria possível se encarregar no teatro, amarrada a um balcão todo o santo dia? Precisava dar um jeito. Arranjou uma vaga de manicura numa barbearia, cujo dono ia muito à perfumaria fazer compras e que se engraçara com ela. Dava conta do recado mal e porcamente, mas os homens não são exigentes com um palmo de cara bonita. Funcionava bastante, ganhava gordas gorjetas, conhecera uma matula de gente, era muito convidada para almoços, jantares, danças e passeios, e tinha folgas — uf, tinha folgas! Quando cismava, nem aparecia na barbearia, ia passear, tomar banho de mar, fazer compras, ficava dormindo... Metera-se num curso dramático, faltava à beça, contudo já havia possibilidades na sua frente — parece que tinha queda para o palco mesmo, pelo menos os professores a animavam. Diabo é que o dono da barbearia nutria tenebrosas intenções a seu respeito e, como ela não desse trela, o mantivesse a distância, fugindo a todas investidas, passou a persegui-la. Por mais que pudessem duvidar, era donzela então. Não que tivesse muito orgulho disso, mas era. E o homem estava alucinado. Cercava-a por todos os lados, perdera a compostura, punha cara feia para as liberdades dos fregueses, entrou a fazer cenas abertas de ciúme. A situação foi ficando negra, insustentável, um quitute para as companheiras de manicurismo, que eram três e escrachadíssimas. Como já tinha uma legião de conhecimentos, pensava em se transferir para outra barbearia, quando recebeu dois contos duma tia. Era uma tia muito boa, boa como um anjo, que gostava muito dela, com quem se correspondia e que não ignorava as aperturas que passara no Rio. Tendo vendido uma propriedade em Guará, mandara aquele cobrinho para ajudá-la. Cobrinho, nada! Uma dinheirama! E chegava na hora. Outros galos cantariam! Enquanto tivesse cobre — adeus, batente! Recebeu os caraminguás num dia e no outro já não foi à barbearia. O homem ficou furioso, cercara-a na rua, atazanara-a — foi quando ela se mudara para a pensão de dona Eponina — mas acabou desistindo, não sem uma troca de cabeludos palavrões e a intervenção de terceiros. A vida, porém, é assim — nega-se a um para se cair na unha de outro logo adiante, sem a menor vantagem, como uma espécie de castigo. É que não há quem escape duma boa conversa! Conhecera muita gente,

saía cada noite com um, ia levando a vida, despreocupada e divertida, o carnaval fora uma coisa maluca! — o pé-de-meia rendendo. Numa noite de bailarico, apresentaram-na a um cavalheiro simpático. Não era criança, tinha já as suas cãs, seus dentes postiços, era casado. A mulher andava fora e não se dava bem com ela, insinuara discretamente. Levou-a de volta à pensão, tinha carro, e ficaram longo tempo na porta, de prosa. Era delicado conversando, sabia uma infinidade de coisas, havia viajado o mundo todo, adorava o teatro, beijou-lhe ternamente a mão na despedida, o que lhe pareceu bastante galante. No outro dia apanhou-a, voltaram pela Gávea, jantaram juntos. E passaram a jantar sempre juntos, e cada dia havia um presente — jóias, perfumes, blusas, bolsas, vestidos — mandava-lhe flores e bombons. E cada dia se mostrava ele mais gentil e amoroso — gostaria de ampará-la, de encaminhá-la, de fazê-la feliz! Sentia por ela uma atração, uma ternura que jamais cogitara sentir por alguém. Tinha planos de desquitar-se e dedicar-se inteiramente a ela. E ela se entregara, seduzida, sedução em que entrava um pingo de esperteza:

— Você sabe, não é? quando macaco vê banana...

4 de janeiro

Maria Berlimi prosseguiu a sua história já de volta para a pensão, e passava muito de meia-noite, retorno moroso, cheio de paradas, encostando-se às árvores, ou se apoiando ao gradil das casas, e a cada gesto realçando a graça do seu corpo, saudável e exuberante.

Foram dois meses de felicidade e tontura, apenas dois meses, dois meses em que se sentira firme, amparada, segura na terra, sem problemas. Ele era meigo, carinhoso, atenciosíssimo, sempre pronto a satisfazer as suas vontades, tolas ou não. E uma noite lhe dissera que iria a São Paulo, por uma semana, no máximo uma semana, e lamentava não a poder levar, porque era viagem de negócios, negócios importantes e complexos, e não teria um minuto livre sequer para lhe dedicar, mas que no retorno haveriam de fazer uma viagemzinha de recreio para compensar a falta, em Petrópolis, Teresópolis, um lugarzinho assim, fresco e gostoso. Deixara-

lhe uns cobres e ela não se importara — negócio é negócio. Mesmo não gostaria de ir a São Paulo acompanhada. A família dela morava lá; conquanto não pedisse satisfação dos seus atos, evitaria aborrecimentos e encrencas. Mas, passados oito dias, ele não regressou; escreveu-lhe uma carta lamentando não poder cumprir o prometido — os negócios se complicaram e teria que ir urgentemente à Argentina para solvê-los; pretendia liquidar a questão em quinze dias, estava saudosíssimo, haveria de trazer uma porção de presentes. De Buenos Aires recebera outra, e outras, a última dilatando o prazo da demora e implorando que escrevesse diariamente, pois que tais linhas lhe serviriam de imenso alento. E ela cumprira o pedido com assiduidade, candura e confiança — que não se precipitasse, terminasse direito os seus negócios, ela estaria esperando-o com todo o seu amor. E de nada teria desconfiado se não fosse um bom amigo que ele tinha, um amigo do peito, amigo que, de olho nela e como se a lamentasse e prevenisse, lhe explicou muito confidencialmente que ele não havia ido a São Paulo, fora um embuste, tinha ido diretamente à Argentina, para se encontrar com a mulher e os filhos, que lá estavam presos por razões de família. A princípio, duvidara. Não era possível! Julgava-o incapaz de tal sujeira. Nunca escondera que era casado, ela aceitara a situação, mesmo que suas promessas de separação da mulher não fossem perfeitamente verdadeiras, fossem mais uma delicadeza para com ela, por que enganá-la assim? Todavia a coisa ficou roendo por dentro. E pondo-se a campo para apurá-la, verificou ser pura verdade — a carta de São Paulo não fora posta por ele no correio, entregara-a a alguém para fazê-lo! Doeu-lhe fundo aquilo! — chorou como uma criança. Nunca tivera ilusões a respeito dos homens, nunca! Mas também nunca supusera que pudesse ser vítima de tal deslealdade, de tão inútil e grosseira deslealdade, de tanta falta de respeito. Só havia um remédio — vingar-se! E vingou-se. É burral fazê-lo com o sacrifício do nosso próprio corpo. Mas como sabia que ele sofreria na sua vaidade de homem, na sua vaidade de macho, não titubeou. Precisava feri-lo, empatar com ele, ficar em idênticas condições, dente por dente, olho por olho, não sentir-se humilhada, tapeada, diminuída. Manteve a correspondência, mas espaçou-a. E a cada carta demonstrava maior frieza, maior esquecimento, e

insinuava passeios, farras, novas amizades masculinas, até uma boa bebedeira na qual voltara só no outro dia, e quase carregada, para casa. Ele passou a lhe escrever quase diariamente, desesperado, prometendo sempre chegar breve, e dizendo não compreender a sua atitude, os seus passeios, as suas extravagâncias, acusando-a desesperado, desesperado! E, afinal, dois meses e tanto depois, ele voltou. Era o momento que esperava! Estava para ela! E, em plena rua, apesar de todos os esforços para que ela não falasse alto, não fizesse escândalo, mandara-o plantar batatas, e atirou-lhe nas trombas que dormira com todos os amigos dele, um por um!

— E foi verdade?

— Foi, como não foi?! Pode achar nojento, mas foi e eu não acho. Estávamos quites. Chegou como uma onça, saiu que nem boi manso. Era muito feroz, mas não gostava de escândalos, tinha medo de escândalos. Um cavalheiro tão importante na sociedade não podia aparecer metido em balbúrdias, em trapalhadas. Preferiu engolir a pílula, safado, calado, com a cabeça bem adornada. Sumiu das minhas vistas!

Paramos diante do portão. O pôquer terminara e, na varanda, Tatá e Miguel despediam-se de dona Eponina, que como era habitual, ganhara. Maria Berlini estendeu-me a mão macia e úmida:

— Te dei todo o mapa da mina, não dei?

— Agradeço a confiança. Nunca recebera uma prova de confiança tão súbita.

— Não foi confiança. Não tenho confiança nos homens.

— Pensei que merecera. Uns não podem pagar sistematicamente por outros.

Maria balançou a flava cabeleira:

— Merece a minha simpatia. Você parece um bom rapaz. (E tinha o mesmo acento de dona Marcionília!) Obrigada pelo sanduíche e pela companhia. Até nova ordem, eu estou aqui. Quando quiser apareça ou telefone.

— Obrigado. Telefonarei.

E os amigos chegavam. Miguel adiantou-se:

— Puxa! Que tanto vocês conversavam?

Maria Berlini bateu-lhe no ombro camaradamente:

— Banalidades, mancebo. Só banalidades.

A LONGA VIAGEM DE IDA

**(Trechos inéditos de A PAZ NÃO É BRANCA,
IV Parte de O ESPELHO PARTIDO)**

1945

3 de janeiro

Aceleram-se os preparativos para o Congresso de Escritores com um afã, uma diligência, um alarido como se se tratasse de reabrir o próprio Congresso Nacional, fechado para um balanço que se prolonga por quase oito aninhos, quando há milhões de saudosistas sinceros ou oportunos espalhados por aí. A secretaria do certame, instalada na exígua e atravancada sede da ABDE, e sob a supervisão jurídica de Nicanor de Almeida, que aparece sempre na hora propícia, vive o nervoso movimento de caixa de teatro em noite de estréia — e espetáculo parece que vamos ter, com alguns artistas brilhando muito, e a ventriloquia funcionando abertamente. Helena traz os dedos inchados de tanto batucar na máquina, datilógrafa improvisada mas infatigável, Ribamar Lasotti apõe o rebuscado jamegão em centenas de papéis por dia, depois que Gustavo Orlando, com o maior desprezo e a maior perseverança — que cambada de analfas! — escoimou a sintaxe dos escritos. Julião Tavares, que achou jeito de se eximir ao serviço militar, transformou-se em grande general. Traça planos e mapas para o combate, junta e divide pelotões para melhor comandar, quase não dorme, esvai-se em providências. Seus piquetes, severamente instruídos, varejam todas as possibilidades de ajuda financeira, que é preciso dinheiro e grosso — correm listas de donativos, achacam-se potentados patronais oscilantes entre a cruz e a caldeirinha, empresas, instituições e até entidades oficiais conseguem passagens aéreas, rodoviárias e ferroviárias. Já chegou uma apreciável quantidade de teses e moções de apoio, quantas outras são esperadas, há adesões entusiásticas Brasil a fora, mas há também escusas e desistências mais ou menos previstas, pela razão de terem transparecido, como era impossível deixar de acontecer, as intenções bem pouco literárias da reunião — flechadas na ditadura periclitante — e seguro morreu de velho é ditado posto em prática pelos cautelosos.

Que lá irei fazer se tenho como bem único, e consolação de um caminho escolhido e difícil, a literatura que resiste, dentro de nós, a todas as agressões, opressões e restrições políticas? Contudo irei pois é preciso pagar o tributo da co-

ragem pessoal e de algumas idéias libertárias, embora confusas, carregarei Francisco Amaro, que necessita sair do buraco e mostrar o que vale, e soube, sem que reclamasse avião como outros fizeram, sentindo-se desprestigiados, que nos caberão passagens de trem diurno — uma esfrega! Se as coisas saírem mal... Bem, alinham-se corajosos em demasia — é a opinião de Adonias, que não comparecerá — para que o quarto prometa ser tão escuro.

4 de janeiro

Quarto escuro era promessa materna, nunca cumprida aliás, para a punição de travessuras da pequena tribo no Trapicheiro. Quarto escuro, corte da sobremesa, puxão de orelhas — tudo requintes de educação francesa, suponho. Atualmente a educação se americaniza — embalamo-nos na era das rédeas soltas, da conversa de pai para filho...

E de sol anda hoje o dia cheio. Avante, astro radioso, fonte de calor e vida, cautério de tanta gangrena terrenal, inunde de luz meus torvos labirintos!

5 de janeiro

Funerais de Romain Rolland num pequeno cemitério de Clamecy, orlado de choupos. Lá nasceu, lá desejava ser sepultado — a volta ao ovo. A obra, que fez furor, traduzida em todas as línguas da terra, já estava um pouco enterrada sob a areia de um tempo convulso e antigermânico, em que se confundem germanismo e nazismo.

Jean Christophe me apanhou desprevenido, senti-o maravilhoso, mas após o terceiro volume o interesse decaiu.

Adonias zombava naquele tempo juvenil:

— É um lambão!

E ainda hoje zomba, com as primeiras cãs ignobilmente disfarçadas por tinturas que provocam alergias:

— Pacifista com açúcar *candy*.

— Já sei aonde quer chegar. Guerra é necessário. Guerra mata gente. Há gente demais no mundo.

— És muito sutil...

— Malthusiano de meia-tigela!

Romain Rolland... Ainda folheio o seu *Beethoven*, embora ouça o grande surdo com alguma parcimônia.

7 de janeiro

Montgomery, agora marechal, é o artigo do dia nas manchetes. Tem pescoço de galinha pelada, usa boina e investe

Alemanha adentro com aquela pertinácia britânica, parenta dos bulldogues, que já evidenciara na África, onde levou algumas rabiças sem perder a cabeça. Por outro lado, o General Patton — o das mandíbulas quadradas — dá duro nos nazistas para forçá-los a recuar e nos ianques para forçá-los a avançar, e o murro nas ventas de subalternos faz parte dos seus másculos métodos de persuasão guerreira.

Cléber Da Veiga não poderia perder tão admirável ocasião de exhibir profissão de fé e aprontou tese para o Congresso de Escritores: *O apolitismo dos intelectuais*. Incontido, serve antecipadas e fartas fatias do bolo aos frequentadores da *Livraria Olimpo*, mais movimentada nestes dias de expectativa congressional. Dá gosto ouvi-lo: “O apolitismo dos intelectuais é apenas uma posição conformista, fuga a um dever elementar de cidadania”... E mais gosto ainda vê-lo pontuar a prosa partidária, cristalina e democrática, com pattonianos murrões iniludivelmente endereçados aos vermes apolíticos da grei literária, à qual se adere insolitamente como ostra em casco de navio.

Para toda espécie de mistificação, adesão e truísmo há aplausos:

— Muito bem! Quem quiser que ponha a carapuça...

Animado, o cristão-novo prossegue antecipando mais tiradas da metafórica distribuição de carapuças. Adonias foi ouvinte de algumas:

— É um asno incomparável! Nunca me enganou. Vai longe...

20 de janeiro

O sensível Francisco Amaro chegou e, impenetrável a certas peculiaridades da natureza humana, ainda uma vez me irritou não querendo se hospedar comigo, alegando tão inconsistentes quão teimosas razões.

— Dou a minha palavra de honra que não há percevejos na cama, nem sofremos de moléstia contagiosa, como também forneceremos a sua habitual beberagem inglesa em vez de café. Intragável, por sinal!

Não lhe causou mossa o desabafo e gastou a medular modéstia, por vezes exasperante:

— Você me metendo nestas embrulhadas. Quem sou eu!

— Os acontecimentos estão tomando um caminho decisivo, velho urso. Vai sair mel daquele pau, mel talvez histórico. Você precisaria estar presente. Testemunha ocular e

participante condigno. É mais importante do que presenciar a fabricação de pregos e morim.

— Deve ser gozado — concordou.

— Ponha no surpelativo.

21 de janeiro

A longa viagem de ida!

— Vão madrugar na estação — motejou Luísa, sonolenta, acompanhando-me no cafezinho, que ela mesma coara, pois Felicidade fora papar a sua missa com véu preto sobre a carapinha.

— Mas jamais perderei um trem, um avião, a condução que for! Não é da minha religião.

— E eu perdi algum, por acaso?

— Você, por acaso, já viajou sem mim? Só se foi em sonho.

— Vamos com calma! Fui uma vez a Campo Belo. Perfeitamente acordada.

— Com dez anos.

— Doze! — riu.

Levantei-me da mesa:

— Volte para os lençóis. Você está morrendo de sono.

— Vou voltar. Dormi ontem muito tarde. Levou tudo direitinho, não se esqueceu de nada?

— Claro! — fui eu que fiz a mala...

As 5 horas, em ponto, Francisco Amaro passou de táxi na minha porta, as luzes ainda estavam acesas. Já lá me encontrava eu, maleta na calçada, fumando, apreciando os primeiros movimentos do dia nascente, e, a certos instantes, parece que madrugadas da infância vêm a mim trazidas pelo frescor do alvorecer, madrugadas de embarque algumas, como aquela em que papai nos levou a Mendes — a minha iniciação ferroviária, com matalotagem de galinha assada, e Emanuel engasgou-se com a farofa, não parava mais de tossir.

— Só esta maleta?

— Dá de sobra, ué! Não vou para ficar...

— Tardava a piada... — e mostrando a avantajada mala de couro ao lado do motorista: — Acho que levo tralha demais.

— Roupas em excesso também tem suas vantagens. Pode haver uma greve de lavadeiras.

— Outra! Acordou com boa disposição...

— Ótima! E parece incrível que você não tenha ainda desconfiado de que não gosto de carregar mala grande. É o amor pela previdência. Imagina se falta carregador... Pegar peso é chato! Nem posso pegar muito peso.

— Molengão!

— Prescrição médica.

— Quando você perde esta mania de doença? Parece um nosocômio.

Chegamos cedo à estação com cheiro de fumaça, raros se adiantaram a nós, nem a composição havia encostado, mas pouco a pouco, a plataforma se encheu. O trem, aumentado de três vagões especiais, que sairia às 6, saiu às 7 e sem carro-restaurante. Choveram reclamações, como pingaram conciliações e ditinhos:

— Bonita perspectiva!

— Vão ser umas dezoito horas de viagem. Não há rabo que agüente!

— Se o Gerson Macário fosse, agüentaria...

— Tu te preocupas muito com o Gerson...

— Temos que sofrer! Enquanto outros vão no macio...

— É preciso olhar as coisas com *fair play*.

— Não me venha com *fair play*! Velhacaria da grossa!

— A Direção da Central fez isso de caso pensado. Para desancar mesmo a negrada. Sabe que este não é o rápido, sabe? É o expresso. Chamam-no de *Expresso da Morte*... Vai em passo de cágado, parando em todas as bibocas!

— Cavalos não se olha o dente, minha gente!

— Você forçou a rima, mas que é uma desconsideração, é! Veja ali aquele velho. É um escritor refugiado, vítima do nazismo. Tem oitenta anos. Enquanto uns folgados ficam em casa para ver em que dá a coisa e depois aderir, ele aqui está rente como pão quente.

— É capaz de morrer no caminho...

— O europeu é duro na queda. Tem consciência dos deveres. Por isto é que há *maquis*.

O trem põe-se em marcha, afinal, num moroso desfile de subúrbios cariocas ainda com chácaras e quintais, latifúndios da minha ternura.

Houve uma agitação de conversas, iam de banco em banco, sentavam-se nos duros braços de madeira, desfiavam comentários e anedotas:

— A minha tese é apenas uma manifestação de apoio e uma forma de definição. Não tem outro valor.

— Modéstia. Seu mal é a modéstia...

— A panela vai ferver! Muita gente vai dançar o miudinho.

— Eu vi uns caras conhecidos. São tiras. Vão nos seguindo.

— E tu pensavas que iríamos em branca nuvem? Tem graça!

— Alguém viu o Martinho Pacheco? Jurou que vinha.

— E veio.

— Duvido!

— Não sou cego. Está no outro vagão.

— Então está bêbado. Conheço aquela bisca.

— Vocês ouviram a rádio de Berlim, ontem?

— Não ouço tal imundície!

— Pois devia ouvir. Devemos estar informados de tudo. De um lado e de outro. Estão se rebolando!

— Estão pela bola sete!

— Lá e cá...

Mas sobreveio o cansaço, alguns, voltando aos seus lugares, mergulharam na leitura de jornais e somente o velho escritor exilado trazia um livro, outros mergulharam no sono interrompido, mal acomodados nos bancos, a cabeça encostada contra a vidraça. E o trem ia se arrastando. O calor entrou em ação, o pó penetrava pelas janelinhas imprudentemente abertas, os ventiladores não funcionavam, no Túnel Grande quase ia morrendo gente sufocada. E faltou água logo nos bebedouros — a cada parada, havia a corrida aos botequins à cata de água mineral, quente no mais das vezes e mais cara do que gasolina. Francisco Amaro, que detesta água mineral, atirava-se para as bicas, bebia a valer. Nas alturas de Guaratinguetá, bebeu a água mais imunda que já se viu sair de uma torneira.

— Isso é bebedouro de animais!

— Vai de qualquer maneira.

— Só de ver dá cólicas!

— Você não tem medo de apanhar uma doença, Francisco Amaro? Tifo não é brincadeira! — e Natércio Soledade estava sinceramente impressionado com a insensatez.

— Medo de quê?!

— É a corajosa irresponsabilidade...

— Não seja maricas!

Resplendente ao sol, o Paraíba mostrava as suas águas, outrora navegáveis, cada ano mais baixas, capadas pelas hidrelétricas e pelo criminoso desflorestamento. Peguei um jornal desgarrado, fui direto à página de esportes:

— Hoje os brasileiros estréiam em Santiago. Contra a Colômbia. É a primeira vez que se encontram.

— É uma notícia muito importante...

— Futebol é importante, Francisco Amaro. Importantíssimo. Você um dia reconhecerá, mesmo não gostando.

E retornei à leitura, enquanto ele, começando a cabecear, acabou cochilando, acordando sobressaltado a um maior solavanco do trem.

— Não foi descarrilhamento, Chico. Não precisa ficar assustado. "Dorme que eu velo, sedutora imagem"...

A fome bateu em cheio, não havia porcaria em tabuleiro de estação que não fosse vorazmente consumida. Para distrair o estômago, o literato baiano enxugou uma garrafa inteira de parati e caiu num pifão doido. A comunistazinha veio oferecer sanduíches de queijo. Francisco Amaro aceitou, eu não — queijo nem em estado de inanição! E ficou proseando, proseando, os seios pequeninos e duros, os dedinhos sujos de nicotina — a conquista das lideranças sindicais era o forte da sua conversa politizada. Afinal se foi, requebrando-se pelo corredor atravancado de malas.

— Um alfenim, não é?

— Gostou? Há quem goste de ossos.

— Casada com quem?

— Usa aliança como as freiras... É casada com a massa operária, camponesa e estudantil.

— Não!

— Dá em cima, que ela cai, Chico. Não faz outra coisa na vida partidária. Não desconfiou que vir oferecer sanduíches foi um pretexto para te cantar? Há *galinhas-verdes*... Esta é vermelha...

Francisco Amaro espreguiçou-se:

— Estou todo dormente.

— Vai ficar pior. Ainda não estamos na metade, sabia?

— Você é que é o culpado, ora essa! Podíamos estar em casa bem descansados.

— Valerá o sacrifício. Garanto que vai ser uma boa experiência. Para você, entenda-se.

— Não sei por que para mim!

— Mas eu sei.

— Você é um animal.

Era perto de meia-noite quando chegamos a São Paulo — fábricas! fábricas! fábricas! Infectos, caindo aos pedaços, apeamos. Uma comissão nos aguardava para as boas-vindas e para encaminhar-nos aos hotéis. Mário de Andrade, no meio, chapéu desabado na frente, abraçando muito e sendo muito abraçado. O velho escritor exilado, como um grou vestido, chegara vivo e lá ia levando o livro no sovaco — Montaigne!

22 de janeiro

O primeiro cuidado de Francisco Amaro, de manhãzinha, foi passar telegrama para Turquinha, nada econômico, comunicando que chegara bem.

Guardo comigo, como dádiva às vezes conseguida, o quanto é saudável e maravilhoso, por céleres dias ou breves momentos, ver cortadas as amarras sentimentais, caminhar livre e longínquo de qualquer compromisso. E espero, com um sorriso velhaco, que ele expeça a desvelada mensagem:

— Dinheiro posto fora, Chico. Se houvesse um desastre, saberiam imediatamente. Os infortúnios voam rápidos como o vento, as venturas é que têm chumbo nos pés.

— Animal!

— Deu seu endereço aqui? — e paro diante do sinal, que o encapotado grilo comanda com porte estrangeiro.

— Não — responde, vexado.

— Pois é... Seria importante... Olvida que as desgraças podem ser bilaterais... E marchemos para a sede da gloriosa ABDE. Vai haver encontro preparatório...

Fomos e havia, concorridíssimo. Chico não conhecia quase ninguém — ia apresentando-lhe gente.

— É no que dá ser bicho-do-mato. As relações humanas são necessárias, velho. O círculo familiar não é tudo, nem o bastante. O mundo é maior... Veja como você é conhecido de nome sem o saber. Contatos, meu caro...

Francisco Amaro balança os ombros, com descrédito:

— Conhecidíssimo!

— Só um besta casmurro não reconhece isto, Chico! O que você fez na sua cidadezinha repercute. Não adiante essa casa de asno.

Às 16 horas um solzinho europeu e tristonho empurrava os congressistas para a sessão inaugural no Teatro Municipal, que é pobre demais para tanto orgulho paulistano. Há mais gente do que supunha e menos do que pretendíamos. A ecolalia é substância básica das conversas como o foi dos discursos. Notam-se roupas de caruá, algumas calças listradas, o chapéu de Gina Feijó, tão convicta da sua participação, tem a sensacional dimensão de um guarda-sol de praia e há os que, com vocação de bedel, contam os faltosos:

— Ele garantiu que viria.

— Que esperança! É o cauteloso pouco a pouco...

Cléber Da Veiga não perdoa:

— Acomodado é o que ele é!

Francisco Amaro continua a desconhecer os seus pares:

— Quem é este?

— Como você acabou de ouvir, é uma besta.

Paulo Emiliano passeia as pernas de cegonha e o cigarinho de palha — dá-me notícias de Garcia. Tarso Mendes lembra bastante Mário de Andrade pelas grossas linhas do rosto combinando com as grossas lentes — tão míope! E Mário de Andrade gasta chapelão desabado e boca mole para falar:

— Que gostosura!

É um ídolo e sob a sua asa polimorfa maitacam os implumes provincianos deslumbrados — alguns o viam pela primeira vez, conquanto nas remotas gavetas guardassem dezenas de cartas íntimas dele — e a turiferação entra pela madrugada entre chopes do *Bar Franciscano*.

Zagalo ofereceu recepção em sua residência, em cujas paredes só se penduram quadros pintados por ele.

— Está cercado dos seus artistas prediletos — moteja o pintor carioca, que compareceu ao farrancho representando os artistas plásticos da metrópole.

Que bela mansão! Os altos muros escondem no parque a glória das zínias da múltipla coloração, em contraste com o verde maciço dos ciprestes e das casuarinas que ultrapassam a vedação. Marcelo Feijó não agüentou três uísques do anfitrião — já vinha com mais de vinte no pandulho e desabou na sala, foi carregado para um aposento privado e precisou de socorro médico, acidente que incomodou claramente o dono da casa.

— Como bebe! — comentou Francisco Amaro.

— Hoje até que está sóbrio. . .

Sou um pobre soldado em que se não pode ter confiança. Um general da altura moral de um Julião Tavares não se deixa enganar, mas também não vai ao extremo de perder um voluntário. Descarrega o golpe estratégico:

— É meu candidato à Comissão de Direitos Autorais!

A unânime aclamação é risível — pobres-diabos! E Tarso Mendes e Francisco Amaro vêm me fazer companhia. . . Bem pouca importância têm para o conclave as questões de direitos autorais — pouquíssimos escritores podem se dar o luxo de viver deles e a culpa nem cabe aos editores, devotados até num país de intenso analfabetismo. Mas com tal Comissão se fica livre de alguns impertinentes ou duvidosos, rebanho aquele de excessivas ovelhas negras e certamente de olheiros da Polícia. Quem representará papel proeminente é a Comissão de Assuntos Políticos, cujos membros já estavam na algibeira dos promotores — ó falaz Democracia!

Volta-se ao hotel trazendo em todo o corpo o peso do agitado dia.

— Está vendo, Chico, como é a coisa? Marginalizados. . .

23 de janeiro

Cá temos a Comissão de Direitos Autorais em plena função — pura galhofa! A presidência, que me fora dada, troquei-a pelo secretariado com Tarso Mendes, autor de obras sobre a embaralhada questão, e assim os trabalhos marginais do conclave andarão em melhor passo. Por incrível que pareça há teses, muitas teses, e algumas sensatas. A novelista da moda, que não almeja a tanto, apresentou a sua e rondou a reunião na evidente intenção de impressionar e pressionar com a presença em festivo vestido — providências severíssimas, inadiáveis para as emissoras que radiofonizavam suas novelas, especialmente as de caráter histórico, sem o menor respeito aos originais e sem um chelpa sequer de direitos! O medita-bundo representante do Espírito Santo, juiz aposentado e poeta de água doce, foi relator conspícuo, muito soprado pela interessada e a tese foi aprovada — acau-telem-se, ó radialistas!

Em salão contíguo, fervia a Comissão de Assuntos Políticos como cauim em taba timbira. O vozerio redentor e antropofágico atravessava as paredes permeáveis — fervor democrático em forma de fero radicalismo. E a noite desceu com chuvinha rala. Saímos. Afinal não se perdeu o dia —

levo pelo braço Tarso Mendes. É um camarada simpático, versátil, compenetrado, muito seguro do que diz, e jovial embora aparentemente sisudo. Também foi chutado para a Comissão de Direitos Autorais por medida de precaução.

— Serve como parada de valores.

— E de antivalores!

— De ambições políticas frustradas, não devemos nos esquecer.

— Cortadas seria mais próprio dizer.

— Sim, seria.

Francisco Amaro também foi honrado com a Comissão de Direitos Autorais. Leva a sério a missão de ler teses e tem pressa de ir para o hotel debulhar o monte delas que puseram em seu lombo.

— Não exagere os escrúpulos.

— Se temos de fazer, façamos hoje.

— Não lhe gabo o gosto...

— Não quer antes beber uns chopos no *Franciscano*?

Lá o chope é ótimo! — tentou Tarso Mendes.

Francisco Amaro resistiu bravamente à sedução. Paramos na banca de jornais. A *Gazeta Esportiva* está aberta sensacionalmente: Brasil 3, Colômbia 0. São as vitórias!... E Francisco Amaro sorri desdenhoso para os comentários que, a propósito, trocamos eu e Tarso Mendes.

24 de janeiro

Segunda sessão plenária no Centro do Professorado Paulista, algo monacal. Julião Tavares é um pseudópodo.

— Cinco gigantescos exércitos marcham aceleradamente sobre Berlim. (Natércio Soledade, meio apagado na reunião.)

— Lavra o pânico entre os berlinenses. (Um congressista desconhecido.)

— Vão ver que pimenta no rabo dos outros também arde! (Cléber da Veiga, muito indócil.)

— Como você sabe que são gigantescos, Natércio? (José Nicácio, pausadamente.)

Compro um presente para Luísa.

25 de janeiro

Mais sessão plenária, agitadíssima. Oswald de Andrade brilha como um sol, Ribamar Lasotti como um pobre vagalume. Cléber Da Veiga especializa-se em apartes, cabíveis ou não. As teses são carapuças:

“O Estado totalitário e a Vida Intelectual.”

“O Escritor e a luta contra o Fascismo.”

“O Intelectual em face do problema da liberdade.”

“Democratização da Cultura.”

26 de janeiro

Os tiras estão na sombra, pisando macio, obedecendo a ordens superiores de deixar correr o marfim, não ponhamos dúvida. Respira-se uma efervescente e embriagadora atmosfera de liberdade há muito não usufruída — enchamos os pulmões!

27 de janeiro

Foi ouvida de pé a Declaração de Princípios do I Congresso Brasileiro de Escritores:

“Os escritores brasileiros, conscientes da sua responsabilidade na interpretação e defesa das aspirações do povo brasileiro, e considerando necessária uma definição do seu pensamento e de sua atitude em relação às questões políticas básicas do Brasil, neste momento histórico, declaram e adotam os seguintes princípios:

Primeiro — A legalidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão de pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito a uma existência digna.

Segundo — O sistema de governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto.

Terceiro — Só o pleno exercício da soberania popular em todas as nações torna possíveis a paz e a cooperação internacional, assim como a independência econômica dos povos.

Conclusão — O Congresso considera urgente a necessidade de ajustar-se a organização política do Brasil aos princípios aqui enumerados, que são aqueles pelos quais se batem as forças armadas do Brasil e das Nações Unidas.”

28 de janeiro

A 146 quilômetros de Berlim as vanguardas soviéticas. — — — Modesta vitória do Brasil sobre a Bolívia. Dois a zero. — — — O tédio de mistura com a fé teimosa nos destinos do Brasil. — — — Vou voltar de avião por gentil bonificação de Francisco Amaro e Natércio Soledade quase morre de inveja.

29 de janeiro

Volto na tarde mormacenta. A mesma porta envernizada me esperava e tudo o que ela fecha de sagrado e de profano.

O EPISTOLÓGRAFO

Rio, 4 de março de 1969

Caro Josué

Muito obrigado pelas atenções de vocês aí com os forasteiros. Estive três dias em Madri — frio e mais frio. Depois, passamos doze em Lisboa, que não era o jardim à beira-mar plantado — frio e chuva. Mas no convívio com alguns amigos, o tempo passou agradável e me diminuiu a preocupação ocular. Otto Lara recebera carta sua e boa.

Agora aqui estou. Dr. Costa Fernandes veraniava na serra e somente esta semana irei ao consultório acertar meus ponteiros. De tudo depois darei informação melancólica... (Veraniava é com i ou com é?)

A Academia se pinta por fora. João Cabral virá cá pra casa esperar o dia 6 de maio. Dr. Levi teve um treco em Petrópolis, mas já está mais ou menos refeito. O resto marcha bem. Mas sua estadia parisiense creio que é oportuníssima.

Afetos nossos para Ivone. Abraços do Rebelo

Rio, 14 de maio de 1969

Caro Josué

Soube ontem pelo Jornal do Brasil que você sofrera um desarranjo, logo sanado. Mesmo assim aqui estou para saber de mais tranquilizadoras notícias tão pronto você as possa dar.

Quanto a mim, em virtude de mau funcionamento dos nervos, estou tomando medicação acalmante para me sujeitar a operação.

Afetos nossos para vocês. Rebelo

Rio, 12 de agosto de 1969

Caro Josué

Já estou de volta do Hospital dos Servidores, depois de seis dias de internamento. Fui operado do olho esquerdo — enorme a catarata. Tudo correu às mil maravilhas, dada a competência do Dr. Rui Fernandes. E não só competência, foi dedicadíssimo. Um novo amigo e devo-o a você.

Agora é ter paciência. Uns quinze dias de curativos até que Dr. Rui ache que deva tirar os pontos. Mas não posso nem ler, nem escrever, nem ver televisão, enfim não posso firmar o olho ainda bom, pois diz o doutor que o esforço muscular será de ambos e isto complicaria a cicatrização. Mas estou muito esperançoso. Estava numa fossa danada, sem a menor confiança em mim. Naturalmente terei ainda a adaptação de lentes e depois será dito quando terei de fazer a operação no outro olho. Mas creio que isso demorará, pois a vista direita não está lesada como estava a esquerda.

Dr. Rui me disse que você tinha escrito e ele iria, em tempo, responder, dando conta do serviço.

Até aqui são notícias felizes. Mas também temos notícias tristes, tristíssimas. Nosso Múcio sofreu ataque cardíaco e está hospitalizado e, segundo Ataíde, ontem aqui em casa, não há possibilidades de salvação. É um problema de aneurisma adiantado. Hoje informam-me por telefone que seria tentada uma operação. Esperemos que dê certo.

Como não posso escrever, já acima dito, cabe a Elza datilografar estas linhas, ditáveis com um olho só.

Desejamos a vocês os maiores êxitos aí, tenho sabido de alguns trabalhos já realizados, e qualquer dia destes voltarei à presença de você, não sei se de próprio punho já.

Afetuosamente, Rebelo e Elza

Rio, 3 de setembro de 1969

Caro Josué

Dadas as excelentes condições com que se processou a cicatrização do olho esquerdo, voltei ao hospital e operei o olho direito. Doutor Rui Fernandes procedeu com a mesma perícia e o mesmo carinho. Agora estou em casa, mas não vejo nada e somente quando se fizer a cicatrização do olho direito é que o Dr. Rui vai me prescrever as lentes. Enquanto tinha um olho ainda bem, mesmo mal, ia ao consultório para os curativos. Agora Dr. Rui tem vindo fazê-los aqui, logo cedo. Me sinto muito bem, bastante aliviado e na esperança de dentro em breve poder começar a funcionar. Claro que as horas custam muito a passar quando só se pode ouvir. Mas Elza entrou em férias e faz de guia de cego, inclusive lendo os jornais, cada dia mais trágicos.

E a tragédia tem atingido a nossa Academia. De maneira contínua. Como você bem diz, a bruxa anda solta. Como Ataíde pintou por fora toda a Academia, é possível que a novidade seja o motivo da atração. Mas temos que nos conformar com a nossa condição humana e acadêmica. Afinal aquilo é uma casa de velhos e na qual você seria das únicas exceções. Portanto, muito favorável ao desempenho da Parca. E nem por tanto se morrer lá diminui a afluência de candidatos. Andamos agora às voltas com uma dezena deles. Tenho cá meus compromissos que cumprirei, assim como cada companheiro terá os seus a cumprir.

No meio das minhas condições de toupeira humana, recebo provas da nova edição do *Trapicheiro*. Claro que entreguei a amigo para cuidar delas e não atrasar muito. Paulo Silveira vem atacando o ardor dos linotipistas em errar.

Folgo em saber que você virá ao Rio para férias natalinas. Como correu o boato em jornal lido por Elza que seria em dezembro, isto é, novembro, estímulo para que deixe as coisas para dezembro mesmo. O ambiente está ótimo para se estar longe dele.

Como da outra vez que te escrevi, Elza é que cuida de datilografar estas linhas, que creio não irem confusas.

Muitas felicidades para vocês é o que desejamos, mas hoje nem posso assinar esta carta.

A bolsista de que você falou aqui chegou. É jovem, linda e muito despachada. Já se integrou no Maracanã, acompanhando com o maior entusiasmo as eliminatórias futebo-

lísticas. Esta semana deverá voltar aqui para conversarmos sobre a sua tese. Preparatoriamente já lhe fornecera algum material. É a glória!

Rio, 17 de julho de 1970

Caro Josué

Em dezembro, Dr. Rui determinou que começasse a sair sozinho. Assim foi, mas não me dei bem. A adaptação não se fazia normalmente. Sobreveio uma angústia terrível, fui obrigado a me submeter à psiquiatria e na brincadeira levei quatro meses e pouco. Só agora as coisas entraram nos eixos. E em setembro próximo ainda mudarei lentes. Mas foi um tempo terrível. Felizmente podia ler e li como o diabo. Normalmente papava dois livros por dia! E dormia, dormia — os nervos em pandarecos pediam-me fuga.

Mas como já disse são águas passadas. Estou firme, o resto são pequenas mazelas de quem envelhece — suportáveis e inevitáveis. (Fique sempre jovem?)

Soube que em setembro você bateria as asas de retorno. Por mim, ficaria até o Natal. Para sentir mais um pouco de friozinho parisiense. Mas você é quem sabe.

Vai esta a mão, pois ainda não domino muito acertadamente as teclas. Diabo é que não sei fazer letra boa como a sua. Decifre o que puder...

Abraços nossos para vocês. Seu velho Rebelo

Rio, 1.º de julho de 1972

Caro Josué

A respeito da citação de palavras minhas, feita pelo jornalista S. Nery de *Politika*, cujo objeto fosse a sua pessoa, fiquei muitíssimo aborrecido, como não era para menos.

Escrevi ao jornalista da maneira mais seca, contestando a textualidade das palavras citadas, informando que não se referiam a Josué Montello, a quem testemunhava alto apreço e com quem mantinha velha amizade, citação cuja autenticidade podia ser averiguada no número de abril da revista *Senhor* — 1961.

E aqui envio a você a cópia assinada da carta remetida.

Abraços do Rebelo.

O BIÓGRAFO

Manuel Antônio de Almeida

Folheando um guia da cidade do Rio de Janeiro, neste ano tão atribulado de 1942, computamos que existem três mil oitocentas e noventa e nove ruas, quatrocentas e trinta e nove travessas, duzentas e vinte e oito praças, duzentas e vinte e oito estradas, noventa e oito avenidas, sessenta e três becos, sessenta e um largos, cinqüenta e quatro praias, trinta e seis ladeiras, dois parques, além de campos, caminhos, jardins, cais, pontes, viadutos e estações, num total de cinco mil duzentos e sessenta e sete logradouros públicos.

Quando não de bronze agressivamente imortal, as placas de esmalte azul e letras brancas guardam tantos nomes de tanta gente sem importância, vagas donas Marias, donas Luíças, donas Franciscas, Ritas, Júlias, Joaquinas, vagos doutores, vaguíssimos almirantes, generais e senadores e até mesmo há umas engraçadas Ruas Alfa, Beta, Gama, Delta, quase todo um alfabeto grego enfim num subúrbio bem pouco helênico da Central. Mas em nenhuma placa está gravado o nome do seu filho Manuel Antônio de Almeida, quando já se passaram oitenta e um anos de sua morte e cento e onze do seu nascimento.

* * *

Em 1831, o Rio de Janeiro, na voz unânime dos viajantes, não constituía nenhum modelo de limpeza — ruas estreitas

e tortas, cortadas ao centro por uma vala onde se acumulava toda espécie de imundície, casas sem luz, nuvens de moscas, nuvens de mosquitos, tifo, malária e febre amarela endêmicos, que as procissões noturnas, de encapuçados, não debelavam, e por toda a parte baratas, lacraias, cupim, feiúra, descaso, negligência e abandono.

A Praia da Gamboa, que hoje, assim como o famoso Saco do Alferes e a Praia do Valongo, não existe em virtude do aterro do Cais do Porto, era quase um subúrbio do Rio e um tristíssimo subúrbio. Dominada pelo cemitério dos Ingleses, caminho obrigatório das barcaças do Caju, de praia tinha muito pouco. Era um mangue insalubre, malcheiroso, paraíso de mosquitos, de urubus e de caranguejos. Mas, apesar de tudo, piscoso, tanto assim que o seu nome vem de certa armadilha, chamada gamboa, que os pescadores faziam para apanhar o peixe. Quando a maré era mais forte, a lama preta atingia as últimas casas da Rua do Propósito, que terminava na praia e que, por um inaudito milagre municipal, ainda conserva o mesmo nome. Essa rua era mais uma vereda, com raras casas, casas humildes, habitadas por gente pobre, e foi numa dessas casas que, filho legítimo do Tenente Antônio de Almeida e de Dona Josefina Maria de Almeida, ambos portugueses, como tudo faz crer, nasceu Manuel Antônio de Almeida, a 17 de novembro.

Havia divergências quanto ao ano. Firmando-se em 1831, liquidou-as o Doutor Luís Filipe Vieira Souto que, em 1931, pesquisando para as comemorações do centenário de nascimento do romancista, encontrou nos arquivos da então Faculdade de Medicina a certidão de matrícula de Manuel Antônio de Almeida, hoje infelizmente perdida pelo bolor e pelo desleixo administrativo, pela falta de respeito, principalmente, aos legados do passado, que tem sido, até agora, como que um dos traços predominantes do caráter nacional.

Em 1840 já estava sua família nas imediações da igreja do Bom Jesus do Calvário e Via Sacra, que ficava na esquina da Rua Uruguaiana com a Rua General Câmara, respectivamente, então, Rua da Vala e Rua do Sabão.

Pouquíssimo se sabe da sua primeira infância, e Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, que foi seu companheiro de juventude, nada nos conta a tal respeito nas páginas que escreveu sobre o amigo para a edição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada em 1876, na série:

“Leituras Populares”, do editor Dias da Silva Júnior, com o subtítulo de “Romance de Costumes Brasileiros”.

Trajando rubicão de lila, calças de brim escuro, e levando a tiracolo uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel freqüentaria, provavelmente, uma escola tico-tico, em algum escuro sobradinho de grade de pau da estreita Rua dos Cachorros, sob o regime da palmatória — a santa férrula, como a chamavam os mestres-escolas — engolindo a escassa ensinança que era servida, mas fartamente temperada com princípios de religião e moral cristã. Atrás de passarinhos e lagartixas, faria gazetas no morro do Livramento, no morro da Conceição, ou no Campo de Sant’Ana, que não era naquela época essa “construção de *gentleman*” de que nos fala mestre Machado no seu célebre *Conto de Escola*. Acompanharia como todos os meninos a via-sacra do Bom Jesus, “espécie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas e povo em grande quantidade”, os padres rezando, o povo acompanhando a reza, “ato que satisfazia a devoção das carolas e dava pasto e ocasião a quanta sorte de zombaria e de imoralidade lembrava aos rapazes”.

O que se sabe de verdade é que a família, embora morando em melhor zona, continuava passando uma vida de sérias dificuldades, pois o tempo já não era aquele de tão poucas preocupações, em que se passam as *Memórias* — tempo do rei, “tempo em que a demanda era um elemento de vida e que as ações dos outros eram o principal cuidado de quase todos”.

Seu pai, um pobre militar, morreu pouco depois de terem vindo para o centro e foi Dona Josefina que se viu na contingência de prover as necessidades do pequeno e modesto lar. Bethencourt da Silva chamava-a *anjo benéfico*. Cheia de grande doçura e de uma enorme capacidade de luta — que também seriam as maiores características de seu filho Maneco, como era tratado por ela, pela família e pelos amigos —, sua casa e seu coração estavam sempre abertos aos amigos do filho, que encontravam nela uma outra mãe de inefável ternura. Por seus filhos (e eram quatro, dois meninos e duas meninas, sendo Maneco o segundo do lote), ela lutou com bravura e muito possivelmente não foi por outra causa a sua morte relativamente prematura.

Parece que Maneco foi para ela o tesouro precioso das suas esperanças — e talvez não fosse inteiramente suposição

que ela quisesse fazê-lo clérigo, assim como o padrinho barbeiro do romance queria fazer clérigo ao endiabrado afilhado: "Clérigo?... Um senhor clérigo é muito bom... É uma coisa muito séria... Ganha-se muito... Pode um dia ser cura. Está dito, há de ser clérigo... Ora, se há de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé." Mas, tal como o herói das *Memórias*, Maneco também não foi padre.

* * *

O Colégio São Pedro de Alcântara era um colégio brasileiro, quando imperava o gosto pelo importado e prosperavam na cidade muitos estabelecimentos estrangeiros, tanto assim que com justiça e ironia criticava o padre Lopes Gama: "qualquer francês, qualquer inglês, qualquer suíço, etc... qualquer abelha mestra desses países... aporta... e não tendo outro gênero de vida, diz que vem repartir conosco das suas muitas luzes!" E foi no Colégio São Pedro de Alcântara que Manuel Antônio de Almeida fez os seus preparatórios com razoável aplicação, mas com irregularidade, pois por falta de recursos muitas cadeiras ele se viu obrigado a estudar sozinho. Por diletantismo ou por influência de Manuel de Araujo Porto Alegre, que era poeta e pintor, mau poeta e mau pintor, estudou desenho na Academia de Belas-Artes, onde pontificavam mestres franceses, mas logo abandonou-a sem ter feito mais que um pouco de desenho de figura.

Em 1º de abril de 1848, obteve plenamente em latim e simplesmente em francês, filosofia, aritmética e geometria, no exame de habilitação que fez para a Faculdade de Medicina, que viera da Rua dos Barbonos, 66⁽¹⁾, um pardieiro, para o sopé do Castelo, junto à Santa Casa da Misericórdia, em prédio que ainda hoje lá se encontra, quase sem modificações, à esquerda da igreja da Misericórdia, que fica no largo do mesmo nome, prédio construído especialmente para o primeiro hospital que se levantava cá nestas bandas da América, construção que teve o dedo de Anchieta. Tinha a Faculdade de Medicina, como diretor, a figura importantíssima do lente jubilado Doutor José Martins da Cruz Jobim, "do Conselho de S. M. o Imperador, Senador do Império, Comendador das

(1) Hoje Rua Evaristo da Veiga.

Ordens de Cristo e da Rosa, Médico da Imperial Câmara, Membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, Nápoles e Lile”, como pomposamente constava impresso nos diplomas, mas, contradizendo as galas do diploma, a Faculdade, embora em outro edifício, continuava com instalações que não diferenciavam muito das miserandas instalações da Rua dos Barbonos, em guerra franca com a higiene, privada de aparelhos e pessoal, sobrevivendo quase que exclusivamente do altruísmo dos professores.

Doutorar-se em medicina, numa época em que ser doutor importava muito, era o modesto recurso em voga para os que não podiam ir bacharelar-se em São Paulo ou em Olinda. Não era, portanto, uma verdadeira vocação, e havia, a pesar, o forte preconceito ainda existente contra os médicos, e mais especialmente contra os cirurgiões, reminiscências dos tempos coloniais, em que os cirurgiões não eram incluídos entre os *homens bons* capazes de governar a terra e mesmo entre os jesuítas, enfermeiro e boticário não eram padres, mas simples irmãos coadjutores, como o irmão cozinheiro ou o irmão pedreiro...

Mais tarde, no seu célebre romance, só trataria os personagens enfermos com sangrias de barbeiro, ervas, rezas e feitiço e, de modo mais positivo, ironizaria a profissão escolhida no seguinte trecho:

“Todo barbeiro é tagarela e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês.

— Ó mestre! Disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir, conosco... para curar a gente a bordo; morreu-se ali que é uma praga.

— Homem, eu de cirurgia não entendo *muito*...

— Pois já não disse que sabe sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.”

LITERATURA DE VIAGEM

EM VSETIN

Vsetin fica perto de Gottwaldov, tem cerca de vinte mil habitantes e vive em função de uma grande e famosa fábrica de maquinários, que atende a pedidos do mundo inteiro e que na ocasião mesmo preparava uma importante encomenda para o Brasil. Mas a fama do lugar cresceu também ultimamente pelo alto plano artístico atingido — o grupo de danças folclóricas da região é estupendo e o seu teatro de marionetes obteve o primeiro prêmio no Festival Nacional, enfrentando uma respeitável concorrência e um júri rigoroso.

Visitamos um e outro, instalados no mesmo prédio — foi-nos proporcionado um ensaio dos dançarinos e uma inolvidável e enternecedora sessão de bonecos.

O elaborador dos minúsculos cenários e dos bonecos é um velho operário que viveu na França, em sua mocidade, e que ainda arranha o francês, provocando riso e admiração dos camaradas. A sua oficina é um caos de sarrafos, papelões, telas, arames, tintas e pincéis. E no meio desse caos, como um novo Jeová, manso e grisalho, de óculos grossos e mal colocados, ele vai criando um mundo de beleza e alegria para todas as idades.

- Nunca mais voltou a Paris, amigo?
- Não, nunca mais.
- E não tem vontade?

— Vontade eu tenho, pois não fui infeliz lá e tinha bons amigos. Mas não chega a ser uma preocupação. Vivo muito bem aqui com os meus bonecos.

— E trabalha o dia todo com eles?

— Não, o dia todo não. Só de noite. Durante o dia eu trabalho na fábrica, mas aos sábados e domingos só penso no nosso teatrinho.

— E onde aprendeu a mexer com isso?

— Aprendi aqui mesmo, em livros e com um pouco de imaginação, depois de ter assistido a alguns espetáculos em Praga, onde há magníficos grupos, o senhor sabe, não é?

— Sei, sim. E como recebeu a vitória do grupo de vocês no Festival Nacional?

— Como uma coisa em que eu nem pudesse acreditar.

Acabamos a noite no bar do clube operário, onde se dançava. Estava repleto e animado. Houve apresentações, brindes, cantos regionais e *Tico-Tico no fubá* pela entusiasmada orquestra. Conversou-se muito porque a gente é desembaraçada e simples, e pudemos saber que somente na Morávia havia oitocentos grupos artísticos, sendo duzentos e cinquenta de teatro, sessenta de coros, quarenta de marionetes e o restante de danças e canções regionais. Atendendo a que a população da Morávia não é muito elevada, os números espantavam:

— E os espetáculos são pagos?

— Uns sim, outros não.

— Mas a renda dos espetáculos pagos dá para manter essas atividades todas?

Quem me responde é o diretor do conjunto coreográfico, que conseguiu restabelecer uma série de danças populares que ameaçavam desaparecer ou deturpar-se:

— Claro que não. A diferença é paga pelas fábricas e pelos comitês locais de administração, que têm verbas apreciáveis para atos culturais.

Entendendo-se por comitê local aquilo que em outras terras se pode chamar prefeitura, voltei a perguntar:

— E a verba é fixa?

— Não. Cada ano ela é aumentada.

— Muito?

— Satisfatoriamente. Depende da produção. E temos produzido cada ano mais.

— Eu gostaria de saber como nas aldeolas que, por força da sua diminuta população, não comportam manter um teatro permanente de comédia ou um conjunto coreográfico suficiente, é despertado o interesse por esses gêneros.

— São visitadas constantemente por grupos volantes. Para isso temos caminhões e carroças especiais e podemos armar facilmente um teatro ao ar livre, na circunstância aliás muito rara de não haver uma casa de espetáculos na localidade. E isso é feito de maneira regular e prevista. Nós, por exemplo, temos um calendário que cumprimos, visitando periodicamente uma porção de lugarejos vizinhos. Como também recebemos a visita de grupos de outras cidades maiores e mais artisticamente desenvolvidos do que a nossa.

— Já se deu o caso de algum artista local ser solicitado para atuar em centros mais adiantados?

— Sim, vários já. E nós temos o maior orgulho nisso. Mas em tais condições eles passam a profissionais. Nós aqui somos todos amadores.

De Cortina de Ferro, Editora Mateus, São Paulo, 1956

Em Zilina

Por entre tílias e castanheiros, em cada píncaro um castelo em ruínas, dirigimo-nos para Zilina, situada numa região que antes fora extremamente pobre e que hoje se enriquece com poderosas empresas industriais e poderosíssimas centrais hidrelétricas. Mas só atingimos a cidade quando a noite baixou e uma cerração londrina envolveu o caminho. Mal entramos no hotel, saímos logo. Havia, esperando por nós, um espetáculo no magnífico teatro, comédia musical explorando a vida dos lenhadores eslovacos, com danças e cantos peculiares, peça sem nenhuma pretensão, mas alegre e movimentada, com um nível de representação limpíssimo.

O presidente do comitê local, em cuja mão direita havia falta de dedos, era o que se pode categoricamente chamar um cidadão simpático e, mais do que simpatia, o que se notava imediatamente nele, pelo tom de voz, pelo positivo dos gestos, pelo descortínio das idéias, era a viril seriedade dos propósitos graciosamente misturada com uma jovialidade de adolescente. Havia sido lenhador, havia sido também guerrilheiro, caçara nazista como se caça bicho bravo e nefasto e as ásperas montanhas eram o seu refúgio, como refúgio foram do lendário bandoleiro Janosik, que tirava dos ricos

para distribuir com os pobres, cavalheirismo que tinha de acabar por onde acabou — garroteado.

A aguardente de ameixa rodou sempre à vontade e os cálices foram levantados infindáveis vezes. E o apurado do bate-papo é que Zilina, com mais de vinte mil habitantes, mantém teatro permanente e possui um grupo volante que percorre as redondezas; que o índice de analfabetismo havia chegado praticamente a zero; que existem dez leitos hospitalares para cada 1.000 habitantes; que o índice de tuberculose fora reduzido de mais de 80%, de 1937 até a presente data; que o aumento da população, por nascimentos, alcançara três vezes mais do que em 1937, pois a assistência à natalidade era um dos pontos capitais da administração popular; e que, baseando-se no conseguido até então no campo da produção, podia-se garantir que em 1960 ninguém trabalharia mais que seis horas por dia, vaticínio este que foi recebido com os mais entusiasmados levantamentos de cálices zilineses.

De Cortina de Ferro

Lisboa

A aviação, apesar da supertécnica que enlouquece o homem, é mais uma incerteza neste mundo de coisas incertas. Um pneumático que arrebente na entrada de uma pista e os programas podem ficar adiados. Foi o que aconteceu em Lisboa, onde tivemos que pernoitar.

O judeu paulistano não escondia o sofrimento — fatalmente iria perder o negócio de relógios na Suíça. Não chegava a arrancar os cabelos porque não os tinha, mas dava suspiros de cortar o coração. O brasileiro em estilo 1913, paletó com cinturinha, sapatinhos bico-de-pato, levemente efeminado, também não se conformava em chegar a Paris com um atraso de vinte e quatro horas; era um parisiense nato, que o destino, sempre cego, fizera nascer na Rua do Matoso, de pais mestiços. O resto dos passageiros estava até alegre — era como se fôssemos dormir uma noite na casa de uma avó que a gente não conhecesse.

A ordem é a base do Estado, mas para mantê-la quanta desordem é precisa! Foram três horas, no aeroporto, de infinitos telefonemas, papéis para assinar, fichas a preencher, passaportes para examinar, receios, suspeitas, carimbos sobre carimbos e mais o insolúvel problema da velhota que não trazia o atestado de vacina contra a febre amarela.

Quando por fim chegamos ao hotel eram quatro horas da madrugada e o porteiro viu-se tonto com os quarenta hóspedes imprevistos. Imprevistos e famintos. Mas não havia o que comer. Um dispositivo recente, inimigo de boêmias, obrigava a que bares, cafés e restaurantes fechassem suas portas às três da manhã. Com alguns protestos, os retardatários sem culpa foram de barriga vazia para a cama, tendo uns se dado ao luxo de apregoar antes o uso de um banho restaurador de difícil comprovação. Mas todos os rebanhos têm as suas ovelhas pretas. Este tinha quatro, que foram para a rua parlamentar a possibilidade de uma refeição contra a lei. Depois de prolongados debates com vários cidadãos noturnos, um providencial motorista garantiu que em determinado lugar, do qual fazia segredo, poder-se-ia comer alguma coisa de portas fechadas.

E para lá fomos. Não era longe, era complicado, numa esquina de rua estreita e aladeirada. Ele bateu na porta sinais convencionais, entreabriu-se a dita, houve froca de senhas e pudemos ouvir a voz simpaticíssima, alteando-se o bastante para que nós, ainda no carro, a pudéssemos ouvir:

— São brasileiros. São brasileiros. Pode abrir.

Pela primeira vez na história a palavra *brasileiros* substituiu a de Sésamo, e os conspiradores entraram. Na meia-luz lá dentro, o ar saturado de fumaça, mais uns cinquenta havia conspirando terrivelmente entre costeletas de porco e vinho da casa.

Na hora de pagar, constatou-se que não havia moeda portuguesa. Mas o dono da contravenção era expedito, agarrou-se a um senhor Pimentel para saber o valor do cruzeiro:

— Veja-me, senhor Pimentel, veja-me lá isto!

O senhor Pimentel não sabia, mas apelou para o *Diário de Notícias*, que foi encontrado com razoável dificuldade nas profundezas do balcão. Com mais dificuldade ainda foi achada a seção de câmbio e ele por fim, recolocando os óculos que retirara para a prolongada pesquisa, esclareceu: “Está a sete”, depois do que o atento anfitrião cobrou o preço que quis, o que aliás não foi muito.

Com muito cuidado, mesuras e palmaditas nas costas, conduziu-nos até a porta, levantou a pesada tranca, sondou a rua pela fresta e nos deu passagem na madrugada. Felizmente, encostado ao portal, estava postado um polícia zelando pela paz do quarteirão.

Quando chegamos ao hotel o porteiro pôs as mãos na cabeça:

— Que sarilho! Que sarilho! Logo vi que aqui havia gato!
E havia. O nosso quarto tinha sido dado a outros.

De Correio Europeu, Editora Mateus, São Paulo, 1959

O lampião de querosene belga reforça a luz elétrica cuja fraqueza tem a sua história. E a história é simples: nos tempos da velha república lembrou-se de se dotar a cidade de energia elétrica. Fez-se o negócio. O negócio foi de molde que a cidade pagasse quatrocentos contos por uma usina que não valia cem. Como a cidade não tinha quatrocentos contos está pagando e ainda pagará juros muitos anos. E a represa foi feita num riacho tão sem importância que nos seis meses de seca não tem água suficiente para dar à cidade senão uma humílima luz, e somente das sete às onze da noite. No entanto, pela quantia que a cidade pagou por essa negociata — ó coronéis! — poderia ter ido buscar na cachoeira dos Pandeiros, que fica bem perto, uma força capaz de resolver para os cinqüenta anos mais próximos o problema da energia da cidade, que atualmente não pode abrir nenhuma espécie de fábrica movida a eletricidade porque a usina não comporta. É certo que o prefeito, Dr. Roberto Monteiro da Fonseca, compreende muito bem que impulso teria Januária se tivesse verdadeiramente uma usina elétrica. E está quebrando lanças; como é moço e corajoso, acabará vencendo. E Januária terá a sua indústria movida a eletricidade, terá a iluminação das ruas independentemente do luar, e o Bileza não precisará reforçar a luz da sala de jantar com um lampião de querosene belga.

Mas até agora é o lampião que funciona. E à luz do lampião, estamos eu, o jovem Promotor Ciro Franco, Bileza e três hóspedes, procurando matar a noite no jogo das cartas. Dois deles formam com o proprietário do hotel uma mesa de cúcan. O outro, que é um sujeito alto e triste, de fisionomia tosca, quadrada como a de certas imagens de madeira talhada por canivetes ingênuos, veio à cidade para enterrar um filho. Trouxe-o, por uma noite sem lua, dez léguas de canoa rio abaixo, para salvá-lo. Mas Dr. Roberto nada pôde fazer. A medicina comporta dedicações, mas não comporta milagres. A terçã maligna pegara-o mesmo. Tinha três anos.

Era o quarto que ele perdia, depois que comprara a fazendola num alto do São Francisco. Há quatro anos que ele era dono da fazendola, há quatro anos que lutava contra as águas do rio na defesa do seu gado e da sua pequena lavoura, há quatro anos que a morte o visitava para levar os seus filhos. Agora não lhe restava mais nenhum. A fisionomia era imensamente sofrida, mas havia na voz, nas palavras, qualquer coisa que a gente não sabia se era resignação ou calada combatividade. Fotografara o defuntozinho, a pedido da mulher. O sino da matriz badalou duas horas seguidas pela alminha que deixava o mundo. Depois ele se meteu com a mulher no hotel do Bileza na espera do navio que o levasse para cima. Mas os navios não passavam. E ele maromba o dia todo da sala para o quarto, do quarto para a varanda, como uma pobre alma penada. A mulher pequenina, gasta, que devia ter sido bem bonita, acompanha-o com a humildade de um cachorro. Ele pousa a grande mão áspera, calosa, sobre o ombro da mulher, puxa-a contra o peito (ela dá-lhe pelo pescoço) e ficam olhando o rio, mudos, sem movimento, como um grupo estatuário de infinita tristeza. Convidamo-lo para jogar.

— Venha. Distraia um pouco.

Aceitou. Sentou-se à mesa, e a mulher sentou-se ao lado tomando conta dos seus ganhos. E ele ganhava muito. Éramos, eu e Ciro, amplamente batidos. Não esquecia uma vaza. Guardava todas as cartas que saíam. Fazia escopas a três por dois, e quando ao fim de cada partida somava os pontos vitoriosos, esboçava um sorriso:

— Os senhores, dois doutores, apanhando de um matuto...

E era feliz, um pouco feliz.

De Cenas da Vida Brasileira, Editora Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1951

**RECEPÇÃO DE
MARQUES REBELO
NA ACADEMIA**

Discurso de Marques Rebelo

Médico que nunca clinicou, professor que poucas aulas deu, filho de um português de aristocrática linhagem, Domingos José Gonçalves de Magalhães — Barão e depois Visconde de Araguaia, com grandeza, pela graça imperial a que, honra lhe seja feita, tanto e fielmente serviu aqui e no estrangeiro, aqui formando no circumspecto areópago palaciano, secretariando com pena eficiente a espada pacificadora de Caxias no Maranhão e no Rio Grande do Sul, engrossando como deputado-geral o rebanho liberal do Imperador, que mantinha também o seu rebanho conservador, e que ao súdito intelectual pagava com atenciosa e admirativa moeda, lá fora como diplomata no Reino das Duas Sicílias, no Piemonte, na Rússia, na Espanha, na Áustria, nos Estados Unidos, na Argentina e na Santa Sé — Domingos José Gonçalves de Magalhães, conquanto a poesia fosse a sua fascinação, a sua incurável doença, não nos legou uma alta obra poética. Muito aquém disso até, o que é assunto incontroversamente julgado pela melhor crítica do seu tempo aos nossos dias, crítica que não em poucos momentos chegou às portas da negação absoluta e da inútil crueldade. Enfática, enfadonha, pegajosa e sem brilho é a sua lira ao imitar os arcadianos, ao vestir com intuitiva decisão a fantasia do romantismo — e aperfeiçoava estudos em Paris, integrando um grupo de valiosos brasileiros, quando a onda romântica lá se desenrolou

— ou a embicar pelo indianismo, oportunista e interessada, e menos mal por tal lado, que a literatura, independentemente da qualidade, é sempre interessada, mesmo que às vezes não pareça, e, do contrário, é definida e irrevogável sublitteratura. Indigente, adjetival e de superfície, como certas laidinhas, é a sua religiosidade versificada, e dela abusou, que a Fé era condimento do Romantismo assim como a Mitologia fora tempero neoclássico; não tão pobre é o seu ensaio crítico, histórico e filosófico, devemos-lhe mesmo o nosso primeiro livro de filosofia que não tenha sido um simples compêndio da matéria, devemos-lhe o *Ensaio Sobre a História da Literatura do Brasil*, verdadeiro manifesto das novas posições literárias, como lhe devemos a desassomburada memória *Os Indígenas do Brasil Perante a História*, oferecida ao Instituto Histórico, na qual concorre para reabilitar o nosso aborígine, tão impiedosa e cegamente atacado pelo prussiano Varnhagen. Péssimo e ridículo se apresenta na única tentativa de novelista; canhestro o seu teatro, louvavelmente fabricado para incentivação do incipiente palco nativo; baldo de faro se mostrou, atrevemo-nos a dizê-lo, ao traduzir para o ator João Caetano a tragédia de Otelo, pois não foi o imortal texto shakespeariano o que escolheu, mas o do bondoso e apagado acadêmico Jean François Ducis, a quem só resta um mérito — o de ter sido o primeiro a pôr em cena na França, embora em deploráveis adaptações, o teatro de Shakespeare, pouco respeitado ali e que o ciumento Voltaire considerava uma abominável farsa.

Seu nome, contudo, grave e cantante — Domingos José Gonçalves de Magalhães! —, jamais poderá ser apagado da nossa História Literária, jamais! É que, dando a lume em Paris os dois números da revista *Niterói*, como o lema “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”, se torna em ponta-de-lança do nacionalismo literário, variação do nacionalismo político, que precisava ser exercitado e desenvolvido para vital afrouxamento dos velhos laços lusos, que não poderiam nem deveriam ser resolvidos à moda do nó górdio; com os seus *Suspiros Poéticos e Saudades*, tirados em prelo parisiense, cheios de modernidades que entusiasmaram um ávido contingente da juventude pós-colonial e sugeriram-lhe novos rumos — a nova idéia! —, foi o iniciador do movimento romântico em nossa terra recém-emancipada, movimento que revelaria tão esplendorosos estros nacionais e nacionalistas, que contaminou os costumes e a índole da nossa gente, gerando correntes

de uma política sentimental, temperamental e personalista, refletindo-se em muitos artigos da Constituição, movimento que afinou tão bem com a alma brasileira despontante que dele até hoje não nos conseguimos libertar, o que para nossa afirmação e singularização como povo talvez seja benéfico, e nunca na literatura brasileira uma influência se fez sentir com tanto peso e extensão quanto a dele; por mais de um decênio se constituiu a incensada glória oficial, a bem dizer, na própria literatura brasileira, e nela só se ingressava pela sua mão apostólica — era considerado gênio, fundador, guia, bússola, patriarca —, reinado à margem do outro de manto de papo de tucano e que somente José de Alencar, com a força telúrica da sua improvisação, viria derrubar do trono para encarapitar-se nele. Cômico e vaidoso da condição predestinada e fulgurante chama, quando não passava de modesto vaga-lume renovador, orgulhoso do seu sangue, de sua posição e da sua classe, Domingos de Magalhães levou rigorosamente a sério o encargo divino de criar a literatura nacional e, queiramos ou não queiramos, com ele se inicia a carreira literária no Brasil — é um fundador! — a sua fria e orgulhosa bracinha acendeu a pólvora do paiol nativista, explosão que iluminou os céus da Pátria nascente com a mais bela, eterna e auriverde pirotecnia. E cabe a moral, se a moral na literatura fosse coisa que nos afligisse, de que não são os grandes astros que promovem as revoluções literárias, mas, no comum das vezes, os inocentes pirilampos ou os fugazes meteoros.

De sorte que quando o lúcido e fino Carlos Magalhães de Azeredo, um humanista acima de tudo, foi buscá-lo para patrono da sua cadeira de fundador na Academia Brasileira — a cadeira número 9, que pela generosidade dos membros desta Casa Ilustre acabou entregue à minha humilde guarda —, não fez mais do que um ato de sensível e inteligente justiça literária. Sim, como olvidar, ao serem escolhidas quarenta figuras patronais, e houve tanta escolha sentimental em detrimento do mérito, aquele que quando a sociedade do tempo não oferecia condições para outro tipo de atividade literária, salvo a bafejada pelo mecenato, pela proteção e beneplácito do erudito D. Pedro II, às letras se dedicara com paixão, constância, zelo, multiplicidade e devoção? Como não reconhecer e perpetuar o esforço de quem, na aridez de um meio colonial, limitado e caturra, pregou idéias novas, “sonhou com o ideal de um lirismo de alta envergadura, a um

tempo brasileiro e universal”, e fundou revistas, lançou manifestos, congregou confrades, aliciou prosélitos, empurrou companheiros, concorreu para o desenvolvimento das artes plásticas e cênicas, estimulou um Martins Pena para os primeiros passos de uma ribalta de cunho nacional, auxiliou todos os empreendimentos culturais com o poder e o respeito público e oficial que amplamente desfrutava e que poderia ter aproveitado para o seu exclusivo e pessoal interesse?

Não escapou Domingos Magalhães ao fascínio que a Morte exerceu sobre os primeiros românticos, a ela consagrou um volume inteiro — *Cânticos Fúnebres* — onde tantos trechos se confundem com o grotesco, com o caricatural, e está presente, com menos tarja preta e menos mau gosto, nos *Suspiros*. Juntando-o à nostalgia do exílio, vezo também romântico, que todavia nos deu a imorredoura *Canção do Exílio*, termina o livro:

“Adeus, ó terras da Europa!
Adeus, França! adeus, Paris!
Volto a ver terras da Pátria,
Vou morrer em meu país.”

Sonhava morrer aos vinte e cinco anos, e nas doces plagas natais:

“Terras em qu’eu nasci, como sois belas!
Como és formoso, ó céu da Guanabara!”

pondo os olhos moribundos nas águas da Guanabara, que ele ainda na *Confederação dos Tamoios*, donde extraímos os dois versos acima, por pura ênfase, consideraria “cerúleo golfo”:

“Contemplando esse mar que em flor se quebra
Nessas longínquas praias e enseadas,
Que recortando vão da terra as orlas,
Como uma argêntea franja abrilhantada;
E esses contínuos montes verdejantes,
Que o vasto Niterói cingem e fecham
Como em profundo lago, salpicado
De graciosas ilhas. Ah! disseras
Um pedaço do céu cheio de estrelas,
Guardado entre muralhas de esmeralda!
Ressupino gigante de granito
Protege a entrega do remanso equóreo;

E coo pé colossal, penedo ingente,
Ao longe mostra a barra ao viajante,
Que absorto fica a ver a maravilha!"

Sonhava morrer aos vinte e cinco anos e nas doces plagas natais, repita-se. Morreu quarenta e seis anos mais tarde e em Roma, como embaixador, coincidência que se verificaria quanto ao fundador da cadeira nº 9, que serviu no Uruguai, na Santa Sé, em Cuba, na Grécia, e novamente no Vaticano, junto ao qual permaneceu vinte anos, quando se aposentou em 1934, pela lei compulsória.

Com raízes no romantismo, Magalhães de Azeredo traz bastante marcado o cacoete da Morte em seus primeiros versos — *Procelárias* — publicados no Porto em 1898 e louvados por Machado de Assis. Tinha vinte e seis anos, vinte e seis anos prósperos, risonhos e saudáveis, e a sua estréia nas letras se dera três anos antes, com os apenas promissores contos de *Alma Primitiva*, estampados no Brasil e com simpatia recebidos pela crítica mais destacada.

"Morte, ó Morte, quanto eu quero o teu beijo frio"...

assim começa o soneto *A Morte*, para terminar com a mortuária chave de ouro:

"Morrer, sair enfim desta pocilga imunda...
Para Deus? para o Nada? Embora! é diferente..."

E em *A Caveira* o artificialismo, que cheira à *Noite na Taverna*, se repete:

"Ela me diz fatídica: Repara
Onde é que findam sonhos de poetas..."

Na *Velhice de Don Juan*, o espanhol suspira:

"... Vem a noite eterna; ó alma,
Que voaste tanta vez nas asas da procela,
Busca da sepultura a desejada calma!"

Lá está em *Seu Nome*:

"Por que teu braço, justo Deus, lhe nega
O refúgio suavíssimo da morte?"

E pulemos para o *Soneto Negro*:

“Que valeu caminhar e sofrer tanto?
Sem ter um eco, sem deixar memória,
Comigo, e breve, morrerá meu canto!

Eis de uma curta vida a amarga história;
Compreendei-o vós, que sabeis quanto
É triste a decadência antes da glória!”

Citemos agora o fim de *Póstumas*:

“Eis, ora, o que de mim resta no mundo,
Um corpo que sem vida se consome,
Ermo túmulo fundo
E um simples epitáfio que é meu nome.”

E por fim, para não exagerarmos as citações, vamos a outra chave de ouro, a do soneto *Oblivion*:

“Até que venha o dia em que se plante,
Na sombra do meu túmulo ignorado,
A eterna cruz do esquecimento eterno!”

Mais veraz, mais autêntico seria pouco depois nas *Baladas e Fantasias*, lançadas em 1900 no Brasil, quando vaticinaria: “Sim, sou moço! e eis o que muitos secretamente invejam. Sou moço, e tratarei de o ser por longo tempo ainda, e defenderei enquanto puder o sacro tesouro da juventude! . . .”

E viveu muito — quase um século.

Filho único, órfão de pai muito cedo, nasceu Carlos Magalhães de Azeredo de família conservadora e abastada, em que o sentimento monárquico era muito acentuado. Cercava-o a mesma tendência no colégio dos jesuítas, Colégio São Luís, em Itu, para onde fora, após cinco anos de permanência em Portugal, quando fizera as primeiras letras no Colégio São Carlos, do Porto. Mas na tradicional cidadezinha paulista, como depois na Faculdade de Direito de São Paulo, na qual se bacharelou em 1898, e destacou-se como talentoso orador e neófito jornalista, dava-se como um político loquaz e apaixonado, com inclinações liberais, sobretudo abolicionistas, seduzido pela contagiante eloquência de Nabuco. Após a vitória da Abolição, vitória moral mas não econômica e que viria apressar a queda da Monarquia, a “febre partidária sofreu um rebaixamento repentino”, porque teve a intui-

ção de que se encerrava ali um período heróico. Essa febre denunciava apenas, disse mais tarde, em 1922, em *Dom Pedro II, traços da sua fisionomia moral*, "uma crise de crescimento, como em outros a febre poética". No decurso dos anos, acrescentou, talvez por falta de um "motivo de agir", que o inflamasse, nunca mais o seduziram "as sereias daquele pé-lago insidioso". E devotou-se à Literatura.

"No seio da Arte pura depus a ambição. Que alto prêmio vale o de humildemente servi-la. Esse me basta".

declama nas *Odes e Elegias*, tão corretas de forma, tão belas de linhas, sons e cores, tão eloqüentes e puras de linguagem, um livro de qualidade, inegavelmente o melhor livro da sua não pequena e tão valiosa bagagem literária.

Mas a memória do escritor não foi fiel. Teve ainda um outro "motivo de agir". Quando rebentara a revolta de 1893, e estava evidente que o movimento escondia uma tentativa de restauração monárquica, haja vista as forças que a ela aderiram, os homens de letras se dividiriam em duas facções radicalmente opostas, sob o influxo das paixões políticas. E que estivesse com a dos revoltosos não há dúvida. Se não se enfiou de corpo inteiro na ação, dado o seu gênio, meteu a alma ou um pedacinho dela, para se usar uma imagem de feição machadiana, tanto assim que, para evitar perseguições florianistas, que as cadeias andavam repletas e até execuções haviam sido praticadas, a família, em boa hora, envia-o para São João del-Rei e daí se refugia em Juiz de Fora, longe das rigorosas vistas policiais, quanta vez mais florianistas do que o próprio Floriano e encorajadas e acobertadas pelo estado de sítio. E foi na abrigada terra mineira, muito orgulhosa da liberdade embora tardia, que trabalhou muita poesia das *Procelárias* e se ligou mais intimamente a Olavo Bilac; foi lá que escreveu a maior parte dos contos da *Alma Primitiva*, coisa fácil de se verificar porquanto cada conto traz a data e o lugar da sua fatura; como foi lá que compôs, de parceria com o poeta da *Via-Láctea*, o romance *O Sanatório*, aparecido sob o pseudônimo de Jaime de Ataíde na *Gazeta de Notícias*, reduto da mais fina intelectualidade da época.

Passada a borrasca, e venturosamente não há borrasca que sempre dure, consolidada a República, mesmo a trancos

e barrancos, Magalhães de Azeredo torna ao Rio de Janeiro, e estamos em 1894. Seu desejo manifesto era entrar para a magistratura, mas acabou nomeado para os quadros da diplomacia. Vai servir no Uruguai. Não permanece muito tempo em Montevidéu. Apenas um ano, mas tempo bastante para noivar e casar-se com Maria Luísa, de grandes olhos azuis, bonita, inteligente, elegante, musicista, possuidora de linda voz de contralto, anjo cubano, filha de emigrados políticos — os Caymari; já haviam eles morado no Rio, gente honrada, distinta e trabalhadora, e esperavam com ardor que Cuba ainda fosse livre, quando iriam a Havana erigir uma cruz de pedra aos famosos mártires das frustradas liberações.

As sogras não merecem muita fé, porém a de Magalhães de Azeredo, escrevendo a Quintino Bocaiúva, de quem os Caymari ficaram devotados amigos, participava o noivado da filha: “O jovem tem talento e boas qualidades.” E diria mais: “Os dois valem o que pesam e perdoe-me minha falta de modéstia, pois é a pura verdade.” E está perdoada porque era assim mesmo — um casal exemplar, que carregou por toda a vida uma única tristeza: a de não deixar descendência.

Do Uruguai, Magalhães de Azeredo é transferido para o Vaticano. Roma em lua-de-mel é um céu aberto. “Vale a pena viver aqui uns dois anos para conhecer tudo o que se deve conhecer — escreve a Quintino, de quem se fazia amigo e protegido. — Roma é uma cidade admirável, em que os olhos e o espírito muito tempo podem gozar cada dia um espetáculo novo.” E acabaria verificando que Roma poderia ser vista com crescente interesse, por toda uma longa existência. Naquele céu aberto, porém, sofreria uma injustiça: seria demitido do cargo por embuçada denúncia do ministro residente, cavalheiro que, segundo o próprio Magalhães de Azeredo, era “intrigante, caluniador e de baixas qualidades morais”, além de reconhecidamente relapso, e só “por deferência para com o Brasil, e por um sentimento de generosidade mal-entendida, a Santa Sé nunca tomou a iniciativa da denúncia”.

Alegava o antepassado do “dedo-durismo”, que Magalhães de Azeredo facilmente identificou, não estar o segundo-secretário de legação “de acordo com as instituições da República”, esquecendo-se das palavras do insuspeito Nabuco, em *Um Estadista do Império*: “Nada abalava as duas idéias

do Imperador: que não se devia tocar na imprensa, e que as opiniões republicanas não inabilitavam nenhum cidadão para os cargos que a Constituição fizera só depender do mérito.”

Esqueceu-as o ministro das Relações Exteriores, esqueceu-as, ou jamais as deveria ter lido, o vice-presidente da República em exercício. E Magalhães de Azeredo por tais esquecimentos e omissões foi demitido em 16 de fevereiro de 1897, mal chegado ao posto.

Na desagradável emergência, a sua correspondência com Quintino Bocaiúva, prócer da nova e encrocada República, varão por todos ouvido e respeitado, se faz assídua e necessária. Este querido Brasil é, felizmente, tão Brasil, apesar dos oportunistas e delatores, que não iria negar fogo na hora exata — as coisas se acomodaram e o segundo-secretário foi readmitido: “A reparação não podia ser mais completa, pois não só me reintegraram, mas me restituíram o mesmo cargo que eu ocupava, confundindo assim plenamente a perfídia... Mais uma vez se demonstrou que nada é impossível ao prestígio do nosso tão prezado Amigo” — agradece a Quintino, que por trás dos bastidores andou tecendo os pauzinhos, agradecimentos que a gentil Maria Luísa reforçaria: “... realmente só um coração nobre e afetivo como o seu podia fazer tanto.” E, graças a Quintino, Roma voltara a ser para o jovem par o mesmo ninho ditoso. E não ficaria aí o desvelo do velho político e amante das letras pelo escritor e diplomata. Graças a Quintino remoções foram tornadas sem efeito. Graças a Quintino seria promovido, mas não removido, permanecendo no Vaticano, onde o Papa o honrava com a sua simpatia. E foi uma troca de favores e cartas que só terminaria com a morte do líder republicano na sua chácara suburbana, afastado da militância política, melancolicamente — e são palavras epistolares de Magalhães de Azeredo — “comparando o sonho que trouxera e nutrira em si por largos anos, com a realização dele, forçosamente imperfeita e incompleta”, “quando a essa decepção intelectual se junta a hostilidade dos que deveriam ser amigos, a ingratidão dos que deveriam ser reconhecidos, a sôfrega ambição dos médiocres que para alcançar o poder e a influência não hesitam em afastar brutalmente aqueles que podem fazer da autoridade um verdadeiro instrumento do bem público”.

Há, porém, uma outra correspondência, mantida por Magalhães de Azeredo durante vinte anos e que somente findaria

também com a morte do destinatário carioca — a correspondência com Machado de Assis, cuja importância, extensão e grandeza não têm similar na nossa vida literária. Iniciou-se quando Magalhães de Azeredo ainda estudava no colégio de Itu, tinha ele dezessete anos incompletos e Machado entrava nos cinqüenta. Foi o vínculo postal do homem que não tinha filhos com o adolescente que não conhecera o pai; foi o colóquio, através dos mares, do mestre afetuoso e discreto com o aluno atento e respeitoso; são lições de maturidade e sabedoria de um lado, são explosões de encantamento, entusiasmo e descobertas do outro. Nelas o fechado habitante do Cosme Velho, para surpresa de muitos, se abriu em confissões literárias e íntimas, nelas o diplomata se mostrou em toda a sua claridade. Nelas o moço incita o sedentário a viagens, e o velho encontra sempre pretexto para recusá-las. Trocam opiniões e inquietações, trocam comentários miúdos, trocam literatura, trocam retratos, e o visitante que no recatado chalé do Cosme Velho entrasse, embora não passasse da sala, verificaria que só uma fotografia adornava aquelas paredes severas — a de Magalhães de Azeredo, quando jovem.

Se o jovem queixava-se de esplim, o infatigável trabalhador de *Dom Casmurro* aconselhava: "... nada mais verdadeiro e eterno do que aconselhar o trabalho à mocidade... não resvale do repouso necessário no ócio excessivo".

Se o moço dá notícias da saúde, que andara abalada, o velho, depois de se alegrar, confessa: "Já não posso dizer a mesma coisa de mim. Cansado de longos anos, não robusto, vejo irem-se os anos mais depressa do que vieram, e não sei se breve terei de parar, à espera que passe o derradeiro trem. Veja que bom consolador lhe saio hoje! Acabo falando em cousas tristes. Há minutos desses que não se podem tirar do relógio da alma, o mais que se alcança é dar outro aspecto ao mostrador. O ponteiro marca a alegria, enquanto a mola interior vai na direção do pesar."

Se Magalhães de Azeredo lamenta as canseiras diplomáticas, lá vem o sábio mocho: "Cada ofício tem os seus tédios, e cada tédio faz-se suportável com a continuação."

Admirável é o estudo de Magalhães de Azeredo sobre Leopardi, e mestre Machado felicita-o: "Leopardi é um dos santos da minha igreja, pelos versos, pela filosofia, e pode ser que por alguma afinação moral; é provável que também eu tenha a minha corcundinha."

Mas na copiosa correspondência encontra-se uma carta, que muito interessa aqui e agora. É quando surge a idéia da Academia Brasileira. Magalhães de Azeredo dirige-se prontamente ao mestre a 4 de janeiro de 1897: "Li nos jornais ultimamente chegados daí que grande número de escritores brasileiros se reuniu para fundar a Academia de Letras, aclamando-o presidente, como era de justiça. Aplaudindo a idéia e achando-a capaz de produzir benefícios e brilhantes resultados, peço-lhe que na primeira reunião que houver, depois de recebidas estas linhas, declare aos sócios em meu nome que, embora de longe, me identifico com eles no mesmo intuito, e me ofereço para prestar à nova Academia os serviços que eu possa prestar aqui."

Machado de Assis vai além do recado — manobra com a sua habilidade e prestígio pessoal e, a 28 do mesmo mês, os trinta fundadores elegem os dez sócios que completariam o quadro de membros fundadores da Academia e Magalhães de Azeredo obtém a unanimidade dos sufrágios — tinha 25 anos e derrotava um Rio Branco, um Augusto de Lima, um Constâncio Alves, que só mais tarde pertenceriam à Casa.

Logo após esse triunfo, vem a desolação já abordada da exoneração. As cartas do Brasil mínguem. A do mestre e amigo não chega. Magalhães de Azeredo reclama, queixoso, ao que lhe responde o grande eleitor: "Não creia em mudança alguma da minha parte... A correspondência pode ter desses hiatos alguma vez... Ultimamente tenho andado assaz fatigado." E sem tocar muito na demissão: "Ainda bem que os desgostos pessoais e da carreira não vêm atrasar os seus trabalhos de escritor e de poeta. Conclua o seu livro sobre Roma." E, pouco depois, em carta para Veneza, é consolativo: "Em verdade, só uma cousa perdura: todas as mesquinhas da vida não valem o tempo que se gasta com elas."

A diplomacia sempre foi um problema nosso de afastamento da Pátria, progressivamente intenso e que podia chegar à total anestesia; uma moderna mentalidade funcional tem procurado coibir o desgaste, e esperemos que ainda mais se aprimore no propósito. Magalhães de Azeredo era diplomata do antigo molde; tendo passado quase inteiramente a sua longa existência longe do Brasil, contudo jamais ficou a ele indiferente. São versos de 1900 este *Carme Secular*:

"Pátria: não cuides que, egoísta,
Em Roma, na áurea torre ideal, eu me encerrasse,

Para, sonhos só de artista
Sonhando, te voltar ingratamente a face;
E, à tua voz desatento,
Sepultar-me em tranqüilo e fundo esquecimento.”

E como percebesse a amnésia por parte de muitos compatriotas, possivelmente diplomatas:

“Outros há, sei, que por menos
Te olvidam, Pátria doce e amarga, e são felizes;
Vivem fortes e serenos,
Tais como plantas no ar crescendo sem raízes. . .
A orgia os nutre e os degrada;
E não pensam em ti. . . pois não pensam em nada!”

“Esses toda a glória nossa
Desdenham: pouco a pouco o nosso mesmo idioma,
Na língua, que tarda e grossa
O obsceno rir lhes fez, tons estrangeiros toma. . .”

enquanto ele, cada dia apurando mais a sua língua literária, que é de primorosa categoria, tentava com isso ficar mais perto do Brasil. E procurava inovar a métrica portuguesa, adaptando a ela, tal como vários poetas fizeram para a poesia italiana, os metros da poesia latina, a que Carducci chamaria de bárbaros, em oposição aos metros clássicos gregos e latinos, metros que os modernistas retomariam com mais liberdade, e cujo exemplo melhor é o modulado final das *Odes e Elegias*:

“Não me coroes, Alma querida, de rosas: o encanto
da Juventude é efêmero; e a minha é quase extinta.

“Também não me coroes de louros: a Glória não fala
ao coração, nem o ouve; passa, longínqua e fria.

“Coroa-me das heras, que abraçam as graves runas:
são da humildade símbolo, e da tristeza eterna. . .”

A prolongada ausência, porém, inexoravelmente corrói, abre insoterráveis distâncias, cria oceanos ainda maiores, e, ao percebê-lo, Magalhães de Azeredo, tomado pela saudade, reage: “Oh! recordar. . . recordar. . . um dia daqueles anos, cujas reminiscências, de modo particular, me são caras, por terem sido os únicos integralmente brasileiros da minha existência! Um dia! . . . na antiga chácara para sempre saudosa, onde a velha mangueira reinava, conheci eu todas as horas do dia, e dias de todas as estações.”

E a mangueira amiga era um ponto fixo na sua saudade: “Ó velha mangueira! ó patriarca do bosque brasílico! ó velha amiga encantadora! Não raro, nas horas da dúvida angustiada e da saudade cruciante, em que o homem volve os olhos ao passado com a amarga certeza de não poder ressuscitá-lo, e discute de si para si o valor e a inutilidade da própria existência, eu me pergunto se não houvera sido mais justo voltar, apenas conseguida a felicidade, para junto de ti, edificando o meu lar à tua sombra hospitaleira — em vez de lançar por alheio solo raízes de costume e de afeto, tão forte como as tuas... Então, empolga-me um desejo frenético de ir procurar-te, além do Oceano, lá, no fundo da chácara antiga, no sopé da colina banhada pelo córrego fresco, e de pendurar o meu coração, perpétuo dom votivo, como um pomo entre os teus pomos...”

Apesar disso, ao aposentar-se ficou no estrangeiro. Precisamente em Roma que ele tanto amava, como homem e como artista, amor que nunca escondeu, que, pelo contrário, sonoramente, proclamou nas *Odes e Elegias*, que são de 1904, e o livro todo um hino de amor e compreensão à Cidade Eterna:

“Roma, nas ondas sacras do Tibre, nas auras sonoras,
que vão pelos Hortos Farnésios

e pelas fundas vilas, de tanto arvoredos cingidas,
levando perfumes e lendas,

eu embalei meus sonhos mais caros: as doces quimeras
do espírito jovem e ousado,

as rútilas imagens que à mente sorriam, as flamas
do meu coração amoroso,

as alegrias simples, as trépidas melancolias,
que em mim se alternavam lutando...

Todo o meu ser, ó Roma, vibrou no teu seio materno.”

o que constitui confissão de legítima filiação espiritual. Ou então:

“A planta da poesia, que ingênua em meu berço brotara
na gleba do trópico ardente,

cresceu, abriu-se (foi-lhe lustral a água nívea das Fontes
[que as moles colinas te banham),
abriu-se vitoriosa num basto rosal purpurino.
Ó Roma, estas rosas são tuas!"

o que de algum modo relegava a poesia da sua iniciação em favor daquela que o contato fecundo e purificador com a cultura latina sazonal.

A descoberta do mundo romano foi-lhe deslumbramento e entrega!

"É a hora ideal do ocaso. Dulcíssimo ocaso de Roma!
As cúpulas airosas fulgem no céu ardente;

nas vilas, nos palácios, as brancas estátuas parecem
de quase imperceptíveis frêmitos agitadas,

pela aura vespertina, que aromas de rosas e mirtos
— pagãos aromas — move. Do Tibre as flavas ondas

no curvo dorso levam o sangue do poente abrasado
— elas que tanto sangue de povos já levaram...

.....

Apóia-te à janela. Contemplas a pulcra paisagem,
Oh! céu em que as violetas da tarde empalidecem!

Ora se vão teus olhos ao nobre Janículo, ao cimo,
onde entre verdes troncos a Água Paulina rola

vagas harmoniosas em leito de róseo granito;
e às monacais e frias celas de Santo Onofre,

que viram o ígneo gênio do Tasso, lembrando Eleonora
e Godofredo o invicto, fugir à vida ingrata...

ora, passando o sumo Zimbório, que esbelto, nos ares,
firmara o hercúleo braço de Buonarroti, fitam

o túmulo orgulhoso do artista Adriano, onde mesto,
compadecido, o Arcanjo recolhe o gládio férreo;

e estendem-se mais longe, no baço crepúsculo ambiente,
e Roma inteira abrangem — o Pincio, o Capitólio,

o Palatino — cinza de régios orgulhos! — a torre
hirta, que tem o nome de Nero, o campanário

de Cósmedin, que as gralhas rodeiam em vôos ruidosos,
e, ao fundo, os montes de Alba, do Túsculo, esfumados..."

A citação foi longa, e quanto gostaria de ir mais além, que é belo relembrar as coisas belas e belos são os versos de Magalhães de Azeredo nas *Odes e Elegias*, impregnadas de paganismo, “esta fonte inesgotável contra a qual — diz José Veríssimo comentando o poeta — lutou em vão o cristianismo”. . . . “o único manancial verdadeiramente fecundo de inspiração poética e estética, o único donde haurimos o nosso amor à vida, o nosso sentimento da natureza, a nossa sensação de beleza, o nosso gosto de liberdade, até a nossa profunda aspiração do bem”.

Como poderia se sentir à vontade voltando ao chão em que nasceu, mas no qual tão pouco viveu? Quarenta anos de profissão distante dele não são uma bagatela, e ainda uma apreciável porção da meninice passara em Portugal, onde aprendera a ler. . . . Outros se fizeram os seus hábitos na prolongada ausência, outras se fizeram as suas necessidades, outro era o seu círculo de relações e as suas leituras, outros eram os seus contatos e seus conceitos de vida. Que amigos da mocidade encontraria aqui? Talvez nenhum! Da fornada de fundadores da Academia apenas seis ainda e precariamente viviam. Machado de Assis, que o impulsionara nas letras, amigo e mestre dileto com quem durante vinte anos mantivera tão alto comércio de idéias e sentimentos, há muito estava morto, e das primorosas cartas trocadas, perfeita antologia epistolar da sensibilidade e da inteligência, que sabiam delas as novas gerações? Que poetas novos o conheciam? — que estranhos caminhos tomara a literatura brasileira! Com que companheiros de carreira poderia contar? Raríssimos! e doentes, acabados, à beira da sepultura. Monarquista de formação, com elogios impressos a D. Pedro II, conquanto tivesse sempre servido leal e dignamente à República em toda a sua prolongada carreira, como poderia escapar ao barulho republicano a que aperfeiçoamos os nossos ouvidos? Ou pior, como suportar “as épocas de opressão política — e as palavras são de Magalhães de Azeredo, escrevendo sobre Garrett em *Homens e Livros* — em que a inteligência tem tão pouca parte no governo, toda a perspicácia dos déspotas e dos esbirros se concentra na adivinhação das idéias subversivas?” — ele que já a experimentara, sob a ditadura de Floriano Peixoto, quando, para escapar a perseguições, refugiara-se na terra de Tiradentes?

Difícil seria, se não impraticável, para quem já fizera o elogio da vida calma e contemplativa: “Entre tanto barulho

ensurdecedor e vão, tanta velocidade vertiginosa e sem meta... empolga-se dez vezes por dia um desejo louco de fugir para longe, bem longe"... na delícia de "mirar sem pressa, gostosamente, árvores, ondas, nuvens, estrelas, pensando em coisas transcendentais e inatuais".

E sempre fora amante das horas solitárias, sempre, desde os tempos infantis: "Lembra-me que, no colégio, quando cometia alguma falta, me era infligido, por pretensão castigo, passar as horas de recreio numa aula, sozinho. Pretensão castigo; mas antes deleitoso prazer. Porque eu preferia à garrulice dos companheiros aquele ermo cheio de silêncio e mistério. Com um bom livro diante dos olhos, ou com estes a flunar simplesmente, desde a janela da aula, por sombria avenida de bambus, que a enfrentava, ou pelo denso arvoredo, um pouco distante, da chácara colegial, eu gozava ali de inolvidáveis momentos de íntima, pura, espiritual volúpia."

Fez bem, portanto, em ficar na sua amada Roma — e mais trinta anos ficou! — cidade imortal, que tão elevadamente soube cantar em prosa e verso, a ponto de Tristão da Cunha considerá-lo "um romano" — "romano dos papas, isto é, cristão e pagão", "que preza o espírito da Igreja, sua economia, sua disciplina", e "preza também na Igreja a pompa, a volúpia, a mística", "entregou-se a Roma. E Roma dá-lhe bom pago".

"A pátria é, antes de tudo — escreve em *O Eterno e o Efêmero*, que data de 1936, como explicação talvez da sua permanência romana —, uma sensação, e a memória de uma sensação; sensação múltipla, tão intensa como difusa, que penetra e satura todos os sentidos, e por meio dele se infiltra nas camadas mais recônditas da existência; sensação de temperatura, de clima, de vária mas característica fisionomia das horas e das estações; é cor, densidade, aroma, sabor, da atmosfera e do solo; é o desenho policromia, relevo, movimento da paisagem; é consórcio sutil, incessante, da luz e da sombra; é música dos ventos e das águas, é consciência de seguro agasalho, em uma terra que nos pertence, e à qual pertencemos; é, nas figuras, nos gestos, nas falas, nos costumes, dos que nos rodeiam, comunhão cotidiana com criaturas, que, no essencial da vida, vivem como nós vivemos, são o que somos nós mesmos."

Senhores Acadêmicos:

A vossa cadeira nº 9 é plena de coincidências. E de mais uma eu vos dou prova aqui, caso aliás único entre as quarenta: carioca era o patrono, carioca da Praia Grande; carioca era o fundador, carioca da chácara com mangueiras, aclimado à frescura das fontes e à sombra dos pinheiros de Roma, fontes e pinheiros que Respighi musicalmente retratou; carioca é o vosso novo companheiro, carioca de Vila Isabel, bairro que tem nome de princesa, mas é proletário e pequeno-burguês, e cuja gente humilde foi o básico material da sua ficção e do seu amor. E por que não pensar que esta Casa, que é de todo o Brasil, querendo talvez homenagear a Cidade Quatrocentona, que é a cidade de todos os brasileiros, não tenha só por isso preferido o carioca nato que aqui vos agradece e termina.

Resposta do Sr. Aurélio Buarque de Holanda

No capítulo das coincidências, Senhor Marques Rebelo...

E lá vem uma coincidência — parcial: a das palavras deste começo com o título do fino conto machadiano “Capítulo dos Chapéus”, que no segundo tomo de vosso diário romanceado *O Espelho Partido mencionais* (a par de *Uns Braços, O Diplomático, Uma Senhora, Missa do Galo e Idéia de Canário* como um daqueles que, ainda pelo entrar de vossa adolescência, requintaram em “alumbramento” a funda impressão dantes suscitada por *Brás Cubas, Quincas Borba, e Dom Casmurro*, com a sua Capitu de olhos de resaca, por quem, dizeis, ó apaixonável confrade, ficaste “para toda a vida apaixonado”.

Porém vós mencionastes coincidências de que é cheia a cadeira nº 9, na qual, devidamente sacramentado com a solenidade desta noite, vos acabais de empossar para todo o sempre. E delas também falarei.

A última coincidência das que apontastes, a do ano da posse do carioca — duplamente carioca, digo eu, pelo nascimento e pela obra — com o ano de comemorações quadricentenárias da cidade, passara-me pela cabeça bem antes de que me dardes a ler o vosso discurso. Honra-me esse encontro de nossos espíritos; mas dói-me haver perdido aquilo que seria a chave de ouro da minha saudação. — e devo resignar-me a encerrá-la com um fecho de metal bem mais modesto.

Contudo, às que enumerastes acrescentarei algumas outras coincidências, compensadoras desse malogro. Ei-las:

Magalhães patrono foi médico, e vós cursastes Medicina até o terceiro ano; e sois bacharel, tal como o outro Magalhães, o fundador.

Morastes, há uns quinze anos, na Praia de Botafogo, 48, Edifício Duque de Caxias, onde continua a residir este vosso companheiro. Quatro acadêmicos, aliás, deu aquele prédio, contagiado, assim, da nossa precária imortalidade: além de nós dois, produziu ele Álvaro Lins, que ao eleger-se ainda o habitava, e Magalhães Júnior, que oito anos antes de aqui entrar vendera o seu apartamento ao mestre do *Jornal de Crítica*, trocando a sua cívica morada ali por outra em rua não menos cívica: do Edifício Duque de Caxias passou-se para a Rua Marechal Mascarenhas de Moraes.

E, por fim, tomais posse em maio: *Em Maio*, nome de um conto vosso de *Oscarina*, ou melhor, poema-conto, ou poema em prosa; em maio, “maio plácido, ameno, maio das sinetas tocando para a bênção na capela do Asilo”, como escreveis na bela história do *Circo dos Coelhoinhos*; em maio, o mês em que nasceu e foi eleito para esta casa o amigo e confrade que ora, comovidamente nela vos recebe.

Ora, deu-se que um dia, senhoras e senhores — o dia de Reis do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1907 —, nasceu no então Distrito Federal, em Vila Isabel, o inocente Eddy, Eddy Dias da Cruz, que aos três anos — e seguramente já por essa altura perdera de todo a inocência — muito se impressionaria com a passagem do cometa Halley. Em anos proximamente seguintes, outros sucessos e coisas lhe deixariam pegadas fundas na memória: o rинque de patinação da Praça Barão do Drummond; a representação de *A Tosca*, no Teatro Lírico (ainda preso, sem dúvida, à lembrança daquela noite, dirá, mais de quarenta anos depois, à sua guia, em Praga: “— Museu, sim, minha cara amiga, ópera, não. Detesto ópera.”) e a primeira vez que assistiu a um jogo, no campo do América, clube de que é torcedor doente.

Vai pelos nove anos quando se põe a meter o dente nos autores, na maioria clássicos, da biblioteca de seu pai; e entre os dez e os treze dá conta da Bíblia, de Buffon, e Herkulano, e Flaubert e Balzac. Já vistas, Senhores Acadêmicos, que no princípio da adolescência descobriu Machado de Assis; e, lembrando-se dessa fase da vida, escreverá, em *O Trapicheiro*: 1922. Há tempo de ler e tempo de reler [notai a influência do *Eclesiastes*: “Há tempo de rir e tempo de chorar.”]

No quarto com cama de ferro e marulho de ondas, *Meu Tio Benjamim*, *Dominique*, Daudet, Dickens, *Gil Blas*, o *Sargento de Milícias*, Vitor Hugo, Bret Harte e *Eugénia Grandet* encheram do intenso maravilhoso todo aquele março de calor e mosquitos.

Truncada a carreira médica, trabalhou uns doze anos no comércio, em diferentes ramos; um destes, o de vendedor, que traria ao homem de letras um mundo de fecundas experiências e observações, colhidas ao contato de terras e gentes, pelos recantos de sua terra e pelo Brasil em fora, e que se refletem não só nos contos e romances, senão também nas *Cenas da Vida Brasileira*.

Outras, e numerosas, observações e experiências lhe ofereceram os anos de 26 e 27, quando serviu no Exército; delas está cheia a noveleta *Oscarina*, peça inicial do livro homônimo.

Retornando à vida civil, tocou sete instrumentos: conquistou, com o andar do tempo, o canudo de bacharel; foi nomeado inspetor federal do ensino; dedicando-se à indústria, entrou como sócio de um laboratório de produtos farmacêuticos, do qual só recentemente se desligou; fundou museus de arte; viajou quase todo o Brasil, andou longes terras americanas e europeias; manteve, na *Ultima Hora*, seções fixas, uma delas a *Conversa do Dia*, em que deixou excelentes páginas, ainda não enfeixadas em volume.

E, em meio a tudo isso, leu a valer — e entre os autores lidos figuram Gide, Pirandello, Lawrence, Conrad, Henry James, Sinclair Lewis, John dos Passos, Willa Cather, Katherine Mansfield, Jacobsen; leu e escreveu varando as noites. Expressiva, em *A Mudança*, esta confissão (de 1941):

“É madrugada. Vago pelo apartamento na semi-obscuridade, adivinhando os móveis, desviando[-me] deles, contornando-os, cansado da leitura, buscando inspiração, meu pêndulo noturno — ler, escrever, ler escrever...”

Homem sois de língua afiada, Senhor Marques Rebelo, predisposta à franqueza mais rude, à mais dura irreverência, à ironia, ao sarcasmo, à sátira crua por vezes; e ninguém me acusaria de maledicência ao proclamá-lo: que a proclamar verdade tão sabida sois vós mesmo o primeiro, antes que o façam os vossos inimigos — que muitos por isso conquistastes — ou os vossos amigos, nem sempre imunes à maledicência

rebeliana, oral ou escrita. Por vezes acontece raiarem pelo exagero vaidoso as vossas confissões neste sentido:

“A verdade é só esta — sou um rapaz mal-educado.”

Ocorre — ao menos uma vez — quererdes explicar-vos:

“Não é fácil ser respeitoso a um garoto que nasceu em Vila Isabel, e na Tijuca e no Estácio foi criado.”

Lançais à conta do famoso bairro o vosso gosto inato da irreverência — do vosso bairro, de que dizeis ser um modesto cidadão, mas do qual em verdade muito vos orgulhais, e com justo motivo, a ponto de que poderíeis repetir o vosso querido e admirado cobairrano Noel Rosa: “Modéstia à parte, eu sou da Vila.”

Em dado momento, chamais “sinceridade” a essa face do vosso feito:

“a sinceridade é uma qualidade que nunca atraíçoei”.

Em *A Mudança*, onde apareceis sob a pele de “Eduardo”, deixastes esta confissão:

“Certos confrades entenderam de inventar o assunto Eduardo. É um assunto fácil, porque dou pasto, por uma certa descontinência de língua.”

E adiante:

“O meu primeiro movimento é sempre de cólera, Chico. Ou de curiosidade.”

Recordando as palavras de alguém — “A inteligência é a faculdade de compreender aquilo que nos é antipático” —, escreveis que isso vos

“doeu como uma pedrada. Senti-me burro.”

“Engraçado!” — Luísa vos diz (e naturalmente com ela concordais). — “Com você é preciso agir como se jogássemos o perde-e-ganha. Porque se a gente quer ouvir vitrola, você liga o rádio. E quando a gente quer rádio, você toca vitrola, e sapeca, fatalmente um samba se pedimos que ponha um disco clássico...”

Em certo ponto, porém, revelais divergência entre a língua e o coração:

“Nunca é possível cortar uma certa rispidez de gestos e respostas, que me põe em estilhaços o pobre coração de vidro sem o hábito da cautela.”

Doutra vez:

“Caneta pingando fel, que ganhas com isso?”

E, nobremente, o pecador faz o ato de contrição, certo, embora, de não poder fugir ao pecado:

“A verdade é esta: falta-me grandeza. Falta-me o espírito de tolerar a eterna tolice humana, a irremediável vaidade humana, a estupidez humana. Quantas vezes eu juro a mim mesmo não ferir mais susceptibilidades, sorrir piedoso para todas as tolices, para todas as vaidades, para toda a estupidez, para o carneirismo ou para a cupidez — deixar a vida correr suave e sem barulho como máquina azeitada. Inútil! Sou bichinho rasteiro (o espelho me segura) — e na primeira ocasião lá vai agressão sob a forma de franqueza, quando a franqueza é um mito e as minhas fraquezas são muitas, infinitas, Catarina que o diga!”

Dizendo à vossa Luísa que tendes horror a confissões — vós que tantas fazeis —, confessais-lhe:

“não sei gostar muito. Não sorrias... Sei suportar, apenas, e uma e outra coisa podem se confundir um pouco. Suporto uma infinidade de criaturas, de resto com bastante desfaçatez, súbitas explosões e alguns traços de meiguice, além de toneladas de gratidão em certos casos”.

E acrescentais, profundando a auto-análise:

“Tenho compaixão de algumas, poucas, pobres almas desarvoradas como Eurico e a nossa perdida Madalena. Estimo Francisco Amaro e Garcia, mas estimo indestrutível como se os laços do afeto pudessem ser inoxidáveis como certos aços. Por Vera e Lúcia [os filhos] é amor, mas amor seco, que às vezes nem parece que é amor. Talvez nem seja mesmo amor, pois o amor paternal bem pode ser amor a nós mesmos...”

E há um momento em que vos abandonais a esta inquirição psicológica:

“que sabemos honestamente de nós mesmos, com que estigmatismo nos olhamos, infensos às lentes retificadoras?”

Mas, pelo geral, não estais para semelhantes indagações, e, como achais que “não há vaidade mais perigosa do que a modéstia”, envaideceis-vos das vossas franquezas e maledicências, e do espírito com que as expressastes:

“O que me perguntaram [em Praga] respondi com este jeito que Deus me deu e o Diabo conserva e, por causa de muitas respostas, houve alguns risos. Por causa das perguntas que ousei fazer, certas vezes houve caras fechadas.”

“Desembaraçadamente desatei num rosário de considerações, não distantes muitas da finura e da originalidade, cheias outras de inocente maldade.”

Inocente maldade!

Agora carregais mais vivo no auto-elogio, mesclado a elogio de vossa terra e de autores e amigos da especial admiração vossa, ao registrar uma conferência por vós improvisada em Belo Horizonte:

“não me considero um mau conversador, a certas alusões houve risos, a memória não me trai, e me é fácil falar com amor da minha cidade e de Manuel Antônio de Almeida, de Machado de Assis e de Arnaldo Tabaiá, sobre quem vem pensando um cerrado e injusto esquecimento.”

“Falar com amor”, dizeis. Amor, ternura, piedade — e eis o reverso da medalha, a outra face da vossa complexa personalidade.

No quarto do casal, Luísa estuda para um concurso, e:

“De quando em vez, vou até lá como cordão umbilical que nunca se desprende da matriz:

“— Que é isto?

“— Contabilidade Industrial. Não sabia nada!

“Quando fecha os livros é que eu me instalo na mesinha para as minhas lucubrações. A luz do abajur não a perturba, nunca a perturbou, dorme, cansada, profundamente, e não sinto remorsos. Ao ritmo do seu arfar, vou compondo as minhas coisas.”

Depois de à pergunta da praguense Jerolav, vossa guia, sobre se tendes algum verso que vos persiga, responderdes que é o verso (aliás, os versos) de Manuel Bandeira — “E saudava a matéria que passava, / Liberta para sempre da alma extinta”, torna ela:

“— Quer dizer que se você tivesse um ex-líbris poria nele esse verso?

“Não” — retrucais —, “poria outro: ‘Perdido é todo o tempo que em amor não se gasta’. É de Tasso.”

E é vosso este conceito, moldado no “Há tempo de rir e tempo de chorar”, do Eclesiastes:

“Há tempo de amar e tempo de amar o que se amou.”

Aos cães se estende esse amor, e eis com que afeto — e poética beleza — vos referis à cadelinha Laurinda:

“Envolveu-se Laurinda num velho suéter verde, de melancólica história, como se fosse possível aquecê-la, aquecer o seu inestimável coração sem latidos. Pérsio é gentil. Abriu a pequenina cova rente ao muro do seu ateliê. Foi plantada lá como semente de amor, ao sol que ela tanto amava.”

Se considerais.

“Triste espetáculo o de uma criança que chora”,
menos piedade do que os seres de carne e osso não vos merecem as vossas personagens. E com esta breve nota abris os *Três Caminhos*, explicando a razão do título:

“‘Vejo a Lua no Céu’, ‘Circo de Coelhoinhos’ e ‘Namorada’ representam capítulos imperfeitos de três romances tentados, onde cada pequenino herói estava no seu caminho.

“Se não os prossegui não foi por negligência ou incapacidade. Falou mais forte a piedade de não lhes dar destinos.”

Da vossa dedicação aos amigos uma prova citarei. Em 1942 tomastes conhecimento da remessa do *Cascalho*, romance de Herberto Sales, então residente em Andaraí, na Bahia, para o Concurso Latino-Americano de Romances, aos cuidados, em nosso país, da *Revista do Brasil*, então dirigida por Otávio Tarquínio de Sousa, e por mim secretariada. Lestes a obra e escrevestes ao seu autor, com elogios, e sugerindo-lhe modificações, que foram aceitas. Conquanto houvesse ganho, aqui, no certame, Jorge Amado, com *Terras do Sem-Fim*, o vosso interesse não morreu: conseguistes editor para o romance, e, quando este em provas, telegrafastes a Herberto pedindo-lhe viesse revê-las, fostes esperá-lo no aeroporto. E porque Herberto — volvidos alguns anos, e depois de, ante situação difícil e perigosa, haver-se deliberado a deixar sua terra e vir para o Rio, cedendo à insistência do vosso convite — desistisse da viagem quando já estava em Salvador, mandastes a sua mãe este telegrama, que foi entregue ao escritor por seu pai, quando aquele, de regresso, já se achava em Feira de Sant’Ana: “Obrigue Herberto a vir pt Tudo farei para salvar o amigo pt Abraços.” E pouco depois lhe escrevíeis: “Recebi carta. Quando você quiser vir, é só chegar: o apartamento, com Rebelo ou sem Rebelo, é sempre seu.” O complicado romancista não resistiu, e em vossa casa o hospedastes durante meses, e encaminhastes-lhe os primeiros passos.

E a vossa amizade a Arnaldo Tabaiá, a Francisco Inácio Peixoto, a Walter Benevides, a outros daqueles (não muito numerosos, é certo) a quem concedeis a graça de os poupar ao pelourinho que é a vossa obra cíclica *O Espelho Partido*, onde tantos desafetos, e até amigos, vêm sendo castigados, por vezes implacavelmente?

Sim, também amigos. Lembrais — só até certo ponto! — o Joaquim Fidélis, do conto machadiano *Galeria Póstuma*. À noite essa estranha criatura retratava, em traços sintéticos, e não raro cruéis, pessoas de sua amizade e convívio, num

diário, “confidências do homem a si mesmo”, cujo veneno não poupou o sobrinho sequer, que morava com o tio e só após a morte deste veio a descobrir o precioso documento: “Este meu sobrinho . . . ama-me. Eu não o amo menos. Discreto, leal e bom. . . Tão firme nas afeições como versátil nos pareceres. Superficial, amigo de novidades, amando no direito o vocabulário e as fórmulas.” Com os outros, então, era muito pior.

Santo não sois, por certo; mas ninguém menos que vós pretendeu vender-se por santo. Pecador confesso e relapso, tendes, contudo, como se viu, momentos de grande virtude.

Quer-me parecer mais um traço de vossa afetividade o hábito e gosto de dedicar a amigos as vossas obras.

Gourmant e *gourmet*, com ríspidas idiossincrasias alimentares — ao leite, por exemplo, e a quantos laticínios existem (“não ponho manteiga na boca”; por mais admiração que tenha por Metchnikof, troço que não ponho na minha boca é coalhada”), virgulais o habitual trabalho noturno com a ingestão de numerosos acepipes ligeiros, sem dispensardes o café — e, dou o meu testemunho, é excelente o de vossa casa (“Quando que aqui em casa o café não foi decente?” — gritais a um visitante que parecera disto duvidar).

Apaixonado das artes, música e pintura maiormente, sobre elas, como acerca de letras, gostais de conversar; e creio não perdestes o costume, que tínheis quando meu vizinho, de, querendo impor vosso gosto aos amigos, atacar autores que vieis enfileirados nas bibliotecas, sugerindo, como destino para eles, o lixo, e condenar músicos ou músicas não de vossa preferência, e sugerir a remoção de certos quadros da sala para a cozinha.

Homem de rompantes, língua-de-prata, sois, enfim, como o vosso caro biografado Manuel Antônio de Almeida, um desabusado; e, como somente vós mesmo, e sobretudo em relação aos de vossa estima, um abusado, na acepção bem nordestina de “confiado, intrometido”.

Língua-de-prata, sim; mas não é outro senão vós quem escreve, antes de travar, em Ferney Voltaire, na França, imaginário e espirituoso diálogo com o forte maldizente do *Candide*:

“Desconfiem dos homens de má língua, meus amigos — em regra geral têm bom coração.”

Ora haveis de saber que um dia, senhoras e senhores meus, Eddy Dias da Cruz, aquele menino de Vila Isabel, realizou a mais valorosa obra de sua vida: criou Marques Rebelo, que viria a ser um dos grandes de Espanha das nossas letras, personagem, bem o vistes, de altíssimo teor de personalidade.

Isto ocorreu pela altura de 1926, quando Eddy Dias da Cruz andava pelos seus adolescentes dezenove anos, já semi-empanturrado de leituras e atacado da comichão literária, e querendo de simples leitor passar à condição de autor.

Certo, ao nacionalismo do seu espírito não agradava o estrangeiro nome de batismo; tampouco a seu musical ouvido soaria bem o *Eddy Dias*, esse *di-di*, feio, tipo de cacofonia que a gramática maltrata com um palavrão — *parequema*. E, ainda por cima, um de seus professores, o escritor Nestor Vitor, sentindo-lhe os pendores, chama-lhe a atenção para a penosa circunstância.

Assim, antes de aventurar-se a criar nome literário, teve o jovem de, fazendo uma autocrisma, criar para si um nome com que firmar os seus trabalhos.

E — caso não demasiado freqüente — pela vida fora, pela obra fora, Marques Rebelo chegou a matar Eddy Dias da Cruz: matou-o literariamente, e socialmente; e até no campo das amizades íntimas, e no da família, a bem dizer também o matou: na boca sentimentalmente conservadora de uns raríssimos amigos de infância, e na dos filhos, é que o *Eddy* permaneceu; para todos os demais, *Rebelo*, como lhe chama até sua mulher; ou poucas vezes *Marques*; ou, finalmente, e por inteiro, *Marques Rebelo*.

O jovem Eddy, porém, ficou, no fundo da cena, alimentando, com a sua vivência rica, talvez a maior parte da atividade literária de sua criatura, que a seu turno se fizera criador. Criador, do seu poder demiúrgico viria a brotar toda uma teoria de seres, ora nítidos, vívidos, inteiros, ora fugazes, evanescentes, incompletos, e nem por isso menos humanos — ao capricho e sabor das exigências desse universo de características tão próprias que é o universo da ficção.

A argila desse fino escultor, fornecida por Eddy Dias da Cruz, plasmou Seu Azevedo, e Seu João, e Onofre, o mata-mosquitos, e o pequeno Silvino; e mais Rosinha, a professora, doída para casar, e a cujos olhos Santo Antônio “valia muito mais que S. Geraldo, razão, mais ou menos, de dois S. Geraldos para cada Santo Antônio”; Estela, de olhos que “eram bem o chamado do mar, ... o chamado das ondas de um

mar verde, fundamente verde” (“Por onde andaré Estela? Em que mares de homens se perdeu?”). E não terá entrado um pouco dessa argila na composição da capitosa Oscarina, embora a tenhais conhecido, ao que parece, pouco após a fase de transição entre Eddy e Rebelo?

Mas é bom atender à cronologia, pondo as coisas nos devidos lugares e tempos.

Operada a transição, trazido às nossas letras um novo autor, este não principiou escrevendo prosa. Não. Como tantos e tantos, como a grande maioria, começou poeta. A 5 de fevereiro de 1927 estreava, na *Para Todos...*, com o poema *Rua Indolente*:

Da minha janela, convalescente,
eu vejo a minha rua,
a minha rua indolente de subúrbio,
adormecer ao sol do meio-dia.
Quase silêncio.
Roupas a secar na corda.
O capim, muito verde, cresce na sarjeta
de grandes pedras desiguais.
Um velho tamarineiro enche duma sombra
malandra o botequim da esquina.
Passa um sorveteiro com a sua caixa
mal pintada de verde e de amarelo.
Passa um mascate.
Outros pregões... Os pregões de todos os dias
de vozes cansadas e arrastadas
que ficam muito no ar...
Há um longínquo bater de roupas.
Nas janelas azuis do teu branco chalé,
do teu chalé imperial,
os cortinados de cassa
parecem me chamar...
E de repente,
o teu piano, meio desafinado, enche
o quase silêncio da minha rua indolente,
com uma velha valsa sentimental
que não se toca mais.

Bem se vê: poesia descritiva, do cotidiano, simples, sem estridências, discretamente filiada ao modernismo.

Mais uma citarei, publicada na *Revista de Antropofagia*, número de junho de 1928. Seis versos, apenas:

Eu abri a janela
E respirei fundamente a frialdade
Da manhã.
Sob risadas de sinos
A cidade brincava de esconder
Dentro da névoa.

Outra, igualmente breve, *Quando Você Foi Embora*, saíra um mês antes, na *Ilustração Brasileira*, vindo no mesmo número um conto seu, *Rita*.

E mais outros poemas, vários, lançou Marques Rebelo, que, além de nas citadas revistas, colaborou, entre 27 e 29, na *Revista Sousa Cruz*, em *Verde*, no *Leite Crioulo*, no *Atlântico*...

Chegou a pensar em reuni-los todos em livro, com o título daquele primeiro: *Rua Indolente*.

Desistiu, depois; e deu de mão à poesia. Atirou-se à prosa, onde por vezes se realizaria bem mais altamente como poeta. Vêde, senhoras e senhores, se tenho razão:

"Leniza sentou-se, tímida, na ponta da cadeira, como uma pomba no beiral, exatamente como uma pomba."

"Uma doce piedade pousou-lhe no coração, como borboleta bondosa que pousasse numa flor morta e sem perfume."

Dois breves e belos poemas. Basta que se lhes dê a disposição tipográfica de versos. São de *A Estrela Sobe*, seu quarto livro de ficção; e a colheita poderia remontar à época muito anterior.

E este, ainda mais curto, lapidar, prodigioso dístico, uma vez feita a separação na palavra "solitário":

"O bêbedo solitário faz parte do luar"...

O Espelho Partido nos oferece maravilhas poéticas assim:

"E a madrugada vinha desabrochando da linha do horizonte como uma imensa orquídea sangüínea."

E agora, senhoras e senhores, a dor pela morte do amigo muito querido transfeita em poesia de grave e enternecida beleza:

"Que tarde de cristal! Que brilhos arrancava o sol do casario! Que clareza tinha o branco de mármore e o cal das sepulturas! Diafaneidade, fulgência, claridade, que os olhos sófregos de Tabaiá não mais poderiam gozar e fixar. Sob o machucado monte de coroas, ramos e douradas letras da homenagem e da saudade, deixamo-lo no seu alvéolo perpétuo, partícula do favo imenso horizontalmente estendido, de ventre enchumado de inúteis ataduras de algodões antissépticos, operária da beleza, que não fabricaria jamais o mel da alegria e do amor."

Datado "Rio, outubro 931", chegou-me às mãos, em Maciós, o livro de estréia de Marques Rebelo, *Oscarinas* a novela de igual título, dantes publicada na *Feira Literária*, e mais quinze histórias curtas. Outros amigos de lá também o rece-

beram. Foi um rebuliço, na mesmice da província. Ainda me recordo bem de Raul Lima a repetir, deliciado, aquele trecho, que tinha de cor:

“Conheceu Oscarina no mafuá de Botafogo, defronte à barraquinha das argolas.

“— Duma morena assim é que eu precisava lá em casa...

“Oscarina, rebolando, virou de lado, como quem não quer, mas dando corda:

“— Sai, pato! . . .”

Valdemar Cavalcanti quase delirava. E Graciliano Ramos, na Imprensa Oficial, de que era diretor, um dos pontos obrigatórios do nosso bate-papo literário, levantava-se da mesa, mangas arregaçadas, depois de pentear a gramática e estilo de um original, tomava da obra, sempre à mão, e, abrindo-a no conto de sua preferência, *Na Rua D. Emerenciana*, que uns vinte anos depois viria a incluir na sua antologia *Contos e Novelas*: — “Isto é bom como todos os diabos, não é assim?”

Rematava o louvor com um palavrão cabeludo, e, como prova — “mata a cobra e mostra o pau” —, punha-se a ler:

“Seu Azevedo, vizinho, um bom homem, de tardinha, palito nos dentes e paletó de pijama listrado, vinha com a Lúcia e a Ninita, as pequenas, gozar a fresca — digam lá o que disserem, não há como os subúrbios para uma boa fresca! — comentar a *Esquerda* com Seu Jerome, dar dois dedos de prosa com a comadre, perguntar pela entrevadinha, sempre da mesma maneira: e como vai a titia? — porque era ela uma tia velhinha e paralítica, que Seu Jerome abrigava. . . . Mas se ele era bom, era irreduzível a respeito dos políticos, ‘todos eles uns grandessíssimos piratas’.”

— Que desgraçado, não é assim? — comentava Graciliano.

Virava a folha, depois de nos ter consultado os olhos e obtido concordância plena:

— Vejam isto agora:

“Este mundo é uma bola, D. Veva. Este mundo é um circo. . . “D. Veva, esfolando os cotovelos na janela não ouviu bem (a voz do Seu Azevedo era rouca) e ficou com vergonha de perguntar, sem saber se o mundo era um circo ou se era um círculo. Então mudou de assunto perguntando se D. Maria andava melhor do reumatismo com a receita espírita. Seu Azevedo tinha aquele defeito — gostava de falar em doenças. Pegou no reumatismo da mulher — até agora nada de melhoras, comadre, enfim. . . — e não parou mais.”

Sublinhava bem “pegou no reumatismo da mulher”. Os cuvintes já conhecíamos o conto, mas nenhum se cansava de ouvir. E a figura de Seu Azevedo, e a figura do criador, cresciam a nossos olhos. E eu lembrava aquele fim patético, da mais pungente dramaticidade do cotidiano:

“Ele se foi, é o nosso destino, comadre, uma vontade suprema a que nada podemos opor, e como era bom com Deus está. Mas não a deixou sozinha, pense bem. E os filhinhos? E...”

“D. Veva espantou os olhos gastos para Seu Azevedo, que emudeceu, e, quando pensou nos seus cinco filhos, aí é que ela viu mesmo que estava sozinha e de mãos para o céu começou a gritar.”

A todos nós — em grau bem menor ao mestre de *São Bernardo*, espírito mais positivo — tocava-nos também, fortemente, o *Em Maio*: sucessão de instantâneos líricos; um *prosoema* (para usar o neologismo com que Osvaldino Marques batiza certas páginas de Guimarães Rosa), com aquele fim, humano e triste na placidez do seu ritmo:

“Quando entrar em casa, sentirei a mesma quietude. Minha mãe cosendo, sentada no seu banquinho ao fundo da sala, minha irmã, esquecidas as mãos no teclado amarelecido, num fim de sonata, sonhando — bem o sei! . . . — com alguém que não está. O retrato do amigo perdido pende da parede, desolado, sozinho. A lâmpada que ilumina o Senhor derrama uma luz tranqüila, que vai suavemente esmaecer os ângulos dos móveis antigos. Minha mãe levantará a cabeça quando eu bater à porta: Boa noite! Responderei: Boa noite! Minha irmã acordará. Perguntarão se estou cansado, se eu passei muito, se eu quero comer alguma coisa. Nem sei o que responderei. Deveria haver lágrimas na minha voz. Escondendo-as. Não se deve turvar uma felicidade e eu sinto que existe uma felicidade inefável dentro daquelas quatro paredes, eu sinto também, angustiosamente, que dentro de tanta paz eu sou um homem sem motivo e lá fora, na vida, um tímido que se aterra.”

Nada faltava ao escritor, escrevia João Ribeiro, para ser completo e perfeito, ou (o que está mais próximo da verdade) lhe faltaria muito pouco. O livro, a seu sentir, “sem ênfase, sem frases inúteis e pernósticas”, estava entre os melhores do gênero. E Tristão de Ataíde, para quem aqueles contos algo exprimiam “de muito pessoal e de bastante superior ao nível médio de nossa produção literária”, aproximava o autor — embora considerando-o “muito mais romancista que con-

tista' — dos dois contistas que a geração anterior, a dele, revelara: Antônio de Alcântara Machado e Ribeiro Couto.

Aproximava, sem contudo expressamente falar de influência, enquanto João Ribeiro identificava a de Machado de Assis, pela sobriedade, singeleza e graça do estilo.

Havia, sim, esta influência, aqui e ali a repontar na construção de uma frase, no fino do humor, mas visibilíssima, palpabilíssima, no estilo e na técnica da *História de Abelha* — no jeito de mitigar ou corrigir a afirmação com o sinuoso da dúvida, ou anulá-la com a negação, de enredar-se num indeciso ir-e-vir, na volúpia de circunloquiar, de abandonar-se um pouco ao fluir lúcido, posto que vigilante, das palavras, e até no gosto de trazer à luz suas pontinhas de erudição:

“Parecia uma abelha.” — assim começa. — “Era possível que não fosse, tão complicada e vária é a bicharada do Senhor. A cor, na verdade, não tinha nenhuma semelhança com a das abelhas mais originais que conhecera, um castanho-escuro, carregado, esclarecendo um pouco para o ferrão amarelo, de tom vivo e agressivo. E as listras? Sim, não esqueçamos as listras pretas, grossas, pelo corpo como anéis. Enfim, não é coisa incrível haver abelhas extravagantes. Esta bem o poderia ser. Mas o tamanho? Convenhamos que era do tamanho de um dedo, não digo que um grande dedo rude de trabalhador, mas um dedo pequenino, gentil, digamos logo, um dedo de mulher, o que não deixa de ser porte de sobra para uma abelha. Nada disso importa. Haverá quem negue neste mundo a existência de abelhas desconhecidas? As da Birmânia, dizem os viajantes que por lá exoticamente andaram, são monstruosas. E não seria porventura esta uma abelha da Birmânia (possivelmente até da Transcaucásia, onde as há também, já ouvi falar), uma abelha-monstro, rara, excepcional, que só aparece por vezes?”

“Uma abelha, pois o meu bicho, o dia era domingo, pela manhã, pouco passava das nove horas e eu ia para o banho de mar.

.....
“... A irmã era loura e estava de bege. A moça era morena. Talvez fosse uma amiguinha. Não — era irmã sim. Vária e complicada é a gente do Senhor.”

E assim termina, ainda bem machadianamente, a graciosa narrativa:

“A abelha, nunca mais a vi. Era grande, castanha, listrada de preto, notável; talvez nem fosse abelha, um marimbondo, quem sabe?”

Uma das histórias do volume traz o mesmo título de outra de Machado, por sinal, como vimos, figurante entre as prediletas de Rebelo: *Uma Senhora*. De Machado de Assis, sabeis, é o conto *O Espelho*; em *Oscarina* aparece *Espelho*, apenas sem o artigo.

Com respeito a influência sem Marques Rebelo (reveladas não apenas em *Oscarina*), insistentemente se costuma somar a de Machado de Assis as de Manuel Antônio e Lima Barreto. Repete-se que é ele herdeiro é continuador da interrompida tradição desses três cariocas ilustres. Isto se repete com esquecimento de uma verdade flagrante, que sempre reconheci, e com agrado vejo reconhecida por Manuel Bandeira: o paulista Ribeiro Couto, arraigadamente carioca em muitos dos seus contos de *A Casa do Gato Cinzento*, em todos os de *O Crime do Estudante Batista*, e nas crônicas todas de *A Cidade do Vício e da Graça* (para só falar em livros seus saídos antes de surgir o nosso autor), esse paulista não há dúvida que exerceu influxo na arte refinada e sutil de Marques Rabelo.

Longo e ocioso seria falar de outros influenciadores: já se viu a complexa vastidão de suas leituras. Assim, como assim, mencionem-se dois mestres do conto estático, do conto-crônica, presença também não infreqüentes na tessitura das narrativas curtas desse outro mestre do conto estático, a quem ora estou saudando. Anton Tchekof e Katherine Mansfield, a quem, registre-se de passagem, Machado de Assis, não menor que eles, grande entre os maiores do mundo, no gênero, se antecipou, com *A Missa do Galo* — para citar um só exemplo.

Dois anos depois de seu livro de estréia lançaria o escritor *Três Caminhos*: uma novela e dois contos, tudo excelente; destes, um, o *Circo de Coelhinhos*, página de certa psicologia infantil, terna e desenganada ao mesmo tempo, é obra-prima, o que importa dizer: uma das obras-primas do conto brasileiro.

Aqui, mais do que na obra anterior, porque de ponta a ponta, insinua-se a presença do menino Eddy a fornecer à sua criatura uma constelação de reminiscências de infância.

As qualidades de observação exterior e psicológica, de estilo, de fatura, mantêm aproximadamente o mesmo nível, já

elevado, de *Oscarina*; porém a obra, mais reduzida, é, talvez em parte por isso, muito mais homogênea.

Mais dois anos passam — e eis o nosso autor a ganhar em chave com três outros, o Grande Prêmio de Romance Machado de Assis, em concurso promovido pela Companhia Editora Nacional. *Marafa* — é o romance laureado.

Pouco me agrada esse livro, ao lê-lo na primeira edição. E era concorde com a minha a opinião do autor: o livro, pelo que se vê nos *Escritores Contemporâneos*, de Renard Pérez, nunca o satisfez de todo. Mas a releitura, agora feita, na terceira e última edição (refundida, como já o fora a anterior), alterou-me o julgamento.

Progresso revela ele — nos meios expressivos e na fabulação. O diálogo, já dantes excelente, atinge, aqui, acabada mestria. De tão vivo, de tão ágil, recorda a mobilidade da conversa do autor, e a sua própria (sobretudo a antiga) mobilidade física. Falas contrapõem-se a falas, exatas, enxutas, elétricas por vezes, com a vivacidade de um pingue-pongue de jogadores consumados — flagrantes perfeitos de estados de alma; ou derramadamente longas, como as de Baltasar, aquele funcionário público algo incendiário, apelidado *Carne de Açougue* por não saber conversar sem pendurar-se no interlocutor —, mas nem por isso menos expressivamente retratadoras. As almas apresentam-se quase por si sós, em discurso direto, ao longo da narração — processo bem do autor —, e algumas palavras, por vezes uma ou duas, sempre oportunas, com que o ficcionista contraponteia os diálogos — neles interpoladas, ou acrescentadas a eles, não raro sem a gráfica e esperável solução de continuidade, valem mais que alentadas descrições, conferem prodigiosa vida e verossimilhança à trama da narração, sugerindo intensamente o identificar-se do criador com os problemas e paixões das suas criaturas.

Um vocabulário ricamente matizado e preciso, em que os termos, locuções, ditos e provérbios cultos, usuais ou raros, alternam com os populares, os familiares, os giriais, ou de jargão, os chulos, ou, até, com palavras técnicas, neste quadro da vida carioca, em cujo primeiro plano se patenteia a miséria dos nossos *bas fonds*, e a que não faltam outros aspectos: um pouco da vida esnobemente mundana, e o carnaval — o das ruas e o das sociedades carnavalescas — e os esportes — o futebol (no qual, Senhor Marques Rebelo, notoriamente sois

doutor) e o boxe, de que também revelais conhecimento seguro, e algo alarmante.

Só um tipo, de toda a galeria de *Marafa*, me parece lá o seu tanto artificial: é o "jovem escritor", muito dado a esno-bar, a lançar conceitos, a rir-se da tolice alheia. Artificial, sim: não, está claro, porque assim proceda; mas pela maneira duvidosamente artística por que aparece retratado.

Contudo, a obra é significativa, de forte e generoso teor humano. E, nela, não vos nutris — pelo menos, quase nunca Marques Rebelo se nutre — das vivências de Eddy Dias da Cruz; e sim das próprias, e espantosamente numerosas.

E daqui por diante passareis a desprender-vos mais — nunca, porém, o fareis de todo — do cordão umbilical que a ele vos prende.

Em *Estrela me Abriu a Porta* a vossa ficção se mostra cada vez mais sintética, mais despojada, mais cerebral, no estilo e na estrutura; nem é sem motivo que adotais por epígrafe a palavra de Jacques Chardonne: "O tempo conserva de preferência aquilo que é um pouco seco."

E neste ponto abrirei um parêntese para lembrar o vosso gosto das epígrafes. Que felicidade no escolhê-las! Vimos a de Chardonne, excelente; vejamos outras.

Em *A Estrela Sobee*, duas. A primeira, tirada à Bíblia: "E o Senhor me disse: 'Toma um livro grande, e escreve nele em estilo de homem.'" (Isaías, 8-1.)

A *Os Lusíadas* pertence a segunda: "Oh! grandes e gravíssimos perigos! / Ó caminho da vida, nunca certo!"

Nas *Cenas da Vida Brasileira* a Bíblia retorna. Agora, é o Livro de Jó: "E disse o Senhor a Satanás: 'De onde vens tu?' Ele respondeu: 'Girei a Terra, e andei-a toda.'"

"Boa romaria faz / quem em casa fica em paz" — a este provérbio recorre pitorescamente o autor em outro livro de viagens, o *Correio Europeu*.

"George Moore, *Memórias da Minha Vida Morta*, aparece nos dois tomos publicados de *O Espelho Partido*: 'A memória de todo homem é um espelho de mulheres mortais.'"

Mas retomemos o fio. De contos (e semicontos e impressões) se compõe *Estrela me Abriu a Porta*. Em um deles, de primeira ordem, *Os Caprichosos da Tijuca*, notabilíssima é a fluidez da narrativa, onde o diálogo atinge perfeição dificilmente igualável. Dos melhores contos do autor. E o *Labi-rinto* será, no gênero, a obra-prima de suas obras-primas. História estranha, desconcertantemente patética, de uma po-

bre, apagada vida — uma das tantas vidas pobres e apagadas que povoam a ficção rebeliana — atormentada por males vários, de dinheiro e de saúde, e que termina dispondo-se a consultar um oculista, a quem volta, afinal, por não haver obtido melhora:

“— Estou na mesma, doutor! O senhor disse que eu melhoraria com as lentes novas. Nada! . . .

“O oculista, que estava com o rosto sombrio, não respondeu. Foi consultar primeiro a ficha do cliente. A enfermeira trouxe o papelão azul. Ele leu e releu, balançou a cabeça:

“— Custa um pouco, meu amigo. O senhor durante quatro anos não mudou de lentes. Vai pouco a pouco. Calma. Duram muito estas perturbações. As vezes vão a meses. São perturbações do labirinto.

“Seu João riu amargo:

“— Num labirinto vivo eu, doutor!

“O médico abaixou os olhos pequenos que (João reparou bem) pareciam ter chorado:

“— Também eu, meu amigo. Também eu. Todos nós andamos num labirinto.”

“E sentou-se desoladamente na cadeira de ferro, pintada de branco, com a ficha na mão.”

O virtuosismo de técnica e de estilo culmina neste volume, com que o autor proclama haver encerrado sua carreira de contista. Jogos e sutilezas de forma e fantasia alimentam, aqui e ali, a composição dessas historietas, uma delas, muito boa, impregnada daquele tom e jeito machadiano: *Episódio Coreográfico*. É bem de notar, por exemplo, no fim, o dedo do mefistófeles do Cosme Velho:

“Durante uma hora, apesar dos meus bons esforços em contrário, ela dançou o que muito bem entendeu como sendo *one-step*. E se houve um aluno, este fui eu. Aprendi que caridade e cerveja eliminam o ridículo, o que é moralidade e alta moralidade.”

A alguém que desejou, na Europa, saber que livro gostaríeis de ter escrito, respondestes, sem exagero de modéstia: — “Já me perguntaram isso uma vez, na minha terra, e dou a mesma resposta: *A Estrela Sobe*.”

E aqui chegamos ao vosso altíssimo romance.

Haveis de recordar-vos da epígrafe bíblica — “Toma um livro grande, e nele escreve em estilo de homem”. Certo, por estilo de homem entendeis a forma lisa, desadornada, nua, que já vinha de *Estela me Abriu a Porta*. Simples, sem descer

à iliterária condição de simplória. Há muito quem, confundindo simplório com simples, julgue aproximar-se, amontoando período inocuamente banais, da simplicidade tão complexa de Machado de Assis. Claro, nem de longe é esta a vossa maneira de ser simples. Revelais, neste livro, mais que nos anteriores, aquilo a que eu chamaria um estilo condicionado: perfeitamente condicionado às personagens e às situações. Movido do amor às suas criaturas, o criador mistura-se e identifica-se com elas, com os seus dramas, as suas perplexidades, os seus sonhos e desilusões, inquietações e agonias, a ponto de fundir com os delas os seus meios expressivos. Um exemplo típico? O período inicial do romance:

“A primeira filha de D. Manuela morreu aos quatro meses, duma gastrenterite, que zombou tanto da homeopatia e alopatia dos médicos como do empirismo solícito das vizinhas.”

Traço dessa integração na fala de vossa gente é constante oscilar entre o uso da paragrafação nos diálogos e a ausência deste uso, processo aqui particularmente notável.

Outro recurso, de assinalada economia expressiva: o hábito, que ora começais a manifestar, de, aberto o parágrafo para registro da fala de um personagem, escrever entre parênteses, antes dela, das palavras ditas, as palavras pensadas, a fala interior. Processo de seguro efeito: dispensa o abuso dos verbos *dicendi*, sozinhos ou seguidos de complemento: “pensou”, “disse consigo mesmo” (ou “com os seus botões”); e funde em um mesmo corpo estilístico o pensamento oculto e o enunciado — o mentado e o expresso.

Oh, as torturas que essa obra-mestra vos custou! Delas ficaram vestígios muitos no primeiro tomo de *O Espelho Partido*:

“É mister relê-la, sofrer em cima de cada linha, moldar, enxertar, enxugar os transbordamentos, polir, repolir, tarefa severa e atenta que tanto pode durar um mês quanto um ano. Vou procurar ser rápido. Cada livro que faço vai me dando mais trabalho.”

E, quando pretendíeis levá-la ao editor, ficastes, insatisfeito, a catar “miudezas, vírgulas mal colocadas, reticências tolas, esdruxularias — piolhos de estilo”. *Piolhos de estilo* de que muitos primários zombam, mas que afligiam artistas da categoria de Baudelaire e de Graciliano Ramos.

E como nestas páginas pusestes a vossa alma!

“Deixo *A Estrela*” — escreveis antes do período-remate de *O Trapicheiro* — “como se deixasse um pedaço de mim, pedaço doloroso, arrancado a duras penas, pingando sangue, mais lágrimas que sangue, pranto de indecisões e de impotências, retrato móvel de um ser que é um pouco de todos nós. Deixo-a comovido, sabendo que a perdi, que dela me separava para sempre, como se entregasse a filha amada a um desconhecido.”

Por isso tanto vos doeu o desinteresse (que penso exagerais um pouco) por esta vossa obra. Para aceitá-lo — anotareis em *A Mudança* — era necessário resignação, “a resignação orgulhosa dos mortos”.

Aquela desejada contenção de estilo, o propósito de sobriedade, não devora, porém, o lirismo subjacente no poeta:

“Foram subindo pela estrada, muito limpa, fresca, quase fria pela sombra das grandes árvores de troncos limosos. . . Enlaçaram-se. Foram andando. Um sentimento de mútua e absoluta compreensão tornava inútil qualquer palavra. Há parasitas, há cipós, avencas, samambaias. E as rolinhas cisavam na areia vermelha do caminho. E da espessura do mato vinham silvos. Silvos, pios, estalidos. E veio um rumor de fio d’água correndo perto. Veio um bater rápido de asas, um cheiro de flor humilde, um trinado queixoso. E as sombras se adensam.”

E o livro termina assim — pungente, de um pungente marcado de preocupação metafísica:

“... ‘tributação e trevas, desmaio e angústia, e obscuridade’, aqui termino a história de Leniza. Não a abandonei, mas, como romancista, perdi-a. Fico, porém, quantas vezes, pensando nessa pobre alma tão fraca e miserável quanto a minha. Tremo: Que será dela, no inevitável balanço da vida, se não descer do Céu uma luz que ilumine o outro lado das suas vaidades?”

Álvaro Lins, velho admirador do romance, sabe esse final de cor, e comove-se profundamente com ele. E negando, ao criticá-lo, que vos falte “um maior sentimento de humanidade”, ressalta que exprimis “o sarcasmo ao lado da piedade, a ironia ao lado da ternura e simpatia, o desdém ao lado da solidariedade”; e recorda, a esse propósito, um conto pirandelliano, onde o autor fala do seu costume de, todos os domingos, dar audiência aos personagens seus. Depois de ouvir os dramas de cada um, acrescenta Pirandello: “Então eu, que de fato tenho um bom coração, me compadeço deles.

Ainda que talvez a compaixão não se ajuste a certas desventuras sem a condição de se poder rir a seu respeito. Por isso, os personagens das minhas histórias vão espalhando pelo mundo que sou um escritor cruel e desapiedado." E reclama "um crítico de boa vontade que fizesse ver quanta compaixão se encontra debaixo do meu riso".

Escritor viajero, sois dos mais originais. Tedioso vos parece, decerto, repetir toda uma série de manifestações de êxtase basbaque facilmente copiáveis de outras obras, e até de guias. Não o ignorais: nada mais simples do que fazer literatura de viagens sem conhecer os lugares descritos. Tem graça Albino Forjaz de Sampaio ao contar de um homem que sempre desejara correr mundo e, a dada altura da vida, mutilado creio que das duas pernas, renunciara por inteiro ao velho sonho e, intensificando as leituras de viajantes, veio a revelar-se fecundo autor de obras do gênero. Vós, muito ao contrário, percorreis "terras de vossa terra" e países alheios, vagamundeando ao longo de "Oropa, França e Bahia", e observais e registras aquilo que os outros não viram, por não quererem ou não saberem ver. Não aprofundais: limitais-vos à condição de impressionista. Um impressionista bem fiel ao que sois, de raiz: sóbrio, seco, sarcástico, e de extraordinário humor, e, alguma vez, de forte lirismo; e de concisão não raro lapidar, a ponto de concentrardes as impressões num período de duas linhas, ou de uma, ou até de duas ou três palavras. Ocorre, nalguns casos, ser a impressão tão desnorteante que diríamos andar naquilo o gosto de *épater le bourgeois*. Será realmente assim? Receio meter-me, aprofundando este ponto, na camisa de onze varas de um grave problema: a sinceridade do artista. Sinceridade do artista *versus* sinceridade do homem. Que cipoal! Vacilo em trazer à baila o verso, tão realejado, de Fernando Pessoa — "O poeta é um fingidor"; rendo-me, porém, à necessidade de o fazer. Nem é descabido aplicá-lo a vós, porquanto, já se viu e verá, sois um poeta: poeta no sentido em que no geral se toma esta palavra, e poeta porque criador — acepção primeira do termo: criador, autor, aquele que faz. Mas, ainda que aceitando a evolução semântica do vocábulo, me afoitaria a modificar o verso de Pessoa, dando-lhe esta forma: O *artista* é um fingidor. E em particular o artista de *ficção*; até porque, etimologicamente, *ficção* prende-se a fingir, donde a felicidade do título do livro de João Pacheco: *O Mundo que José Lins do Rego Fingiu*. Faltaria deslindar

outra face da questão: refiro-me, agora, aos vossos livros de viagens, e não os vossos contos ou romances. Mas, Senhor Marques Rebelo, sucede que por vossos livros perpassa, de ponta a ponta, o ficcionista — exceto aquele em que tratais de um escritor de ficção: *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, bem esteado em árduas pesquisas, rigidamente objetivo, preso invariavelmente ao propósito de informar e esclarecer. Tudo o mais — romance, novela, conto, teatro, crônicas, viagens, literatura infantil — tudo ficção, no todo, ou em parte.

Vamos aos textos. Andemos, em vossa companhia, por terras do Brasil: *Cenas da Vida Brasileira*.

Estamos em Minas — Montes Claros:

“A exclamação é de Newton Prates:

“— Eta, velho besta!

“O velho besta tem sessenta anos curtidos ao sol de Montes Claros, da qual nunca saiu... Com cinco contos no bolso, arrumou um passe na Prefeitura e bateu para o Rio de Janeiro. Demorou-se oito dias.

“— Que tal? perguntaram quando voltou.

“— Muito decadente!...”

Passemos a Lontras:

“Conversinha:

“— Morreu Zé Fagundes.

“— Quem matou?”

E a Vila Brasília:

“Conversinha:

“— Que tal a estrada?

“— Boa para avião.”

Cataguases, agora:

“A família Peixoto (Francisco Inácio Peixoto) se mostra envergonhadíssima do pobre almoço que pôde oferecer ao visitante ilustre.

“O cardápio compunha-se dos seguintes pratos: sopa de ervilhas, peixe assado, empadas e pastéis, galinha assada, salada de alface e agrião, carne recheada, lombo de porco com tutu de feijão, arroz de forno, lingüiça e farofa de torresmo, couve à mineira, angu à mineira, rosbife. Como sobremesa havia: doce de coco, doce de leite, arroz-doce, gelatina, goiabada de cascão, melado e várias espécies de queijo. Como bebidas: vinhos portugueses, brancos e tintos, champagne francesa, águas minerais e café.

“A família estava envergonhadíssima!”

Por contraste, uma imagem de sabor poético:

"Agora já estou longe da ponte. E as luzes da cidade, nas margens, são como círios que ladeassem um esquite."

Lá vem Itajubá:

"O homem nunca tinha visto o mar. Um dia, viu-o.

"— Então?

"— Muito chique, muito distinto..."

Em Pedras Brancas, é um problema social que o toca:

"Se vós soubésseis quanto ganha uma professora pública, vossas faces cobrir-se-iam de vergonha."

Passemos adiante:

"A casa mais colonial de Sabará foi construída no ano passado."

Em Belo Horizonte:

"Nos torneios de bilhar, os resultados são sempre hierárquicos. Primeiro lugar — o chefe de polícia; segundo lugar — o chefe de gabinete; terceiro lugar (empatados) — os quatro delegados-auxiliares; e assim por diante."

Novo traço lírico:

"Ó Primavera! Bailados das crianças na Escola Normal na entrada da Primavera! Ó corações pequeninos que um dia irão amar e sofrer! Ó graça da minha filha no meio das bailarinas que um dia irão chorar, chorar!"

Barbacena:

"Dizia-me o homem:

"— Eu queria era ver inimigos do divórcio casados com D. Zizi!

"D. Zizi era a esposa do homem."

Vamos ao Estado do Rio:

"Miguel Pereira — 1941

"Balancete do festival em benefício da Caixa Escolar:

"Renda 110\$000

"Despesas com pães e mortadela 105\$000

"Saldo 5\$000"

"Correias — 1942

"Pensão exclusivamente familiar para convalescentes em geral, diz a tabuleta. Na varanda, de pijama, estão oito convalescentes em geral de tuberculose."

E, agora.

"Rio Branco — 1949

"Eis um lugar em que ninguém pode atirar pedras no telhado alheio. Não há pedras."

Depois, Belém:

"A luz é fraca apesar do extraordinário esforço dos vagalumes."

"E depois de quase um mês de planície amazônica, como sentisse a necessidade premente de ver jacarés e sucuris, fui fazer uma visita ao Museu Goeldi."

Passando de um extremo a outro:

Florianópolis:

"Foi a única queixa apresentada à polícia no último e entusiasmado carnaval — o homem estava muito bem no cordão pulando e cantando quando roubaram-lhe a dentadura."

Abramos o *Correio Europeu*:

"Não me venham dizer que o inglês não é sagaz. Depois de dez dias de recusas sistemáticas, o garçom do pequeno almoço compreendeu que eu não gostava de aveia, nem de leite."

"Guinéu é uma libra com penacho. Vale vinte e um xelins."

Falta-me tempo para dar aqui o excelente diálogo com Voltaire, a que antes me referi, e onde o escritor francês faz terrível crítica à ONU. Vejamos a síntese de suas impressões a respeito da França:

"— E como estamos quase na fronteira, diga-me, amigo, o que pensa da França?"

"— Penso que tem os melhores perfumes do mundo, mas não gosto de perfume engarrafado. Penso que sua cozinha é requintada e ilimitada, mas eu prefiro comidas simples como ovo estrelado. Penso que guarda o segredo dos vinhos fabulosos, mas o que eu aprecio mesmo é água. Água somente. Penso que tem costureiros famosos, mas não sou otário. Penso que é ótimo o seu teatro, mas prefiro o inglês. Penso que são lindas e picantes as canções bulevardianas, mas não há nada no mundo igual ao *jazz*! Penso que sua vida mundana é um paraíso de elegância, mas meus hábitos são menos fesandês. Penso que sua vida espiritual é intensíssima, mas me acomodo melhor com o asseio corporal. Penso que tem mulheres lindíssimas, mas eis um assunto sobre o qual não admito nenhuma preferência de origem. Penso que seu passado guerreiro é uma apoteose, mas eu sou inimigo dos canhões. Penso que Renard é minha bússola, mas que novos ventos perturbam a minha rota. Penso muita

coisa, enfim, mas são segredos que irão comigo para o túmulo.”

“*São Marinho*

“Realmente existe.”

Na Itália:

“*Pisa*

“É tudo muito bonito, mas deviam consertar a torre.”

“*Brescia*

“É bom conhecer, para quando passar por Barra do Pirai poder tirar o chapéu.”

“Para acabar com tal praga (a das bicicletas em Genebra), lembrei propor à Municipalidade a vinda de uns oito lotações cariocas, que numa semana dariam cabo duns oito mil ciclistas e restabeleceriam o prestígio do chofer.”

Em Lisboa:

“E quando o avião já deixava para longe as curvas serenas do velho rio, peguei um jornal (visado pela censura) e leio o anúncio fúnebre da Sr^a Maria Duarte das Fezes Ferreira, que Deus misericordioso lhe reserve melhor nome no reino dos céus.”

Em Paris, outra vez:

“Conceituosa conversa, numa recepção de embaixada, com uma substância que até agora não sei bem se era mulher ou omelete.”

Passemos a folhear a *Cortina de Ferro*:

Depois de assistir a um balé, na Rússia, à qual, isentamente, ao longo do livro, faz elogios e restrições:

“— Gostou? — perguntou-me à saída o simpático Capetovich.

“— Não — respondi-lhe com sinceridade.

“— Mas nós temos o melhor bailado do mundo!

“— Não, Capetovich, vocês têm o melhor bailado russo do mundo, o que é muito diferente.”

“Satanov fora veraz — o Hotel Nacional (de Moscou) não era o melhor. Tinha esse ar antigo mais antigo que o antigo.”

Ao passar por Austerlitz, perguntaram-lhe: — “Não quer dar uma vista?” E, antes de responder a quem o convida, informa ao leitor:

“Eu tenho tão pouco entusiasmo por Napoleão Bonaparte quanto pelo Sr. Napoleão de Alencastro.”

Na *Cortina de Ferro*, o ficcionista não se contém, e inventa três guias de nomes diabólicos — Demon Satanov, Belzevuv Capetovich e Lucifer Ilitch Diabonov. Os dois primeiros estouram — um quando ouve do visitante um *Cruz credo!*”, e outro quando pega num papelucho onde estava uma oração contra os demônios.

Já antecipei comentários à vossa biografia de Manuel Antônio de Almeida, em segunda edição, melhorada. Agora, quero apenas assinalar que nem nessa obra, de pesquisa, deixais de lado a irreverência:

“Por diletantismo ou por influência de Manuel Araújo Porto Alegre, que era poeta e pintor, mau poeta e mau pintor, estudou Desenho na Academia de Belas-Artes.”

“*Suspiros Poéticos e Saudades*, ... que, entre parênteses, não deixa saudades a ninguém.”

“Tivemos um punhado de escritores que cultivaram como José de Alencar e Gonçalves Dias um indianismo de ópera, aliado a um sentimentalismo convencional e enfeitado, que alguns críticos teimam em considerar como manifestação espontânea da alma brasileira.”

Não deixarei de mencionar vossos livros para crianças, em colaboração com Arnaldo Tabaiá. Um deles é *Pequena História de Amor*, na qual me impressiona vivo a cena em que a Coruja tira a luz dos olhos da Cambaxirra, a mulher de João-de-Barro, em troca de ervas para cura deste, e também o final, quando o marido nota que está cega a companheira:

“— Por mim você deu toda a luz dos seus olhos, meu anjo!” — exclama o João-de-Barro.

“Mas agora ela ria, beijando-o muito, abraçando-o com todo o ardor:

“— Não, a verdadeira luz dos meus olhos sempre foi você, meu querido!”

Não consegui ver os outros dois: *A Casa das Três Rolinhas* e *Aventuras de Barrigudinho*.

Escrevestes, também, *A B C de João e Maria* e *Tabuada de João e Maria*, ilustrados por Santa Rosa, e, em colaboração com Herberto Sales e com ilustrações daquele artista, a Cartilha *O Cruzeiro*.

É cedo, Senhor Marques Rebelo, para falar com inteireza e precisão sobre a mais importante das vossas obras: *O Espelho Partido*. Dela, que abrangerá, uma vez completa, nada

menos de sete tomos, até agora só dois vieram a lume: *O Trapicheiro* e *A Mudança*. Duas coleções, somente, de estilhaços desse monumental espelho. As imagens por eles refletidas, embora extraordinariamente numerosas, deixam-nos à espera, para julgamento cabal, das imagens restantes, complementares; e, sobretudo, muitas e muitas outras surgirão, inteiramente novas, com o decorrer do tempo.

Mesmo assim, por enquanto, nesta ainda limitada parte de um todo já se pode entrever o grandioso do conjunto; já é possível ressaltar o imenso poder de observação, o humor, a sátira, o desencanto, a ironia e piedade, o gosto da reflexão madura, e, talvez acima de tudo, a excelência do estilo, apuradamente requintado, amorosa e aturadamente enriquecido, torturadamente trabalhado.

De Sá de Miranda se conta que trabalhava as suas peças até quatorze vezes, deleitando-se, após o primeiro jato, em "lamber a cria". De lambar a cria também gostais: já o vimos, antes, quando tratei de *A Estrela Sobe*. Agora, a tortura parece bem maior. E sucedem-se as confissões a esse respeito. Uma delas:

"Escrever é vencer dificuldades... A mão é fraca, corta, substitui, modifica, pára a cada linha, angustiosamente, o talhe variando como um desafio aos grafólogos. A cinza do cigarro estimulante tomba sobre o papel sem pauta. Um ventinho tépido chega da noite avançada. Baratas aparecem por trás dos dicionários."

O martírio atinge o auge:

"Três horas para escrever uma linha. Acabar não escrevendo nada."

Que bem conheceis essa peleja com as palavras! Aco-dem-me os versos de Carlos Drummond de Andrade:

Lutar com palavras
É a luta mais vã.
Entanto lutamos
Mal rompe a manhã.

Assombroso o valor humano e documental desta vossa grande obra: pregões, versos populares, lendas e abusões, o futebol; o carnaval, com as suas cantigas, os seus blocos, as suas escolas de samba; poesias de Natal dos lixeiros; reminiscências de infância; arbitrariedades policiais; doenças, dores-de-cotovelo, confissões íntimas, apertos financeiros,

contas domésticas mensais; literatura, política; tantos aspectos de um Rio já mais antigo, como, por exemplo, a escola com a carta de a-bê-cê.

O Rio... Sois o grande cronista desta vossa cidade, de que a princípio retratastes a subpequena e a pequena burguesias, e de que agora estais pintando a classe média — intelectuais pobres, artistas, profissionais. Vossas influências? O Rio de Janeiro será talvez a maior de todas; entre outros tantos, creio ser ele por excelência o vosso autor de cabeceira.

A este *Espelho Partido* prefiro chamar, em vez de romance, diário romanceado. O que em nada lhe diminui o substancial, embora conte eu com a vossa brilhante defesa:

“Oh, isto não é um romance! — dirão alguns técnicos, o que não tem importância e não constitui verdade. Tudo pode ser romance. Mas há sujeitos que se queixam: — Isto não é vida! E estão vivendo.”

Poderei acrescentar, imagino, que:

“Não existe fórmula para o romance; se tomarmos um grande romance do século XVIII e um grande romance deste século, quase nada têm de comum, como se fossem coisas de gênero diverso.”

Em certo trecho, lançais um conceito artístico de viva importância, exprimindo a vossa opinião em face do binômio invenção-observação do real:

“Inventar, não!” — exclamais. — “O ideal é obter-se um máximo de realidade num máximo de adaptação.”

E confessais:

“Atraem-me vertiginosamente as minudências, os mofinos recantos das almas, os tiques e gestos microscópicos, perturbam-me doentemente os sutis achados lingüísticos.”

E, aqui e ali, a sátira, o senso do humor. Humorista, não invejais e, portanto, não escondeis, o humor alheio:

“O Estado Novo é o estado a que chegamos.” (Barão de Itararé),

sem, no entanto, perder a oportunidade de exhibir o vosso:

“Entre as duas o coração não balança.”

“Seu Valença é quem sabia levar a vida. Primeiro o resto, depois o trabalho.”

“João Herculano — mais um milímetro e seria uma caricatura.”

Alguém vos diz que, tendo gostado muito de *A Estrela*, pensa haverdes estragado tudo com as dez linhas finais (“tri-

bulação e trevas...”), e vos pergunta: “Para que entrar no metafísico, você que nunca foi disso?” E respondeis (“fiel ao princípio de que livro não é assunto para se defender, quando nosso”):

“Saiu sem querer... e agora, fica.”

Teria realmente saído sem que o desejásseis?

Em torno dos tipos básicos, fundamentais, agita-se, em vossa obra, larga legião de vidas por assim dizer ancilares — indispensáveis à ficção, porque tudo é vida.

Sois um homem do vosso tempo. A problemática dos dias atuais palpita singularmente nesta vossa obra, sem estar ausente nas anteriores. Toda a inquietação, as ânsias todas, as dúvidas e perplexidades, e atormentados sonhos, e duras injustiças, os roteiros cruzados da vida moderna, do mundo desesperado de hoje — tudo se reflete, a fremir, neste amplo calidoscópio, neste painel imenso do *Espelho Partido* — partido, como partidos são os nossos destinos.

Eduardo, quero crer, é a personagem mais rica, mais significativa, mais numerosa, do afresco enorme que estais a elaborar. E Eduardo sois vós. Criatura de Eddy Dias da Cruz, sois autocriador: criastes-vos a vós mesmo, juntamente com a multidão de seres que trouxestes ao mundo — esse poderoso e misterioso cosmo da ficção.

Assim, pois, Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores, esta casa ora recebe, com orgulho, as três figuras — Eddy Dias da Cruz, Marques Rebelo escritor, Marques Rebelo personagem: como no mistério da Santíssima Trindade — só por comparação, é certo —, três pessoas distintas e um (e grande) escritor verdadeiro.

**JULGAMENTOS
CRÍTICOS DA
OBRA DE
MARQUES REBELO**

De Ribeiro Couto

Marques Rebelo é um escritor novo da terra carioca. Tem vinte e cinco anos mais ou menos. Ainda não é conhecido do grande público brasileiro, pois só agora vai dar um livro, *Oscarina*. No entanto, os três ou quatro contos que publicou, em revistas literárias, bastaram para assinalá-lo às atenções sérias. Por minha parte, seja-me permitido dizer que fui dos primeiros admiradores da sua prosa, rica de observações do quotidiano. O conto intitulado *Oscarina* (que dá o título ao livro a aparecer) saiu há cerca de quatro anos na *Feira Literária* de São Paulo; desde logo tive a alegria de sentir que, na minha geração, ou antes, na geração seguinte à minha, tão copiosa em poetas, a herança de Machado de Assis, de Raul Pompéia, de Lima Barreto, não se perdera. Na maneira incisiva e calma, na atitude meio zombeteira, meio piedosa, a posição espiritual de Marques Rebelo é a de um continuador da tradição desses mestres admiráveis da novela urbana, homens para quem a vida citadina de todos os dias existe — a vida humilde, burguesa, monótona, difícil, de *Toda Gente* e de *Todos Nós*. O conto *Caso de Mentira* é expressivo da maneira do jovem escritor. A sua língua é característica, é verdadeira, está em função do meio carioca. Do seu túmulo de S. Francisco Xavier, mestre Lima Bar-

reto, tão cedo desaparecido para o romance brasileiro, há de sorrir com bonomia. Sua influência (e ele próprio continuou Machado de Assis, com um desleixo pitoresco) é uma das mais benéficas a que se possa acolher esta última geração de jovens novelistas brasileiros — já marcada de figuras como de Marques Rebelo ou a de Antônio de Alcântara Machado, balizas dos *menos de trinta anos*.

Descobrimento — Número do Verão — Lisboa — 1931

De Mário de Andrade

A cidade do Rio de Janeiro possui uma raça de escritores que se especializam na descrição nua e crua da pequena burguesia ou do alto proletariado. O que me parece curioso é o jeito com que esses escritores tratam a matéria, que os torna excepcionais em todo o Brasil. As outras grandes cidades brasileiras, principalmente as de maior aparência européia, São Paulo, Recife, creio que Porto Alegre, também possuem esses temas e esses personagens, porém os escritores que tratam delas e dessa matéria diferem dos cariocas por um quê difícil de especificar mas que é fundamental. Creio que foram as *Memórias dum Sargento de Milícias* que iniciaram essa tradição, essa verdadeira escola de prosistas cariocas. Machado de Assis algumas vezes coincidiu com ela e afinal o admirável criador de Isaías Caminha fixou definitivamente a tradição, a que Ribeiro Couto também se filiou. Agora aparece um moço, Marques Rebelo, que abre a sua carreira literária com esta *Oscarina*, lançada pelo editor Schmidt. Marques Rebelo é um produto puro dessa linhagem de que venho tratando e a impressão que tenho é que sustentará as tradições de família na mesma altura a que as elevaram os melhores membros dela.

Não tem dúvida que cada cidade tem a sua psicologia toda especial e que por isso era naturalíssimo que os descrevedores da vida carioca se distinguissem dos da vida paulistana ou recifense, mas o curioso é que não é justamente por esse lado que os descendentes de Manuel Antônio de Almeida se distinguem. O que os distingue é, por assim dizer, serem menos artistas, o que não vai dito aqui para os desvalorizar. O que pretendo significar é que o processo de arte deles é afastar o mais possível o que escrevem, da literatura, e se aproximarem da prosa falada, da coisa que a gente con-

ta na esquina. São *realistas* na expressão mais etimológica do termo. Contam a vida, e o único aparente fito que têm é contar a vida tal como ela é. E disso decorrem as principais qualidades do grupo, quase todas muito bem demonstradas no livro de Marques Rebelo. Acho mesmo que algumas dessas qualidades já vêm extraordinariamente valorizadas em *Oscarina*.

Há em todo o livro um poder de vitalizar as figuras, de as tornar palpáveis, tão vividas que a gente esquece ao mínimo possível que está defronte duma obra de arte. A ribalta mágica, com que a presença bondosa da arte ilumina em dons Celestes as cenas mais dolorosas da vida, quase que desaparece por completo. O caso não foi inventado num livro; sucedeu ontem, sucederá amanhã. Muitas vezes não tem importância nenhuma, porém nos interessa enormemente, por aquele instinto sutil de viver com que, se nos contam que um sujeito foi preso ali na esquina, a gente responde assanhado: — É! Porque foi!

Mas a qualidade mais preciosa de Marques Rebelo é o dom excepcional que ele tem pra valorizar os detalhes, os mais mínimos sucessos da vida quotidiana. Jorge abandonar o estudo pra se empregar, não é que Marques Rebelo faça disso uma proustiana tragédia, não, pelo contrário, o caso vem contado, digamos de fora pra dentro, o ato apenas verificando as determinações mais exteriores que o causaram. Marques Rebelo não tem mesmo nada de sentimental, de romântico, a não ser o lirismo um bocado monótono com que reboca às vezes de pequenas descrições de natureza o caso que está contando. Ainda se nota um certo sentimentalismo, talvez proveniente apenas da excessiva mocidade do escritor, na maneira com que esconde quase sistematicamente os prazeres que também são fatais em todas as vidas, pra só contar a mesquinhez dolorosa. Mas sem fazer tragédias das tristezas que conta, sem exasperos nem exageros de espécie alguma, Marques Rebelo valoriza os mínimos atos da vida com um dom de interessar que, repito, me parece excepcional. Tudo tem nos casos dele uma função fortemente orgânica e fatal que é o próprio sentido da vida quotidiana, isto é, da vida desatenta dos seres. *Um Destino*, por exemplo, é admirável nisso, além do conto *Oscarina*, que é uma obra-prima. Conto, ou o que quer que seja. Talvez a única reserva

que se possa fazer a esta página é acabar tão cedo. Na verdade se trata dum romance, e a impressão que a gente tem é que o autor se cansou, de repente, e acabou porque quis acabar. Só existe como *fim* o visível ponto final. O romance continuava. Não é preciso que Zita morra, que Oscarina dê o fora no sargento, como as probabilidades indicam: a verdade é que se percebe que este sargento, figura principal do caso, ainda persevera em nosso prazer literário pelas muitas comessinhas peripécias importantíssimas que irá viver. Nas obras de arte pouco importa o ponto em que as vidas e os casos terminem, eu sei: importa porém que a obra nos dê todo o sentido duma vida ou dum caso. E é isso que em *Oscarina* ficou no meio.

Minha impressão é pois que o editor Schmidt iniciou a série das suas edições com uma obra excelente. Pouco me interessa augurar. Marques Rebelo abre a sua vida literária com um livro cheio de fisionomia, bem caracterizado e forte. Não auguro nada, mas do meu canto irei torcendo pra que ele faça da sua vida uma obra de arte, isto é: nos dê o sentido total do que promete.

Diário Nacional — São Paulo — 31 de maio, 1931

De Tristão de Athayde

Estamos de novo em um momento que poderíamos chamar de recolhimento literário. A vida de um povo tem alguma coisa da respiração humana e as fases de *expiração* geralmente sucedem fases de *aspiração*. Depois de um período criador vem geralmente um período receptor. Não que as qualidades criadoras tenham desaparecido. Ficaram apenas latentes. O mendelismo, aliás, esquematizando a hereditariedade biológica dos seres animais, nos tornou familiares as noções de caracteres *dominantes* e caracteres *recessivos*. Na hereditariedade literária e estética em geral, das nações, podemos observar esses fenômenos. A uma fase de literatura dominante sucede em geral uma fase de literatura recessiva, nesse movimento de ritmo irregular que é impossível reduzir a determinismos inflexíveis mas sempre revela oscilações de maré.

Estamos, creio eu, em um momento de *recessividade* literária. Nossa geração começa a ceder o seu lugar, no palco dos novos, a uma geração posterior. E esses novos nas-

cem com muito menos paixão literária do que nascemos. No período de nossa adolescência, há vinte anos, a paixão que nos enchia era a da *literatura*. Mais tarde quando os mais audazes de entre nós empreenderam, logo depois da guerra, o movimento *modernista*, ainda era o amor da literatura que nos enchia o ânimo, se bem que já profundamente alterado por essa própria guerra, que, de longe ou de perto, foi o primeiro grande fato que nos deslocou das letras à realidade.

Hoje, a nova geração que surge parece muito menos impregnada de estetismo do que nós o fomos e os problemas da vida imediata a interessam muito mais profundamente. A gravidade da nova geração que surge contrasta, de modo flagrante, com a dupla atitude de nossa própria geração: o *estetismo*, a princípio, e a *irreverência literária* em seguida. Fomos os amadores da *vida indireta*, ao passo que hoje os que surgem parecem angustiadamente debruçados sobre os mergulhados na própria *vida direta*. Daí o interesse pelos ensaios históricos, pelas biografias, pelos problemas sociológicos ou filosóficos, pela sexualidade, pela ciência, pela política, pela religião, pelo *fato* enfim —, ao passo que nós nos interessamos sobretudo pelas letras, pela arte, pelo teatro, pelas viagens, por tudo que fosse mais inventado que observado, por tudo que fosse banhado de imagens, pois a arte e as viagens, que foram os domínios prediletos de nossa geração, constituem por natureza o domínio da imaginação.

Estamos, portanto, em um momento de recessividade literária, como foi aquele que separou o simbolismo do modernismo e no qual se formaram, reagindo contra a apatia ambiente, as nossas revoltas estéticas que iam produzir o *modernismo*.

Hoje o modernismo morreu, segundo a palavra corrente entre os novos. A nova geração rejeita o modernismo estético que foi o nosso, e deseja jogar-se *na vida*, com o mínimo de artifícios a embarçar-lhe os movimentos, *mesmo em literatura e arte*. Daí, por exemplo, a ternura que tivemos, malgrado todos os dissídios, por esse pobre e grande Graça Aranha, que Jackson de Figueiredo (um dos precursores mais vivos da nova geração atual e por isso mesmo incompreendido em regra pela nossa geração) julgava “o maior escritor brasileiro do seu tempo” — e o desinteresse radical que por

Graça Aranha demonstra a nova geração. É que Graça Aranha amava, acima de tudo, a *arte* e a *mocidade*, e a nova geração não tem o mínimo interesse nem por uma nem por outra. Ela ama a *realidade da vida*, esteja ela na antiarte ou na velhice. Os novos de hoje admiram os velhos sem esforço, pois não lhes pesa mais o romantismo da mocidade que tivemos. E desdenham da arte com facilidade, pois já ultrapassaram o nosso estetismo lírico.

A vida, a verdade, o fato, o homem preocupam acima de tudo a nova geração. E os jogos da beleza e da juventude, em si, que a nós nos encantaram, parecem-lhe uma traição aos sofrimentos do mundo. A nova geração é grave ou angustiada. Grave nos fortes e nos afirmadores; angustiada nos poetas e nos titubeantes. Mas consideraria o jogo puro das formas como uma traição ao espírito e à matéria.

Por ora, enquanto na sombra dos quartos solitários ou da literatura. O modernismo recolheu, como um sarampo extemporâneo. Mas por isso mesmo alguma coisa de febril vai nascer dessa introversão. Não sei o que será. Mas não poderá ser qualquer coisa de indiferente, pois a banalidade ambiente está certamente fecundando na sombra alguns espíritos ardentes e realmente criadores, que venham fustigar as ondas da nossa inércia.

* * *

Por ora, enquanto na sombra dos quartos solitários ou no fundo das consciências inquietas se processa o descontentamento criador das grandes obras do espírito, vamos recolhendo aqui e ali um ou outro fruto que começa a anunciar a colheita futura que vai suceder à esterilidade do momento literário que vivemos.

Um desses frutos é sem dúvida o livro de contos do Sr. Marques Rebelo.

Marques Rebelo
Oscarina
Schmidt, ed. Rio, 1931

Não direi que no Sr. Marques Rebelo já se encontrem bem nítidos os característicos dessa nova geração que se anuncia. Há nele, ainda visíveis, certos titubeios, certo sibaritismo, certos artifícios literários, certo confucionismo de

expressão e de idéias, que não se encontram ainda na linha nítida dos *novos*, que eu prevejo mais do que vejo.

Mas é inegável que os seus contos exprimem qualquer coisa de muito pessoal e de bastante superior ao nível médio de nossa produção literária. Queixei-me há tempos de que 1930 não nos dera nem um só contista novo, que pudéssemos colocar ao lado ou mesmo próximo dos dois, de primeira linha, que a nossa geração revelara: Antônio de Alcântara Machado e Ribeiro Couto.

Este ano já não poderei dizer o mesmo, pois tanto o Sr. Marques Rebelo como em parte o Sr. Mário Brandão, de que adiante tratarei, são figuras que marcam a trama morta da nossa vida literária.

Escolheu o Sr. Marques Rebelo um meio geralmente pouco explorado literariamente: a pequenina burguesia. Digo *pequenina*, porque em geral os seus contos *descem*. É um dos traços do seu *desencanto*. São vidas oblíquas quase todas as que descreve. São criaturas que rolam a encosta, que baixam de classe, que começam em regra na pequena burguesia para acabar na pequeníssima, no mundo dos criados domésticos e dos serventes públicos. Não chega ao operariado. Se chegasse, dificilmente poderia conservar essa linha de declive, que é o traço principal dos seus contos. O proletariado é uma classe que está subindo, de modo que a sua literatura possui, por natureza, um caráter ascensional. Mesmo quando descreve misérias, essa prole-literatura é para acentuar mais nitidamente a onda de revolta, a ressaca de vingança que se prepara no subconsciente da sociedade, como as paixões se cozinham no subconsciente dos indivíduos.

Os seres dos contos do Sr. Marques Rebelo são criaturas de classe que não esperam subir, de modo que nenhuma violência, nenhuma audácia, nenhum senso de conquista se levanta dessas criaturas que o autor, com muita arte espontânea, sabe delinear em poucos traços. Ao contrário, são classes pequenas e modestas que não sofrem o suficiente para querer *subir*, nem gozam bastante da sociedade para querer *defender-se*. São pequenas classes que vivem invejando e distratando as classes superiores, mas no momento das revoluções verdadeiras se acham ao lado destas, pois temem mais a subida dos que estão por baixo do que a permanência dos dominadores. São classes de equilíbrio. E que entre nós, onde ainda não começou a processar-se essa ascensão contínua de

camadas que é característica das democracias modernas (especialmente nos Estados Unidos) — entre nós se conservam paradas, oscilantes, balançando-se daqui para ali, com a satisfação medíocre de quem não tem muito, mas se satisfaz mais ou menos com o pouco que tem.

É por isso que, do sofrimento, que ressalta de tantas páginas do Sr. Marques Rebelo, não se levanta de fato nenhum vento de revolta. No meio tão característico que ele escolheu (ou o escolheu, pois o verdadeiro artista é muito mais solicitado pela realidade do que esta por ele) — as criaturas sabem instintivamente que, qualquer que seja o regimento político ambiente, a sua sorte será sempre a mesma. São classes sem romantismo algum, ao passo que as classes superiores da sociedade e as classes do fundo, essas possuem uma reserva romântica formidável, pois sabem que estão jogando uma partida social de vida e morte.

O Sr. Marques Rebelo, portanto, deixou de lado os extremos sociais e ficou nas entre-águas, onde os movimentos são todos amortecidos. Todos os seus contos demonstram esse amortecimento de choques. Tudo se passa sem arestas. Não nas entrelinhas, como se dá com esses escritores muito sutis, que colaboram com a realidade de modo premente e são muito mais fortes pelo que sugerem do que pelo que escrevem. Há muita sugestão, no Sr. Marques Rebelo, mas não nas entrelinhas. É nas próprias linhas. Nas próprias figuras. Ele não é sutil no sentido intelectual. Inteligência, propriamente dita, não há quase alguma nos seus contos desintelectualizados. Mas tem a sutileza *da vida*. Compreende muito bem o jogo das penumbras. E tem sobretudo o dom de esboçar figuras vivas sem esforço e com o mínimo de traços. É um sinal patente de romancista. Há livros que estão rebenutando de espírito, outros que se aplicam minuciosamente a descrever figuras. E no entanto não nos dão a sensação de seres vivos. O verdadeiro romancista é, por natureza, o escritor que sabe fazer viver um tipo não se sabe como. Comunica ao leitor, pelas palavras, essa sensação de *presença* que a nossa psicologia viva bem conhece, mas que é impossível de descrever perfeitamente o que seja. *Cinestesia* é um termo psicológico complicado e que no fim de contas nos deixa insatisfeitos.

Mas basta que alguém, em silêncio absoluto, se aproxime de nós, mesmo *pelas costas*, para que saibamos o que é a

sensação de presença meta-sensível. O romancista é o psicólogo que não nos *descreve* a cinestesia, mas no-la faz viver.

E vejo no Sr. Marques Rebelo, com prazer, essa capacidade de tornar *presentes* as personagens, que é o segredo dos verdadeiros romancistas.

Seus contos se destacam portanto. Há neles a vida real de uma classe enorme de nossa população, que Lima Barreto soube traduzir literariamente com uma perfeição de traços dificilmente excedível. Há neles emoção real, como essas quatro linhas últimas do conto *Na Rua D. Emerenciana*, por onde passa a sobriedade terrível de um sopro de tragédia ou ainda o final do conto seguinte, *Em Maio*, que é de uma sutileza e de uma emoção profundas:

“Quando entrar em casa sentirei a mesma quietude. Minha mãe cosendo, sentada no seu banquinho ao fundo da sala, minha irmã esquecidas as mãos no teclado amarelecido... A lâmpada que ilumina o Senhor derrama uma luz tranqüila, que vai suavemente esmaecer os ângulos dos móveis antigos... Perguntarão se estou cansado... deveria haver lágrimas na minha voz. Escondo-as. Não se deve turvar uma felicidade e eu sinto que existe uma felicidade inefável dentro daquelas quatro paredes, mas eu sinto também, angustiosamente, que dentro de tanta paz eu sou um homem sem motivo e lá fora, na vida, um tímido que se aterra” (pág. 84).

Lendo esses contos, me ficou, não sei por que, a imagem do pitoresco e da melancolia que senti uma vez indo passar uma tarde de domingo no Jardim Zoológico.

* * *

São de outro gênero os contos do Sr. Mário Brandão.

Mário Brandão

Almas do Outro Mundo

Gráfica Ipiranga, Rio, 1931

Nome inteiramente desconhecido para mim, o que sempre é um prazer raro, quando se descobre alguma coisa de valor literário. E esses contos têm certo valor. Não o mesmo que os do Sr. Marques Rebelo. O autor desses contos não

vive neles. Não deixou neles emoção alguma. Não parece ser moço. Ou se o é, tem uma alma precocemente envelhecida. Cético, sarcástico, seco, não se entrega nunca, ao contrário do autor de *Oscarina*. Haveria nesse ponto, se não fosse abusar do espaço e do leitor, um jogo de adivinhação psicológica a fazer, que arriscaria a ser aliás um corte de cabelos em quatro. Pois sendo os contos do Sr. Marques Rebelo, *em ordem aberta*, e os do Sr. Mário Brandão, *em ordem fechada*, eu noto ou pressinto que a própria alma de cada um dos autores está na razão inversa do caráter desses contos. E que a psicologia real do Sr. Marques Rebelo é *fechada* e a do Sr. Mário Brandão — *aberta*. Por que digo isso? Há nos presentimentos psicológicos mais coisas do que as palavras podem exprimir. E quanto se pode concluir da alma explícita para a alma implícita, vejo na psicologia desses dois autores essa contradição que se traduz vagamente na expressão dos respectivos contos.

Os do Sr. Mário Brandão são muito mais feitos. Não nascem tão naturalmente como os outros. E certos *truques* literários, como a passagem da realidade ao sonho, empregados uma vez com êxito, depois se repetem como *métier*, o que reduz consideravelmente o efeito.

Mas o Sr. Mário Brandão escreve bem. E não parece um *novo*. Antes, mostra ser um homem de espírito, que geralmente não cogita de escrever, com boa cultura clássica, sofrendo ou beneficiando-se de uma grande influência de Machado de Assis e manejando com desembaraço a terminologia vulgar do nosso povo. Parece ser nortista, por certas expressões da linguagem, e faz decorrer em Alagoas ou Recife, e no campo nordestino, algumas de suas páginas.

Foge de todo sentimentalismo. Recusa-se sempre. Não participa intimamente do que escreve. Mas não é cerebralmente árido. Apenas sóbrio e sempre dominando o que escreve. E parecendo novato, de estréia, como esses homens que só muito tarde, e por conselho de algum amigo, descobrem que são escritores e podem interessar o público.

O que falta nesses contos é ingenuidade. A ironia e o domínio constante de si mesmo cortam as ligações entre o leitor e a obra. Não tem também o dom de criar tipos. Nunca será um romancista, ao contrário do Sr. Marques Rebelo, que é muito mais romancista que contista.

O Sr. Mário Brandão possui melhor a técnica do conto, que é mais impessoal que o romance. O conto é um caso. O romance é uma vida. Daí o contraste entre essas duas séries de contos. Os do Sr. Marques Rebelo são *vitais*, os do Sr. Mário Brandão *casuais*. De modo que é caráter de romance que domina naqueles, ao passo que estes são mais propriamente contos. Se bem que o seu autor me dê a impressão de ser muito mais amador que profissional. Outra *nuance* que não é difícil perceber, mas muito difícil definir. Não o farei aqui. Registro apenas mais um traço desses contos, de boas qualidades literárias e cujo autor poderá figurar entre os contistas dos nossos dias, embora o creia de uma geração de outros dias. Será?

O Jornal, 5 de julho de 1931

De Octavio de Faria

Não há razão nenhuma para não se gostar de *Oscarina*. Mas há muitos modos diferentes de *sentir* os contos de Marques Rebelo, donde uma variação muito grande na possibilidade de agrado que oferecem. O livro não é um bloco maciço, uma figura definida que só se pode ver de um modo, sentir de um jeito. É uma massa moldável, escorregadia até que o leitor recebe conforme é formado interiormente, e que tem de certo modo de moldar ele mesmo, ordenando e construindo.

Daí uma grande variedade no modo de sentir os contos, de interpretar os personagens. O livro exige dos leitores um certo esforço de construção (donde o desagrado que muitos encontram no grande número de personagens secundários, que aparecem episodicamente e cuja consistência é preciso imaginar pela rápida e, por vezes, única indicação que o autor dá).

Se o modo de narrar não fosse tão agradável haveria por vezes cansaço proveniente dessa luta que há com o fundo do livro, um fundo freqüentemente indefinido, um vago de quem propositadamente vê de longe.

Confesso que para mim nada disso é defeito. E que é apenas uma consequência da originalidade do autor. Porque é evidente, estamos aqui diante de um livro original, de um autor que não se confunde com nenhum outro.

Há um pequeno prazer na vida que tem muito de angústia. É essa curiosidade desmedida, não do caso de real interesse, mas precisamente do caso banal, rápido sem consequências, sem intensidade de *duração* mínima, digamos.

Não importa onde, nem quando, ele surge. É no 2º andar do ônibus o olhar curioso, o mais penetrante possível, que entra pela janela aberta e surpreende o *momento da vida* pelo qual esse indivíduo ou aquele casal estão passando. É no café, na mesa atrás, a confissão de um velho a outro, de que só se ouve uma frase, um momento de uma história que se vai continuar e de que se vai ficar ausente para sempre. É no meio da rua o olhar de uma honesta burguesa que se segue no rápido momento em que se passa por ela, o olhar infinito nas suas variedades, nutrição para um mundo de conjeturas, fundo de mil romances, às vezes uma simples confissão sobre que nada é possível construir. É na visita que se faz, num entreabrir de portas, a filha da dona da casa que se avista lá no fundo do corredor com os olhos acesos na pessoa que entra. É no trem, a sucessão de casinholas, cem atitudes que a retina mal fixou, uma única às vezes que se guardou e que se esmiúça durante o resto da viagem procurando reconstruir o local nos seus detalhes todos, esforços por se lembrar se na sala havia piano ou não. É, de todos os modos, a vida que se *surpreende* — ela não veio, somos nós que vamos a ela, sem ela saber quase, rápidos, como a não dar tempo para que se prepare e tome esse aspecto nosso conhecido, verdadeiramente tingido de nós mesmos, que é o comum, que é o que tanto desespera nos casos que se vivem.

Há muito de angústia em tudo isso. Quando se passa e se vê um *caso* já em processos de transformação há tudo o que já passou que não se viu, tudo o que vem que não se verá. Passa-se e o caso fica. O eterno *a vida continua* dos que têm de partir. Pequenas *partidas*, rompimentos minúsculos e insignificantes. Uma impressão de constante abandono, de renúncias sucessivas, que desespera. Ficam diariamente para trás todos os olhares de senhoras burguesas, todas as confissões de velhos nos cafés, todos os olhares indiscretos das filhas das donas de casa que se visitam. Fica tudo para trás, perdido. Só nós continuamos, acorrentados dentro do nosso próprio *eu*.

É esse mundo todo que fica sempre para trás que os contos de Marques Rebelo evocam em mim. Quase sempre há um herói que passa — e por quem passa todo esse mundo que eu também sinto passar por mim. O livro é como que a passagem disso, que se pode chamar: o acessório, pelo principal — que é o herói de cada conto.

O herói nos contos de Marques Rebelo vai passando e passando vai vendo e sentindo — mais vendo que sentindo. E as suas visões em geral não são visões exaustivamente totais dos romances da escola naturalista. São visões, precisamente “de quem passa”, de quem em um ambiente fixa uma particularidade, essa que lhe parece mais característica.

O livro está cheio desse modo de evocar o todo pelo seu elemento mais sugestivo, pelo seu detalhe mais gritante. Os personagens de segundo plano são todos eles definidos pelas suas particularidades mais salientes, nos seus momentos mais característicos. A influência do realismo americano, seja cinematográfico, seja literário, não está ausente do seu modo de narrar certos acontecimentos.

Mas o que domina sempre é a visão do indivíduo (seja o herói, seja o autor-herói, união que me parece freqüente, quase constante), que passa — “e que não vê tudo”. Nunca um ambiente é esgotado balzaquianamente. Nem mesmo é visto fundamente, proustianamente. O olhar do autor é esse olhar que passa, que vê um *momento*, que focaliza uma cena, que segue um olhar indiscreto. Fino, extremamente ágil, essencialmente bisbilhoteiro, penetra por todos os vãos, ouve todas as frases dos vizinhos de mesa nos cafés. As suas observações são de uma sensibilidade rapidíssima e que vibra à menor indicação. Nada escapa. De longe, naquele velho que vem vindo, já adivinhou o elemento que o caracteriza. O comum só está vendo, por enquanto, um velho como os outros. Aproxima-se, fala, age. Só um elemento o caracteriza agora. É esse precisamente pelo qual já nos foi definido pelo autor.

Se os personagens que *aparecem* são muitos, é que os heróis passeiam muito e vêem muita gente. E o que eles vêem de interessante é logo registrado. Não se passa pela vida nisso que ela apresenta de especial sem parar logo. É um modo de senti-la. É uma originalidade. É um estilo. É um autor de contos que se define.

Mesmo os personagens de importância são definidos desse modo. Há sempre um momento em que o herói passa por eles. A importância que vêm a ter no conto é consequência de que o herói, em vez de continuar, pára. Em vez de prosseguir a viagem de trem, o passeio de ônibus, o caminho pela rua, pára e vai ao personagem conhecê-lo e dar-lhe vida. Porque não prossegue, conhece Oscarina, porque não prossegue é mordido pela abelha, porque não prossegue é arruinado em *Destino*.

A essência do livro, filosoficamente, parece ser essa constante *volta*, regresso de quem não conseguiu prosseguir, aqui, por *encontrar*, ali, por qualquer outra razão.

Há sempre um momento em que o desânimo explode. É a parada e a desilusão que vem dela, de não ter prosseguido. Em *Oscarina*, verdadeiro conto-síntese de todo o livro, essa parada é descrita de um modo especialmente feliz.

No caminho do seu desagregamento, o herói — no início Jorge, já agora o sargento Gilabert — chega ao momento em que a menor força o pode fazer *parar*. O autor escreve: “Começou a ficar desleixado, pegou xadrez por estar assobiando a Dondoca na formatura para a revista, abriu um esbregue com o Louva-Deus, o Espinafre tomou as dores do outro, foi um salseiro no corpo da guarda, dormiu três noites na solitária.”

Ponto um longo espaço. E a frase seguinte cai, pesada de toda a sua importância esmagadora, tudo um destino comprimido:

“Conheceu Oscarina no mafuá de Botafogo, defronte à barraquinha das argolas.” E descreve a cena, o conhecimento e o resto todo. É um fim de conto e um livro. É o indivíduo que passa, que vê — um olhar de desejo, uma graça, uma resposta — que não ousa prosseguir. Que fica. Que fica sempre. Que é todos os outros heróis do livro, desiludidos e vencidos de início, pela própria natureza, que vêm sempre mil coisas e que param diante de uma, curiosos, querendo ver de mais perto — o quarto todo, as casas uma por uma, a conversa de café por inteiro, todos os olhares da senhora burguesa, tudo o que comumente deixamos para trás.

Enfileiram-se, assim, os contos num sacudir triste de casos semelhantes. Miséria do amante de Oscarina e do de Maria, a lavadeira de *Destino*. Miséria do *vida-partida* de *Em*

Maio e de A Mudança. Miséria de todos, do que a abelha morde e do filho que o pai engana, roubando-lhe a amante, mundo de desanimados que olham o mundo com a tristeza dos seus olhos embaciados — olhos turvos de quem não sabe chorar e não ousa gritar, mundo de indivíduos que deviam ter prosseguido e que ficaram, trajetórias incompletas, vergadas sobre si mesmas, linhas partidas, horizontes apertados que se apertam cada vez mais.

Um livro com todas essas qualidades não pode deixar de ser um bom livro, desses que a nossa literatura conta aos três ou quatro por cada ano, desses que não se pode deixar de ler.

Não sei se diria bem afirmando que o livro tem *defeitos*. Que são *defeitos* num livro de contos? O gênero, extremamente anárquico, permite todas as originalidades, todas as orientações, qualquer manifestação de personalidade.

Diria melhor portanto que há certos aspectos do livro que não me agradam particularmente. Em especial esse amargor que o autor demonstra tratando as pequenas coisas da vida.

Não há raiva da vida, revolta alguma. Há um amargor surdo, irônico, destruidor de pequenas ilusões, que não me agrada. É uma feição de espírito, não há dúvida. Mas o autor me parece olhar deliberadamente tudo com tanta má vontade que indis põe logo. Não é a ironia grande e distante de Machado de Assis diante da natureza humana. É uma má vontade que se irrita contra o destino. Não se revolta. Fica tranqüilamente remoendo pequenos casos. Atacando-os, como que compromete as grandes investidas que também faz. *Caso de Abelha*, por exemplo, precisava não existir para que *Oscarina* tomasse o seu verdadeiro significado de grande ato de acusação contra o destino. Separado, qualquer um dos contos poderia viver livremente a sua vida de coisa extremamente bem concebida e realizada. Juntos, uns prejudicam os outros.

A própria unidade do livro sofre um pouco com isso. Nem todos os contos se valem, o conjunto não é dos mais harmônicos. Há orientações diferentes que fazem com que *Em Maio e A Mudança* se oponham a *Caso de Mentira* e *História de Abelha*. Ali (para poder caracterizar) pensa-se na poesia de Augusto Frederico Schmidt, aqui nos contos de

Machado de Assis. Já na maioria dos outros contos não há nome nenhum em que pensar. E por isso o autor não é nelles mais pessoal que nos outros contos citados. Apenas, acontece que varia no tom que dá ao seu conto, aqui mais poético, ali mais psicológico, sempre feliz, sempre agradando.

Livro feliz que agrada ler. Livro de *conteur* realmente. Não há dúvida de que o seu autor fica entre os nossos bons autores de contos — e especialmente nesses seus momentos de maior felicidade: *A Mudança, Um Destino, Oscarina, Em Maio e Na Tormenta*.

O Jornal, 5 de julho de 1931

De San Tiago Dantas

A figura do Sr. Marques Rebelo já há muito que é uma das mais curiosas das rodas literárias do Rio. Sua personalidade se foi tornando conhecida aos poucos nessas rodas, à medida que iam aparecendo os seus trabalhos, espaçados, nas poucas revistas de arte. Começou a interessar logo. Mas as suas impressões pessoais mais generalizadas eram aquelas que o Sr. Agrippino Grieco deixou fixadas numa crônica recente sobre ele. Um conversador venenoso, perdido de espírito, de uma descortesia irritante com os mais respeitáveis valores.

Quando porém o Sr. Augusto Frederico Schmidt, convertido em Schmidt-editor, resolveu estrear com um seu livro de contos, formou-se uma grande curiosidade em torno dele que, depois de aparecido o livro, transformou-se em admiração. De fato *Oscarina* trouxe uma unanimidade de aplausos para o seu autor, uns mais calorosos, outros menos, mas, significativos de que o escritor agradava ao público e aos críticos, que o viam em ângulos diversos de interpretação.

Hoje em dia já tem lugar um estudo sobre o Sr. Marques Rebelo. Pela força com que ele exprime uma corrente literária que parece dominar a arte hoje em dia, pela sua significação ascensional na prosa brasileira de hoje, que fez com que o Sr. Tristão de Athayde considerasse como um *signal* do nosso reerguimento literário, a aparição do seu livro, por tudo isso, ele comporta já um estudo puramente objetivo, num plano diverso do da crítica, visando apenas a definição dos seus caracteres estéticos, que serão certamente comuns, a esta e às suas obras futuras.

E por isso é dele que me quero ocupar, da sua personalidade curiosíssima, do seu temperamento artístico muito mais receptivo do que ativo, inventando pouco, sentindo muito, e tão guiado pelo meio, tão conduzido pelo que fora dele lhe vai impelindo a vida, que a sua própria figura na vida torna-se uma criação do seu espírito sensível. A explicação do *homem*, porém, não se fará sem a compreensão da *obra*.

O Sr. Marques Rebelo é na literatura brasileira de hoje, pela intensidade com que nele se manifesta essa tendência, o expoente do intuicionismo literário. É de *Benda* a observação de que toda a arte moderna, obedecendo a um imperativo do gosto artístico da sociedade, renunciou à inteligência como faculdade criadora de arte, e entregou-se ao puro sensibilismo, afastando para isso todas as formas de contato intelectual com as coisas. O que se deseja é a união perfeita, o contato direto do artista com a coisa, independentemente da representação que a coisa tenha no nosso espírito. E o gosto é sutil em denunciar o elemento intelectual que se interpõe sob a forma de símbolos, de conceitos, de costumes verbais.

Chegou-se assim a duas tendências determinadas. A primeira é a passividade afetiva da obra de arte, toda ela decorrente da impressão afetiva pura de um motivo qualquer sobre nós. A segunda, que se deduz da primeira, é um gosto pelo indistinto, pelo indeterminado, que é um atributo essencial dos estados afetivos puros, e que em última análise tornaria a música o paradigma das artes.

Não sei se ficará bem chamar intuicionismo literário a essa tendência, que parece-nos ser hoje em dia, pela sua generalidade e transcendência, uma das vertentes do espírito humano. Mas ela se opõe ao intelectualismo, ou melhor, ao conceptualismo artístico, e daí talvez a justeza da denominação.

No Brasil, se examinarmos bem a literatura moderna, com a sua preocupação de abolir a tese, de criar a vida própria dos temas, e mesmo de ir abertamente à *confusão* do artista com a obra de arte, verificaremos que foi essa a principal tendência do seu último período literário. Só agora, porém, na obra do Sr. Marques Rebelo, sente-se que a tendência se confundiu na essência, e que pela primeira vez nós temos um artista cuja arte é a intuição pura.

Aí está por que o Sr. Marques Rebelo não é um observador, no sentido em que era essa a maior qualidade dos naturalistas, nem mesmo no sentido em que hoje o dizemos do Sr. Antônio de Alcântara Machado, por exemplo. Observar é de um certo modo uma função *ativa* da inteligência. Encerra um conteúdo de raciocínios e de induções necessários, que são inteiramente estranhos ao autor de *Oscarina*. Sua arte é de uma passividade absoluta. São os fatos que agem sobre o seu espírito, trazendo-lhe apenas impressões afetivas. De modo que esse detalhista, que tira de uma abelha, não um símbolo ou mesmo uma continuidade visual para o seu conto, mas apenas *um detalhe máximo* das infelicidades do seu personagem, irá à China e irá à Holanda, sem trazer desses cenários riquíssimos uma só novela ou mesmo uma só linha.

É intuitiva a sua arte. Tem a tendência sistemática para a passividade absoluta e para indeterminação afetiva.

Está no seu estilo mais clara que em outra qualquer parte a primeira tendência. Sua prosa é a menos inventada possível, é uma *transposição* apenas da linguagem exterior para a narrativa ou para os diálogos. Quase sempre segue os estilos do ambiente. É a natureza dos personagens que dita e constrói a forma, como no *Caso de Mentira*, como em *Oscarina*. Por sua vez os personagens são quase decalques da realidade. Seus caracteres fogem, são imprecisos, revelam-se nos atos e nas frases com que se fixam no espírito do autor. Este nunca os pretenderia explicar, nem poderia forçar a ação a uma demonstração integral deles. Porque não lho permitiria a própria natureza da sua arte.

A segunda tendência está na confusão de limites entre o prosador e o poeta. As impressões afetivas intensas vão a uma vibração de poesia. De sorte que se eu quisesse definir o espírito artístico do Sr. Marques Rebelo, diria que ele tem limites na poesia e no cinema, pois é entre essas artes que a sua literatura se coloca, com instantes da intensidade visual do fim de *Oscarina* e da intensidade poética do fim de *Onofre, o terrível*.

Se, porém, a idéia de arte intuitiva dá uma unidade de compreensão perfeita à obra do Sr. Marques Rebelo, pelo menos ao lado artístico da obra há um lado, o lado que não hesitarei de chamar metafísico, que excede essa explicação.

Pois é fácil perceber a uma segunda leitura dos seus contos que uma só concepção da vida e do homem liga a sua visão da humanidade. E até que essa concepção cria uma espécie de idéia fixa em alguns contos, que se verão na unidade de assunto de *Oscarina*, *Um Destino* e *Felicidade*.

O Sr. Marques Rebelo é de um ceticismo doloroso e resignado com a sua humanidade. Nega-lhes a providência, tira-lhes o arbítrio plasmador de existências, e nega o próprio destino, na sua acepção firmada de predestinação inexorável. A vida vai sendo guiada pela simples sucessão de fatos. Não são os grandes projetos, nem as grandes dores, nem os grandes sucessos, que levam para novos rumos a existência. São os acontecimentos insignificantes, as resoluções inesperadas e ilógicas. A vida sem rumo fica sem grandeza. Sua *vida* é uma marcha inútil de inconscientes, que sobem e descem na sociedade, sem que haja nisso mais que mudança de posição, sem que se veja nunca o melhor e o pior. A *vida* do Sr. Marques Rebelo é apenas uma corrente contínua de vidas. Não há um fim, não há uma causa, não há uma ordem, uma hierarquia. Seus personagens não têm vitória nem derrota. Clarette que *vence* é tão vitoriosa como Jorge que *cai*. E o que há é uma ilusão, dos sentidos, uma alegria que é o disfarce da tristeza necessária, alegria do Jorge nos braços de Oscarina, alegria de D. Candoca no carnaval, de todos os que cantam ou que riem em cada conto.

* * *

Mas não creio que esteja em nenhum dos contos de *Oscarina* o maior personagem do Sr. Marques Rebelo. Não sei se ele gostaria de eu dizer quem é. Mas ninguém é tão alegre para cobrir a tristeza que vem da vida inútil, sem fim algum, sem ordem alguma, ninguém é tão levado pelos fatos pequenos, que vão abrindo tragédias sem relevo nas horas da existência, como o Sr. Marques Rebelo que é o seu maior personagem.

Esse maldizente que irrita à primeira vista, com a sua mordacidade sistemática, com a sua displicência sarcástica para tudo, tem muito dos seus personagens. Como eles, oculta na alegria dos minutos a tristeza das horas e dos dias. Como eles, vive, a vida pela vida, a vida que poderia acabar

hoje pois nada ficará para amanhã. E como eles tem uma alegria dos sambas e dos pandeiros, que cantam a noite inteira, a tristeza dos morros, cheios de crimes e de misérias.

A Razão — S. Paulo — 30 julho, 1931

De Pedro Dantas

O *espírito* do Rio de Janeiro, que há muito tempo andava afastado da literatura, fez ultimamente a sua *reentrée* na poesia do Sr. Murilo Mendes e agora neste livro de estréia do Sr. Marques Rebelo. Mas ao passo que para o poeta ele apenas representava um aspecto, e não dos mais importantes, da sua obra, na do *conteur* passou ao primeiro plano, constituindo a essência e a explicação de tudo. É esse espírito que faz com que se desprenda destes contos a insistente e típica poesia que os domina e em que se resolvem os melhores dentre eles.

O livro do Sr. Marques Rebelo é a sublimação, a réplica literária dos autênticos sambas do Estácio, e a crítica andaria muito mais certa se em vez de aparentá-lo a Machado de Assis, Lima Barreto ou Ribeiro Couto, o tivesse aproximado dos irmãos Barcelos e de Ismael da Silva. Estes são não direi os seus mestres, mas os seus legítimos companheiros. E já tardava que a alma e os temas que criaram uma música tão variada e tão rica, também encontrassem correspondência na literatura.

Na verdade os nossos escritores sempre se ocuparam de assuntos cariocas e há certamente muitos aspectos do Rio em Manuel Antônio de Almeida, em Alencar, em Macedo, em Machado de Assis, em Aluísio e Artur Azevedo, em França Júnior, em Lima Barreto. Mas não só a transformação da cidade, sua população e sua vida reduziram a depoimentos de valor unicamente histórico as observações desses autores, como o importante, no caso, é menos observar e descrever objetivamente gestos e costumes, como todos eles fizeram, do que, como o Sr. Marques Rebelo, praticá-los e exprimi-los. A vida da cidade, que até aqui tinha se conservado exterior aos seus melhores cronistas, para quem era uma coisa que se conta e que se conta na terceira pessoa, no livro do Sr. Marques Rebelo se interioriza, transferindo-se para a primeira pessoa, como uma coisa que se vive. Nos contos de *Oscarina* o que é carioca não é apenas o ambiente, como em tantos ex-

celentes livros que o precederam, mas antes e mais que tudo o autor, no seu modo de ser e de sentir. Em tudo isso não me refiro à pequena sociedade mais ou menos cosmopolita, que existe aqui como em toda parte. Mas acredito que técnicos avisados e inteligentes poderiam, só com o *Oscarina*, reconstituir, não o ambiente dos hotéis *Palace*, mas as principais características do samba ou do futebol do Rio.

* * *

De fato, para os personagens do Sr. Marques Rebelo, todos de condição modesta, aqueles hotéis não passam de construções sem utilidade, casas decorativas. Nunca nenhum entrou em qualquer deles e do momento em que isso se tornasse possível como acontece com Clarette, o único da sua galeria, que *sobe* na escala social, deixariam de lhe interessar. Os seus heróis andam de bonde ou de trem, vão ao cinema ou a teatros populares, moram de preferência nos subúrbios. Os rapazes jogam ou jogaram futebol. Todos cantam os sambas de sucesso, gostam do carnaval e têm dificuldades materiais. Quanto ao amor, o seu destino e os seus temperamentos variam, se bem que possam ser reduzidos a alguns esquemas que tendem a se repetir.

Em primeiro lugar eles se dividem, conforme a idade, em gente que o amor ilude, gente que o amor desiludiu: duas fases de vidas que não diferem profundamente. O que separa esses dois grupos de idênticas tendências sentimentais é simplesmente o espaço de uma geração. Os personagens moços de *Oscarina* têm na vida dos seus colegas mais velhos uma desoladora antecipação do seu próprio futuro. Sente-se, aliás, que eles não procuram fugir a essa fatalidade. Adivinham onde os conduzirá o destino e não parecem atraídos por outras vidas, não os impressiona a fuga de mil possibilidades a cada instante e a cada resolução. Nem sequer se revoltam, tanta certeza têm da inutilidade de tomar atitudes e procurar resistir à força inexorável que os conduz. O que os caracteriza é principalmente a sua extraordinária capacidade de conformação.

Um só se debate mais de uma vez entre soluções contrárias que o solicitam: o sargento Gilabert, da notável novela que dá nome ao livro. Esse mesmo decide menos as si-

tuações do que deixa que elas se decidam por si, de acordo não com a sua maior conveniência, mas com a sua maior comodidade. Todos vivem assim passivamente, sob o signo da inércia, que tudo resolve. É o que lhes aconselha a sua sabedoria.

Oscarina é, portanto, um livro triste e desalentado. E tanto maior é a impressão de desalento que ele nos transmite, quanto não nos apresenta homens desesperados, mas apenas sem esperanças e também sem maiores inquietações. Há, pois, nos contos do Sr. Marques Rebelo alguma coisa do lirismo e da complacência do Carlito, eterna e fatalmente derrotado e mal sucedido. Entretanto a Carlito, como ao sargento Gilabert, a vida oferece as suas compensações. Ou melhor, essas compensações são eles mesmos que se oferecem. A maior delas é a liberdade, o permanente desprendimento em que se agitam, criador de uma atmosfera e de um estado de espírito igualmente propícios ao livre desenvolvimento do seu lirismo.

* * *

Como escritor, o Sr. Marques Rebelo se assinala por uma assombrosa facilidade que por vezes o prejudica. Possui em alto grau o dom da narrativa e escreve com a desatenção de quem conversa. Uma vez fixado sobre o que vai contar, deixa o barco correr. Entretanto não desenvolve os seus assuntos em linha reta: pelo caminho deixa-se distrair freqüentemente pelo que passa ao alcance dos seus sentidos. Não resiste a distrações, quaisquer que elas sejam. E não hesita em abandonar o fio do que ia dizendo para, como um colegial em gazeta, tomar por quantos desvios se ofereçam à sua imaginação. Essa tendência à vagabundagem, essa falta de trajetória prefixada se traduzem na técnica do *conteur* por uma série de episódios intercorrentes, bruscas reviravoltas de quem de vez em quando vai buscar uma coisa de que se esqueceu lá atrás e por isso mesmo andando depressa, pois um dos traços dominantes do Sr. Marques Rebelo é a vivacidade, progride lentamente; no estilo, por uma série de incidentes que lançam o leitor para trás, para os lados, numa velocidade desnorteante como a das montanhas-russas.

Esses vaivéns de um pensamento em liberdade e sem destino parecem ser o tom preferido do Sr. Marques Rebelo,

que tem alguns contos em que não se passa mais nada: os seus personagens são *rêveurs éveillés* que nos arrastam na sua sonolência e no seu tédio. Perde-se com eles a noção da realidade e do tempo. O sentimentalismo que vive à espreita do Sr. Marques Rebelo vence, então, a sua habitual mordacidade e se instala no conto, sem maior resistência. As vezes pode produzir páginas de primeira ordem como as de *Na Tormenta*, mas é à conta das suas vitórias, felizmente passageiras, que devem ser levadas certas passagens, certas frases de uma literatura enfeitada a que o tom habitual do Sr. Marques Rebelo é infinitamente superior.

Oscarina merece um comentário à parte. É uma novela que terá de ser classificada entre as melhores da nossa literatura e que revela mais do que todo o resto do livro, onde, entretanto, há diversos contos excelentes (*Na Rua D. Emericiana, Um Destino, Na Tormenta*, e vários outros), as excepcionais qualidades do seu autor. A narrativa conduzida com verdadeira mestria é do maior interesse, fenômeno ainda raro nas nossas letras. É uma das poucas produções de que se pode gostar francamente, sem o espírito de tolerância com que ainda julgamos o que traz a marca de *indústria brasileira*. E é em *Oscarina* que o Sr. Marques Rebelo manifesta o seu melhor lirismo. Já deixei assinalado que o sargento Gilbert encarna quase toda a psicologia dos seus personagens. E essa psicologia só adquire toda a sua importância, toda a sua significação quando ele aceita a decadência social em troca de uma elevação poética, transformando-se de estudante em empregado no comércio e depois em soldado, mandando às favas todas as suas possibilidades de *brilhante futuro* por uma liberdade unicamente dedicada aos problemas e valores muito mais reais e importantes da vida pura e simples. Essa aventura de poeta é contada e acabada poeticamente. Num final admiravelmente sugestivo que nada termina e apenas deixa a ação em suspenso, Gilbert está vivendo a sua vida, hoje com Oscarina, amanhã quando ela o abandonar, seduzida por alguma proposta vantajosa de português capitalista, talvez sozinho. Então cultivará um momento a sua tristeza, comprazendo-se intimamente em mais essa prova sentimental. Depois prosseguirá na vida de vagabundo desimpedido e malandro, satisfeito com a sua saudade...

De Jorge Amado

Marques Rebelo já foi comparado a muita gente. A Machado de Assis, Lima Barreto, Manuel de Almeida. No fim, ficou provado que ele não se parecia com ninguém.

Eu, se fosse procurar uma obra para comparar à literatura do autor de *Oscarina*, iria em busca dos fazedores do bom samba carioca e diria então que a literatura de Marques Rebelo nada mais é do que a estilização do samba.

Foi para muita gente uma surpresa o livro de Marques Rebelo. E muita gente ficou a perguntar qual o verdadeiro, se o Rebelo literato de café, negador, má língua, ou o escritor de *Oscarina*, tão diferente que chega, por vezes, ao lirismo, havendo na obra toda um grande tom de piedade.

Talvez *Oscarina* tivesse sido para Marques Rebelo uma necessidade. Necessidade de arrancar a máscara de negador, de satirizador e se mostrar tal qual é: um carioca que sabe sentir a vida, sabe viver a alegria boa que ela dá, fazendo, como tão bem sabe fazer o malandro carioca, de cada atitude, mesmo das ridículas, uma atitude lírica.

Os heróis de Marques Rebelo vivem todos. E todos são o que se pode chamar o Rio. Não é a classe alta que imita Paris nem os operários que querem imitar Moscou. É a pequena burguesia. O funcionário público e a telefonista. As vezes alegres, outras dolorosos, quase sempre ridículos, mas deste ridículo verdadeiro que há a todo instante na vida.

Por isso a crítica que compreendeu Marques Rebelo foi a que conhece a malandragem deliciosa do Rio, malandragem da favela e dos sambas: "A malandragem eu não posso deixááá..."

* * *

Marques Rebelo criou tipos. Não é apenas um fixador de aspectos cariocas. Porque o criador de tipo não é o que inventa o herói. É o que vai buscá-lo na vida e traz para as páginas do seu livro como o encontrou.

Marques Rebelo não imagina, nem mesmo imagina em torno da realidade. Ele pinta o tipo, apresenta-o ao leitor e deixa-o anotar à sua vontade, fazer o que quiser. Por isso o conto de Marques Rebelo é tão humano. Mesmo a coisa que é real mas não é humana (tragédias, borrifadas de san-

gue, suicídios, mortes) não aparece nos seus contos. Daí a admirável unidade da sua obra, que, sem se repetir e sem se tornar monótona, parece não sair entretanto do limite estabelecido de antemão.

* * *

Escritor carioca que essencialmente é, Marques Rebelo criou, como seu tipo número um, *Oscarina*. A estupenda mulata do Rio. Amante de soldado, dança na *Estopa* e no *Lírio Club*, passeia em Botafogo e não dá ousadia (ela tem o seu *cabo Gilabert*) ao malandro que canta o samba e dá piadas. — Deixa-te de orgulhos; minha mãe também era orgulhosa e meu pai casou com ela. . . . A mulata que rebola as ancas mas tem dentro de si enormes reservas de carinho e de bondade.

Marques Rebelo, malandro carioca, fez justiça à mulata.

Houve quem notasse que os heróis de Marques Rebelo descem sempre. Vão numa queda contínua.

Vejamos o exemplo do cabo Gilabert. Jorge, estudante, namora uma pequena de família com a qual pretende casar. Depois, a primeira queda. Deixa os estudos para ser empregado do comércio. E não pára mais de cair. Abandona o emprego para ser soldado, esquece a namorada de família, vai viver com Oscarina, mulata empregada em Botafogo, amassa a cara de um ousado e . . .

. . . e fica feliz.

Sim, porque ante a felicidade, o herói de Marques Rebelo não desce. Sobee sempre. Ele tem o verdadeiro sentido da felicidade. E, caindo socialmente, ele sobee, na verdade.

O herói de Marques Rebelo é o verdadeiro inteligente.

A originalidade do escritor de *Oscarina* é a de querer ser igual a todos. Nada de ser diferente.

Um detalhe: pára na rua para ouvir os mulatos que vendem o *Jornal de Modinhas* cantar os sambas mais novos e torce delirantemente futebol.

Os *pretendentes a intelectual* provincianos (que nem namoram, porque intelectual não faz dessas coisas plebéias) ficarão de boca aberta.

Pois é isso: torce futebol.

O Momento — Bahia, 15 de novembro, 1931

De Agrippino Grieco

Conheci o Sr. Marques Rebelo vai para uns seis anos. Apareceu-me ele como autor de uma poesia. Por sinal que essa poesia saiu numa revista e, ao lado dela, vinha a fotografia de uma cadeia do interior. O que me deu ensejo de afirmar que o autor de tal poesia devia ser metido naquela cadeia.

Mais tarde, fazendo coisa bem superior, o Sr. Marques Rebelo (que se chama na realidade Dias da Cruz) reapareceu com os contos enfeixados na *Oscarina*, livro que deu à nossa melhor crítica a certeza de que a novíssima geração literária do País encontrara afinal o seu contista.

Agora, estampa ele um volume com três novelas, *Três Caminhos*. Vê-se que o autor, de complexidade em complexidade, na gradação crescente do jogo das paixões, vai marchando para o romance.

Mas o seu assunto predileto continua a ser este: a infância. Sem nenhuma hipocrisia de ingenuidade e sem sobrecarga de ação, reapodera-se ele da ótica infantil e faz-nos ver muito bem esse período da vida.

Mesmo quando trata das suas velhas antipatias, sente-se que os seus rancores cicatrizaram de há muito e tudo se lhe faz enternecimento ao evocar uma idade que, considerando-se bem, ignora o rancor. O moleque sestroso, todos os rapazolas e adultos que o perturbavam no amor aos bichinhos ou aos recantos de jardim, tudo isso se dilui em poesia e as suas páginas de prosa acabam sendo como estados de alma líricos.

Falando-nos da meninice, reabrindo para si o paraíso desses tempos, como ele o restitui a todos os leitores. Discreto de tom, escreve muito bem literariamente, o que será um defeito numa época de cacógrafos.

Mas, embora nostálgico da paisagem infantil, sabe acentuar, com muita finura, que a iniquidade já se vai verificando nos domínios paternos e começamos a ser roubados até na divisão de carícias domésticas.

Ah! por que então não se atenta melhor no pequeno tímido, ulcerado por uma sensibilidade precoce, vulnerado pelos golpes mais sutis, da vida que se vai formando em torno dele?

Todavia, o Sr. Marques Rebelo não trata de tudo isso com a acidez do autor do *Poil de Carotte*, que ruminou até à morte os seus desentendimentos com o pai e a mãe, chegando a falar de ambos com um furor meio parricídico.

Aliás, Jules Renard era figura das mais complexas e é possível encontrar nele alguns pontos de contato, se não com o Marques Rebelo escritor, ao menos com o Marques Rebelo palestrador, amigo das *boutades*, contendor dos ídolos literários.

Renard era arrogante por timidez. Doido por versos, se lhe viessem dizer que o pai morrera quando ele estava lendo Victor Hugo, o seu poeta predileto, mandaria que esperassem. Queixava-se de fazer literatura mesmo quando apertava uma linda mulher nos braços. Contraditor temível, seria capaz de redigir um artigo defendendo George Ohnet só para discordar de France e Lemaitre. Sempre que ouvia declarar de um livro: “É estúpido”, tinha ímpetos de redargüir: “É maravilhoso”. Achava que tudo é beleza e que o suíno tem tanto direito a figurar na poesia quanto a rosa. Avesso a gostar de livros parecidos com os seus, porque melhor lhes percebia os defeitos, quase caía em delíquio se elogiavam rosto a rosto, e afirmava que, para ele, o melhor entrevistador era o que o desse como portador de uns olhos de águia e de uma juba de leão. Embora seja má profissão a de homem honrado, devemos de qualquer forma ser honrados e modestos, mas chamando a cada instante a atenção dos demais para a nossa honradez e a nossa modéstia. Julgava a sua própria vida mais interessante que a de Júlio César e sentia-se meio paralítico ao ter de aplaudir num teatro a peça de um confrade.

Mas nisso tudo havia muita *blague*. A rigor, esse homem dizia mal de todos e fazia bem a todos. Foi *maire* zeloso na província, burguês sensato, chefe de família irreproável, pai incapaz de terrorizar os filhos, e, pouco antes de morrer, pediu à esposa, a querida Marinete, que lhe perdoasse o grande desgosto que lhe ia dar com uma tão prolongada ausência.

Em vão escreveu que o seu maior prazer era, quando chovia, pensar que um parente andava lá por fora a molhar-se e que só se pode ser muito feliz quando se tem a certeza de que os outros não o são, chegando a deplorar que, na notícia

do último assassinato ruidoso, não figurasse, entre os nomes das vítimas, o de um frequentador cacete da sua casa. Pois ele foi muito amigo de Guitry e de Tristan Bernard e protegeu o poeta Ponge, tão grotesco na sua ingenuidade de campônio versejante.

No fim da festa, Renard confessava que a maior quantidade de ridículos humanos ele a encontrara lá por dentro de si mesmo. E, se fazia tantas restrições à pintura e à música, era pelo seu excessivo amor à coisa literária, ele o escritor atormentado que afirmou de uma feita ser o melhor estilista o que se esquece de todos os estilos, como só tem saúde quem nem sequer chega a perceber que tem saúde.

Enfim, não nos demorem num confronto entre Jules Renard e o Sr. Marques Rebelo. Aproximações desse gênero são possivelmente irritantes e talvez descabidas. Voltemos ao Sr. Marques Rebelo e insistamos em que poucos fazem ver como ele o mistério, o mundo misterioso que é a infância de cada um de nós.

O herói de Hugues Le Roux (*O mon Passé*) ficava a olhar os dias idos como do terraço do avô Paparel em que olhava, no tempo das calças curtas e dos brinquedos de soldado, as árvores e os casinholos da sua região predileta. O herói de René Boylesve (*Enfant à la Balustrade*) vai, com os olhos e os ouvidos puros, descobrindo pelos farrapos de frases e entrevisões fugitivas de cenas caseiras, as complicações, os dissídios familiares, e entristece-se para sempre. O garoto de Henri de Régnier (*Le Pavillon fermé*) decepçiona-se para a vida toda quando percebe que o pavilhão do fundo do parque, junto ao tanque de águas dormentes, nada encerrava de prodigioso, estava perfeitamente vazio das surpresas que lá esperava.

O Sr. Marques Rebelo conduz com igual delicadeza o seu inquérito ao passado. Faz-se à distância o crítico lúcido do que viu e, contemporaneamente, não pode julgar. Vive pela segunda vez aquele período, algo dolorosamente. Tudo isso parecia tão frágil, mas que durabilidade em tudo isso! Pode-se dizer que, no sentido da emoção, a infância é a existência total e quem não tem um bocado de linda meninice a recorrer, quem não visite a miúdo esse país natal da sua sensibilidade, é como se não tivesse um pouco de música na

vida, é como alguém que nunca tenha ouvido um trecho de Mozart.

Bem sabe o Sr. Marques Rebelo que Andersen, o dos contos de gênios e fadas, ainda é melhor educador que o Sr. Anísio Teixeira. Vive-se sem automóvel, mas não se vive sem as lindas palavras que saem da boca dos poetas. E (leiam ou releiam com atenção os *Três Caminhos*) tudo se embeleza, se transfigura na frase em que, à maneira de Hugo, todos nós sentimos passar pelo alto, como num confuso vôo de anjos, "qualquer coisa de azul que parecia uma asa".

Tudo é maravilhoso para o narrador de aventuras do livro. A sopeira "fumegando nas mãos gastas da Mariana, que tinha um olho furado e vira mamãe nascer na comarca de Magé". "Papai" lendo *A Noite*. O bico de gás que ardia "em chiado surdo" e de onde "caía, enfeitando-o, um balãozinho de *crochet* que as moscas ofendiam". O barulho das rãs, o cheiro do jasmim do cabo, o vento. O presepe ajeitado numa página de armar do *Tico-Tico*. A casa do aviador. As fitas de cinema com as proezas de Max Linder e Bigodinho.

Simple, sem botar palavras supérfluas no papel, o Sr. Marques Rebelo é até expressivo nas reticências e nas pausas e os seus subentendidos trazem sempre uma luz nova a certos recantos penumbrentos do fato evocado.

Ah! quantos, a medi-lo pelas palestras, antes dele ter publicado os contos e novelas, enxergavam apenas nele um detrator dos homens que, na feira literária, tocam tambor à porta das respectivas barracas. Quanto o vir rir dos sujeitos que andam sempre dispostos a transmitir-nos a amostra dos seus produtos poéticos, lendo-nos qualquer bobagem, eles que carregam sempre os bolsos cheios de manuscritos como o canguru carrega os filhos! Bastante se divertiu ao meu lado, ao conhecer um demagogo que discursava a gritar e a bracejar para o alto como alguém que se sente afogar e pede socorro. Riu-se não menos de um dos nossos vates acadêmicos que, indo a Paris, visitou o Museu Victor Hugo e chorou ao ver as meias do mestre. "Chorou, quando devia espirrar", comentava maliciosamente o Sr. Marques Rebelo.

Em suma: ouvindo, em situações dessas, esse perigoso caricaturista verbal, todos o supunham apenas um cidadão azedo e pensavam que uma estação de águas, curando-o do fígado, também lhe liquidaria o talento epigramático.

Mas, examinando-se bem, o talento epigramático não é o seu forte. Sinto-lhe até, por escrito, um pouco de romantismo, de elegia. Sua força é quando nos fala da ternura ludibriada dos dias da infância e adolescência, dias em que cada um de nós, *menino e moço*, é tão ingênuo quanto a heroína quinhentista de Bernardim Ribeiro.

Apesar de haver crescido junto a um laboratório e do seu contato com os cirurgiões-magarefes que manejam com volúpia o serrote científico, o Sr. Marques Rebelo também sabe admirar e já confessou que o maior orgulho da sua vida seria escrever umas dez páginas do *Atheneu*. Não se crê em absoluto maior que Raul Pompéia...

Mas, a rigor, as duas sensibilidades diferem bastante. Raul Pompéia viu o internato. O Sr. Marques Rebelo vê todos os arrabaldes do Rio. O *arrabalde* é a sua Grécia. Sem espionar o guarda-roupa e a cozinha do próximo, rindo-se às vezes com um riso que quer ser cínico mas é apenas efeito de pudor, abre ele uma janela para o Rio de uns quinze ou vinte anos passados. Gosta dos namoricos de rua estreita e ainda não diz desaforos à lua. Ouve com prazer um bom samba do *morro* e, talvez para indignar os leitores da *Literatura* do Sr. Schmidt, viaja não raro no bonde a ler as róseas folhas esportivas.

E, mesmo com o ar de quem graceja, vai arquitetando muito bem os seus livros. Com muita precisão na concisão, articula bem os detalhes e sem nenhuma arbitrariedade no conduzir as personagens, leva-as ao ponto central de emoção a que devem convergir, sem muitos rodeios que importem em extravio.

Certas raparigas suas ainda possuem uma alma cheia de melodias de Tosti e de vinhetas do *Jornal das Moças*. Uma coleciona sonetos em álbum e faz questão de que o namorado entre também com o seu soneto, tenha ou não tenha vocação para o gênero.

Mas que lindas figuetas excitantes deste nosso delicioso *Brasilzinho*! Beatriz, a *dos olhos cor de mel*. Luizinha, a filha do Dr. Neves. E em torno, sugestões da terra e da carne moça, rosais desfolhados, noites de insônia, retratos e cromos "colados nos compêndios de filosofia"...

Jornal do Rio, 10 de dezembro de 1933

Para a família literária de Machado de Assis são muitos os chamados, raros os escolhidos. Não é só uma semelhança de natureza humana que se exige, também os rigores do trabalho artístico: um estilo que tenha elegância, precisão e agudeza, sem nada perder na sua simplicidade; uma técnica que signifique completo domínio do mundo imaginativo, sem prejuízo da sua aparência de espontaneidade e abandono; um conhecimento dos homens e da vida social que indique aprofundamento constante da visão, sem esquecer a sua fonte de participação nessa existência pessoal e social dos seus semelhantes. Faz parte dessa pequena família literária de Machado de Assis o Sr. Marques Rebelo, que vem de publicar o seu terceiro livro de contos. ⁽¹⁾

Está refletida na obra do Sr. Marques Rebelo a vida provinciana do Rio, isto é: o que há de mais genuíno, de mais particular, de mais autêntico na cidade do Rio de Janeiro. Pois é tão intrinsecamente carioca quanto o foram Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. É um provinciano de espírito universal. Em qualquer língua a sua obra pode ser traduzida e será compreendida. E carioca ele se mostra nos aspectos tanto humanos como paisagísticos, nos personagens como nos seus ambientes físicos e sociais. Tem se mantido nesta orientação dentro de uma invariável fidelidade. O personagem Jorge, de *Oscarina*, não pode ser imaginado senão em certa classe do Rio; a personagem Lenisa, de *A Estrela Sobe*, está com o seu drama todo ligado ao ambiente radiofônico da cidade. Bem se poderá repetir a mesma coisa para qualquer um dos seus contos, para qualquer um dos seus romances. Tem ele um *humour* que é universal, mas o *humour* dos seus personagens é tipicamente carioca. Atingiu o máximo, sob este aspecto, ao fixar, em *A Estrela Sobe*, os diálogos de Lenisa e de Oliveira. Um estrangeiro, ao ler os seus livros, logo teria diante dos olhos a fisionomia do Rio de Janeiro. E está fora de dúvida que o Sr. Marques Rebelo conhece realmente a sua cidade. Conhece os seus bairros; dentro desses bairros, as ruas mais vivas; dentro dessas ruas, as casas mais características. Um conhecimento íntimo que identifica a fisionomia das pessoas com a fisionomia das

(1) *Machado de Assis — Literatura Brasileira: Instituto de Nacionalidade, in Crítica Literária. Garnier. Rio de Janeiro, 1910.*

coisas, alongando-se pelos seus costumes, os seus hábitos, as suas alegrias, as suas misérias, os seus preconceitos. No geral, os seus olhos fixam com mais preferência os pequenos dramas da classe média, as situações mediócras da pequena burguesia. Devo notar, porém, que às vezes ele cai num certo excesso que o leva às fronteiras da banalidade; e que transmite também certa impressão de repetição e monotonia. Bem raras, porém, são tais zonas na obra do Sr. Marques Rebelo. Pois ninguém se acha hoje mais senhor desses domínios pequeno-burgueses, tão fáceis em aparência e tão difíceis em realidade. Ainda agora o reafirma nestes contos de *Stela me Abriu a Porta*.

* * *

Antes de tudo, uma pergunta: em que lugar da biblioteca do Sr. Marques Rebelo devemos colocar este novo livro de contos? Tenho a opinião de que até agora o momento mais alto da obra deste contista não foi um livro de contos, mas o romance *A Estrela Sobe*, que só faz elevar o romancista, sem diminuir o contista, a quem todos julgamos na mais completa segurança do seu gênero. Por acaso, não me achava no exercício da crítica regular por ocasião do aparecimento de *A Estrela Sobe*; e somente lhe fiz ⁽²⁾ algumas referências acidentais, embora sem nada esconder da definitiva impressão que recorde ainda hoje com nitidez. Espero que terei ainda oportunidade de estudar este livro, que julgo um dos romances mais completos ⁽³⁾ entre os que foram publicados nestes últimos anos de renovação literária. Dos mais completos pela originalidade do assunto e da realização, pelo drama humano dos personagens, pela construção técnica, pelo estilo, pela força subterrânea que vai crescendo até a culminância das últimas páginas. Dos contos, acho que o seu momento mais alto está no volume que se intitula *Oscarina*, que foi a sua estréia; e que lhe assegurou a sua categoria de mestre na arte do conto entre nós. Penso que *Stela me Abriu a Porta* põ-se entre *Oscarina* e *Três Caminhos*, abaixo de *Oscarina* e acima de *Três Caminhos*; que representa uma

(2) Marques Rebelo — *Stela me Abriu a Porta*. Porto Alegre, 1942.

(3) V., acerca de *A Estrela Sobe*, duas notas deste Autor no livro *Literatura e Vida Literária*, preparado também em 1962, para a Editora Civilização Brasileira S. A., junto com este volume.

espécie de média na qualidade geral dos seus contos. Nenhum destes contos mais novos está na altura de *Oscarina* ou de *Na Rua Emerenciana*, por exemplo, mas também nenhum deles chega a ser desprezível ou desagradável. Dos treze que formam o volume, encontro três — *Stela me Abriu a Porta*, *Labirinto* e *Caprichos da Tijuca* — que são de fato excelentes; alguns outros que são bastante sugestivos, embora mais vazios, como *A Derrota* e *Episódio Coreográfico*. De contos como *Dois Pares Pequenos* não gostei nada outros como *Um Morto*, *A Morta*, *Depoimento Simplório*, *Cenas da Vida Carioca* são agradáveis crônicas, porém simples crônicas, sem que possam ter o título de contos, por mais liberal e amplo que seja o nosso conceito deste elástico gênero literário. Um livro desigual, como se vê, que não tem muito (com exceção de alguns valores técnicos) o que acrescentar ao nome do Sr. Marques Rebelo, embora por outro lado em nada concorra para diminuir o seu prestígio. Na ordem dos contos, porém, estes são os mais bem feitos, os mais bem escritos, os que mais revelam o seu domínio técnico, conquanto estes progressos de construção e estilo já me fossem conhecidos através do romance *A Estrela Sobe*. Tenho a impressão que estes contos de *Stela me Abriu a Porta* representam, na vida literária do Sr. Marques Rebelo, uma espécie de repouso, de ponto intermediário, uma vez que ainda não atingiu os quarenta anos, encontrando-se na plenitude do poder criador, na ânsia bem visível de outras ascensões e inéditas experiências. (4)

Ora, ainda a propósito do estilo, devemos assinalar o que ele tem custado em trabalho e pesquisa ao Sr. Marques Rebelo. Os seus diálogos vão encontrando cada vez mais aquela nota justa que representa a ambição maior de um romancista ou de um contista. Especialmente destaco o gosto com que ele sabe usar os termos populares, as construções e vocábulos da gíria. Poucas vezes ficamos chocados com essa introdução da linguagem popular na linguagem literária, o que tenho notado constituir uma dificuldade ainda não in-

(4) Isto foi escrito ante os planos ainda orais do romancista para a sua obra, em vários volumes, que já anunciava sob o título geral de *O Espelho Partido*.

teiramente vencida pelos nossos escritores modernos. E eis que ele colocou o seu ideal de estilo numa absoluta economia de palavras. Dá bem uma idéia da sua aspiração esta frase de Jacques Chardonne, que inscreveu na abertura do volume: *O tempo conserva de preferência aquilo que é um pouco seco*. Receio, porém, que este ideal possa sufocar em parte aquela expressão de lirismo que é tão característica do Sr. Marques Rebelo. Podemos mesmo observar que, para defender-se contra o sentimentalismo e fazendo dessa defesa o ponto de honra de uma espécie de pudor e de senso crítico sempre vigilantes — ele resvala às vezes para um tom demasiado frio e esquemático. Também é certo que o seu conhecimento técnico da arte do conto levou-o a certos virtuosismos, como o de fazer um conto sem outro material que não seja a sua técnica. Estão neste caso dois ou três exemplares entre os já citados como dos menos importantes do volume. Em geral, porém, a sua técnica consciente e o seu estilo sóbrio e seco atingem os melhores resultados. Ambos encontram correspondência na natureza humana do escritor.

Ora, aqui está um aspecto significativo para o entendimento da criação do Sr. Marques Rebelo: o da sua natureza humana. Tenho ouvido dizer e repetir muitas vezes que à sua obra falta um maior sentimento de humanidade, uma mais íntima solidariedade com os seus semelhantes. Acredito que esta é uma acusação perfeitamente injusta; e que nenhuma ausência dessa espécie será constatada na sua obra. Sem dúvida, o Sr. Marques Rebelo não é um sentimentalista; e está sempre em posição de defesa contra o sentimentalismo, contra o pieguismo, contra o verbalismo, o que representa uma vitória da sua arte. Pouco lhe importam as teses, os partidarismos, os gritos, as sensações de epiderme. Só lhe importam — e este deve ser o caminho de todos os artistas — os movimentos essenciais da vida humana. Ora, é triste, mas é verdade, que os homens não vão andando em linha recta; eles vão em ziguezague como seres perdidos, como seres que nada sabem dos seus princípios e dos seus fins. Nesta marcha, uns são melancólicos, outros são ridículos. Expressar literariamente a melancolia ou o ridículo dos seres humanos; eis a vocação do Sr. Marques Rebelo. Ninguém dirá que não seja uma vocação de artista. Bem: o que há de desumano ou de cruel nesta posição do espectador que se sente, por

sua vez, tão desgraçado ⁽⁵⁾ quanto os seus personagens? Não será difícil verificar como o Sr. Marques Rebelo exprime o sarcasmo ao lado da piedade, a ironia ao lado da ternura e da simpatia, o desdém ao lado da solidariedade. E esta união complexa não será o *humour*, algo presente tanto nos personagens infelizes do Sr. Marques Rebelo quanto nas narrações fúnebres do livro singular que é *O Velório*, do Sr. Rodrigo M. F. de Andrade? Não sei que influência tem exercido Pirandello sobre a concepção artística do Sr. Marques Rebelo, mas é numa página de Pirandello que estou pensando ao lançar estas reflexões. Num dos seus contos mais originais, diz Pirandello que todos os domingos, durante cinco horas, costuma dar audiência aos seus personagens. Cada um deles conta a sua história, as suas misérias, os seus desejos, os seus dramas. E Pirandello acrescenta:

Então, eu, que de fato tenho bom coração, me compadeço deles. Ainda que talvez a compaixão não se ajuste a certas desventuras sem a condição de se poder rir a seu respeito. Por isso, os personagens das minhas histórias vão espalhando pelo mundo que sou um escritor cruel e desapiedado. Seria necessário um crítico de boa vontade que fizesse ver quanta compaixão se encontra debaixo do meu riso. ⁽⁶⁾

Parece-me que estas palavras se ajustam muito bem ao caso literário do Sr. Marques Rebelo, a quem muitos julgam com a lembrança do terrível conservador que atira farpas para todos os lados, que faz da *crítica falada* um instrumento de legítima revolta contra a mediocridade vitoriosa ou de injustiça contra alguns dos seus melhores companheiros de ofício.

Faz algum tempo, quando estavam em moda as frívolas disputas regionalistas, dizia-se do Sr. Marques Rebelo que era o *inimigo número um* dos escritores do Norte, o que ele se punha a desmentir com um riso que mais parecia uma confirmação... Ora, seja ou não verdade, estejamos ou não de acordo com as suas extremadas posições na vida literária, de qualquer forma não devemos deixar que se perturbe o nosso julgamento sobre a sua obra. Vejo-o, ao contrário, debruçado sobre os seus personagens numa tal identifica-

(5) V., a este respeito, e de maneira específica, as páginas de Marques Rebelo no final de *A Estrela Sobre*, e também no fecho de *O Trapicheiro*, primeiro volume da série anunciada sob o título de *O Espelho Partido*.

(6) Luigi Pirandello — *Pena di vivere così*. Milano, 1926.

ção que se confundem o criador e a sua criação. Vejo-o como um intérprete da vida do Rio, conjugado com os sofrimentos, com as angústias, com as perplexidades que os homens apressados, aqueles que encontramos nas ruas todos os dias, estão carregando como prisioneiros de um interminável destino.

Os Mortos de Sobrecasaca, Ed. Civilização Brasileira S. A., 1963

De Lêdo Ivo

Trapicheiro é o nome de um rio da Zona Norte da cidade em que nasceram Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto e Marques Rebelo. É um desses pequenos rios ignorados, canalizados, que correm subterrâneos nas cloacas do Rio, cidade sem rios, cidade sem o rio ostensivo que deve cortar as cidades. E trapicheiro é também o nome do dono ou administrador de um trapiche — armazém à beira do mar, ou do rio, que guarda as mercadorias à espera de embarque nos navios.

Desta ambigüidade de uma palavra beneficia-se *O Trapicheiro*, título do volume inicial do grande romance-rio que Marques Rebelo vem escrevendo há vinte anos. E a própria dimensão da obra, subordinada ao título geral de *O Espelho Partido*, vasta e ambiciosa em seu planejamento e lenta execução, também intercepta a imagem fluvial, numa síntese que roça a fímbria do trocadilho: um romance-rio sobre o Rio, cidade de rios sufocados pelas exigências urbanas, cidade sem rios visíveis.

Acrescente-se ainda a estas duas vertentes nítidas do romance — o rio Trapicheiro a correr na infância do narrador com o seu idílico apelo de vida a fluir livre e puro; e a imagem do guardador de utilidades que vão ser confiadas aos navios, levadas para longe, sumir — uma terceira: a do subterrâneo rio da consciência, a da corrente mental que confere à criatura humana a sensação de sua existência, e se prolonga até mesmo nos sonhos e o liga às coisas desaparecidas, tornando-o, pela memória, um trapicheiro de sua vida vivida e do mundo circundante.

Todas estas perspectivas avultam no primeiro tomo de *O Espelho Partido*. Para o grande e lúcido escritor que é Marques Rebelo, o livro começa no título — daí *Maraja*, história daquela espécie de mulher que inspirou a Mallarmé o ver-

so terrível: *Toi que sur le néant en sais plus que les morts; A Estrela Sobe*, drama de uma mocinha de subúrbio que dá o corpo e alma para se tornar cantora de rádio e subir no céu da vida. E daí, neste seu testamento romanesco, título e subtítulos ambíguos e simbólicos.

Contista, romancista e cronista clássico pelo fervor com que, até agora, narrava, linearmente, suas histórias, Marques Rebelo se nos apresenta, aqui, partido com o espelho de sua nova obra. *O Trapicheiro* é um romance em forma de diário, datado de janeiro de 1936 a fins de dezembro de 1938; testemunha, em seu desenvolvimento, a colisão do dia consumido com o dia subjetivo que transita na memória. O processo lembra o *Journal* de Jules Renard, um dos livros que mais fundamente marcaram a personalidade literária e moral de Marques Rebelo — e uma das mais curiosas personagens do livro, Pinga Fogo, com a sua cabeleira cor de cenoura, recorda-nos o *Poil de Carotte*. Mas para o caso Marques Rebelo, isto é pouco e mesmo irrelevante. “Não com um caminho que ninguém tenha trilhado, mas sempre outro, que não seja moda trilhar, que não leve direito ao apreço dos coevos, um caminho escolhido por bem raros, silenciosos viajantes, um caminho que não atrapalhe ninguém e que nos conduza a todas as partes.” Esta reflexão do narrador de *O Trapicheiro*, além de aludir à técnica literária e à ética do romancista, demonstra o seu propósito de ir contra a maré e a moda, a sua intenção stendhaliana de aceitar-se e conformar-se *to the happy few*. Por isso, Marques Rebelo não alcançou, até agora, o sucesso merecido. Autor de contos que durarão enquanto durar a língua portuguesa, e de um romance, *A Estrela Sobe*, que só pode e só deve ser citado entre os dez maiores de nossa literatura, ele vive numa zona literária discreta, silente e umbrosa: na Tijuca da literatura. Mas é essa benfazeja sombra, essa bela solidão, essa desejável quarentena, que lhe proporciona vinte anos de folga para produzir *O Espelho Partido*.

E o que é este romance? O narrador, que é o próprio Marques Rebelo, o escritor e o homem, adverte-nos: “Poderíamos responder que não existe uma fórmula para o romance; se tomarmos um grande romance do século XVIII e um grande romance deste século, quase nada têm de comum, como se fossem coisas de gênero diverso. E que mesmo um romancista pode achar para seus romances os mais diferen-

tes caminhos e processos." Diferentes caminhos e processos achou-os ele, Marques Rebelo, para *O Trapicheiro*. O romance é um diário, mas neste diário colidem a autobiografia e a história inventada; o leitor não sabe onde uma termina e a outra acaba; confundem-se, no desfile, as vidas imaginárias e muitas personagens *à clef*, pescadas no rio da vida, algumas soberbas em sua viscosa e rotunda veracidade, outras irreconhecíveis no círculo cruel que as limitou; a vida política brasileira e o panorama internacional de 1936 a 1938, anos do nazismo e do fascismo e da preparação e implantação da ditadura Vargas, estendem ao livro a sua fugidia temporalidade, um impressionante planejamento histórico, com inesquecíveis pormenores documentais, de tecla vária, horripilante ou cômica; a vida privada do personagem autobiográfico, com os seus problemas conjugais e extraconjugais contados ora de maneira ostensiva, ora num estilo sibilino, entrosada-se com a reflexão literária e a convivência com a fauna das portas das livrarias. O passado e o presente entrecam-se: enfim, é o registro do trapiche íntimo da consciência humana, que guarda o espelho espatifado da vida.

Todos os acontecimentos do livro, que pinga a vida em sua rotineira feição de jornal, concorrem para caracterizar o caráter diverso e elíptico da narrativa: romance, diário, livro de máximas e pensamentos, crônica de uma cidade (com o extraordinário traslado do carnaval carioca), memórias de infância, crítica de costumes. Através desses cacos, inumeráveis que são as anotações do dia-a-dia, vai-se reconstituindo a grande imagem do espelho. O romancista, que se retrata a si mesmo, bebe as águas de dois rios — o da poesia e o da verdade. Assim, para *O Trapicheiro* e, possivelmente, para todo o romance cíclico (romance de sua cidade, de seu tempo, de sua própria vida real e imaginária), Marques Rebelo adotou um processo que, não sendo canonicamente o da rotina nem participando das evoluções do gênero neste século, leva o leitor por muitos caminhos. E, de todos, o que mais nos comove, é o que ressuscita a infância: os quatro meninos subindo o Alto da Tijuca, na sexta-feira luminosamente azul, ou o cargueiro belga encalhado no Leme.

A infância é a grande luz que ilumina este livro desnor-teantemente escuro em muitos de seus passos. Estamos longe, aqui, da *lousy childhood* tão encontrável na ficção dos nossos dias, principalmente na norte-americana. A visão que

Marques Rebelo tem da meninice é pura, fagueira, diáfana — a mesma seqüência de quadros felizes ou pungentes que fazem o sortilégio de *Três Caminhos*. O claro rio antigo, o Trapicheiro que corre buliçosamente entre árvores e seixos, muda-se, vida afora, no sujo rio da maturidade, acuado nas cloacas. Este horrível desmentido que a idade adulta faz ao *vert paradis des amours enfantines* está simbolizado na figura de Pinga Fogo, menino decidido e impetuoso que, adulto, longe da inocência, será uma das mais castigadas e martirizadas personagens do elenco de humilhados e ofendidos criado por Marques Rebelo.

Enquanto a crônica da infância se estende sob o signo do lirismo e da doçura, com a evocação dos rituais e mitologias da vida caseira, a maturidade é projetada num clima de competição e ferocidade, zombaria e cepticismo, rendição e amargura, apesar das abertas de maravilhamento que pausam a narrativa, como é o caso daquela admirável visão feminina com que se inicia a história.

Toda esta soma de personagens e acontecimentos, reflexões e diálogos, realidade e fantasia, é apresentada, por Marques Rebelo, num estilo chispante de poesia, contido na altura que reclama o rigor, derramado no sítio que se habilita à deslumbrada licença e à irreprimível efusão. A esse respeito, poucos ficcionistas brasileiros estarão em condições de competir com o autor de *Oscarina* na apresentação do que seja um estilo literário, fusão harmoniosa de beletrismo e voz da rua, artifício e humanidade, na simultânea projeção da psicologia e do costume.

Sejam quais forem os caminhos que Marques Rebelo seguir em seu ambicioso romance-rio, a triunfal abertura de *O Trapicheiro*, em sua esplêndida solidão de livro sonhado e vivido, garante que ele, através de seu rio subterrâneo, que arrasta tantas pequenas e grandes misérias, haverá de conduzir-nos *a todas as partes* sem sair da sua (e da nossa) cidade.

O Estado de São Paulo, 19 de março de 1960

De Gastão de Holanda

Um tumultuoso painel de ricos pormenores poderia conter todos os assuntos que traduzem o compromisso de Marques Rebelo com o seu tempo; a família do narrador e sua

formação; cenas da vida brasileira; a vida intelectual e literária; impressões pessoais e obras do escritor, as grandes amizades, os inimigos cordiais, os amigos rancorosos, os amigos; a arte de amar; a vida política interna e externa, abrangendo o Estado Novo e a II Guerra Mundial etc.

Esses assuntos, tão diversos e complexos, que dariam vários romances, outros tantos ensaios, e que determinam o ângulo de visão do autor, seu grau de sensibilidade artística, prospecção e verossimilhança, podem sugerir uma falta de unidade na obra, que é apenas aparente. Todos eles estão, entretanto, cosidos pela visão pessoal e aguda, rebeliana, do universo.

Se quiséssemos tentar uma figuração da obra de Rebelo, particularmente o escritor de *O Espelho Partido*, figuração em que as palavras adquirissem a sua cor própria no concerto das coisas, e a obra, a estrutura de uma tela, chegaríamos a admitir o Rebelo-Klee e o Rebelo-Bruegel. O primeiro, subjetivo mestre de verdades, latentes, pesquisador paciente. O segundo, termo, figuração final, painel objetivo, em que a realidade já adquiriu a sua excepcional mobilidade.

Rebelo é adverso, a fantasia e a sua palavra, autônoma, colorida, jamais é escolhida ao acaso. Ele transcende o simbolismo literário, recorre humildemente à melhor tradição brasileira, representada por Manuel de Almeida e Machado de Assis; é a sua própria experiência. Como Paul Klee, despreza o aspecto lúcido da arte pelo simpático e transforma o seu romance, freqüentemente, numa sátira da sociedade brasileira contemporânea. Se aprofunda as relações entre os homens, e as coisas, organiza-se, economiza-se para aumentar a eficácia do seu vocabulário. E como Klee, quase chega à contemplação hedonista das coisas (para Rebelo, o seu mundo carioca).

Se Van Gogh impressiona a Klee com o choque da linha não decorativa, Machado inspira Rebelo através de sua linha inquieta, nervosa, mas lógica, a ponto de dar-lhe dimensões imprevisíveis. Rebelo recebe a lição, quebra a continuidade dessa linha machadiana (como, de certo modo, Graciliano violenta a linha da tradição), e violenta-a. Uma elaboração cuidadosa, subsiste a toda forma de suspeita. Rebelo substitui a contemplação pela participação. Como romancista que tem uma visão particular do mundo, não é um simples espec-

tador. Escreve diariamente, o que quer dizer: luta diariamente, está lúcido nos seus propósitos e quer contribuir para a construção de uma nova civilização. Rebelo acompanha a transformação brasileira, é um romântico a seu modo, um moralista e, à maneira de Mestre Manuel Antônio de Almeida, fere e contradiz os seus contemporâneos, o que quer dizer: tem uma qualidade própria.

As duas telas de Paul Klee: Caminho principal e caminhos laterais (1929) e Torrente (1934), traduzem bem o que quero dizer. Ambas são pesquisas complexas onde a linha adquire aspectos graciosos, imprevistos e eloqüentes, fruto de um trabalho amadurecido e intelectual, espécie de compromisso moral com a arte. Sente-se por trás de ambos a complexidade de um processo de criação comparável ao romance de Rebelo, onde inúmeros caminhos e becos, ou correntes tumultuosas, figurados, em cores que se harmonizam entre si, vão dar no principal caminho ou na principal corrente, que é a própria vida do autor, com suas naturais perplexidades ou implicações.

O meio, a natureza, o universo, são atributos do Rebelo-Bruegel, do artista que procura fixar a ciência, a arte, a técnica, o indivíduo, o pensamento, a ética do seu tempo, a humanidade em marcha, num gigantesco painel que representa na realidade o nosso mundo transtornado, o nosso mundo às avessas.

Esse mundo bruegeliano, cujo suporte é a elaboração requintada de Klee, irônico, espiritual, belo e justo, ético e ao mesmo tempo pérfido, por vezes fantástico, dá ao romancista brasileiro, como deu ao pintor flamengo, a sua verdadeira dimensão.

Agora já se trata de um resultado, longamente esperado, desde *Maraja* e *A Estrela Sobe*. *O Espelho Partido* é uma correspondência do *Capote Azul*, do *Combate de Carnaval* e *Quaresma*, dos *Jogos Infantis*, da *Queda dos Anjos Rebeldes*. Absorve a loucura do mundo contemporâneo, que reclama uma filosofia dialética e restauradora. Sem perder a perspectiva de uma complexidade bíblica, Rebelo, a esta altura, deixou para trás as obras curtas, os retratos, e lançou-se com todas as suas forças num empreendimento que é um verdadeiro inventário de contraste e experiências, a alucinada procura de uma verdade sem rebuço. O conto morreu para ele.

Maraja e *A Estrela Sobe* contam como obras sérias, degraus já ultrapassados. O *Trapicheiro* e *A Mudança*, com toda a complexidade deles, são os livros do seu verdadeiro estilo, que satisfazem rigorosamente como luta, e luta contra o tempo e contra a morte. Consciente, a esta altura, do próprio valor e das próprias possibilidades, medindo o gesto, o Rebelo-Bruegel unifica a sua miríade de personagens, desde os populares até os mais requintados. Todos merecem a sua atenção. O romancista procura arquivá-los na prodigiosa memória, transfigura-os, enriquece-os com sua experiência maior de artista. Está moralmente equidistante dos prazeres e dos sofrimentos, do céu e do inferno.

E, quando desce aos infernos, é como Bruegel da *Queda dos Anjos Rebeldes* ou da *Dulle Griet*, de espada à mão, triunfando sobre o diabo e a morte. Seus personagens, como os do flamengo, são personagens ao modo bíblico (ele, assíduo leitor da Bíblia), que tomam a cor local de um país que regurgita os mais complexos problemas e os mais fascinantes contrastes.

Minas Gerais — Suplemento Literário — 2 de dezembro de 1967

De Mário da Silva Brito

O romance fragmentário foi lançado entre nós por Oswald de Andrade. Sem desprezar a Trilogia do Exílio (composta de *Os Condenados*, *A Estrela de Absinto* e *A Escada*), que já é fragmentada, as obras marcantes dessa espécie são as *Memórias Sentimentais* de João Miramar, Serafim Ponte Grande e o inconcluso *Marco Zero*.

As *Memórias Sentimentais* ressaltam, no panorama de nossas letras, por suas inovações inventivas, recriando o autor a linguagem e reformulando a estrutura convencional do romance. A ruptura estrutural prossegue em Serafim, que, no plano verbal, é menos audacioso, se bem que ainda se valha de imprevistas soluções formais. Já em *Marco Zero*, vasto mural do nosso tempo, do mundo e do Brasil, mais notadamente alargado painel da sociedade paulista e paulistana, o que de imediato se tem a destacar é um certo retorno às tradições do idioma, agora sendo trabalhado num permanente e desenvolto exercício de estilo, verificando-se ainda, tanto em *A Re-*

volução Melancólica quanto em *Chão*, uma busca quase taquigráfica da fala dos seus múltiplos personagens: a oralidade dos japoneses, italianos, alemães, caipiras, negros e mulatos pernósticos. Oswald também quase resvala para a transcrição naturalista, ele que transfigurara o realismo e engendrara uma supra-realidade.

Marques Rebelo, com a série de obras que integram *O Espelho Partido*, três das quais já aparecidas e mais quatro aguardando publicação, retoma o romance fragmentário, cujas origens brasileiras já há quem localize no Memorial de Aires, do velho — e sempre novo — Machado de Assis.⁽¹⁾

Retoma-o e dá-lhe consistência, organicidade, a coerência interna que falta em *Marco Zero*, estilhaçado em miríades de cenas e povoado por multidão de personagens, cenas e personagens que não se entrosam, raro se comunicam, quase sempre se perdem na urbe do romance, que perturbam como se fossem alumbrantes *flashes* a ferir a vista no seu incessante relampejar, a prejudicar a nítida visão do todo, a percepção global da narrativa.

Obra que é a um tempo — e ao mesmo tempo — autobiografia, memória, diário, cronograma histórico, cine-jornal e documentário, *O Espelho Partido*, de que se acaba de editar o terceiro tomo, este *A Guerra Está em Nós*⁽²⁾, transforma-se, aos olhos do leitor, em cosmos e microcosmos, apanha o geral e o particular, o pessoal e o coletivo, o indivíduo e o mundo, o aqui e o lá fora, o objetivo e o subjetivo, o que está em nós e nos outros, a meditação e a fantasia, o derredor e o íntimo, alcança, enfim, infinitas projeções, refrações, incidências, coincidências e incoerências dos homens e da vida.

Amores e desamores, paixões, ódios e raivas, acertos, desacertos e erros, choques e entrechoques, invejas e ciúmes, todas as gamas de afetos e desafetos, sarcasmos e ironias, sentimentos altruísticos e baixeiras, tudo que e de que é capaz ou incapaz o homem, se refletem nos cacos desse espatifado espelho — espelho que reproduz fugidias, movediças e instáveis imagens da hora, do universo, dos seres, coisas e pai-

(1) Eliane Zagury. *Em Torno da Narrativa Fragmentária* — Minas Gerais (Suplemento Literário: Ano III — N.º 106 — 7-9-1968).

(2) *A Guerra Está em Nós* — Livraria Martins Editora — São Paulo — 1968.

sagens, fluente rio — rio que também é espelho em movimento — que tão bem exprime o transitório e o fugaz. Espelho — imagem do romance, para lembrar o bom conceito stendhaliano desse gênero de ficção.

Qual o *macete* de Marques Rebelo para dar unidade à complexa massa de estórias, episódios, quadros, situações, personagens, reflexões, aforismos (e desaforismos), fatos e acontecimentos que se estenderão por perto de quatro mil páginas impressas, para dominar e ordenar o caos que é o convulso mundo contemporâneo, nacional e internacional, inserido no universo do seu romance?

Um quase nada que é tudo, um ovo de colombo, uma *trouvaille* técnica de eficaz efeito: ele é o sensibíllissimo aparelho captor das radiações e irradiações emitidas, o delicado sísmógrafo que registra, dia a dia, ao longo dos anos, o diagrama do mundo exterior e interior — diagrama que vai do normal ao tempestuoso, do quotidiano ao intemporal, da realidade presente à evocação do passado, do sonho ao delírio e ao presságio, do efêmero ao eterno, que assinala, em suma, instrumento de precisão que é, todas as nuances, tons e entretons de intrincado desenho.

Mas não se pense que tendo a si mesmo por eixo o autor se torna um detestável ególatra, monstruoso senhor das tramas que fia ou tece nesse bastidor de variadas cores e linhas. Ao contrário, sua situação é, dentro do livro, a de humilde monge a trabalhar palimpsestos no silêncio da cela, de atento muezim a vigiar, do alto da torre, o que por perto se passa ou a perscrutar na distância, na linha do horizonte, as ilusórias miragens e mal esboçadas realidades. Sua maneira de dar-se e doar-se é essa do recolhimento em que redige a infindável ata dos dias que correm e, proustianamente, recupera não só o tempo mas todo o mundo imenso na fluidez e na fugacidade daquele exato momento registrado — doído e doído mundo que, não foram suas mãos hábeis e astutas, se desvaneceria e se apagaria para todo o sempre.

Embora personagem primeira do ciclo romanesco que empreendeu — monumento de ficção em nosso idioma, proeza literária que vem executando com pertinácia, concentração e até obstinação — fio condutor do intrincado labirinto ficcional, o eu que narra e que se narra, Marques Rebelo não escamoteia a presença dos outros em *O Espelho Partido* e

nem impõe a sua forte personalidade, não açambarca a narrativa. Restaura uma época, o tempo histórico que, em cada volume, constitui o pano de fundo em que instala os mais descontraídos caracteres. Homens, mulheres (ah! as sedutoras mulheres dos romances rebelianos!), jovens, velhos e crianças e até bichos, tendo por cenário principalmente paisagens e recantos múltiplos do Rio de Janeiro, por suas páginas traçam com sua carga de humanidade, como gente viva, desenhada em traço ágil ou de detido e acabado contorno, todas com sangue a lhes correr nas veias, com nervos e carne e alma, sujeitos aos azares ou fortunas da vida. É, aqui e ali, o seu lirismo, a sua ternura, o seu piedoso olhar de amor pelas coisas e pessoas, o seu fervor musical e pictórico, contrastando com a dureza de insólitas observações ou sarcásticos e críticos comentários.

Roman à Clef, reconstitui a vida literária e artística dos últimos decênios, e, por estar pejado de ironias e perfídias, de sarcasmos e ditos de espírito, de contundentes juízos a respeito dos seus contemporâneos, esta série de Marques Rebelo é constantemente apontada pelos distraídos ou mal-intencionados leitores como obra de agressiva maledicência. Ainda há pouco, ouvi que, para bem compreender esse conjunto romanesco, é preciso ter a chave dele, conseguir saber quem é este ou aquele figurão, geralmente vergastado pela sátira certeira do romancista. Nada mais inútil e até fútil. A menos que se esteja interessado na fofoca lítero-artística, na intriga comadresca e suburbana, o entendimento da obra independente de localizar o modelo de cada personagem, mesmo porque, nem sempre há único molde, fundindo o autor, num só protagonista, diversas individualidades. O que importa é — isso sim — a vida própria que esses seres adquirem no contexto do romance, coisa que o escritor consegue realizar com pleno êxito. Há toda uma atmosfera, todo um *pathos*, que se sobrelevam aos anedóticos e pitorescos incidentes do burgo das letras e artes.

Dá-nos Marques Rebelo com *O Espelho Partido* uma comédia humana concomitantemente carioca e universal — uma comédia humana engastada na dramática (ou trágica?) história contemporânea. Além dos dramas pessoais do romance, pessoais do autor e das suas recriadas e vividas figuras, está o drama da humanidade, dos povos, esse ter-

rível drama que o telégrafo, o telex, o rádio, o jornal e a TV espalham hora a hora, se não minuto a minuto. Pairam sobre todas as personagens os perigos do mundo, o jogo político internacional, as tricas e futricas também políticas do País (em *A Guerra Está em Nós*, o ambiente é o do Estado Novo e das lutas contra o nazinipofascismo) — tornando-se desvalidas todas as suas criaturas e ele mesmo autor, meros bonecos de engonço que os deuses do poder e do mundo manejam ao seu bel-prazer. Nosso destino não nos pertence. É dos donos da vida.

Não sendo um escritor de vanguarda, desses que manipulam a linguagem a partir de si mesmos, Marques Rebelo prefere ser um devoto do seu idioma tal como o encontrou, rico legado que lhe chegou às mãos. Não se contenta, porém, em dele se utilizar rasteira e rotineiramente. Ao contrário, busca e rebusca, trabalha e retrabalha, na ânsia de nobilitá-lo, de acrescê-lo de valores. É ele, talvez, o nosso último estilista, o grande preocupado com a fatura literária, com a música e a harmonia das palavras, a sua cuidadosa escolha e ajustada colocação na frase, com o efeito dos diálogos, a naturalidade que devem ter.

Confessa o romancista, nas reflexões disseminadas pelos três volumes até agora publicados de *O Espelho Partido*, a sua luta pela expressão, o áspero combate que trava na folha em branco onde compõe, campo de batalha diuturno, as hesitações diante da faina realizada, o tormento do bem dizer — tormento que o leva a redigir, repetidas vezes, o mesmo trecho até chegar àquele que traduz com exatidão o seu pensamento.

Essa busca flaubertiana do *mot juste*, essa insatisfação criadora, essa angústia verbal, leva-o à pesquisa, à incansável procura, e, assim, desencava esquecidas palavras do arsenal idiomático, para fazê-las rebrilhar, com toda a luz, fulgurantemente, ante os seus deslumbrados leitores.

Dá-nos Marques Rebelo uma lição de humildade e de fidelidade. De fidelidade às tradições da língua, às suas potencialidades de dicção, à sua riqueza de conotações, à validade do transplante do clássico para o moderno, e, também, da palavra nova, até mesmo da gíria, do coloquial, na frase elaborada e construída — coisa que faz como se, de sua pena, tudo brotasse espontânea e folgadoamente. De hu-

mildade porque despreza o êxito fácil, rápido, que tantos perseguem sôfrega e açodadamente.

Mas nesse amor ao estilo, jamais se esquece do principal — que é o ser humano. Este, na obra de Rebelo, e especialmente na série *O Espelho Partido*, aparece por inteiro, com suas grandezas e misérias. Poucas vezes um espelho refletiu tão fielmente uma humanidade. Para honra e glória nossas, essa obra foi — e está sendo — escrita no idioma em que nos expressamos.

De Barbosa Lima Sobrinho

O que sempre admirei em Marques Rebelo foi a sua desconcertante irreverência, manifestada num talento epigramático sem fronteiras. O epigrama nem sempre exige reflexão. Tem que ser espontâneo, imediato, o que vale dizer que pode se exceder e trazer depois o remorso e o arrependimento. Mas que se há de fazer, se já está publicado? Sobre tudo quando, pela sua originalidade, marcou definitivamente sua presença, para não mais ser esquecido, sobretudo para os que foram atingidos, de frente ou de raspão. As vítimas chegam a pensar numa tocaia da inteligência. E a própria personalidade literária do autor sente os efeitos do ricochete, como resultado não só das inimizades que vão aparecendo, como da impressão que se deixa como uma espécie de Saci de pedras na mão, divertindo-se à custa dos outros, moleque como ele só, esfuziante, contagiado pelo espírito alegre de sua cidade, carioca de nascimento e de vocação, buscando máscaras folgazãs quando não pode mais reprimir o sofrimento. Cousas tão espontâneas que vão logo de cara excluindo a maldade, a preocupação de ferir, quando se contenta e se desfaz com a explosão das gargalhadas, que são o acompanhamento dos epigramas. Da gargalhada, não do rictus dos lábios ou do riso para dentro.

A obra literária de Marques Rebelo vai somando a princípio a sua prodigiosa alegria íntima, a imensa ternura de seu coração, a piedade que não sabe conter, até chegar ao pensamento sério de sua maturidade, tudo isso num estilo vivo e ágil, com uma linguagem clássica, que por si só basta para dar a medida de sua seriedade como escritor. E quando percebe que não falta quem prefira o Saci ou que acredite que o epigrama continua a ser a sua vocação, ele se de-

tém e, com aquela autocrítica que nunca lhe faltou, observa, num de seus últimos livros: "Não falo de coisas profundas. Costumo escrever algumas que poucas. Passam despercebidas, o que talvez seja melhor." A frase até que poderia parecer do Conselheiro Aires. Mas era a substância de Marques Rebelo. Vamos suprimir as restrições, que são antes concessões aos estranhos e aos críticos. O que fica é a confissão de um escritor que tinha plena consciência da seriedade de sua obra literária. A maturidade lhe dilatara os horizontes, sem conseguir de todo afastar ou suprimir o Saci, que continuava dentro dele, como influência e presença do povo carioca.

O inesperado está em nós, poderia ele dizer, usando uma de suas frases favoritas. As amizades que cultivava eram as das que não precisam de convites para jantar. Ou das que compreendem e festejam os hóspedes que batem à porta com uma maleta de mão, para passar 15 dias. Porque sabia que a sua presença iria converter-se em festa, com a sua prosa fascinante, as suas pilhérias, as suas risadas, as explosões de sua alegria irresistível. Mas aí do interlocutor que lhe pisasse os calos! Creio que nesses momentos seria capaz de destilar corrosivos, tomado de uma fúria súbita, felizmente efêmera e que logo se desfazia numa gargalhada contagiante. Quantas vezes, conversando com ele, pensava em outro carioca de sua geração, que era Sérgio Porto. Marques Rebelo mais sério e mais veemente, o outro mais alegre e galhofeiro, mas ambos sérios na substância de sua presença, discípulos de Juvenal, rindo para corrigir. O *Febeapá* não estaria muito longe de *O Simples Coronel Madureira*, de Marques Rebelo. Reagindo ambos contra manifestações que não aprovavam, mas procurando abrir veredas claras na caligem de realidades inelutáveis. Não estaria no riso o melhor dos consolos? A ironia será somente um protesto ou uma atitude de piedade?

Marques Rebelo não tinha condições para evasões cômodas. Como que vivia acorrentado à realidade.

Por isso mesmo sua obra literária vai aos poucos tomando a feição de um diário, em que vai registrando tudo o que considera essencial nos acontecimentos de cada dia. Abandona de vez a ficção, que lhe parece falsa com a sua preocupação simbólica e faz questão de encarar os fatos de

frente, nessa aldeia global que não deixou de ser aldeia mesmo quando se tornou lugar comum. Sua cultura se ampliou. Conhece os dogmas, as ortodoxias, as teses que lutam pelo domínio do mundo. Ele não acredita em nenhuma. É o que antes se chamava de livre-pensador, não por amor à palavra mas pela impossibilidade de se integrar de todo numa dessas doutrinas. O colunista de *Última Hora* continua vivo dentro dele. Vivo e atuante. À margem da loucura que parece ter se apoderado do mundo e que vai procurar, nos espaços interplanetários, a distância e o silêncio de que precisa, a obra de Marques Rebelo vai se tornando um comentário de cada dia, até chegar ao último livro que publicou, *A Guerra Está em Nós*. Pelas condições que a Guanabara lhe proporciona, como observatório fechado ao sectarismo, a obra de Marques Rebelo passa a ser um diário ecumênico.

Nascido numa das ruas dos subúrbios cariocas, Marques Rebelo nunca se libertou do condicionamento que marcou as suas primeiras experiências. Os subúrbios é que mudaram, transformando-se em cidades, com uma vida própria e por igual amarga e tumultuada, em que as paredes dos arranha-céus vão subindo para ocultar desesperos que também sobem. O escritor nunca se libertou desse ambiente. A maior parte das personagens que criou não chegaram a sair desses subúrbios antigos. E quando não os teve mais presentes, parece até que renunciou a criar novas personagens ou não demora na companhia das que vieram. As personagens que o prendem são os prisioneiros daqueles sofrimentos que testemunhou e que constituíram a sua experiência da vida, marcados numa folhinha que só sabe mudar o quadro do calendário.

Houve quem notasse que os funcionários públicos que se encontram nas suas novelas, como modelos de felicidade humana, não ganhavam mais de Cr\$ 300,00 por mês. Todos na faixa dos salários iniciais. É essa gente que o atrai e com a qual convive. A humanidade que o interessa. Por isso descê das soluções que a esquecem ou que talvez não saibam existe mesmo. Em suma, uma alma de revoltado.

Mas também uma alma de brasileiro, que ama essas cidades perdidas no interior, tão desamparadas como os subúrbios de sua infância. Delicia-se nas suas viagens com o pitoresco e a ingenuidade que vai encontrando. Em *Cenas*

da Vida Brasileira há um acompanhamento de ternura e de comoção. Mas não se conforma que haja mais igrejas do que orfanatos. Sente-se à vontade quando se senta à mesa dos botequins para jogar o truco. Detesta as Prefeituras que não cuidam de arborizar as cidades. E quando vai anotando os males que afligem o povo, subalimentação, a sífilis, a maleita, o analfabetismo que ignora a propaganda, a mortalidade infantil que não acompanha os dados do crescimento econômico, não pode deixar de indagar se está diante de corações tão “bons que tudo suportam, se tão miseráveis que não têm consciência da sua desgraça. E por vezes brasas que a locomotiva joga luzem como uma chuva de ouro que as trevas logo apagam”. O que viria ainda, no escritor, como um esforço para compreender e para perdoar.

Jornal do Brasil

De Victor de Lemos

O teor melancólico da fase que as letras brasileiras atravessam foi assinalado, há pouco, por um acontecimento triste; a morte de Marques Rebelo, ainda relativamente jovem, após enfermidade que lhe retirou a lucidez, antes de liquidá-lo. O teor melancólico não está nessa morte inesperada, antecipada por assim dizer, pois isso seria inevitável. Está no fato de que Marques Rebelo, que vinha elaborando vagarosamente o extenso painel da vida brasileira, em que figurava como protagonista e como testemunha, não vinha encontrando para a sua obra aquele apreço que ela merecia. O tempo confirmará, certamente, o alto nível qualitativo dessa obra, que crescerá com a passagem dos anos. Mas não parece singular que, em contraste com a escolha, nos Institutos de Letras, de autores sobre os quais o juízo não passou em julgado, para servirem ao estudo, Marques Rebelo tenha sido sempre esquecido? Claro está que, no caso, quando a escolha recaiu num Machado de Assis, não há o que discutir. Mas se a escolha se amplia com alguns livros de escritores vivos que estão em plena atividade, não é compreensível que esqueça aquele que foi, sem a menor dúvida, o maior dos nossos ficcionistas depois daqueles dois consagrados valores históricos.

Marques Rebelo, entretanto, tinha tudo para ser amplamente lido. E não é de crer que a razão de não o ser tenha resultado do propositado silêncio daqueles que foram por ele retratados ou feridos. Ao longo de sua existência, em que a devoção às letras constituiu traço principal, Marques Rebelo, que apreciava ironizar alguns confrades, esteve longe de gerir com suavidade o seu convívio; antes preferiu, freqüentemente, desfechar ataques ou causticar atitudes, sem preocupação com as conseqüências. Estava na essência de seu espírito inquieto, na forma insatisfeita com que encarava as coisas e as criaturas, aquela ironia, algumas vezes feroz, que maltratava e que, outras vezes, chegava às raias da crueldade. Até que ponto isso foi causa desse apreço menor pela sua obra, no entanto, é difícil estimar. Parece que outras razões teriam influído e caberá à crítica defini-las, e este é um tema que as cátedras de literatura brasileira, tão preocupadas com o secundário, e até com valores secundários, podem tomar a si, com proveito certo.

A Inovação no Conto

Desde o aparecimento dos primeiros contos, na imprensa e em livro, e do romance *Marafa*, no início da quarta década do século, Marques Rebelo, pseudônimo de Eddy Dias da Cruz, passou a figurar no primeiro plano das nossas letras, e isso numa fase de extraordinária vitalidade criadora, quando surgiram alguns dos mais altos e importantes ficcionistas e ensaístas que o Brasil conheceu, fase de atividade intensa, apenas perturbada pela inquietação política, que atingiu a quase todos, quando não na obra, pelo menos na vida. Os contos já anunciavam o inovador — muito mais inovador do que todos os pretensos proprietários do modernismo, então começando a auferir dividendos de dizerem que o eram — aquele que, rompendo com a tradição consagrada do conto brasileiro, de que Monteiro Lobato fornecia o modelo, vinha apresentá-lo sob forma inteiramente diversa. Lobato, no mais rigoroso estilo de Maupassant, embora com temas tão distantes daqueles utilizados pelo francês, fazia tudo girar em torno da anedota, do enredo. Claro está que o modelo que consagrou não se resumia nisso, porque ele inovava também, no plano da forma, pela simplicidade da lin-

guagem, despojando-a de qualquer ênfase, metafórica que fosse.

Marques Rebelo, e é fácil verificar isso relendo os contos reunidos em *Oscarina*, colocava a anedota, o enredo, em segundo plano. Seus contos não giravam em torno da anedota, às vezes reduzida ao mínimo; giravam em torno do clima, por assim dizer, do ambiente, mas com uma nitidez, uma clareza que os diferencia dos grandes modelos do conto de ambiente, os modelos marcados por Tchecov e por sua discípula distante, Katherine Mansfield. O ambiente, em Marques Rebelo, era constituído pelo quadro dos costumes e pelo diálogo, tornando-se, assim, muito claro, muito aberto, muito direto. Esse homem que passara a infância e a adolescência em bairros de classe média, no Rio de Janeiro, onde residia o cerne do que se pode conhecer como espírito da cidade, Vila Isabel — a Vila Isabel dos tempos de Noel Rosa — e Tijuca, sabia reconstituir os hábitos da gente dessa classe, como, antes, seu mestre Manuel Antônio de Almeida soubera e, depois também soubera, Lima Barreto, embora temperando tudo com a sua amarga ironia.

Mas foi o prêmio com que *Marafa* ficou consagrado como grande romance — embora menor, depois, no conjunto da obra de Marques Rebelo — que deu ao autor aquele mínimo de notoriedade que lhe permitiu insistir numa vocação irreprimível, mantida apesar das vicissitudes que sua carreira atravessou, e que tanto contribuíram para o largo intervalo entre seus livros, para os seus desvios para as artes plásticas, para o rádio e ainda para a colaboração de jornal, onde repousam algumas de suas melhores páginas, em parte recolhidas a livros. Foi isso, por outro lado, que o obrigou a dedicar-se ao registro quase cotidiano dos acontecimentos a que assistia, material que seria aproveitado, muito depois, para constituir a estrutura do painel que seria *O Espelho Partido*. O que marcaria a qualidade, sem a menor dúvida, excepcional de Marques Rebelo, enquanto ficcionista — e daí a estranheza de não estar sendo estudado sistematicamente — estava menos, portanto, na história do que no estilo: ele era, fundamentalmente, o escritor. E, como tal, um inovador, pela clareza, pela transparência, pela nitidez de seu estilo, pela forma como esse estilo se adapta aos fatos, pela forma como traduz com fidelidade os costumes po-

pulares. Pela simplicidade e pela clareza, virtudes supremas, que só a experiência proporciona e que ele aprimorou extraordinariamente.

O Espelho Inacabado

Seria longo apreciar a obra de Marques Rebelo, mas esta nota, que é de saudade muito mais do que de crítica, não ficaria completa sem uma referência, ainda que breve, a *O Espelho Partido*. Como sabem os que concedem um mínimo de atenção ao que há de importante na atividade literária brasileira — e pouco há de apenas singular, original, mas de importante nela, nos últimos tempos, embora se *badale* muito — Marques Rebelo, à base das anotações recolhidas desde muitos anos, vinha escrevendo um romance, sob aquele título geral, com volumes que constituíam, ou poderiam constituir, livros à parte, isto é, poderiam ser lidos separadamente, cada um com o seu título particular, o primeiro tendo sido *O Trapicheiro*. *A Mudança* é obra de interesse extraordinário, no quadro de nossa literatura, pelo conteúdo e pela forma. Obra em que, aliás, destacam-se, em nível superior, os traços marcantes de Marques Rebelo, inclusive os do escritor. Nela, o autor se propôs reconstituir, em gigantesco painel, a vida brasileira de que foi protagonista ou testemunha, numa fase atormentada mas, do ponto de vista das letras, extremamente rica. Assim, a obra é um romance, é um trabalho de memória, é uma autobiografia, é uma crônica de costumes, é uma história e, sendo tudo isso, permanece como das mais expressivas e das mais originais dentre todas as que a nossa literatura conheceu e produziu.

Para escrevê-la, valendo-se de notas registradas sob o domínio de emoções ou ressentimentos ou sentimentos derivados das contingências do momento, mas que guardavam disso a autenticidade, o autor adotou a norma do romance *à clef*, isto é, apresentou as personagens sob outros nomes. Esses falsos nomes, entretanto, sendo conhecidos de muitos ou sucessivos episódios de que participaram tais personagens, acabam tornando-se segredos de polichinelo. Mas a decifração da chave — como aconteceu com o *Isaiás Caminha*, de Lima Barreto — representa um dos trabalhos mais interessantes, indispensáveis ao conhecimento daquela fase tormen-

tosa. Porque, na verdade, a história de tal fase não poderá ser escrita sem consulta ao imenso painel que Marques Rebelo desenhou. E sem que tal painel perdesse as características e as qualidades literárias. Esse espelho fica inacabado, portanto, e é pena que isso aconteça porque se trata de obra não apenas singular, um enigma de obra de destacado valor artístico, um dos marcos da ficção brasileira — qualquer coisa como as *Memórias de um Sargento de Milícias*, o *Dom Casmurro*, ou *São Bernardo*. Melancólico, pois, não foi assistir à morte de Marques Rebelo, triste sob todos os aspectos, particularmente considerando a sua idade; melancólico foi ver como essa grandeza não está ainda reconhecida e como, em meio ao reinado da mediocridade, Marques Rebelo era muito menos lido do que merecia. O tempo vai reparar tal injustiça, sem a menor dúvida, na medida em que emergirmos para as tarefas da cultura.

Opinião, de 3 a 10 de setembro de 1973

De Austregésilo de Athayde

O grande escritor pertencia à família dos intérpretes fidedignos da cidade em que nasceu, da sua condição humana, dos seus desníveis sociais, dos timbres de altivez e altaneira do povo carioca. Curtiam-se os seus contos e romances nas experiências de sua própria vida, desde *Oscarina*, primeira revelação da categoria da sua arte, a *Marafa* e *A Estrela Sobe*, *O Trapicheiro* e *A Mudança*, trama de episódios e tipos que retratam caracteres universalizados pela força da sua humanidade e dão a medida do gênio criador de Marques Rebelo.

Ele sabia, como Dickens, repartir o bem e o mal com espírito de justiça, amava as suas pobres criaturas e, através delas, exaltava os poderes misteriosos que conduzem o destino. Essa obra dignificante, autêntica em sua sinceridade, límpida sempre em suas intenções superiores, demarca as extensas paragens do seu espírito, os sobrevôos de uma inteligência a que não faltou nenhuma das armas privilegiadas com que a ficção revela e compartilha os portentos do Gênese. Nada, porém, sobrepujará o que Rebelo deixa de ternura na lembrança de seus amigos, de saudade e de reconhecimento pela sua presença constante nesta comunhão de sentimen-

tos que forma a trama secreta da fraternidade entre os homens.

Eis uma indicação da sua grandeza, uma prova de como sabia acentuar as afinidades, e ainda que às vezes viesse nas suas palavras o leve sopro da ironia, encrespado não raramente até a mordacidade, tudo não passava das aparências com que defendia as doçuras de um coração sempre voltado para o amor. Ser afetuoso e amigo era o seu grande segredo. Na sua vida, dispensou nobremente a tantos os favores de uma bondade com que estimulava os principiantes da carreira literária, acudindo-os, leal, atento e sutil, com carinho e pureza de sentimento. Foi um dos grandes escritores do nosso tempo, um jornalista esmerado na exatidão, um homem íntegro, uma pessoa inesquecível.

O Jornal, Rio, 29 de agosto de 1973

De Fausto Cunha

A morte de Marques Rebelo pode marcar o encerramento de uma linhagem novelística que começa idealmente, e no seu caso específico, com o autor das *Memórias de um Sargento de Milícias*, esse Manuel Antônio de Almeida que ele amou e biografou. O romance urbano carioca típico teve nele o seu último grande representante e é pouco provável que seja retomado no mesmo nível e do mesmo ângulo, e por uma razão muito simples: tanto a ficção de M. A. Almeida como a de Marques Rebelo pertencem, como estilo e como estrutura, à história literária, estão encerradas como ciclo e não permitem sequer a imitação. Nada impede, convém esclarecer, que surja um novo tipo de romance urbano carioca. A experiência de Jorge Amado com o romance de costumes, iniciada em *Gabriela, Cravo e Canela*, mostra que não há nenhum gênero morto. A literatura picaresca, que parecia confinada a um período literariamente fossilizado, ressurgiu com inesperado impulso e ganhou todo um público que permanecia ávido de histórias de cavalaria andante e de situações erótico-burlescas. É bom lembrar que o leitor popular brasileiro, nele incluída uma boa fração da classe média que ascendeu apenas economicamente, continua em descompasso cultural, parte imersa no romantismo, parte ainda tributária de padrões estéticos e modos de pensar e sentir anterior-

res ao Descobrimento, talvez até da Idade Média. Isso, é claro, nada tem a ver com os méritos intrínsecos da obra de Jorge Amado, que não é picaresca no sentido em que *D. Quixote* o é, e reflete mais uma nova face do romancista dramático e reivindicativo de *Capitães da Areia* e de *Terras do Sem-Fim*, ainda sua obra máxima, e um dos pontos culminantes do romance brasileiro.

Romance Urbano

Na conceituação do que seja o romance urbano carioca, é difícil fugir do que foi dito por Astrojildo Pereira em *Interpretações* (1944):

— Não possuímos nenhum romance propriamente *sobre* o Rio de Janeiro (nem sobre qualquer outra cidade brasileira), que se possa enquadrar na categoria de romance urbano, no sentido rigoroso de *suma romanesca* da cidade, segundo a classificação de Thibaudet. O que possuímos, assim mesmo em número reduzido, são romancistas urbanos ou cidadãos, que fazem da cidade o cenário e o meio em que principalmente se desenrola a trama de seus romances, com personagens, tipos, costumes, modos, paisagens peculiares da cidade. Para citar desde logo o maior de todos, temos Machado de Assis, nascido, crescido e vivido nesta boa cidade do Rio de Janeiro, onde também nasceu, cresceu e viveu toda a sua obra. Toda a sua obra, com efeito, está cheia como nenhuma outra do Rio de Janeiro do seu tempo; mas está cheia também, está mesmo ainda mais cheia de muitas outras coisas.

E Astrojildo elimina Machado de Assis do grupo de *romancistas da cidade*, formado unicamente por Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo e Lima Barreto. Onde fica, nessa trindade, o infalível quarto, Marques Rebelo? Na data em que Astrojildo Pereira escreveu seu famoso (e magistral) estudo, a crítica literária já havia reconhecido não só um grande escritor como também um romancista da cidade: o autor de *Maraja*, 1935, de *A Estrela Sobe*, 1938, e dos contos de *Oscarina*, 1931. Para sintetizar, basta citar o verbete escrito por José Paulo Pais no *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*:

— Desde *Oscarina* definiu Marques Rebelo as constantes temáticas e formais de sua arte novelística. Inserindo-se na

tradição do romance urbano carioca de Manuel Antônio de Almeida (de quem foi biógrafo) e de Lima Barreto, fez-se ele o cronista por excelência dos bairros semiproletários da Zona Norte do Rio, bairros de “mocinhas aventureiras, funcionários de baixa categoria, malandros, boêmios e sambistas, gente que não é bem proletariado nem chega a ser pequena burguesia” (Mário de Andrade). A citação de Mário fixa bem o mundo urbano de Marques Rebelo.

Pela própria formação literária e política de Astrojildo seria demais esperar que ele citasse, ou sequer mencionasse, outro romancista urbano carioca, o hoje esquecido Benjamim Costallat. Como Feuillet e Ohnet, na França, Costallat foi simplesmente posto para fora da literatura, até hoje ninguém sabe exatamente por quê. Todavia, a afirmação de Astrojildo permanece de pé: apesar dos muitos livros de ficção em que o Rio aparece, bem poucos merecem a classificação de romance urbano carioca. Essa classificação não empobrece nem enriquece livro nenhum, exceto se considerarmos a obra literária por um de seus lados, que é o de sua contribuição documental. Por esse prisma, a safra é grande.

Meio e Cenário

Desde Teixeira e Sousa, um dos pais do nosso romance (ver o estudo de Aurélio Buarque de Holanda em *O Romance Brasileiro*), o Rio de Janeiro aparece como pano de fundo. Talvez o primeiro aparecimento de Copacabana na ficção seja no romance *O Filho do Pescador*. Essa praia semi-selvagem parece pouco mudar ao longo de 100 anos, entre o romântico Teixeira e Sousa e os já modernos Graça Aranha e Benjamim Costallat:

— Copacabana defendia-se asperamente e por si mesma, sem auxílio humano, sem cais, sem avenidas, de um mar bravio, feroso, que a queria avassalar, quando Filipe na infância teve a revelação consciente do mundo exterior. A moradia era na única rua longa e deserta, respeitosamente distante das vagas. Filipe e a irmãzinha fugiam de casa e percorriam vagabundos a praia selvagem. À tarde, eram encontrados pelos cães e pelos criados dormindo debaixo das rasteiras pitangueiras, cozidos pelo sol. Filipe crescia na solidão e na liberdade (*A Viagem Maravilhosa*).

As *Memórias de um Sargento de Milícias* constituem o equivalente de um documentário cinematográfico do Rio da época. Já no Macedo de *A Moreninha* (sobre este autor a Agir nos deu recentemente, na coleção Nossos Clássicos, a monografia modelar de Bella Josef) e do *Moço Loiro*, que para Astrojildo é “oleogravura de qualidade bastante ruim”, há mais que outra coisa, uma descrição de costumes e rituais sociais e “o eco sentimental de conceitos e preconceitos estratificados, durante centenas de anos, sob o signo da formação patriarcal da sociedade brasileira”, como disse Astrojildo Pereira. Macedo era, ele próprio, um dos representantes dessa sociedade, mais uma razão para ser, como foi, na definição de Pedro Dantas, o “cronista meticoloso e fidedigno” da vida social de seu tempo.

É interessante verificar, nas obras menores que José de Alencar consagrou ao romance urbano carioca, uma singular capacidade de abstração paisagística. As paisagens de Alencar sempre foram um pouquinho literárias e idealizadas, tratadas mais em nível de poema do que de prosa.

— Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente...

O Rio de José de Alencar existe e quase se pode mapear o roteiro de alguns de seus personagens; mas é sempre o lugar *onde se passa* a ação. Suas heroínas urbanas estão mais a serviço de idéias e sentimentos veiculados pelo autor e quase não podemos reconhecer o paisagista exaltadamente romântico quando ele nos diz, seco:

— Entrou no jardim, colheu uma flor.

Era um jardim qualquer, uma rosa qualquer, Alencar não tinha o menor interesse nesse *décor*.

Turbilhão

Não é só nos romances de Machado de Assis que o Rio aparece de mistura com muitas outras coisas. Também em várias obras de Aluísio Azevedo, atualmente em evidência por força do vestibular unificado, e de Coelho Neto. Aluísio, fiel à sua estética naturalista, faz um estudo de meio social em *O Cortiço*, que ele secciona de alto a baixo para mostrar os favos de mel e as cédulas podres. Coelho Neto mostra o Rio dos intelectuais e daqueles que de uma forma ou de outra vieram para conquistá-lo e vencer na vida. Não é a cidade

propriamente que vemos em romances como *A Capital Federal*, *A Conquista*, *Miragem* ou *Turbilhão*: é uma reconstituição afetiva de tipos (como Paula Nei) e de companheiros de geração, o Rio como palco de lutas e ambições ou mero cenário de uma intriga romanesca. Poucos escritores, todavia, viveram o Rio tão intensamente como Coelho Neto, que fez dele o assunto de inúmeras crônicas. Para seus leitores da província, o Rio que ele fixou nessas páginas ficou sendo o verdadeiro.

João do Rio e Benjamim Costallat, cronistas cariocas, o primeiro desaparecido em 1921 e o segundo estreando em 1919, viriam enriquecer ainda mais a descrição sentimental da cidade. Em 1922 morria Lima Barreto, em cujos romances nos é transmitida a imagem de um Rio como ele o vira na primeira década do século. O livro de Lima Barreto em que a cidade está mais presente, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, foi escrito em 1906 e publicado por Monteiro Lobato, sem nenhum sucesso, em 1919.

Cidade Melancólica

O romancista mais saturado do Rio continua sendo até hoje esse Lima Barreto minuciosamente estudado por Francisco de Assis Barbosa e que Astrojildo Pereira trata com o maior carinho. Não somente ele se deixou saturar da cidade, como também seus personagens, a começar pelo Gonzaga de Sá, a quem devemos essa observação que contrasta com a noção corrente de uma cidade maravilhosa, que o Rio nunca foi:

— Saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim.

Poderíamos, com alguma pressa, ver aí um exemplo da *Einfühlung* schilleriana, uma projeção sentimental, o artista emprestando à paisagem, fundamentalmente neutra, os seus sentimentos. Mas o Rio conservou até uns 30 anos atrás, quando a febre de construções começou a fazer dele um cemitério arquitetônico, conservou certa melancolia agreste, que ressuma dos romances de Machado, de Lima e chega até Graça Aranha, passando por Benjamim Costallat:

— Quando os dias estão assim, úmidos e infelizes...

Em *Mocidade Morta*, de Gonzaga Duque, espécie de contrapartida simbolista de *A Conquista*, e no *Ateneu*, de Pompéia, encontramos longos compassos dessa melancolia primordial do Rio, tão bem apreendida pelos seus compositores populares.

Coube ao maranhense Graça Aranha a tentativa mais ambiciosa de captar a alma da paisagem carioca, de partir de nossa natureza para uma concepção totalizante do Universo. *A Viagem Maravilhosa* é essa tentativa, na qual o escritor depositou suas maiores esperanças e que continua até hoje como um fracasso literário — que está longe de ser. Relido em profundidade, esse livro nos revela sua enorme importância em nossa ficção, e muito especialmente no contexto do romance urbano brasileiro. Vencidas algumas dificuldades antepostas ao leitor pelo estilo grandiloquente de Graça Aranha e por tudo (filosofia inclusive) que era *datado* e obsoleto no plano criador, *A Viagem Maravilhosa* abre-se como uma surpreendente realização. A torrente irrompeu com 40 anos de atraso, longe da presença estabilizadora de Machado e Nabuco.

Carnaval, Carnavais

Desse livro ficou célebre uma página, justamente a última: uma descrição do carnaval carioca. Não sou dos que mais a apreciam. Soa-me excessivamente artificial. Prefiro o carnaval de *Katucha*, de Benjamim Costallat. De todos os autores brasileiros que jazem no limbo da história literária, o que menos fez para merecer o silêncio foi Costallat, que teve no Brasil todas as formas de consagração prematura. Seu caso lembra-me o de Félicien Champsaur na França. Numa particularidade, além do sucesso, andaram na mesma trilha: o gosto do bom ilustrador. *A Loucura Sentimental* de Costallat tem uma inesquecível capa de Álvaro e *Modernos* traz capa e ilustrações de Di Cavalcanti, um Di ainda navegando nas águas dos ilustradores franceses, quase um pasticho de Jaquelux. O Rio de Costallat é vivo, elegante, debochado, descrito com uma segurança de traço que poucos tiveram no seu tempo. Tristão de Athayde foi muito feliz ao captar, logo à vista do livro de estréia, o que seriam qualidades mestras de Costallat: “certo brilho, muito movimento e uma especial vibratibilidade.” E seu defeito capital, o verba-

lismo. Um defeito em que jamais incidiria Marques Rebelo, sempre a se queixar de que não era um espontâneo, mas que o era, sim, porém um espontâneo que se vigiava, um incontentável.

Sua obra, que começou com a intenção afetiva de ser um painel da vida carioca, evoluiria mais tarde para uma visão crítica da vida brasileira.

Nos seus últimos livros, *O Trapicheiro*, *A Mudança* e *A Guerra Está em Nós*, Marques Rebelo nos propõe a experiência de uma vida. Embora ele próprio quisesse que *O Espelho Partido* fosse encarado como um ciclo romanesco, por suas componentes de ficção e imaginação recriadora, o que nos dava era um caleidoscópio sem fim, no qual o que mais nos interessa é o próprio autor. O relativo insucesso editorial desses volumes explica-se justamente pelo fato de Marques Rebelo ter constituído um público próprio. Ídolo literário de minha geração — uma geração que via edições de mil exemplares como norma comercial do máximo de risco — e com seu apogeu literário (mais como contista do que como romanista) situado a 20 ou 30 anos de distância das gerações mais novas, num país onde o conto só muito recentemente perdeu seu estigma de gênero menor, sofreu Marques Rebelo um inevitável desgaste, sem que sua obra — ainda viva e de leitura agarrante — fosse responsável. O Rio que ele fixou permanece o mesmo em várias de suas obras e nisso ele completa o painel que começou a ser pintado por Manuel Antônio de Almeida e foi ampliado por Machado de Assis e Lima Barreto, nomes a cujo lado a posteridade agora o coloca.

Jornal do Brasil, 22 de setembro de 1973

De Guilhermino César

Marques Rebelo, o escritor que acaba de morrer, confirma em sua obra que o caminho da amizade, tanto quanto o do amor, não é nada fácil, mas vale a pena. Por ele chegamos verdadeiramente a compreender um pouco do enigma. É pela amizade, sem pedir licença ao Lúcio de Cícero, que nos explicamos a nós mesmos, não raro pela oposição violenta dos sentimentos íntimos, conforme acontece muitas vezes no amor, se é que Stendhal não mentiu.

Em seus romances, contos e novelas, o escritor carioca versou ambos os temas, denotando preocupações de um moralista que falasse em causa própria, como quem busca afilto, em pânico, um abrigo que o ponha a salvo das tempestades. E transmitiu a seus livros, em conseqüência, um frêmito de vida em que o homem aparece desejoso de compreensão e carinho.

Eduardo, o memorialista e personagem de *O Espelho Partido*, o romance-cíclico que ficou inacabado, prova o que estou dizendo. O rigor com que trata os amigos, pedindo-lhes uma coerência que ele próprio sabe não possuir, procede talvez da ânsia de perfectibilidade que foi um dos toques da figura moral de Marques Rebelo.

Cotejado com os seus companheiros de linhagem ficcional (um Machado de Assis, um Pompéia, um Lima Barreto, um Arnaldo Tabayá), o autor de *A Estrela Sobe* oferece um ângulo peculiar ao observador: o fundo memorialístico é nele transparente, deixa ver sem rebuços, usando um mínimo de disfarces para se justificar enquanto ficção. No seu *romance-fleuve*, invenção e vida vivida se confundem de tal sorte que as personagens puramente imaginárias e as personagens à clé (estas em maior número do que aquelas) se tratam mutuamente de um modo descontraído que é alguma coisa mais do que o gosto de viver às claras — uma segunda natureza. Ao invés disso, quantos blocos, quantas escamoteações em Machado de Assis; com que volúpia intelectual o criador de Quincas Borba se esconde em suas criaturas. Lima Barreto, a seu turno, carregando enormes frustrações, parece chorar diante do papel. Marques Rebelo, entretanto, é uma solidão moral de outro tipo; franca, incisiva, digamos logo — saudável. Quando Eduardo assume a defensiva, é antes para capitalizar a própria emoção, sua fome de entendimento e de amizade. Reconhece que o mundo é mau, e por isso a fonte de ternura, que nele existe não de todo oculta, aparece cercada de espinhos, como os cactos, que também florescem, raramente, mas florescem.

No primeiro volume daquele romance-cíclico, diz Rebelo por intermédio de Eduardo: — “Tu sabes que sou triste, espelho centenário, apesar do meu riso? / E o espelho queda-se mudo”. Em outro passo, encontramos isto: “O espelho: / — Tenho as minhas dúvidas de que este livro seja um romance... / — Aceite-o então como um breviário de matemática.”

Eduardo teria sido mais claro se dissesse: como um breviário de ternuras impossíveis... Não o disse, mas a forma que empregou vem a dar no mesmo. Pois, malgrado as aparências em contrário, o tríptico de *O Espelho Partido* equivale, em resumo, a uma calorosa exaltação da solidariedade humana. Vale por um pedido de socorro, numa época e num meio doméstico (e social) conturbados; suas páginas estão embebidas de ternura e de amor. Principalmente do amor cristalizado em sua mais perfeita representação, que é a amizade.

Examinem aquela passagem de *O Trapicheiro* em que Eduardo descobre ao leitor, sem reservas, seu sentimento íntimo: "... o amor não precisa de fidelidade para a sua existência e fortaleza. Nutre-se de outras seivas, respira outros fluídos, gira sob outros impulsos. A fidelidade é exigida somente da amizade. Dela é pedra e cimento, base e cúpula. Sem ser fiel não se é amigo, e sem espinhos não podemos ser fiéis, que a amizade é um constante fermento crítico e catalisador. É mais fácil ser amante que ser amigo".

Aos saltos, aos pedaços, com os cacos de seu espelho partido, Marques Rebelo compõe paralelamente um tratado de amizade e outro de erotismo. Otto Maria Carpeaux, com a costumeira lucidez, viu no primeiro volume dessa trilogia uma espécie de bovarismo masculino, ao dizer: "*Provavelmente só a forma de diário permite hoje escrever uma *éducation sentimentale*: o que *O Trapicheiro* é". Ora, em qualquer processo sentimental superior, como se dá no romance de Flaubert, o que importa acima de tudo não é a criatura/objeto do sentimento, mas a forma pela qual este se manifesta.*

Deixando, porém, de lado a erótica na ficção de Rebelo, consideremos hoje somente o problema da amizade. As exigências de Eduardo, com respeito ao comportamento dos amigos, são pesadas e auferidas com rigor. Tem ele da amizade um conceito alto demais para se contentar com as suas contrafações, deformações ou sinônimos. No quente da luta, não percebe que o trivial da vida é o disfarce; que o autêntico constitui exceção. Mas, nos instantes de mais profunda meditação, lá vem o diagnóstico perfeito de Eduardo: "Toda ação é tristeza. Cada gesto, cada movimento, cada atitude importa em dor. Como se matássemos qualquer coisa dentro de nós. Meu coração e o mundo falam uma linguagem

diferente. E o melhor seria calar. Penso na morte, que é a eterna mudez, ou a pergunta sem resposta.”

Numa constante aspiração de paz, Eduardo quer fugir a tudo quanto possa ferir o tempo interior em que se reconstrói psicologicamente, após cada ilusão, após cada desfalque sentimental, elaborando para seu uso uma filosofia de aceitação do mundo. Uma forma não trágica de aceitá-lo pelo menos como espetáculo de que participasse na posição do espectador, não obrigado a intervir no desfecho. E o romance/diário de Eduardo consigna a esse respeito inúmeras confissões esclarecedoras, dentre as quais esta: “Não guardar cartas de ninguém. Evitar a tentação de que elas possam se converter em armas. / Não usar armas.” Repugna-lhe criticar amigos, mas não se exime de o fazer, porque a amizade está acima deles, como sentimento cristalizado, logo — superior ao bem e ao mal: “Da penosa crítica aos amigos.” — Loureiro faz-me lembrar certo personagem de um romance inglês: “Nunca será um cavalheiro, por mais que envelheça.”

Com efeito, são muitas as referências, espalhadas ao longo dos livros de Marques Rebelo, à impossibilidade do amigo integral. Constituem até, se me permitem, uma *tópica*, no sentido que lhe dá a estilística moderna, a denunciar, se bem examinada tal ocorrência, o pessimismo do autor no concernente ao assunto. O que reforça afinal a nossa tese; quando mais não seja, revela a importância que o homem Eddy Dias da Cruz, carioca de Vila Isabel, e nas paróquias do papel impresso o escritor Marques Rebelo, atribuía aos seus amigos, tão numerosos, aliás, como se vê dos depoimentos que estão prestando aqueles que o conheceram na intimidade.

A insegurança, na amizade, leva ao medo, e o medo à discórdia. É o que leva Eduardo a escrever, não sem desalento: “O pior é o medo. Mentimos demais, somos astuciosos demais, interessados demais. Cada passo que damos queremos-lo tão seguro quanto o do tigre que rasteja para o cordeiro. Cada palavra é coada no filtro da oportunidade, pode abrir como chave mágica a porta de uma possibilidade. Chega-se desanimadoramente a compreender que uma certa estabilidade na vida repousa nas palavras falsas, nas falsas atitudes, na habilidade dos passos cautelosos. A alma humana teria outro valor se lhe sobrasse coragem, se pelo menos se liber-

tasse de metade do medo que se esconde facilmente sob o manto da prudência ou do bom-senso.”

Aí está, sob censura, o *bem-pensante*, contra o qual se revoltou, no auge da cólera, o romancista Georges Bernanos; aí está a *mauvaise conscience* que tanto feriu a sensibilidade de Albert Camus e despertou o anátema de Jean-Paul Sartre. Todos esses escritores tomaram a defesa da autenticidade, que talvez só exista nos santos, naqueles que abdicam de tudo, menos da amizade total em Deus. Contudo, se esse paradigma de absoluta pureza não pertence propriamente a este mundo, nem por isso deixou de seduzir o coração de Marques Rebelo, quero dizer, da personagem Eduardo. Que não desiste de sua busca, ora no difícil comércio das criaturas, ora no empenho de se realizar como escritor: “... Não um caminho que ninguém tenha trilhado, mas sempre outro, que não seja moda trilhar, que não leve direto ao apreço dos coevos, um caminho escolhido por bem raros, silenciosos viajantes, um caminho que não atrapalhe ninguém e que nos conduza a todas as partes.”

Fiquemos por aqui. Sobre o amigo que morreu, ainda não tenho serenidade para falar. Deixo somente nesta página o testemunho de que fui seu leitor e procurei compreendê-lo.

Minas Gerais, Suplemento Literário, 20 de outubro de 1973

Outras opiniões críticas sobre Marques Rebelo

“Marques Rebelo é uma figura que marca a trama morta da nossa literatura” — Tristão de Athayde — *O Jornal*, 27-9-1931.

“*Oscarina* é uma novela que terá de ser classificada entre as melhores da nossa literatura” — Pedro Dantas — *A Ordem*, setembro de 1931.

“Nada lhe falta para ser completo e perfeito, ou faltará muito pouco. Sem ênfases, sem frases inúteis e pernósticas, Marques Rebelo escreveu um livro que está entre os melhores do seu gênero” — João Ribeiro — *Jornal do Brasil* — 10-6-1931.

“*Oscarina* é a grande estréia deste ano. A revelação, não somente de um escritor, mas de uma geração, que ele re-

presenta e onde o seu lugar é dos mais altos" — Plínio Salgado — *A Razão* — 20-6-1931.

"Marques Rebelo é um escritor que traz o seu pecúlio e é uma das realidades da sua geração" — Agripino Grieco — *O Jornal* — 21-2-1932.

"Marques Rebelo é hoje um dos maiores valores da nossa literatura de ficção. Sabe contar como poucos. E tem o que contar" — Antônio de Alcântara Machado — *Diário de São Paulo* — 28-7-1933.

"Como autor de contos Marques Rebelo se revelara para logo um mestre" — Otávio Tarquínio de Souza — *O Jornal* — 28-12-1939.

"É pelo seu conjunto que a obra de Marques Rebelo tem importância capital em nossa novelística, revelando uma personalidade mais sofrida e trágica que a aparência de um só livro poderia denunciar. E, ao mesmo tempo, revelando um grande artista, que a cada livro se apresenta mais seguro de si" — Mário de Andrade — *Diário de Notícias* — 1-10-1939.

"Marques Rebelo, é, sem dúvida, o Machado de Assis da nossa geração. De tudo que é realmente vulgar, Marques Rebelo consegue realizar uma obra original e aristocrática" — Alvaro Lins — *O Jornal* — 23-6-1940.

"Querendo ser o neto de Manoel Antônio de Almeida, eu penso que Marques Rebelo é sobretudo um filho de João do Rio. Através de Marques Rebelo e de João do Rio o sociólogo terá que encontrar a contribuição mais séria para sentir o Rio de Janeiro e duas épocas distintas" — José Lins do Rego — *O Jornal* — 7-8-1938.

"*Oscarina, Três Caminhos e A Estrela Sobe* são marcos na história das minhas leituras, e alguns contos de Marques Rebelo, especialmente, têm o mais amplo e profundo significado para a minha sensibilidade de escritor" — Lúcio Cardoso — *Leitura* — fevereiro de 1960.

"Esse processo é o diário, é o *espelho partido*, em mil pedaços, em cada um dos quais se reflete e palpita uma luz, uma imagem da realidade. No dia 9 de abril de 1937, escreveu Rebelo estas duas linhas de prosa que são pura poesia: "Que flor tu és, Laura, no canteiro antigo? E tu, Solange, que eras narciso, em que ígnea flor de morte te tornaste?"

Ponha-se o artigo *um* antes de *narciso*, e ter-se-ão três decassílabos lindos, que merecem o terceiro final de um ma-

ravilhosos sonetos. Tenho vontade de escrevê-lo; mas para quê? Tudo já está nestes três versos:

Que flor tu és, Laura, no canteiro antigo?
E tu, Solange, que eras um narciso,
Em que ígnea flor de morte te tornaste?

Manuel Bandeira — *Folha de São Paulo* — 10-2-1960.

“O gemido não exclui o riso, nem a poesia, às vezes áspera, que é afinal o maior dom de Marques Rebelo. Seu romance foge à cronologia, à narração metódica, ao ordenamento da matéria segundo o hábito consagrado, mas com esses fragmentos pode-se recompor — haja leitor para isto — imagem da angústia humana numa das suas mais felizes transposições” — Guilhermino César — *Correio do Povo* — 18-2-1961.

“Herdeiro da melhor tradição romanesca carioca — em que são marcos miliários anteriores as grandes figuras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Afonso Henrique de Lima Barreto — Marques Rebelo, já hoje clássico, mestre da prosa moderna brasileira, avulta ao nosso cenário literário por ter feito da substância física e moral da Cidade do Rio de Janeiro, na sua ampla complexidade humana, o grande herói de seus livros, transformando-a em matéria de interesse universal” — Antônio Houaiss.

“Marques Rebelo realiza a meu ver, em *O Trapicheiro*, a sua obra de maior importância. Romance denso e complexo, moderno e original, com os problemas que suscita, esse seu novo trabalho, já sob tais aspectos, constitui uma verdadeira obra-prima em nossa literatura de ficção. Deixou ele de ser o narrador linear e clássico de tantos contos admiráveis e de romances tão pungentes como *Marafa* e *A Estrela Sobe* para afirmar-se como um ficcionista pluri-dimensional. É o que se faz evidente nos vários planos que formam a contextura estilística e a fabulação de *O Trapicheiro*: a narrativa romanesca, o diário íntimo, o comentário lírico, a crônica dos acontecimentos políticos nacionais e internacionais, o memorialismo, a reflexão épica e estética.

Justo será acentuar-se ainda aquela extraordinária lucidez poética que caracteriza as anteriores criações de Mar-

ques Rebelo e que, ainda agora, me parece um recurso a mais em sua técnica para a captação do real.

Enfim, considero o novo trabalho de Marques Rebelo, tanto pelo que ele é como pelo ciclo que anuncia, um autêntico marco na evolução do romance brasileiro. — Cassiano Ricardo — *Leitura* — Fevereiro de 1960.

“Neste seu último livro, a forma de diário em que está ele escrito propiciou que a poesia aparecesse não mais apenas subentendida ou diluída na prosa da análise, como nos livros anteriores do escritor, mas sim formulada de maneira autônoma, ainda que em íntima ligação com o contexto.” — Manuel Bandeira — *Jornal do Brasil* — 27-1-1960.

“Este romance que em certas páginas receamos venha nos queimar as mãos como um ácido, abre um ciclo que, completo, corresponderá fatalmente a um processo do nosso tempo. No futuro, e mesmo que seus leitores não possam compreendê-lo em toda significação atual, tenho como um dos raros testemunhos de configuração literária.” — Adonias Filho — *Jornal do Commercio* — 21-1-60.

“Seu talento de miniaturista fez do diário íntimo a grande solução ideal para a mais ampla experiência romanesca de nossa literatura.” — Josué Montello — *Jornal do Brasil* — 16-1-60.

“Desvenda-nos flagrantes de sua vida familiar, afetiva, amorosa, civil e mesmo profissional, seja no emprego comercial em que ganha a vida, seja na atividade literária. E esta será, talvez, a parte que maior interesse venha a despertar, já que aí são retratados os melos intelectuais da Capital do País, e, indispensável dizê-lo, com a irreverência que caracteriza um espírito satírico e mordaz.” — Paulo Mendes de Almeida — *O Estado de São Paulo* — 13-2-60.

“Panorama de uma época, retrato estilizado, terno ou cruel de uma sociedade e seus principais figurantes, *O Trapicheiro* representa realmente o que tínhamos o direito de esperar do grande escritor que é Marques Rebelo.” — Rachel de Queiroz — *Leitura* — fevereiro — 1960.

“O que mais impressionará o leitor do novo romance rebeliano não serão suas qualidades de ficcionista seguro, aí mais uma vez confirmadas, porém, o grande quadro de suas personagens extraídas da vida real.” — Hélio Vianna — *Jornal do Commercio* — 17-1-60.

“O romance de Marques Rebelo é o epílogo de uma época que, embora política e socialmente triste, foi a maior até agora, da literatura brasileira. Esse romance era muito lido: como a Suma de nossa existência, *in illo tempore*, no Rio de Janeiro.” — Otto Maria Carpeaux — *Correio da Manhã* — 20-2-60.

“*O Espelho Partido* inscreve-se na história do romance brasileiro como uma obra marcante, não só em si mesma, mas também pelo que representa na fixação das principais correntes de nossa literatura moderna. Da vida literária para a literatura, a biografia do Sr. Marques Rebelo terá sido uma história admirável de escritor. *O Espelho Partido* ficará como o seu documento privilegiado.” — Wilson Martins — *O Estado de São Paulo* — 12-3-60.

“*O Trapicheiro* é um dos grandes livros do patrimônio literário brasileiro, é realmente um livro que ocupa o nível de *Memórias de um Sargento de Milícias*, nos meados do século XIX, de *Dom Casmurro*, nos fins do mesmo século, de *São Bernardo*, nos meados do século XX, grandes marcos da ficção brasileira, marcos imperecíveis.” — Néelson Werneck Sodré — *O Semanário* — 23-1-60.

Bibliografia crítica sobre Marques Rebelo *

Augusto dos Santos Abranches: *Um Retrato de Marques Rebelo*. Ministério da Educação, Rio, 1955; Hélio Alves de Araújo: *Marques Rebelo*, Poeta Morto. Cadernos Sul, Florianópolis, 1956; João Ribeiro: *Os Modernos*. Academia Brasileira de Letras, Rio, 1952; Agripino Grieco: *Evolução da Prosa Brasileira*. José Olímpio, Rio, 1933; Agripino Grieco: *Gente Nova do Brasil*. José Olímpio, Rio, 1935; Tristão de Ataíde: *Estudos 5.ª Série*. Civilização Brasileira, Rio, 1935; Jaime de Barros: *Espelho dos Livros*. José Olímpio, Rio, 1936; Álvaro Lins: *Jornal de Crítica 3.ª Série*. José Olímpio, Rio, 1944; Afonso Arinos de Melo Franco: *Portulano*. Martins, S. Paulo, 1945; Mário de Andrade: *O Empalhador de Passarinhos*. Martins, São Paulo, 1946; Sérgio Milliet: *Diário Crítico, 5.ª Série*. Martins, São Paulo, 1949; Adonias Filho: *Modernos Ficcionalistas Brasileiros*. O Cruzeiro, Rio, 1958; Otto Maria Carpeaux: *Livros na Mesa*. São José, Rio, 1960; Leo Kirschbaum: *La Cultura y La Literatura Iberoamericanas*. Colección Studium, México, 1957; Marques Gastão: *As Portas do Mundo*. Lisboa, 1952; Antônio Houaiss: *Crítica Avulsa*, Progresso Editora, Bahia, 1960; Afonso Arinos de Melo Franco: *Algunos Aspectos de La Literatura Brasileña*. Facultad de Filosofía y Letras de La Universidad de Buenos

* Organizada por Marques Rebelo.

Aires, 1945; Miguel Alfredo D'Elia: *El Sentido de la Tierra en la Narrativa*. Facultad de Filosofía y Letras de La Universidad de Buenos Aires, 1948; José Osório de Oliveira: *Breve História da Literatura Brasileira*. Editorial Inquérito, Lisboa, 1939; Prudente de Moraes Neto: *La Novela Brasileña*. Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1943; Luiz Annibal Falcão: *The Short Story in Brazilian Literature*. Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1945; Almir de Andrade: *Aspectos da Cultura Brasileira*. Schmidt Editor, Rio, 1939; Josué de Castro: *Documentário do Nordeste*. José Olímpio, Rio, 1937; Francisco de Assis Barbosa: *Le Roman, la Nouvelle et le Conte au Brésil*. Pierre Seghers, Paris, 1954; Graciliano Ramos: *Linhas Tortas*, Martins, 1962; Rosário Fusco: *Política e Letras*, José Olímpio, Rio, 1940; Ascendino Leite: *Notas Provincianas*, União Editora, J. Pessoa, 1942; Antônio Simões dos Reis: *Pseudônimos Brasileiros*, Zélio Valveder Editor, Rio, 1941; Renard Pérez: *Escritores Contemporâneos*, Rio; Lemos Brito: *O Crime e os Criminosos na Literatura Brasileira*, José Olímpio, Rio, 1946; Bezerra de Freitas: *Forma e Expressão no Romance Brasileiro*, Editora Pongetti, Rio, 1947; Teixeira Soares: *As Modernas Tendências da Literatura Brasileira*, Publicaciones del Instituto de Cultura Uruguaio—Brasileño, Montevideú, 1944; Herberto Sales: *Baixo Relevo*, Cruzeiro, Rio, 1954; Álvaro Moreira: *Porta Aberta*, Editora Guaíra, Curitiba, 1944; Edgar Cavalheiro: *Evolução do Conto Brasileiro*, Cadernos de Cultura, Ministério da Educação e Cultura, 1954; Cassiano Ricardo: *A Poesia na Técnica do Romance*, Cadernos de Cultura, Ministério da Educação e Cultura, 1953; Pedro Henriques Urefia: *Literary Currents in Hispanic America*, Harvard Press, 1948; Samuel Putnam: *Marvelous Journey*. Knopf, New York, 1948; Arturo Torres-Rioseco: *La Gran Literatura Iberoamericana*. Emece Editores, Buenos Aires, 1945; Erico Veríssimo: *Brazilian Literature*. Macmillan, New York, 1945; Virgínia Cortes de Lacerda: *Unidades Literárias*, Cia. Editora Nacional, Rio, 1944; Ledo Ivo: *A Cidade e os Dias*, O Cruzeiro, Rio, 1957; Pinto do Carmo: *Novelas e Novelistas Brasileiros*, Organizações Simões Editora, Rio, 1957; *Dicionário Universal de Literatura*, Henrique Perdigão, Edições Lopes da Silva, Porto, 1940; *Dicionário Enciclopédico Brasileiro*, Alvaro Magalhães, Livraria do Globo, 1943; *Enciclopédia do Curso Secundário*, Alvaro Magalhães, Livraria do Globo, 1941; *Anuário Brasileiro de Literatura*, Editora Pongetti, Rio, 1938, 1939, 1941, 1942, 1943 e 1944; *Quem é Quem no Brasil*, Sociedade de Expansão Comercial Ltda., São Paulo, 1949; *Who's who in Latin America*, Ronald Hilton. Stanford University Press, California, USA, 1948; *Dicionário Enciclopédico Utena*, México; *Enciclopédia Barsa*, Rio, 1964; *Enciclopédia Mérito*, Rio, 1963; *Brasil e Brasileiros de Hoje*, Afrânio Coutinho. Editorial Sul Americana, Rio, 1961; *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas*, J. S. Ribeiro Filho. Livraria Brasileira Editora, Rio, 1965; *Dicionário Biobibliográfico Luso-Brasileiro*, Victor Brinches, Fundo de Cultura, Rio, 1965; *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, Otto Maria Carpeaux, Letras e Artes, Rio, 1964; *Anuário da Academia Brasileira de Letras*, 1960-1964; *Discursos Acadêmicos* — 19.º volume, 1965-1968. Academia Brasileira de Letras, Rio; *Revista da Academia Brasileira de Letras (Anais)*.

OUTRAS FONTES
EM PUBLICAÇÕES AVULSAS

Ribeiro Couto — *Descobrimto*, Lisboa, 1931; Pedro Dantas — *A Ordem*, Rio, setembro de 1931; Otávio de Faria — *O Jornal*, Rio, 5 de julho de 1931; San Tiago Dantas — *A Razão*, São Paulo, 30 de julho de 1931; Veiga Miranda — *O Comentário*, São Paulo, 15 de setembro de 1931; Plínio Salgado — *A Razão*, São Paulo, 20 de junho de 1931; Carlos Chiacchio — *A Tarde*, Bahia, 21 de julho de 1931; Fábio Luz — *Correio do Brasil*, Rio, 1.º de junho de 1931; Brito Broca — *O Tempo*, São Paulo, 5 de julho de 1931; Phocion Serpa — *A Flama*, Rio, 2 de junho de 1931; Cláudio Ganes — *Correio da Semana*, Rio, 22 de agosto de 1931; Hélio Viana — *Hierarquia*, Rio, agosto de 1931; Oscar Mendes — *O Estado de Minas*, B. Horizonte, 6 de setembro de 1931; Elói Pontes — *O Globo*, Rio, 21 de setembro de 1931; Hamilton Nogueira — *Hierarquia*, Rio, agosto de 1931; Mota Filho — *Correio da Tarde*, São Paulo, 24 de outubro de 1931; Jorge Amado — *O Momento*, Bahia, 15 de novembro de 1931; Edson Carneiro — *Diário da Bahia*, 22 de dezembro de 1931; Walter Benevides — *Revista Souza Cruz*, Rio, março de 1932; Luiz da Câmara Cascudo — *Diário de Natal*, R. G. Norte, 24 abril 33; Manuel Bandeira — *Diário de Notícias*, Rio, 16 julho 1933; Arnaldo Tabaiá — *Boletim de Ariel*, Rio, setembro 1933; Antônio de Alcântara Machado — *Diário de S. Paulo*, 28 julho 1933; Dante Costa — *Diário Carioca*, Rio, 23 julho 1933; Virgílio Santa Rosa — *Literatura*, Rio, 20 outubro 1933; José Geraldo Vieira — *A Nação*, Rio, 3 setembro 1934; Zuleica Lintz — *Diário de Notícias*, Rio, 1.º outubro 1933; Waldemar Cavalcânti — *Jornal de Alagoas*, Maceió, 9 julho 1933; Tasso da Silveira — *A Nação*, Rio, 28 dezembro 1935; Múcio Leão — *Jornal do Brasil*, Rio, 9 janeiro 1936; Álvaro Lins — *Diário da Manhã*, Recife, 8 de março 1936; Olívio Montenegro — *Diário de Pernambuco*, Recife, 1936; Menotti del Picchia — *Diário da Noite*, S. Paulo, 26 agosto 1936; Otávio Tarquínio de Souza — *O Jornal*, Rio, 29 dezembro 1935; Lúcio Cardoso — *Diário de Notícias*, Rio, 13 junho 1937; Nélio Reis — *Dom Casmurro*, Rio, 31 de outubro 1937; Povina Cavalcânti — *A Nação*, Rio, 8 de abril 1933; Joel Silveira — *A Época*, Rio, julho de 1938; Josué Montelo — *Dom Casmurro*, Rio, 20 agosto 1938; Wilson Louzada — *Dom Casmurro*, Rio, 2 setembro 1939; João Dornas Filho — *Folha de Minas*, B. Horizonte, 21 janeiro 1939; Moacir Werneck de Castro — *Revista Acadêmica*, Rio, setembro 1939; Almir de Andrade — *Revista do Brasil*, Rio, outubro 1939; Néelson Werneck Sodré — *Correio Paulistano*, 24 setembro 1939; Fran Martins — *O Estado*, Fortaleza, 1939; Guilherme César — *A Mensagem*, B. Horizonte, 1.º novembro 1939; Mário Couto — *Folha do Norte*, Belém, 27 abril 1940; Araújo Nabuco — *A Mensagem*, B. Horizonte, 15 janeiro 1940; Antônio de Almeida Júnior — *Dom Casmurro*, Rio, 20 de julho 1940; Aires da Mata Machado Filho — *O Diário*, B. Horizonte, 26 junho 1942; Martins d'Alvarez — *Gazeta*, S. Paulo, 18 janeiro 1942; Francisco de Assis Barbosa — *Planalto*, S. Paulo, 15 março 1942; Afonso Arinos de Melo Franco — *Diário de Notícias*, 1.º novembro 1942; Pinheiro de Lemos — *Dom Casmurro*, Rio, 29 agosto 1942; Emílio

Moura — *Folha de Minas*, B. Horizonte, fevereiro 1944; Alcântara Silveira — *O Estado de S. Paulo*, 11 setembro 1944; Dias da Costa — *Dom Casmurro*, Rio, 22 maio 1943; Sílvio Rabelo — *O Jornal*, Rio, 8 setembro 1944; Aluizio Medeiros — *Correio do Ceará*, Fortaleza, 20 maio 1944; Jorge Moreira Nunes — *Marinha*, Paranaguá, abril 1943; Carlos Drummond de Andrade — *Leitura*, Rio, outubro 1945; Melo Lima — *Revista do Globo*, P. Alegre, 25 maio 1946; José Condé — *Correio da Manhã*, Rio, 23 julho 1946; Vasconcelos Maia — *Elo*, Bahia, agosto 1944; Luiz Francisco Rebelo — *O Atlântico*, Lisboa, 1946; Manoelito de Ornelas — *Correio do Povo*, P. Alegre, 21 outubro 1947; Sérgio Milliet — *O Estado de S. Paulo*, 11 outubro 1947; João Condé — *Letras e Artes*, Rio, 1.º de maio de 1949; Oto Lara Rezende — *O Jornal*, Rio, 24 outubro 1948; Haroldo Maranhão e outros — *Folha do Norte*, Belém, 10 julho 1949; Salim Miguel — *O Estado*, Florianópolis, 7 agosto 1949; Lago Burnett — *Diário de São Luís*, Maranhão, 10 de março 1950; Eduardo Bailby — *Journal Français*, Rio, 1.º abril 1955; Darwin Brandão — *Manchete*, 27 agosto 1955; Adonias Filho — *Jornal de Letras*, dezembro 1955; Fernando Góis — *Ultima Hora*, São Paulo, 16 março 1956; Raimundo de Menezes — *Folha da Manhã*, S. Paulo, 29 abril 1956; Saldanha Coelho — *Diário de Notícias*, Rio, 15 abril 1956; Antônio Houaiss — *Para Todos*, Rio, setembro 1956; Carlos Drummond de Andrade — *Correio da Manhã*, 22 janeiro 1957; Magalhães Júnior — *A Tribuna de Santos*, 24 janeiro 1957; Raquel de Queiroz — *O Cruzeiro*, 9 fevereiro 1957; Medeiros Lima — *Ultima Hora*, Rio, janeiro 1957; Paulo Mendes de Almeida — *O Estado de S. Paulo*, 9 março 1957; Quirino Campoflorito — *Diário da Noite*, Rio, 17 de fevereiro 1957; Mário Barata — *Diário de Notícias*, Rio, 24 março 1957; Flávio de Aquino — *Jornal de Letras*, Rio, fevereiro 1957; Otávio Melo Alvarenga — *Jornal do Brasil*, Rio, 27 outubro 1957; Maria Alice Barroso — *Para Todos*, Rio, 19 dezembro 1957; Hélio Pólvora — *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio, dezembro 1957; Néelson Costa — *Correio da Manhã*, Rio, 28 novembro 1958; Paulo Silveira — *Ultima Hora*, Rio, 30 novembro 1959; Álvaro Augusto Lopes — *Tribuna de Santos*, 29 novembro 1959; Hélio Alves de Araújo — *Diário Fluminense*, Niterói, 25 dezembro 1959; Carlos Pontes — *O Povo*, Fortaleza, 30 dezembro 1959; Néelson Werneck Sodré — *O Seminário*, Rio, 23 janeiro 1960; Macedo Miranda — *Leitura*, Rio, janeiro 1960; Homero Sena — *Jornal de Letras*, janeiro 1960; Manuel Bandeira — *Jornal do Brasil*, Rio, 3 fevereiro 1960; Guedes de Amorim — *O Século Ilustrado*, Lisboa, 1.º dezembro 1951; Tomás Ribas — *Portugal Ilustrado* n.º 5, Lisboa, 1950; Carlos Alberto Tenório — *Tribuna da Imprensa*, Rio, 26 abril 1952; Josefina Pla — *La Tribuna*, Assunção, Paraguai, 22 fevereiro 1953; Antônio Rocha, *Diário Carioca*, Rio, 7 fevereiro 1954; Paula Aquiles — *O Radical*, Rio, 26 julho 1954; Paulo Mendes de Almeida — *O Estado de São Paulo*, 13 fevereiro 1960; Carlos David — *Diário Carioca*, Rio, 14 fevereiro 1960; Otto Maria Carpeaux — *Correio da Manhã*, Rio, 20 fevereiro 1960; Adonias Filho — *Jornal do Commercio*, Rio, 31 janeiro 1960; Wilson Martins — *O Estado de São Paulo*, 12 março 1960; Ledo Ivo — *O Estado de São Paulo*, 19 março 1960; M. Cavalcânti Proença — *Correio da Manhã*, Rio, 19 março 1960;

Willy Lewin — *Jornal do Commercio*, Rio, 8 maio 1960; Renato Jobim — *Diário Carioca*, Rio, 24 abril 1960; Manuel Bandeira — *Folha de São Paulo*, 10 fevereiro 1960; Augusto dos Santos Abranches — *Revista Brasiliense*, S. Paulo, julho, 60; Guilhermino César — *O Estado de São Paulo*, 11 fevereiro 1961; Fernando Pi — *Comentário*, Rio, dezembro 1961; Enio Monção Pires — *O Dia*, Curitiba, 29 dezembro 1956; Bráulio Pedroso — *O Estado de São Paulo*, 27 janeiro 1961; Paulo Francis — *Ultima Hora*, Rio, 26 dezembro 1962; Josué Montelo — *Jornal do Brasil*, Rio, 20 dezembro 1962; Eneida — *Correio Paulistano*, 13 março 1960; Rolmes Barbosa — *O Estado de São Paulo*, 12 janeiro 1963; Raul Lima — *Diário de Notícias*, Rio, 2 de fevereiro 1963; Otávio de Faria — *Correio da Manhã*, 22 fevereiro 1963; Waldemar Cavalcânti — *O Jornal*, Rio, 10 de março 1963; Correia de Sá — *Diário de Notícias*, Rio, 14 abril 1963; Arnaldo Mendes — *Ultima Hora*, S. Paulo, 30 março 1963; Menotti del Picchia — *A Gazeta*, S. Paulo, 17 janeiro 1963; Esdras Nascimento — *Tribuna da Imprensa*, Rio, 7 maio 1963; Gastão de Holanda — *Jornal do Commercio*, Recife, 21 julho 1963; Wilson Martins — *O Estado de São Paulo*, 18 maio 1963; Gastão de Holanda — *Correio da Manhã*, Rio, 20 julho 1963; Tristão de Ataíde — *Diário de Notícias*, Rio, 10 novembro 1963; João Alexandre Barbosa — *Jornal do Commercio*, Recife, 22 dezembro 1962; Fernando Pi — *Leitura*, Rio, outubro 1963; Dirce Cortes Riedel — *Jornal do Commercio*, Rio, 12 janeiro 1964; Manuel Bandeira — *Diário de Notícias*, Rio, 6 setembro 1964; Theomar Jones — *Jornal do Commercio*, Rio, 22 novembro 1964; Luís Martins — *O Estado de São Paulo*, 12 dezembro 1964; Augusto Frederico Schmidt — *O Globo*, Rio, 17 dezembro 1964; Fernando Góis — *Diário da Noite*, S. Paulo, 16 dezembro 1964; João Antero de Carvalho — *O Dia*, Rio, 3 janeiro 1965; Antônio Olinto — *O Globo*, Rio, 14 janeiro 1965; Flávio Macedo Soares — *Diário Carioca*, Rio, 18 abril 1965; Austregésilo de Ataíde — *O Jornal*, Rio, 28 maio 1965; Hélio Fernandes — *Tribuna da Imprensa*, Rio, 28 maio 1965; Ivo Cardoso — *Jornal do Brasil*, Rio, 30 maio 1965; Walter Benevides — *Jornal do Commercio*, Rio, 30 maio 1965; Santos Morais — *Jornal do Commercio*, Rio, 13 junho 1965; Gastão de Holanda — *O Estado de São Paulo*, 26 junho 1965; Francisco de Assis Barbosa — *Jornal do Brasil*, Rio, supl. 27/8/65; M. Cavalcânti Proença — *Jornal do Brasil*, supl. 27 agosto 1965; Pantaleão Damasceno — *O Unitário*, Fortaleza, 10 janeiro 1965; Santos Morais — *O Jornal*, Rio, 14 março 1965; Josué Montelo — *Jornal do Brasil*, Rio, 13 fevereiro 1965; Medeiros Lima — *Ultima Hora*, São Paulo, 8 fevereiro 1967; José Cândido de Carvalho — *O Cruzeiro*, Rio, 7 outubro 1967; Paulo César de Araújo — *Jornal do Brasil*, Suplemento do Livro, 19 julho 1969; Zilah Corrêa Araújo — *Minas Gerais*, Suplemento Literário, 13 fevereiro 1971; *Tribuna da Imprensa*, Rio, 9 janeiro 1971; *O Globo*, Rio, 10 fevereiro 1965; Carlos Drummond de Andrade — *Jornal do Brasil*, Rio, 30 agosto 1973; Fernando Sabino — *Jornal do Brasil*, Rio, 3 setembro 1973; José Clemente — *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 setembro 1973; Dinah Silveira de Queiroz — *Jornal do Commercio*, Rio, 11 setembro 1973; José Honório Rodrigues — *O Jornal*, Rio, 1 setembro 1973; Fausto Cunha — *Jornal do Brasil*, Rio, 22 setembro 1973; Mário da Silva Brito

— *Correio da Manhã*, Rio, 6 outubro 1968; Josué Montelo — *Jornal do Brasil*, Rio, 4 setembro 1973; Barbosa Lima Sobrinho — *Jornal do Brasil*, Rio, 2 setembro 1973; Guilhermino César — *Minas Gerais*, Supl. Literário, 20 outubro 1973; Austregésilo de Ataíde — *O Jornal*, Rio, 29 agosto 1973; Victor de Lemos — *Opinião*, Rio, de 3 a 10 setembro 1973; Joaquim Inojosa — *O Jornal*, Rio, 2 setembro 1973; Campomizzi Filho — *Minas Gerais*, Supl. Literário, 4 abril 1970; Santos Moraes — *Jornal do Commercio*, Rio, 2 setembro 1973; Leo Gilson Ribeiro — *Jornal da Tarde*, São Paulo, 28 agosto 1973; *Correio Brasiliense*, Brasília, 28 agosto 1973; *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 agosto 1973; *Diário de Brasília*, Brasília, 29 agosto 1973; *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 2 setembro 1973; *O Jornal*, Rio, 28 agosto 1973; Ivan Lins — *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 setembro 1973; Ivan Lins — *O Jornal*, Rio, 4 setembro 1973; Ivan Lins — *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 7 setembro 1973; Clarice Lispector — *Jornal do Brasil*, Rio, 30 junho 1973; Carlos Drummond de Andrade — *Correio da Manhã*, Rio, 22 dezembro 1967; Hélio Viana — *Jornal do Commercio*, Rio, 11 fevereiro 1965; *A Tarde*, Salvador, 27 outubro 1973; Renard Perez — *Minas Gerais*, Supl. Literário, 8 setembro 1973; Álvaro Lins — *Minas Gerais*, Supl. Literário, 8 setembro 1973.

IN MEMORIAM

A Academia Brasileira de Letras dedica a primeira sessão que se realiza depois da morte de cada um dos seus membros efetivos à evocação de sua vida e de sua obra. É a Sessão de Saudade, já uma tradição na Casa de Machado de Assis, durante a qual os Acadêmicos rendem tributo à memória do companheiro desaparecido, através de depoimentos informais que incluem, não raro, a lembrança de episódios pouco conhecidos, mas expressivos com revelação da personalidade do homenageado.

Além do Discurso de Adeus pronunciado pelo Presidente Austregésilo de Athayde nos funerais de Marques Rebelo, a 27 de agosto de 1973, publicamos a seguir o que foi dito e lido na Sessão de Saudade do dia 30 de agosto de 1973. Faltam, neste registro, apenas as palavras dos Acadêmicos Peregrino Júnior e Aurélio Buarque de Holanda, não recolhidas em virtude de defeito ocasional no sistema de gravação da Academia.

Vários dos pronunciamentos feitos de improviso não foram revistos pelos oradores.

Adeus a Marques Rebelo *

“O generoso desejo, transmitido de maneira impositiva em nosso último encontro, de que eu não falasse nesta parada ritual, dizendo-me que era uma derradeira vontade para ser obedecida, foi mais uma prova da sensibilidade do teu coração.

Querias poupar-me e aos companheiros as emoções desta despedida confrangedora, quando deixas para sempre a Casa que amaste como à tua própria, com enternecida dedicação.

Se nos é extremamente penoso falar, muito mais ainda haveria de ser o silêncio, numa hora em que é um consolo proclamar a enormidade da perda abaladora, todos externando, nestas palavras que em seu nome pronuncio, o sentimento de mutilação espiritual que a Academia sofre, firmes no ânimo que lhes vem da confiança de que tão duro transe abre para um escritor do teu quilate as portas da verdadeira imortalidade.

Conhecias, Marques Rebelo, os mais íntimos segredos da afeição que em tua vida nobremente dispensaste a tão numerosos amigos, sem distinguir ricos e pobres, poderosos ou humildes, no estímulo fraterno dado aos principiantes na

* *Discurso do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, nos funerais do escritor, a 27/8/1973.*

árdua e incerta carreira literária, acudindo-os com o pouco que sempre possuíste às suas necessidades, leal, atento e sutil no carinho e surpreendente na maneira discreta e natural com que porfiavas em distribuí-lo, e assim fazias do teu convívio uma dádiva protetora e ao sermos privados agora dele, sentimos a dimensão desse desamparo irreparável.

Pertences, querido amigo, à linhagem dos intérpretes fidedignos desta tua cidade, da condição humana, dos seus desníveis sociais, dos timbres de altivez e altanaria do povo carioca. E os teus contos e romances, curtidos nas experiências da tua própria vida, desde *Oscarina*, primeira revelação da categoria da tua arte, a *Maraja* e *A Estrela Sobe*, *O Trapicheiro*, *A Mudança*, gama de episódios e tipos que retratam caracteres universalizados pela força de sua humanidade e dão a medida do teu gênio criador.

Sabias repartir o bem e o mal com espírito de justiça, como Dickens, amavas as tuas pobres criaturas, através delas exaltavas os poderes misteriosos que conduzem o destino.

Essa obra dignificante, autêntica em sua sinceridade, límpida sempre em suas intenções superiores, demarca as extensas paragens do teu espírito, os sobrevãos de uma inteligência a que não faltou nenhuma das armas privilegiadas com que a ficção revela e compartilha os portentos do Gênese. Nada, porém, sobrepujará o que deixas de ternura na lembrança dos teus amigos, de saudade e de reconhecimento pela tua presença constante nesta comunhão de sentimentos que forma a trama secreta da fraternidade entre os homens.

Essa é uma indicação da tua grandeza, uma prova de como sabias acentuar as afinidades, e ainda que às vezes viesse nas tuas palavras o leve sopro da ironia, encrespado não raro até à mordacidade, tudo não passava das aparências com que procuravas defender as doçuras de um coração permanentemente voltado para o amor.

Juntos empreendemos, com devotamento e entusiasmo, projetos e sonhos de esperança, que a tenacidade está conduzindo à realização, e através dela serás recordado pelas gerações futuras desta Casa, na lealdade e no desvelo com que apoiavas, com teu estímulo, com teu conselho, com tua desinteressada coragem, esta nossa marcha solidária sob a mesma inspiração do engrandecimento da Academia Brasileira.

Nada se conclui nem se encerra neste ápice do teu destino, quando o incognoscível faz-se mais denso e é preciso

reter o grito de desespero pelo desaparecimento que a todos nos fere de temor e espanto.

Adeus, Marques Rebelo, irmão escolhido, alma de tantas paisagens inesquecíveis. Digo aqui, nesta suprema separação, aquela palavra do filósofo: quando a morte separa dois amigos, o que sobrevive fiel no primeiro momento jura que jamais esquecerá o morto. Nós juramos, Marques Rebelo, que nunca haveremos de te esquecer. Partiu-se o espelho, mas como a sua face se conserva luminosa!”

**PRONUNCIAMENTOS ACADÊMICOS
NA SESSÃO DE SAUDADE
(30 de agosto de 1973)**

De José Honório Rodrigues

“Relembro o grande amigo que perdemos todos, sem querer ocultar o sentimento de vazio que há um mês nos aniquilava a todos nós, seus companheiros desta Casa e de fora, certos de seu próximo desaparecimento. Sua aparente aspereza não conseguia ocultar seu grande coração, capaz de inspirar grandes amizades e fidelidades ortodoxas. Ele era assim mesmo, um grande apaixonado, capaz de lutar pelas suas convicções, pelos seus amigos, pelos seus erros, pelos seus acertos. Ele mesmo contou aqui, na tarde da saudade de Guimarães Rosa, como descobrira o futuro grande escritor e por ele lutara, sem o conhecer, brigando com Graciliano Ramos, e deixando de falar-lhe durante dois anos. E Graciliano, na crônica *Conversa de Bastidores*, de 1946, escreveu que ao negar a Guimarães Rosa o prêmio Humberto de Campos, “Marques Rebelo quis matar-me, gritou, esperneou, fez um número excessivo de piruetas ferozes”.

Neste episódio está o retrato de Marques Rebelo. Seu desespero diante da injustiça, sua paixão, sua convicção, sua força, seu idealismo. Sua crítica revelava sempre uma inteligência, uma independência, uma irreverência, uma falta de respeito, que podia ser parcial, mas era sincera, franca,

sem subterfúgios. Ele não considerava importantes as doutrinas literárias ou as correntes filosóficas e metafísicas. Para ele, relevante era dizer a verdade. "Verdade, sim. Não se dizem somente mentiras nesta vida", escreveu em *A Guerra Está em Nós*. E neste mesmo livro disse que "a liberdade faz falta". Verdade e liberdade, dois termos constantes de sua obra, e dois princípios de sua formação.

No começo retratou sua paróquia, a pequena burguesia em que viveu, seu bairro, a zona norte da cidade. Como seus antecessores, seus grandes antecessores, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto, ele criou personagens vivas, muito vivas, que aparecem com seus caracteres psicológicos, seus traços humanos acentuados, sua vivência urbana local, sua condição social e de classe. Identifica-se com elas e obtém um resultado que desde o princípio os competentes receberam como a expressão de um estilo próprio, um tratamento singular, uma dialogação rara na língua portuguesa.

Quando apareceu com *Oscarina* (1931), Mário de Andrade, com seu gênio crítico, escreveu que a cidade do Rio de Janeiro possuía uma raça de escritores que se especializavam na descrição nua e crua da pequena burguesia ou do alto proletariado, e que Rebelo, seguindo a tradição de Machado, de Lima Barreto, de Ribeiro Couto, era um produto puro dessa linhagem, e "a impressão que tenho é que sustentará as tradições de família na mesma altura a que as elevaram os melhores membros dela".

A principal característica destes autores era, para Mário de Andrade, a de "se aproximarem da prosa falada, da coisa que a gente conta na esquina". Seu grande poder era vitalizar as figuras e valorizar os detalhes da vida quotidiana. Rebelo não era um sentimental, um romântico, dizia Mário, esperando que ele pudesse construir uma obra de arte.

E assim foi. Sua obra amadureceu com o tempo, nos longos anos de reflexão e leituras. De 1942 a 1959, afora as pesquisas sobre Manuel Antônio de Almeida e as crônicas de viagens no Brasil e no exterior, não escreveu nenhuma obra de ficção. Em 1959, com o *Espelho Partido* (3 vols. publicados: *O Trapicheiro*, *A Mudança* e *A Guerra Está em Nós*), revela uma grande renovação literária, uma forma nova, um diário que retrata a vida do carioca, testemunha as vicissitudes da política nacional e internacional, propõe reflexões, faz julgamentos, fala de si mesmo.

Se esta obra é um marco capital da literatura brasileira, é para os historiadores um documento vivo, humano, psicológico, social da humanidade, especialmente a brasileira e carioca, entre 1936 e 1944. São oito anos, quase uma década, em que a literatura serve à história do Brasil, e a capacidade de reconstituição se facilita e se apura pela compreensão total, pela recriação do pleno sentido da vida. Nenhuma história social desta época poderá ser escrita sem conhecimento dos três volumes do *Espelho Partido*. Nele pela primeira vez se enlaçam, num nexu íntimo, as realizações artísticas e a plenitude da vida; é uma descrição do tempo que, pela vida captada enquanto vive, vai dar ao historiador o senso do passado. É uma história *in statu nascendi* e não *post mortem*. Nela reconstitui a história desta época e também sua própria vida e a vida de seus amigos, e expõe seus conceitos, e revela seus julgamentos, e sua ironia, e sua gozação, e seus temores e esperanças, e suas dificuldades, e tudo e tudo.

Ele fala muito de seu pai, de si mesmo, de seus sonhos. Nele predominavam, apesar da secura das palavras, da rispidez dos gestos, da aspereza da voz, muitas amizades, amores e paixões.

“Tinha uns tantos princípios estabelecidos, muitos dos quais ruíram como construções de areia ao sopro insidioso do amor e da amizade, ou foram substituídos por outros não menos sujeitos a erosões sentimentais.” (*O Trapicheiro*, 125.) Pois apesar de tantos amigos que o cercavam e daqueles que o procuravam, via a alma humana como “um poço de loucuras e aflições”. (*O Trapicheiro*, 369.) Alguns episódios são de uma pureza, de uma limpidez, que a gente sente a essência humana de Rebelo.

Mas ele tem suas decaídas e, de repente, vê nos olhos de alguém um bosque que se chama solidão, ou acha que “a vida é uma merda” (*O Trapicheiro*, 295 e 389), ou ainda que os mortos não fazem falta, cujo significado doloroso ele alcança mais tarde.

O *Espelho Partido* está cheio de cogitações filosóficas impostas pela própria prática da vida ou pelas suas leituras esparsas. “Nossa vida não é um continente. Cada dia é uma ilha que emerge do mar da noite. Férteis ou improdutivas, áridas ou irrigadas, planas ou montanhosas, ermas ou povoadas, guardando em grupos enganosas similitudes, formam o descosido arquipélago da nossa louca geografia, sujeito a ter-

remotos, a maremotos, à fatal submersão, e é através de imaginárias pontes e aterros que podemos ligar algumas e nelas tentar um plantio ilusório, um viveiro de sonhos.” (*O Trapicheiro*, 217.)

Noutro trecho, ele escreve que “o pior é o medo. Mentimos demais, somos astuciosos demais, interessados demais... Chega-se desanimadoramente a compreender que uma certa estabilidade na vida repousa nas palavras falsas, nas falsas atitudes, na habilidade dos passos cautelosos. A alma humana teria outro valor se lhe sobrasse coragem, se pelo menos se libertasse de metade do medo em que se aniquila para tomar posição, medo que se esconde facilmente sob o manto da prudência ou do bom senso”. (Id., 371-372.)

E ao final, cheio de dúvidas sobre o valor de *A Estrela Sobe*, que lhe havia consumido quatro anos de esforço e sacrifício, enuncia, numa autocrítica injusta, as suas supostas faltas de qualidades literárias (id., 465-466). Este é um momento de abatimento que raros não sofrem, mas como ele próprio reconheceu, “estou sempre escrevendo, mentalmente escrevendo, não um, mas cem livros; transformar, porém, o arquitetado em matéria escrita é para mim extremamente difícil, penoso, duro como carregar pedras”. (Id., 44.) Isto ele escrevia em 1936, e em 1944 dirá: “Não se iluda. Dia virá que sentirá muito... Para que abrir caminho ao arrependimento? Escrever faz falta. Imagine-se um peixe que decidiu não nadar” (*A Guerra Está em Nós*, 405). “Entendo do meu ofício — escrever! — exercendo-o com a severa paixão de um sacerdócio... Ofício torturante e mal remunerado, escravizador dos dias e das noites, pois quando a caneta não me tenta a mente porfia, incessante, que escrever é coisa mental, eterno e traiçoeiro atoleiro para cada passo, inglório afã... entendo do meu ofício, em segredo vos digo, confissão impossível de se arrancar da minha boca mortal.” (Id., 429.)

Rebello, como bom carioca, trouxe aos estudos cariocas a excelente *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, que acabou aos 26 de maio de 1938. Era a mais completa que se fez, e nas suas próprias palavras, “esclarecendo certas sombras, destruindo alguns erros... Tivéssemos arquivos e poderia ter saído melhor. Vontade não faltava, nem paciência”. Previa a dificuldade de editá-la, e realmente só em 1943 foi publicada pelo Instituto Nacional do Livro. Em 1963, nova edição incorporou novidades, como as cartas encontradas por

Darcy Damasceno na Biblioteca Nacional, e a esplêndida crítica de Manuel Antônio de Almeida ao *Memorial Orgânico* de Varnhagen, defendendo os índios, considerados pelo historiador como inúteis e prejudiciais. *Brasil, Terra & Alma Guanabara* (Rio de Janeiro, 1967) é uma coletânea selecionada de textos sobre o Rio, sua história, sua gente, seus bairros e subúrbios, suas festas, sua vida mundana e cultural, as profissões, habitações, o espírito carioca, a língua.

Na sua paixão pelo Rio — toda paixão é vermelha — era América, o clube dominante da sua paróquia, como poderia ter sido, ele que me perdoe, Flamengo, paixão maior que da paróquia se ampliou à cidade, com o vermelho como cor básica. Nisto vai um traço de sua qualificação carioca. Há cariocas e cariocas. (Mas é certo que não são a boemia e a zombaria os traços fundamentais dos cariocas nativos. (É mais fácil encontrá-los nos cariocas adotivos, que nos nativos.)

A grande maioria dos cariocas de renome são mais sérios que insensatos, como D. Pedro II, o próprio Machado de Assis, a Princesa Isabel, Roquete Pinto, Alceu Amoroso Lima, Cecília Meirelles. Em Rio Branco se apresentam em horas sucessivas a boemia e a seriedade. Isso não significa que a alegria, a vivacidade, a malícia, a ironia não dominem a personalidade básica carioca, fruto em parte do papel do minhoto e do negro angolano, ambos ricos de extroversão e de alegria. A inquietação, a crítica, a bravura, a independência, tudo isto estava em doses variadas em Rebelo, que possuía também a seriedade e a disciplina indispensáveis à construção de uma obra literária.

Independente de filiação local, nele predominava a amizade. O amor, escrevia, não precisa de fidelidade, exigida somente da amizade. "Sem ser fiel não se é amigo, e sem espinhos não podemos ser fiéis, que a amizade é um constante ferimento crítico e catalisador. É mais fácil ser amante que amigo." (*O Trapicheiro*, 343.) Espero que tenha sido, aos seus olhos, seu amigo, eu que fui seu companheiro de formatura, em 1937, na Faculdade Nacional de Direito.

Sua capacidade comunicativa, sua clareza, sua limpidez, sua modernidade, sua capacidade de dialogar a língua mais próxima do povo, sua compreensão e seu amor ao povo, que é a personagem central de sua obra, mostram que sua vida foi um grande serviço ao seu país, à cultura brasileira, e teve um caráter nacional bem marcado.

Por tudo isso, na sua importante entrevista ao *Paratodos* (Rio—São Paulo, 10 a 23 de maio de 1956), disse que nenhuma alegria maior ele poderia ter, do que ver os escritores brasileiros colaborarem “na única obra séria que temos coletivamente ante nós: criar, para elevar nossos patrícios, da sua miserável condição presente, à de seres humanos, capazes de entender a nossa missão, amá-la, estimulá-la, e gerar outros e mais outros e melhores escritores”.

E no 2º volume de *O Espelho Partido*, ele escreveu: “Quando nossos olhos se abrem para este mundo de miséria e dor, é impossível não reagir, não clamar contra tanto infortúnio. E eles querem que nos calemos, de braços cruzados, ou que façamos arte pela arte!” (*A Mudança*, 147.)

Marques Rebelo queria o progresso, atacava o hermetismo, e defendia a liberdade. As imagens e as realidades de sua obra romanesca documentam as mudanças e a permanência da estrutura social, das relações de classe, compreendem e esclarecem sua época e a sua sociedade. Constituem, no conjunto, uma obra literária de medida incomum e singular.”

De Afonso Arinos de Mello Franco

“Espero que o magnífico estudo lido por José Honório Rodrigues me permita coordenar de improviso uma seqüência, uma homogeneidade mais pura às palavras que vou proferir sobre Marques Rebelo. Ocorre-me principalmente (e creio que será essa a contribuição mais original que poderei dar) abordar preferencialmente a pessoa do nosso amigo morto, não como homem mas como escritor. A pessoa do escritor justificativa, explicativa, significativa da sua própria obra. E isto pela razão de que eu o conheci profundamente; há cerca de quarenta anos somos ligados. Marques Rebelo, apesar de extremamente difícil no convívio, muito sensível, complicado, fechado, às vezes agressivo, era através dessas defesas, vencidas que fossem essas barreiras concêntricas que ele erguia em torno de si, uma das amizades mais claras, opulentas e límpidas, que eu jamais podia encontrar na minha vida de homem e de escritor.

O fato essencial a meu ver da personalidade de Marques Rebelo quando ela desabrocha é a mudança de seu nome. Essa mudança representou para ele a descoberta de um instrumento de autenticidade, ou melhor, a conquista de um instrumento de verdade e de uma liberdade de combatente.

Quando ele deixa de se chamar Eddy Dias da Cruz, para poder assinar-se Marques Rebelo, ele não faz aquilo que fez Alceu de Amoroso Lima, ele não assume uma personalidade literária ao lado da sua personalidade civil, porque em Alceu o pseudônimo e o nome legal percorrem paralelamente a vida, sem que um desconhecesse, negasse ou esquecesse o outro. Alceu mesmo fala dos dois seres que coexistem na sua pessoa, na sua obra. Em Marques Rebelo, o desaparecimento da personalidade legal, aquela do registro civil, e o aparecimento da nova personalidade literária significam a libertação de uma série de óbices, significam o rompimento de uma porção de defesas, de barreiras sociais para a aquisição de uma espécie de amplitude no seu combate. Foi o que ele fez: esta mudança de nome representou, a meu ver, e sobre isto tenho meditado (não é improvisadamente que o digo), a etapa em que ele se preparou para a sua obra de combatente. Não foi uma maneira de se esconder atrás de um biombo transparente, foi uma maneira de se libertar de uma série de complexos que pesavam sobre ele, de uma série de influências, aquelas influências antigas dos velhos médicos de subúrbio carioca, de que ele descendia, para, de repente, surgir fumegante naquela forma de saci-pererê, aquela espécie de gnomo vitorioso na luta, no desafio, na agressão ferina, que fazia sangrar e que talvez tivesse encontrado dificuldade de se revelar nas roupagens tradicionais da velha família suburbana.

Mas, em Marques Rebelo havia uma outra coisa que era significativo: a sua ternura. A sua ternura que o nome de combatente, a obra de combatente, o ímpeto do combatente não conseguiam dissimular nem fazer esquecer, nem esvair. Ele era, quando indefeso, como um pássaro doente, como uma criança sem abrigo, como alguém que procurasse apoio e compreensão. Muitas vezes eu o via assim, principalmente da última vez que com ele conversei. Falávamos nos dois últimos anos nesta Casa, freqüentemente, da doença e da morte, porque contemporaneamente tínhamos sido feridos por um mal-estar, assemelhado, no meu caso muito menos grave, do que no dele. As assemelhadas dificuldades circulatórias se concentravam na circulação cerebral, de que eu escapei com relativa facilidade mas que, nele, se foram agravando muito mais que ele pensava e eu compreendia isso, e não falava naturalmente sobre isto, mas falávamos sobre o assunto em geral. E, então, eu sentia, naquelas horas de Marques Rebelo, como eu dizia há pouco, a entrega da pessoa in-

defesa. No último dia em que eu estive aqui com ele, numa quinta-feira, aquela que precedeu a supressão da sua volta à Academia, perguntando-lhe mais uma vez sobre a saúde, ele deu-me notícias que não me agradaram, porque me falou, como se fosse uma conquista, que já tinha recuperado os movimentos dos braços, mas que ainda tinha dificuldade com os movimentos das pernas e isto me pareceu bastante sério, bastante desagradável. Na hora em que eu me despedia dele procurando, sem que eu sentisse bem por que, apertei-o contra mim, ele encostou como eu dizia, como uma criança, a cabeça no meu ombro e ficou longamente a cabeça encostada no meu ombro, e eu o senti então como se fosse uma criança que estivesse no meu colo. Esta ternura que vinha ao lado daquela violência, esse amor que floria como essas flores pequeninas, humildes, que surgem nas roças, que surgem nas pedras áridas, esse amor que nele fluía como um pequeno lacrimal que brota da pedra comovia-me também e dava uma expressão especial da sua personalidade sensibilíssima. A sensibilidade de Marques Rebelo é outro ponto sobre o qual eu queria me demorar. Ele era um homem cuja compreensão estava baseada na sensibilidade. Embora a sua inteligência fosse extremamente lúcida, embora a rapidez faiscante do seu julgamento fosse surpreendente pela instantaneidade, pela segurança, pela precisão, tinha eu a impressão, durante os longos anos que com ele convivi, que estas qualidades de compreensão e de lucidez vinham principalmente da sensibilidade. A sensibilidade era o motor da sua inteligência.

A propósito eu quero contar uma anedota, anedota verídica, anedota no sentido de pequeno fato, mas profundamente verdadeira, em que entra esta figura hoje estelar de Pedro Nava, que não aparecia então na sua posição de admirável homem de espírito, senão no conhecimento de muitos poucos. Hoje Pedro Nava anda nos galarins dos *best sellers*; nas glórias das livrarias, nas conversas de todas as obras literárias. Naquele tempo, Pedro Nava não era senão um jovem médico, que iniciava a sua carreira, mas que já admirava a importância de Marques Rebelo. E, lembro-me perfeitamente de que Pedro Nava, boêmio, e Marques Rebelo, tantas vezes bastante boêmio, se encontraram certa manhã, ou certo fim de noite, em uma rua, e Marques vinha triste, cabisbaixo, e eu perguntei a Pedro Nava: — Mas, o que ele estava fazendo?

E ele me respondeu: — “Ele estava compreendendo muito.” Quer dizer: a sua posição era de compreender, era de en-

tender no meio daquela cidade, que ele acabava de atravessar, retardatário daquela cidade noturna, as sombras que sempre cercam o homem noturno, o homem da noite, as sombras, eu não digo externas porque seria um truísmo, mas as sombras internas, aquelas que dizem respeito ao *Marinheiro Triste*, de Manuel Bandeira. As sombras da alma apuravam nele a capacidade de compreender, através da sensibilidade em que ele via as crianças caídas, nos desvãos das portas; as mulheres perdidas, meio loucas, que são as figuras mais estranhas da cidade, que dizem coisas estranhíssimas parecendo coisas religiosas, e ao mesmo tempo coisas de criança, essas mulheres miseráveis de pé no chão carregando latas, que dizem coisas da maior gravidade na luz dúbia das madrugadas. Tudo isso fazia de Marques Rebelo uma figura do nosso Rio de Janeiro, feito para compreensão, através da sensibilidade. Quando eu digo do nosso Rio de Janeiro, é porque, Sr. Presidente, eu raramente me sinto tão carioca, como quando costeio e rodeio as figuras do Rio de Janeiro do tipo de Marques Rebelo. Assim, como ele serviu-se de um nome novo para enfrentar a verdade da vida, ele se servia também desta cidadania múltipla, desta cidadania multiface, multiforme, complexa, poliédrica, que é a cidadania carioca, para enfrentar a realidade brasileira.

Ele trazia o Brasil, a sociedade brasileira, através da visão, da faceta cintilante da sua cidade. Isto só se pode fazer no Rio de Janeiro, não há nenhum outro lugar no Brasil em que a gente possa sentir a sociedade brasileira, criticá-la, atacá-la, amá-la com a profundidade, a nitidez e a segurança em que o escritor faz isto no Rio de Janeiro. Em Marques Rebelo, na obra de Marques Rebelo, sente-se a presença imensa do Brasil, o corpo e a alma desse gigante territorial, desse mistério profundo que é a nossa pátria que aparecia nas suas páginas translúcidas sem que tivesse necessidade de fazer funcionar a bomba de sucção da sua curiosidade pelas plagas imensas dos desertos do interior, ou na sucessão das superfícies vamos dizer ascendentes ou descendentes da nossa complexa sociedade territorial. Ele não precisava daqueles mistérios de Guimarães Rosa, que eram mistérios telúricos, que eram mistérios religiosos, étnicos, etnográficos, culturais, lingüísticos, para mostrar a complexidade da alma do Brasil, do corpo do Brasil, do destino do Brasil.

Bastava que ele se concentrasse nesta feira luminosa, nesta feira cheia de luz, mas ao mesmo tempo cheia de mis-

térios que é a nossa cidade, a cidade de todos nós (porque aquele de nós que não for carioca não brasileiro). Ai de nós nascidos em qualquer ponto do Brasil: não sendo também carioca, não sente bem o que é ser brasileiro. E, Marques Rebelo tinha essa significação, ele tinha essa significação de um homem que é parte, que é intérprete e que é símbolo de uma cidade que concentra em si toda a complexidade nacional.

Na sua obra literária (e eu me permito dar aqui uma opinião que talvez não corresponda nem mesmo a um pensamento amadurecido da minha parte, mas que é a opinião que prevalece em mim nesse momento) eu prefiro o início, eu prefiro *Oscarina*, *A Estrela Sobe*, *Marafa*, em suma, aquela parte individualista da obra de Marques Rebelo, porque ela representa para mim exatamente isto que eu estou querendo dizer nestas confusas palavras a respeito dele. O homem solto, o homem livre, o homem que esqueceu o próprio nome, que adotou uma outra personalidade, mas o homem isolado que procurou ver isoladamente o panorama que o cerca. Já na sua Trilogia, ele entra dentro de um circuito, ele entra dentro de um plano, dentro de um complexo em que talvez se despersonalize um pouco, em que talvez ele não apresente aquelas qualidades de vivacidade, de graça, de força com que aparece em suas obras iniciais. Por quê? A significação da mentalidade literária de Marques Rebelo se aproximava bastante do anarquismo, o anarquismo é hostil a qualquer forma de organização e então quando ele começa a se organizar no *roman fleuve*, no romance coletivo, no romance, enfim, planejado, tenho a impressão que ele perde um pouco aquela agressividade anarquista, que é própria do início da sua obra individual, dos livros individuais, das aventuras individuais, das situações individuais.

Sr. Presidente, estas são as cogitações que, de momento, me ocorrem a respeito deste grande companheiro, deste grande escritor. Eu queria acentuar também esta importante face da sua personalidade tão rica, que é a grandeza do escritor. A grandeza do escritor não se mede apenas pela importância da sua obra, mede-se também pela importância que ele atribui à sua função, que ele atribui ao seu destino, que ele atribui à sua missão. Marques Rebelo era grande escritor, não apenas porque ele escreveu uma obra significativa, importante, ele era grande escritor porque sentia o que era ser um escritor dentro de uma sociedade como a sociedade brasileira.

Ele largou tudo, abandonou tudo, se despreendeu de tudo, não ambicionou mais nada, ele desejou apenas escrever e sentiu a grandeza dessa missão, a grandeza desse destino, a grandeza desse encargo, que recai sobre nós que temos a consciência do que é ser um escritor, neste momento da sociedade brasileira. Era grande leitor, para ser grande escritor. Não trairei aqui Antonio Houaiss nem Assis Barbosa, ao dizer que Marques Rebelo leu toda a Nova Enciclopédia, a Nova Enciclopédia desses dois queridos amigos e grandes acadêmicos, leu palavra por palavra, verbete por verbete, anotando as falhas, fazendo sugestões. Essa idéia de uma pessoa ler volumes e volumes, palavra por palavra, escrevendo na margem aquilo que lhe parecia mais importante, mostra, também sob certo aspecto, a função do escritor, a acumulação do capital que representa um escritor. O banqueiro, o empresário, grande homem de negócios, concentra a sua atividade na consulta, na adivinhação de coisas que para eles são realidades, mas que para nós escritores não passam de símbolos, de coisas vãs. Para nós, uma onda, uma palmeira, uma curva de corpo de mulher têm muito mais realidade do que uma letra de câmbio, um cheque, um depósito, ou participação de capitais em determinadas empresas. Marques Rebelo era o tipo do homem para quem a realidade é esta e ele hauria a sua realidade neste mundo verdadeiramente real, que é o mundo objetivo da vida, explorado e observado pelo subjetivismo do escritor.

Era esta consciência da grandeza da sua missão que o fazia indiferente às glórias terrenas, era esta consciência, esta segurança da solidez, da sua contribuição ao mistério da vida brasileira, que o fazia inteiramente indiferente às recompensas materiais que o progresso, a concorrência, a inveja, a vaidade, a ambição despertam em torno de nós.

Na medida em que o escritor se preocupa com estes aspectos da vida não literária ele deixa de ser escritor.

Ele é escritor exatamente na medida em que ele se despreocupa disso e que dá atenção principalmente àquilo que é significativo, na obra do escritor: que é ser escritor independentemente do conteúdo dessa obra.

Sr. Presidente, meus queridos companheiros, eu peço perdão por estas palavras assim um pouco confusas que proferi sobre Marques Rebelo, mas eu queria dizer que no meio de todos nós ninguém lhe queria mais, ninguém o admirava mais do que eu. Tivemos cerca de quarenta anos de uma inin-

terrupta amizade sem manchas, sem vacilações, sem enganos, sem arrependimentos.”

De Herberto Sales

Sr. Presidente, já não vejo, nem verei mais aqui o amigo que tanto se empenhou na minha entrada para a Academia, como antes o fizera quando me estendeu sua mão protetora e me trouxe do interior da Bahia para o Rio, acolhendo-me em sua casa, que por longo tempo também foi minha. Num e noutro caso, ante a minha relutância em satisfazer-lhe a vontade, em atender ao pedido que lhe vinha do coração, ele converteu o pedido em ordem, com aquele radicalismo de sentimentos que lhe era tão comum e que muitos confundiam com intolerância e autoritarismo, por não lhe conhecerem a grandeza d'alma, a índole terna, que formavam como que o avesso de sua imagem convencional de homem áspero. “Passe hoje mesmo os telegramas. E vá sexta-feira à Academia fazer sua inscrição” — disse-me ele, e em seguida desligou o telefone, naquela tarde em que resolveu fazer-me candidato à Academia, na vaga de Álvaro Lins. O impasse eleitoral não lhe enfraqueceu o ânimo, no desejo de me ver a seu lado nesta Casa, generosamente me atribuindo méritos para a ela pertencer. Nova ordem, e com ela veio a nova candidatura, dessa vez na vaga de Aníbal Freire. Durante a campanha, encontrei sempre sua palavra de encorajamento, às vezes de um encorajamento irritado, nas muitas ocasiões em que, assaltado pelo desânimo, pensei em retirar-me da luta, que foi dura e angustiante, nas incertezas da vitória que ele tanto desejava. Doente, o grande amigo não pôde comparecer à sessão. E, tendo votado por carta, aguardou, em casa, o resultado do pleito, que lhe seria comunicado por telefone. D. Elsa teve a prudência de ocultar-lhe o resultado negativo dos dois primeiros escrutínios, temendo que a má notícia pudesse agravar-lhe o estado de saúde. A vitória veio no terceiro escrutínio e lhe foi comunicada como tendo ocorrido no primeiro. Mais tarde, quando tomou conhecimento do desenrolar do pleito, os riscos que eu nele correra já não o afetaram emocionalmente, pois tudo que lhe importava era a minha eleição — e eu me elegera.

Todos sabemos, Sr. Presidente, como ele era avesso aos discursos. Embora houvesse aberto uma exceção em seu reatamento oratório, recebendo nesta Casa a Francisco de Assis Barbosa, seu amigo fraterno, nunca imaginei que ele, repe-

tindo aquilo que me parecera uma proeza, também me concedesse a honra de me receber. Para alegria minha, e para minha surpresa, ele aceitou o convite que neste sentido lhe fiz, encarregando-se assim da missão que, no caso de uma recusa sua, teria recaído no meu querido Aurélio Buarque de Holanda.

Quando ouvi, em primeira mão, a leitura do seu discurso, não pude conter as lágrimas, tão fundo me tocaram suas palavras de carinho e afeto. E essas lágrimas de comoção me voltaram, a ponto de não me haver sido possível chegar ao fim do discurso, quando, em minha casa, tentei lê-lo para meu irmão Fernando Sales.

Quero evocar, neste momento, as palavras finais do discurso com que o Amigo me recebeu em nosso encontro na Academia. Disse ele: “A mão que vos apanhou em Andaraí, tão longe, é a mesma que vos recebe hoje aqui, apenas sem o mesmo vigor, mas felizmente com o mesmo calor.”

Sim, Sr. Presidente: com o desaparecimento de Marques Rebelo, eu me sinto numa espécie de orfandade nesta Casa. Perdi, não apenas o Amigo, mas, verdadeiramente, um segundo pai.”

De Ivan Lins

“Tendo lido vários contos e os romances de Marques Rebelo — *Oscarina* e *A Estrela Sobe*, além dos dois primeiros volumes *O Trapicheiro* e *A Mudança* do romance cíclico, que, infelizmente, deixou inacabado — recebi com entusiasmo, em 1963, a notícia de sua possível candidatura à Academia.

Não o conhecendo pessoalmente, perguntei a um frequentador de nossas rodas literárias suas impressões pessoais acerca de Marques Rebelo e recebi a resposta de ser ele um sujeito mal educado, incapaz de sentar-se corretamente numa mesa para almoçar ou jantar.

Tratando-se de um oficial do mesmo ofício, talvez despeitado com a sombra em que o deixavam o talento e o prestígio literário de Marques Rebelo, lembrei-me da reflexão de Beaumarchais quando observou que, no século XVII, “a república das letras era, em Madri, a república dos lobos”.

E, de fato, mesmo os maiores poetas contemporâneos — entre os quais nos pesa encontrar Lope de Vega, Tirso de Molina, Montalvan, Guevara, Gôngora, Quevedo e Mira de Més-cua — não se constrangeram de fazer coro com os que se va-

liam da dupla gibosidade de Ruiz de Alarcon para inextinguível tema de chacotas e escárnios.

Assim, Tirso de Molina, o vigoroso criador de *Don Juan*, não se pejou de chamar-lhe *Don Cohombro de Alarcon*, poeta *entre dos platos*, consagrando nada menos de cento e quarenta versos em chamar corcunda ao autor de *Las Paredes Oyen*.

Traem, entretanto, esses versos de Tirso a funda impressão senão inveja, causada pelo poeta mexicano aos seus grandes contemporâneos e rivais de glória, os quais não haviam ainda descoberto, ou não puderam empregar, para esmagá-lo, a conspiração do silêncio, arma terrível das igrejas literárias de nossos dias. . .

Não tive, pois, dúvida: telefonei a Marques Rebelo e disse-lhe que, em vez de visitar-me, como candidato, viesse, com sua Senhora, almoçar com minha família.

E a vinda dele, em companhia de Elza, foi, para mim e minha família, verdadeiro encantamento. Ambos do mais fino trato, encantaram-nos com sua prosa ágil e pontilhada de espírito.

No dia seguinte enviei a Marques Rebelo a carta que passo a ler:

“Rio, 9 de setembro de 1963

“Meu caro Marques Rebelo

“Tendo estado fora do Rio, só na última quinta-feira recebi na Academia o seu livro *Vida e Obra de Manoel Antônio de Almeida*, que já li e achei primoroso como tudo que Você escreve.

“Desnecessário é repetir-lhe que ficamos, minha Senhora, meus meninos e eu, encantados com o casal Marques Rebelo. Gostei tanto mais de fazer o seu conhecimento pessoal quanto um adversário seu me havia dito ser Você um verdadeiro urso, que nem sentar-se numa cadeira sabia, motivo pelo qual não poderia ser eleito para a Academia.

“Depois que o conheci, tenho dito a todos que, pelo contrário, é da mais extrema urgência a sua eleição para avivar, com a sua verve, o chá das quintas-feiras, por vezes soporífero e tedioso.

“Recomende-nos à sua Senhora e receba um afetuoso abraço do

“Ass. Ivan Lins.

Dias depois recebi dele a seguinte resposta:

“Caro Amigo Ivan Lins

“Estive com um grande amigo metido em perigosa operação, o que me deixou muito preocupado. Agora já liberto de aflições, pois tudo correu bem, aqui estou acusando o recebimento da sua carta de 9 e agradecendo a remessa dos seus pronunciamentos no Tribunal. Foram devidamente guardados no meu arquivo da vida brasileira, com muita pasta dolorosa, como há de convir, e matéria-prima para o “*Espelho*”. São perfeitos, conscientes, consubstanciados, definitivos — honram o juiz, que ainda os há. Mas, pelo visto, foram votos vencidos — a Mitra terá o seu terreno e talvez até tenha a sua nova catedral. . . É assim que caminhamos, vencendo com dificuldade, mas sempre vencendo felizmente, pois uma consciência nacional é dura e demoradamente que se esclarece e se consolida.

“Imensamente nos tocou a generosidade da família Ivan Lins e o conceito que firmou a nosso respeito. Inútil seria dizer o que dela pensamos. Dentro em breve estaremos convocando-os para a nossa casa das Laranjeiras. Respeitaremos a dieta de mestre Ivan. . . E teremos a oportunidade de contar pontos favoráveis na vida privada, já que passamos na prova da vida externa. . . Por mais terríveis que sejam os meus adversários, na verdade eles não nos conhecem — além de saber me sentar, sei muitas outras coisas. Por exemplo: ser amigo, ser dedicado, ser atencioso, mas nunca subalterno e jamais tirando o chapéu para a mediocridade. Tenho fé que poderei também ao Amigo dar extremas provas disso. E talvez confundam eles as coisas. . . Umhas velhas fraturas e mais um não muito precoce bico-de-papagaio me fazem andar meio cambaio e me socorrer de almofadas na velha poltrona cá de casa. Certamente é esta a razão de me acusarem não saber nem me sentar. Procurarei urgentemente meu ortopedista para que ele dê um jeito, que os deixará de cara caída. Se algum dia me sentar ao seu lado na Academia, pode estar certo de que ostentarei uma posição perfeita — há muito colete ortopédico salvador.

“E como a honra que me dará é muita me esforçarei para convencer a maioria de seus pares da minha capacidade de sentar, insistindo discretamente ainda na disposição de verticalidade de que há muito vem dando prova a minha coluna vertebral.

“E não seria mais prático que os meus adversários garantissem que não tenho talento, que a minha mediocridade é insofismável?”

“Bem, meu caro Amigo, o mundo como ele é e nós contra ele nos batendo.

“Muita felicidade para os seus e o abraço do agradecido
“Ass. Marques Rebelo.”

Nos quase nove anos de seu amável convívio nesta Casa ele nos deu a prova cabal de “saber ser amigo, ser dedicado, ser atencioso, mas nunca subalterno e jamais tirando o chapéu para a mediocridade”, como ele mesmo disse na carta que acabo de transcrever.

Ninguém, nos quinze anos de minha frequência nesta Casa, foi, mais do que ele, cordial, nem mais dedicado e amigo de seus colegas, tendo sempre para todos um gesto acolhedor.

Era este aspecto da figura humana de Marques Rebelo que eu queria relembrar neste momento em que, com tanta saudade, a Academia lhe pranteia o doloroso e precoce desaparecimento.”

De Elmano Cardim

“Trago também a minha palavra de saudade a Marques Rebelo, cujo desaparecimento defalca a Academia de um valor genuíno, duplamente sentido porque com sua morte perdem as letras brasileiras um grande escritor e sofremos nós outros a ausência do companheiro que tanto soubera afeiçoar-se à nossa estima e à nossa admiração. Não o conhecia antes de aqui chegar e receei, pela fama do seu espírito crítico e pelo que lera de sua obra, que viesse a ser uma pedra deslocada no xadrez da nossa companhia. Mas não foi. Antes integrou-se com a sua cordialidade, com a sua doçura, com a sua simpatia na irmandade desta família que nos congrega e nos identifica. Passei a ver, com certo espanto, que o homem era bem diferente do escritor. Com reservas imensas de ternura para os amigos que aqui encontrou e aqui soube fazer. Com alma pura e boa. Incapaz de atritar-se com alguém por não pensar da mesma forma ou por ouvir algo que chocasse seu sentimento ou sua opinião. Viveu, assim, entre nós menos de nove anos, em fugaz trajetória acadêmica, substituindo a quem nesta Casa ocupara por 66 anos a cadeira que fundara: Carlos Magalhães de Azeredo. Ao fazer,

na sessão de 28 de maio de 1965, o elogio do seu antecessor, Marques Rebelo mostrou que também sabia admirar e louvar, pois analisou a obra do poeta em estudo primoroso, nos clássicos moldes acadêmicos, ele que, com seu estilo e sua criação, tanto inovara e renovara na literatura brasileira. E duas vezes mais subiu à tribuna da Academia para o apuro do louvor e o fascínio da admiração, ao receber dois ilustres confrades, os Srs. Francisco de Assis Barbosa e Herberto Sales, ele, “o sentimental cronista deste Rio de todos os brasileiros”, como a si próprio se definiu, sempre, no entanto, disciplinado ao figurino dos discursos acadêmicos, embora fiel à sua maneira rara de dizer com graça, de pensar com irreverência, de aplaudir com entusiasmo.

E porque o vejo diferente e pessoal, na sua obra de ficcionista, não sou levado a filiá-lo à marca assinalada de influências que tirem à sua obra o cunho de originalidade. Prefiro situá-lo, com brilho próprio, na continuidade renovada, modernizada, amplificada da estrada real traçada por Manuel Antônio de Almeida, construída por Machado de Assis e palmilhada por Lima Barreto, sob a inspiração da vida e dos costumes desta heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Carioca de Vila Isabel, colheu no bairro modesto a soma inicial de observações que iria alargar para o estudo do meio, dos personagens e do conjunto dos outros bairros, na homogênea paisagem de uma sociedade que lhe coube ver às vezes com sarcasmo, mas sempre com amor.

Fez, por isso, obra imperecível, como a dos escritores que a ele são comparados e como ele tiveram por cenário a vida carioca, para que, na nossa história literária, se haja completado a trindade gloriosa: Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo. Fechou-se, com sua obra, o triângulo de uma construção que dá ao Rio o sentido perfeito de vivência, interpretação e entendimento, para que, pela literatura, perdurem no tempo e no espaço três momentos distintos da sua evolução social.”

De Cândido Motta Filho:

“Sr. Presidente. Vou dizer, assim de improviso, algumas palavras, levado mais pela emoção do que pelo raciocínio. E nelas quero recordar aqui Marques Rebelo, amigo de quarenta anos, sem discrepâncias e sem contratempos.

Conheci-o em São Paulo, onde andávamos pelas ruas da cidade e pelos cafés, ele, Schmidt, Santiago Dantas e eu, em conversa principalmente sobre os problemas da literatura e, notadamente, da criação literária.

Eu, preocupado com a política exacerbada depois do movimento de 30 e com a literatura posta em foco com novas cores, depois do movimento de 22. Lembro-me que, ao propósito, me disse certa vez :“Motta, você tomou parte na Semana de Arte Moderna, que não foi nem uma semana e, muito menos, moderna!”

Era o seu temperamento crítico, batendo em cheio num tema que passava como indiscutível.

Mas, a verdade é que, desde esse tempo, até agora, nele vi um amigo de todas as horas e um grande escritor.

Na última sessão em que aqui compareceu, sentado ao meu lado, começou por analisar, um por um, os acadêmicos: — a gravata de um, os gestos de outro, ar severo deste, a despreocupação daquele...

Chamei-lhe a atenção, dizendo: — “Você não se corrige, Rebelo. E desta vez, está mais observando do que criticando...”

E, ele, com um sorriso que eu não sei bem se foi um sorriso, me respondeu: — “Você está enganado, Motta. Eu estou é me despedindo...”

Fiquei naturalmente emocionado e retruquei: — “Que brincadeira de mau gosto!”

Rebelo quis justificar-se, com os olhos passeando pela sala: — “Não estou brincando! Posso dizer assim, porque estou passando muito bem. Muito bem mesmo. Estou me despedindo, porque vou viajar...”

Fiquei calado. E aqui me calo, com as últimas palavras de saudade e de reverência por um escritor de verdade, que soube honrar as letras nacionais!”

De Alceu Amoroso Lima

“Sr. Presidente, não era minha intenção falar nesta sessão sabendo que outros, muito mais autorizados por todos os motivos, fariam sobre Marques Rebelo; o que aqui ouvimos da parte dos seus amigos, dos companheiros, analisando a sua pessoa, analisando a sua obra, analisando o seu passado e o seu presente, dispensaria qualquer outra palavra. A única contribuição que eu posso trazer a este simpósio é de falar

como personagem de Marques Rebelo. Ninguém ignora, eu penso, que o crítico literário que ali aparece pintado com aqueles traços terrivelmente caricaturais que eram típicos do nosso grande mestre e amigo representa uma tradução literária de quem aqui vos fala. E, para mim, é uma das grandes honras da minha vida ter sido e poder aqui nesta sessão de saudade falar como um dos seus personagens. Nem a todos é concedida esta honra. De modo que venho aqui, em nome dos personagens de Marques Rebelo, dos meus companheiros, daqueles que nasceram de sua pena, embora caricaturados por ele. No dia em que aqui nos encontramos pela primeira vez, a primeira palavra que eu lhe disse foi: "Sans rancune", tanto mais quanto Schmidt, que tinha sido seu companheiro de quarto, se não me engano, em Vila Isabel, no dia em que Marques Rebelo foi eleito, inclusive pelo voto deste seu personagem, disse assim: — "Seu Alceu, vocês puseram lá um capeta, não é?" Respondi-lhe: — "Não — depois de algum tempo em nossa companhia vi que pusemos lá alguém que reúne em si duas personagens de Shakespeare, Caliban e Ariel." Portanto, ele era ao mesmo tempo um criador de personagens próprias e animador de personagens alheias. Como carioca, eu me senti sempre honrado por ser seu companheiro de cidade e de país, porque afinal de contas o Rio não é uma cidade —, Afonso Arinos disse tão bem isto: — "O Rio é um País." O Rio é uma Nação e nós, cariocas, sentimo-nos realmente honrados com o que disse esse mineiro tão ilustre. E Marques Rebelo foi para nós, cariocas, personagens ou não de seus romances, realmente um companheiro, um criador e uma criatura. Para mim ele foi criador e criatura ao mesmo tempo como dificilmente podemos encontrar símile em nossa vida."

De R. Magalhães Júnior

"Sr. Presidente, Alceu Amoroso Lima disse tudo quando declarou que não era possível dizer-se mais nada a respeito de Marques Rebelo depois dos discursos já proferidos e iniciados pelo trabalho de José Honório Rodrigues, na verdade um primoroso ensaio crítico sobre a obra do grande escritor carioca. Quero apenas declarar que deixei algumas lembranças de Marques Rebelo num pequeno artigo que ontem publiquei na revista *Manchete*. Peço a V. Ex^a que o anexe às palavras que estou proferindo, como se tivesse vindo a esta

tribuna para fazer sua leitura. Acrescento ainda que Marques Rebelo, além de grande contista, do admirável romancista, foi uma natureza epigramática como poucas tenho conhecido. No seu tempo, acredito, só Oswald de Andrade, gigante da sátira e do epigrama, seria capaz de superar Marques Rebelo. Quero lembrar aqui um dos seus epigramas. Não direi os nomes dos dois escritores, mas, com um deles, havia brigado recentemente. Numa ocasião, ele propôs que aparecesse Chapot-Prevost às avessas para ligar dois grandes escritores nordestinos, e então explicava: "Um tem muito o que contar, mas não tem língua; o outro, tem muita língua e não tem nada o que contar." Isto com os nomes dos personagens, disparado na Livraria José Olympio, numa das tardes de maledicências, habituais naquele local, pode-se imaginar a estralada que causou."

O Marques Rebelo que Poucos Conheciam

Se Eddy Dias da Cruz tivesse sido candidato a uma vaga da Academia Brasileira de Letras provavelmente não teria tido um só voto. Era um ilustre desconhecido e seria rematada insensatez querer um lugar na Casa de Machado de Assis. Ainda bem que o descendente do velho político carioca, com o nome na Rua Dias da Cruz, não se candidatou. Quem o fez foi o contista, romancista, biógrafo e poeta Marques Rebelo. O pseudônimo triunfou sobre o homem, ainda uma vez. E decerto triunfará mais uma, quando for inscrito em vez do nome civil, numa lápide do mausoléu da Academia Brasileira de Letras.

Marques Rebelo, pseudônimo que ele construíra juntando dois nomes ilustres das letras portuguesas, foi sempre uma figura surpreendente, um homem capaz de atitudes imprevisitas. Poucos sabem que ele começara sua vida literária como poeta. Publicara seus primeiros poemas na antiga *Ilustração Brasileira*, dirigida por Álvaro Moreira, na mesma época em que Carlos Drummond de Andrade se apresentava como um simbolista retardatário. Depois, veio em 1930 a revelação súbita do contista, com *Oscarina*. Surgia um prosador já feito, completo, sem nada a acrescentar ou a amputar. Era um grande contador de histórias, continuador da linha de Machado de Assis e de Lima Barreto. Vitória definitiva, mal tinha o autor tirado a farda e as perneiras com que, como sorteado, prestara serviço militar no Realengo. Era um carioca

versando temas cariocas, cheio de amor por sua terra, pela Vila Isabel, onde nascera, e pela Tijuca, onde se criara. E torcendo furiosamente pelo América, o maior clube de futebol do mundo. Do seu mundo. Entre triste e alegre, homem de alternativas, ora deprimido, ora eufórico, ninguém mais amigo do que ele, quando amigo, e ninguém mais irritante e terrível, em suas impicâncias e irreverências, quando inimigo.

Num convívio de 40 anos, não lhe conheci senão o lado amável, a generosidade do coração, o calor humano. Outros não tiveram a mesma sorte. E a muitos ouvi expressões ferinas, ou grosseiras, em relação ao escritor que sabia manejar tão bem a sátira e o sarcasmo. Quando ia se travar a eleição acadêmica, houve quem cabalasse, dentro da Academia, contra ele, afirmando que não era homem de bom convívio. E lembrava um incidente, na antiga Livraria José Olympio, que degenerara em luta corporal. Dizia tal pessoa: "E agora? Será que querem me forçar a conviver com um brigão desses?" A campanha se desfez ao encontro da resistência dos que achavam mais do que justa a aspiração de Marques Rebelo. E que aconteceu depois? O brigão se revelou o mais suave, o mais cordato, o mais doce de todos os companheiros. Era outro Marques Rebelo. Podia dar lições de cavalheirismo e de bom-tom aos acadêmicos de mais requintada cortesia.

O contista Marques Rebelo preponderou sobre o romancista. As páginas de *Oscarina*, de *Stela me Abriu a Porta* e de *Três Caminhos* podem ser colocadas nas mais exigentes antologias de boa prosa brasileira. Isso não significa que os seus romances sejam destituídos de interesse. *Marafa*, com o qual ganhou um dos prêmios instituídos pela Companhia Editora Nacional, na década de 1930, realmente mereceu o prêmio que obteve, em chave com obra como *Música ao Longe*, de Érico Veríssimo, e *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus. Mas o grande romance de Marques Rebelo é *A Estrela Sobe*, comparável aos melhores de ambiente carioca, saídos da pena de Aluísio Azevedo e Lima Barreto, como estudo do meio e dos tipos que se agitavam no ambiente de rádio e dos cassinos do Rio de Janeiro, no período em que Carmem Miranda, Linda Batista, Odete Amaral, Dirce Batista e Dalva de Oliveira eram as figuras em maior evidência.

Seus últimos anos foram consagrados a um plano ambicioso: um romance cíclico, em fragmentos, luminosos e cor-

tantes, como os de um espelho partido. Publicou os três primeiros volumes de *O Espelho Partido*, contendo alguns esboços de retratos cruéis, facilmente reconhecíveis. É um romance-rio (o primeiro volume tem como título, aliás, *O Trapicheiro*, que flui das encostas da Tijuca), que não sei dizer se daria, terminado, a impressão de conjunto que o autor pretendia transmitir: a de um grande painel da vida contemporânea brasileira, sem a nostalgia proustiana, antes com uma corrosiva atitude crítica. O segundo volume tinha como título *A Mudança*. E o terceiro, *A Guerra Está em Nós*, trouxe a fragmentária narrativa até 1945, entremeando-a de alusões a Hitler, Mussolini, Getúlio, etc. Fora do plano da ficção, escreveu a biografia de Manuel Antônio de Almeida, o grande romancista das *Memórias de um Sargento de Milícias*, uma espécie de bisavô literário de Marques Rebelo. Obra escrita com amor e admiração, essa biografia tem uma história. As afinidades entre os dois eram grandes: a mesma prosa fluente e enxuta, o mesmo entranhado afeto pela terra carioca, o mesmo interesse pelas figuras humildes, os seresteiros boêmios, os perseguidos da polícia, a gente da rua.

Quando Gustavo Capanema, que era o ministro da Educação e Saúde, resolveu promover uma série de conferências sobre "Os Nossos Grandes Mortos", alguém lhe falou na devoção de Marques Rebelo por Manuel Antônio de Almeida. Este era menos um grande morto do que um dos nossos grandes esquecidos. Convidado pelo ministro, Marques, que não era homem de discursos e, avesso a exibicionismos, não gostava de aparecer na tribuna, fez das tripas coração e proferiu a conferência. Não se satisfez com isso. Ampliou-a, enriqueceu-a com outras notas e pesquisas, publicou-a em volume. Enfim, começava o Maneco de Almeida, amigo e animador de Machado de Assis, a ter pelo menos a base do monumento em que se assentaria a sua glória. Marques Rebelo voltou às coleções de velhos jornais, sujou novamente os punhos debruçado sobre os volumes tão pouco consultados do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro*. Em cada um desses mergulhos nos insondáveis abismos da imprensa dos tempos imperiais trazia algumas pérolas novas, para o aperfeiçoamento de seu livro, que, na segunda edição, passou a ser outro. Fez ainda uma bibliografia e uma antologia de Manuel Antônio de Almeida. Se cada valor autêntico das letras brasileiras encontrasse um devoto como Marques Rebelo, muitos

outros nomes injustamente esquecidos passariam a gozar a glória póstuma a que fazem jus. Dedicando-se a Manuel Antônio de Almeida da forma pela qual se dedicou, Marques Rebelo mostrou mais uma vez a riqueza de seus sentimentos de carioca e de escritor, de homem capaz de admirar e de louvar. É isso também o que salta aos olhos de quem lê suas *Suites Brasileiras*, ou *Cenas da Vida Brasileira*. Aí também, através do anedótico, das páginas humorísticas, das pinceladas cômicas em que, de forma incomparável, retrata sinteticamente personalidades e situações, há também um fundo de ternura e de amor. E Marques ainda mais brasileiro se torna em suas crônicas de viagem ao estrangeiro. No seu próprio país, ele andou por toda parte, com botas de sete léguas. Levou exposições a cidades onde nunca se tinha ouvido falar em pintura. Menos, ainda, em pintura moderna. Espalhou por lugares recônditos a arte de José Pancetti, de Da Veiga Guignard, de Santa Rosa, de Djanira e de uma porção de outros brasileiros. Comunicou seu entusiasmo a muita gente. Refletiu o de outros ou fez permuta de entusiasmos. Foi assim com o mineiro Francisco Inácio Peixoto, esse incrível dono de colégio (e também escritor) de Cataguases, que enobreceu as paredes de seu estabelecimento com murais de Portinari.

Conheci Marques Rebelo quando era chefe da propaganda da Nestlé no Brasil, querendo fazer uma campanha para substituir a cachaça, a cerveja e outras bebidas pelo leite condensado. Iríamos ter uma grande geração de atletas. Depois, deixou a Nestlé e me disse: "Ora! Deixe essa gente beber sua cachacinha." Chamei-o para colaborador de uma das revistas que dirigi para a empresa *A Noite*.

Marques escrevia contos, escrevia crônicas, traduzia Brett Harte (outra de suas devoções) e, eventualmente, Mark Twain. Mas, de quando em quando, alegava falta de tempo. "Olhe aqui, no lugar da minha colaboração, você podia dar uma coisa do Arnaldo Tabaiá ou do Ésio Pinto Monteiro." Eram amigos que queria impor e que, por timidez, não ousavam aparecer nas redações. Com o primeiro, colaborou num livro infantil, *A Casa das Três Rolinhas*.

Mas nada dá melhor a medida do verdadeiro Marques Rebelo — o que se escondia por trás da máscara do sarcasmo e da ironia — do que seu gesto para com um anônimo que lhe

mandou, do interior da Bahia, um romance inédito. Para um profissional cheio de ocupações, uma coisa dessas é o que há de menos desejável. O primeiro impulso de um coração egoísta é devolver o calhamaço, ou atirá-lo na cesta dos papéis inúteis, culpando depois o correio ao ser interpelado pelo distante autor: "Juro que não me chegou às mãos... Também, com esse serviço postal!" Pois Marques, o cético, o irônico, o sarcástico, não fez nada disso. Desatou o calhamaço e leu. Leu e ficou fascinado. Respondeu: "Venha, quanto antes, para o Rio. Ficaré hospedado na minha casa, até dar um jeito na vida." O calhamaço tinha como título *Cascalho*. O autor era um modesto serventuário da Justiça e ajudante do pai, farmacêutico, no interior da Bahia.

Marques recebeu o baiano como se fosse um irmão mais novo. Deu-lhe conselho: "Corte aqui, aumente ali, reforce aquela passagem." O romance tem hoje várias edições e está traduzido para quatro ou cinco línguas. O anônimo dirige hoje uma revista ilustrada e até há poucas semanas sentava-se ao lado de Marques Rebelo, na mesa reservada aos diretores da Academia Brasileira de Letras. Chama-se Herberto Sales. Para este, não morreu na semana passada um simples amigo. Morreu um irmão mais velho.

Politicamente, Marques Rebelo era muito instável. Pertencera, como eu, ao grupo de *Diretrizes*, todo esquerdizante. Quando caíra a ditadura de Getúlio Vargas, participamos da alegria quase carnavalesca que então predominou. Morávamos, por sinal, no mesmo edifício, à Praia de Botafogo nº 48. Tempos depois, do meio para o fim do governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, Marques me procurou: "Se quiser cortar relações comigo, corte agora." Quis saber por quê. Explicou: "Porque vou daqui ao apartamento do Getúlio, aqui na Avenida Rui Barbosa. Pedi para ser recebido e vou aderir a ele." Respondi-lhe que era um direito seu e que, por mais que me surpreendesse tal atitude, jamais cortaria relações com um velho amigo por tal motivo. Marques ficou feliz e me disse, ao estender-me a mão: "Pensei muito e acho que só através de líderes de grande prestígio popular é possível reformar alguma coisa no Brasil. O povo, mesmo, só se interessa por duas coisas: futebol e carnaval." Fez uma pausa, para completar: "Aliás, ótimas."

De Francisco de Assis Barbosa

“Sr. Presidente, realmente depois de tantos discursos, de tantas manifestações, sinto-me perplexo para falar de um amigo querido que conheci quando cheguei ao Rio de Janeiro, creio que em 1932, e a quem estive ligado durante todos esses anos. Quantos amigos tinha Marques Rebelo? Uma legião. Na longa agonia em que todos nós penamos, assistimos em sua casa não só a um desfile de acadêmicos, de artistas e escritores, mas também de gente humilde. Antigos companheiros da Companhia Nestlé, antigos empregados do laboratório de seu pai e até mesmo a sua velha Babá com o marido, que diariamente iam perguntar pelo estado de saúde do doente. A sua Babá, a quem Rebelo menino fazia de cavalinho como ela mesma contava, ia regularmente à sua casa todos os meses e, embora essa Babá fosse uma pessoa que ainda não soubesse sentar-se muito bem à mesa, era uma figura obrigatória na mesa de Marques Rebelo. A velha Babá, nas suas visitas mensais à casa do nosso querido amigo, ocupava uma posição de destaque na mesa. A casa era limpa, honesta e honrada. Conheci Marques Rebelo pelo menos em quatro ou cinco casas. A arrumação dos móveis sempre tinha a mesma característica. Rebelo era uma figura singular, não era um homem de quem se possa dizer: foi um homem mau, foi um homem bom, não, ele tinha uma carapaça em que escondia um coração enorme. Assistimos a essa coisa extraordinária: um jovem amigo num avião veio de Paris para estar presente aos últimos momentos de Marques Rebelo; Chico Peixoto veio da sua Cataguases, atormentado pela notícia de que o amigo estava à morte e arranjou condução num caminhão de leite, e fez toda a viagem para ficar ao lado do seu grande amigo; vimos Walter Benevides, o mais antigo amigo de Marques Rebelo, cinqüenta anos de amizade, diariamente à sua cabeceira; sabíamos que todos os dias Paulo Mendes de Almeida e Aparecida telefonavam de São Paulo perguntando pelo estado de saúde de Marques Rebelo. Um homem assim, que só admitia a amizade de um modo incondicional, porque não sabia ser amigo a não ser incondicionalmente, realmente era uma figura extraordinária. Isto, o homem. O escritor, este ficará. Não sei qual foi o maior li-

vro ou a maior página de Marques Rebelo. Ele é autor de algumas das melhores páginas escritas nestes últimos anos em toda a sua geração, na literatura brasileira. *Vejo a Lua no Céu*; *Circo de Coelhoinhos*; *A Estrela Sobe*, talvez o seu romance mais perfeito. Mas eu me lembro também de uma página admirável do Rebelo: a descrição do carnaval na Avenida Rio Branco, em *Marafa*, com Teixeira. É esta realmente uma das páginas mais admiráveis da literatura brasileira em todos os tempos. O escritor foi grande e ficará, ficará e cada vez maior, porque haverá a perspectiva do tempo e nós então poderemos apreciar em toda a sua grandeza o que foi aquele homem irreverente, um homem autoritário, mas um homem sincero, um homem bom, com a sua aparência de de homem mau, de boi-da-cara-preta, mas na verdade capaz de fazer amigos dedicados como os que acabei de mencionar. E não posso deixar esquecer dois ou três nomes que estão aqui presentes: Hamilton Ferreira, seu companheiro de tantos anos, seu companheiro também do América, porque uma das coisas que Marques Rebelo mais amou foi justamente o América Futebol Clube. Uma vez cheguei em sua casa, num domingo à tarde, e vi Marques Rebelo diante do aparelho de televisão. Ele estava assistindo a uma partida de juvenis, do América contra o Flamengo. Aliás, o América venceu, deixando-o muito alegre. Outro amigo, Paulo Silveira, nosso companheiro de jornal, uma figura humana realmente notável, um grande jornalista e que foi seu companheiro tantos anos; e finalmente o advogado Antônio Bulhões, figura admirável cujo livro de contos foi uma revelação alguns anos atrás, um dos amigos mais dedicados de Marques Rebelo. Um homem que sabe fazer tantos amigos só pode ser uma figura excepcional. E assim foi esse nosso companheiro, a quem devo em grande parte a minha eleição para esta Casa, porque foi de Marques Rebelo que partiu o primeiro pensamento, a primeira idéia de que eu pudesse ocupar um dia uma cadeira na Casa de Machado de Assis. Peço-vos desculpas pelas palavras tão desalinhas, desconchavadas, que proferi, porque realmente tendo escrito alguma coisa e tendo deixado em casa duas ou três laudas a respeito de Rebelo, o que eu posso dizer neste momento de grande emoção e de grande perplexidade é que o que vai permanecer de grande na obra de Marques Rebelo, além dos contos, são os pequenos quadros da

vida carioca que ele, como ninguém, ou como só talvez Machado de Assis e Lima Barreto, pôde fixar em toda a sua grandeza, em toda a sua poesia.”

De Odylo Costa, Filho

“Sr. Presidente, Alceu Amoroso Lima disse que falava em nome dos personagens de Marques Rebelo, e eu de certa maneira poderia falar também em nome de suas vítimas, porque um dos epigramas desse romancista, quando comecei a fazer crítica literária no *Diário de Notícias*, foi o seguinte: “O Sr. Odylo Costa, filho não é comunista. Isto é talvez uma das poucas coisas que se podem dizer em favor do Partido Comunista do Brasil.”

Este epigrama não interrompeu absolutamente nem a nossa camaradagem nem a minha admiração por Marques Rebelo. Eu o admirava, e o exemplo que cito faço-o do ponto de vista estritamente literário, miniaturista. Recorda-me, de certa forma, o Evangelho de São Lucas. Fazer a miniatura, fazer o pequeno quadro, é arte tão grande quanto fazer o painel. A arte não se mede pela extensão, mas pela força. Marques Rebelo tinha realmente essa admirável força nos seus pequenos contos, nas suas pequenas histórias, como só um carioca possui. Isto já foi dito aqui muitas vezes, mas é preciso não esquecer.

Em relação a tudo quanto escreveu, Marques Rebelo era um viajante, sendo um morador do Rio de Janeiro. No resto, ele era um passageiro, nas cenas da vida brasileira, nos lugares por onde havia andado, no Brasil e na Europa. Aqui ele morava, seu barco veio de Vila Isabel e terminou por ancorar nas Laranjeiras. E há uma coisa muito curiosa a notar: é que nos seus primeiros contos, a figura humana prevalece sobre a paisagem como nos contos de Machado de Assis, como nos contos de Lima Barreto, de Ribeiro Couto, seus grandes antecessores. Entre os últimos, porém, há um que ele abriu com a descrição da paisagem do vale das Laranjeiras. Quer dizer, a terra passa a tomar o primeiro lugar, o mundo exterior vem para o primeiro plano e já não se trata então daquelas almas desamparadas, da alma da criança, do circo dos coelhinhos, da alma do pequeno funcionário de subúrbio inteiramente desamparado no mundo. Não são figuras da multidão solitária, mas a do ser humano solitário. Esse ser humano só era carioca intrinsecamente;

na realidade ele era um ser colocado diante do seu total desamparo, embrenhado de tristeza, encharcado de tristeza.

Como eu dizia, nunca interrompemos a nossa camaradagem. Quero contar aqui um episódio final para mostrar a delicadeza e a veracidade de Marques Rebelo. Na véspera da minha eleição para esta casa, Marques Rebelo, que era notoriamente dos que votariam em mim, telefonou-me para dizer que no dia seguinte não desejava comer dos tremendos pitéus nordestinos que ele julgava seriam oferecidos: arroz de cuchá, do Maranhão, prato que ele temia pudesse prejudicar a sua saúde. Disse-me então: "Você está eleito. Nós vamos amanhã jantar em sua casa, eu e a Elza, e queremos picadinho com quiabo e abóbora."

Fez-se o picadinho, e Marques Rebelo, dos primeiros a chegar à minha casa, foi logo dizendo: "Estás eleito, mas não votei em ti para que não fosse muito humilhante a derrota do meu amigo que era teu concorrente." Dei-lhe um abraço e continuamos os amigos de sempre. Esta é a coragem de dizer o gesto que tinha feito, a *delicadeza* moral de votar no concorrente. O senso de veracidade, que é a base de toda amizade, era também um dos traços do perfil de Marques Rebelo. Acentuaram-se aqui outros, a capacidade de sarcasmo, a ternura, e quero acentuar este: a capacidade de ser amigo sendo veraz."

De Barbosa Lima Sobrinho

"Sr. Presidente, os pronunciamentos que acabamos de ouvir na Academia revelam bem que ela tem consciência do vácuo que representa a perda de um grande valor literário como era Marques Rebelo.

Confesso a V. Exa. que escrevi algumas linhas que vou publicar no *Jornal do Brasil*, no próximo domingo, para recordar essa figura humana e esse grande escritor. Quero dizer que estive sempre entre os que desejaram a vinda de Marques Rebelo para a Academia sem cogitar, nunca, se ele sabia ou não sentar-se bem, porque sempre tive a convicção de que a Academia existe para a consagração de valores literários. Quando fizemos aqui, na Presidência de Peregrino Júnior, um curso sobre o conto brasileiro, fui incumbido de falar a respeito do conto urbano. Sentia-me naturalmente sem qualquer qualidade para tratar desse tema. Mas, esforçando-me como sempre para cumprir as atribuições de que

a Academia me encarrega, ao fazer a conferência sobre o conto urbano, referindo-me a Marques Rebelo, lembrava que ele tomara para centro da ação de seus personagens os mesmos subúrbios de Lima Barreto, os subúrbios da Central do Brasil, onde se encontram os comerciários de vida modesta, os funcionários carregados de famílias e de compromissos, gente que à tardinha vai para a frente da casa, gozar a fresca de palito na boca e paletó de pijama listrado, gente que ama e que sofre, sobretudo que sofre. Marques Rebelo conhece os ambientes de miséria que a cidade procura ignorar e vai buscá-los nos quartos dos barracões. No fundo desse realismo há, como em Lima Barreto, um revoltado, mas um revoltado que às vezes passeia as suas Oscarinas pelas ruas dos subúrbios, para lhes proporcionar um pouco de felicidade, com aquele amor que sabe ser amor, mesmo quando só vê em Cupido um boneco pançudo.

Era assim que nós já o víamos na Academia, antes mesmo dele chegar ao que era... de certa maneira, antecipávamos o voto para a eleição a que concorresse. Não o conhecia; entretanto, pois que meu velho amigo Múcio Leão, de quem eu era, de certo modo, nos pleitos acadêmicos, uma espécie de *alter ego*, era quem se entendia com ele para animá-lo a que se candidatasse à Academia. Aqui dentro é que vim a conhecê-lo, encontrando nele a mesma preocupação em que se inspirava Múcio Leão, com o sentimento de uma profunda consciência literária, das maiores que a Academia tem encontrado nesta Casa, porque eu nunca vi Marques Rebelo se colocar senão ao lado dos verdadeiros escritores, pugnando realmente pela elevação e prestígio das letras brasileiras com uma coragem, com uma decisão, que soube manter durante toda sua vida e uma coerência surpreendente num homem que nunca fez questão de coerência, porque a considerava virtude talvez secundária ou até mesmo desprezível. Mas, em relação à consciência literária nos votos das comissões ou na escolha dos candidatos, nunca teve desfalecimento nem transigências. E é isto que nos vai faltar daqui por diante, é nesse ponto que mais vamos sentir a sua falta, quando recordamos a coragem com que mantinha essas atitudes e a bravura com que defendia os seus votos. Sabemos o que isso significa e o que isso vale para a Academia. Daí, Senhor Presidente, neste momento, a sensação de vácuo que

emanou dos discursos que foram pronunciados. É realmente motivo de uma grande tristeza saber que nos faltará, daqui por diante, um dos melhores combatentes com que contávamos para manter a Academia exemplarmente fiel aos seus deveres literários.”

De Pedro Calmon

“Sr. Presidente, uma breve palavra como a conjuntura e a natural emoção recomendam, neste momento, uma palavra reflexiva e complementar. Aqui falou-se admiravelmente, eloquência simples, porque sem pretensão, mas unvida de ternura e também umedecida de lágrimas, do jeito irônico, de senso maravilhoso da sátira, do humorismo pertinaz e literário de Marques Rebelo. Quero chamar a atenção dos meus companheiros para a circunstância de que, entrando nesta Casa, renunciou Marques Rebelo, no decurso dos nove anos de convívio conosco, a esses predicados ferinos e perigosos, ao lado agressivo e beligerante do seu espírito. Jamais lhe ouvimos na Academia, sentado naquela cadeira a par do Presidente, olhando com a malícia funda dos seus olhos observadores atrás das lunetas reluzentes dos seus óculos, o plenário dos seus amigos, uma alegre frase que nos ferisse, uma ironia que nos dividisse ou que produzisse no plenário uma reação amarga. Jamais nele percebemos o que na sua obra constitui aquela graça a um tempo transparente e flutuante. Ele renunciou a ser o humorista que foi lá fora, para ser aqui dentro o bom companheiro. Se transportasse as minhas palavras, que são um depoimento, para o estilo do discurso, eu lembraria o homem peregrino, o homem romeiro que deixa à porta do Templo as sandálias enlameadas com toda a poeira, com toda a lama dos caminhos, para dentro, no Templo, a sua, a nossa Casa, ser o fiel integral. Aquele que se ajusta ao sentimento da coletividade, aquele que cultiva a ética da campanha que faz a vida amena, gostosa e digna de ser vivida. Dizendo este depoimento, que é, repito, complementar da crítica que se faça do homem, do escritor, porque realmente em Marques Rebelo, a começar pelo nome e a terminar pela biografia, há uma dissociação entre o homem real que ele era, e a sua obra e os seus livros, admiramos esta renúncia maravilhosa daquilo que constituía a originalidade mais viva e mais brilhante do seu espírito, para ser o delicioso colega, sobre cuja ausência vertemos do coração uma lágrima de sentida saudade.”

De Vianna Moog

“Sr. Presidente, há pouco o nosso colega Aurélio Buarque de Holanda observou que o ‘dito e esquecido vale pelo não dito’. Esquecido que foi o que tive ocasião de dizer sobre Marques Rebelo no meu livro *Heróis da Decadência*, publicado em 1934, peço permissão para recordá-lo. Dizia eu ali que Marques Rebelo, romancista de costumes e grande humorista, representava a continuidade da obra do autor de *Dom Casmurro*, na representação do núcleo cultural da Guanabara. Dizer de alguém que ele continua a tradição de Machado de Assis, creio que não é pouco dizer. Muito obrigado.”

De Antonio da Silva Mello

“Sr. Presidente, as poucas vezes que estive com Marques Rebelo, percebi qualquer coisa de um frio, de uma incompreensão, talvez motivada pelo nosso grande silêncio. Eu olhava para Marques Rebelo e ficava a pensar: ‘O que se passará ali dentro?’ — Provavelmente ele pensava o mesmo de mim. E assim ficávamos sem trocar uma só palavra. Um dia, ele bate no meu ombro e diz: ‘Olha, você me salvou a vida! Deu-me até o remédio, sabe? E foi verdade. No dia seguinte, verifico na minha ficha de consultório que ele havia ido várias vezes lá. Sofria então de uma amebíase que, naquela época, era uma doença gravíssima, sem cura. Perdi diversos doentes com esta doença. Felizmente, numa revista alemã apareceu um artigo com um novo medicamento que tinha ainda o nome de Cento e Cinco. Mandeí vir o medicamento, pois estava com oito doentes gravíssimos. Dessa maneira, Marques Rebelo, que também estudou uma parte de Medicina, conhecia tudo isso, e me disse o seguinte: “Silva Mello, você me salvou a vida e ainda me deu o medicamento.” Esse medicamento praticamente desconhecido na época, eu também apliquei a um doente de Palmira, daqueles que iam morrer, e que, vindo ao Rio, ficou completamente curado com o tal remédio. Hoje, essa doença não tem importância nenhuma, é uma doença banal, curável com toda a facilidade. Nada tem mais de perigosa e mortal. Meu doente de Palmira era holandês, passou uma temporada na Europa e, de volta, esteve no meu consultório e disse: “Dr. Silva Mello, a Medicina no Brasil é a que há de mais adiantada no mundo. Na Holanda, consultei dois ou três médicos; na Bélgica, em Paris, os médicos nunca tinham ouvido falar nesse medicamento”, coisa até certo ponto natural, pois se tratava de uma doença

tropical. Eu acompanhava aquilo passo a passo, e os de lá não tinham conhecimento, ignoravam completamente, daí o entusiasmo do holandês com a nossa Medicina. Eu não tive nenhum mérito, apenas copiara o tratamento e depois escrevi diversos trabalhos sobre essa doença. Bem, Marques Rebelo era fechado, realmente soturno, e eu estou sofrendo quase da mesma coisa. Para mim ele era como que um espelho terrível não partido. Fizemos depois uma grande camaradagem, e quando estávamos juntos logo ele abria um sorriso tão delicioso, tão amável, tão querido, que eu sentia um grande prazer em olhar e conversar com Marques Rebelo. Um dia ele chegou à Academia e me disse: "Silva Mello, eu trouxe para você uma pequena coisa." Era um livro dele, tendo marcadas as páginas em que figurava Gastão Cruis. Ele fora amigo íntimo de Gastão, como eu também fora. Deu-se, por isso, ao trabalho de marcar todas aquelas figuras que eram descritas, mas sem nome, e me dá a chave e diz: "Trouxe isso para você ver quem é o Gastão. É um homem admirável", etc. Foi daí que fiquei conhecendo a seriedade, a profundidade, a psicologia que ele empregava, a realidade daqueles casos através de Gastão Cruis, citado diversas vezes. Marques Rebelo é esse que ouvi hoje aqui, o autor dos livros que consegui ler com grande admiração, apenas com incapacidade absoluta de encontrar a chave para abrir aqueles enigmas de *O Espelho Partido*, chave que ele me deu no caso de Gastão Cruis. A última vez que o vi foi quando veio aqui para uma sessão acadêmica. Ele estava com um cigarro na mão, e então eu lhe disse: "Mas, Marques, você está fumando?" — Ele respondeu: "Olha, Silva Mello, eu já declarei ao meu médico que prefiro morrer a deixar de fumar." Achou graça e eu também, e essa foi a última conversa que tivemos. Vê-se por aí o que Marques Rebelo foi como ser humano. Eram estas as palavras que eu queria dizer."

De Cyro dos Anjos

"Sr. Presidente, estou sentindo que o Marques, lá de cima, me adverte, com um gesto de mão: 'Cyro, deixa a tua fala para outro dia, que a sessão já vai longa.' Abstenho-me, pois, de falar, mas estejam certos que me vejo mais ferido que ninguém, profundamente ferido com a morte do Rebelo."

De Mauro Mota

"Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos: a circunstância de o companheiro Cyro dos Anjos ter dito que esta sessão vai fi-

cando longa não me impede de, atendendo ao Presidente Austregésilo de Athayde, juntar o meu aos depoimentos aqui feitos sobre Marques Rebelo. Sobre o Marques Rebelo de múltiplos talentos, desde o, nele, nuclear de romancista aos de escritor (há bons romances mal escritos), os de contista, biógrafo, dramaturgo, memorialista, jornalista e de cronista, de expressão limpa de verbalismo, marcada em todos os períodos, de graça comunicante e viço.

Está certo o companheiro Antônio Houaiss, quando, há poucos instantes, disse que, “em relação a Marques Rebelo, não se deve dizer a palavra saudade nem a palavra distância”. Ele continuará mesmo em nosso convívio — nesta geração ainda com as lembranças de sua inquieta figura humana — através da obra à qual deu tanto de sua força de observação, análise, transfiguração e criatividade e que, sem qualquer mesura póstuma, é uma das mais importantes da literatura brasileira, de *Oscarina* a *A Guerra está em nós*.

Dentro de um campo difícil, o do romance urbano carioca, difícil porque nele encontrara Manuel Antônio de Almeida, com *Memórias de um Sargento de Milícias* e cuja biografia viria a escrever, Machado de Assis e Lima Barreto, para referir somente os autores maiores que o antecederam, Marques Rebelo obteve mais do que ser situado nesse campo: obteve situar-se nele, quero dizer, vê-lo, mais do que vê-lo, senti-lo e interpretá-lo com o seu próprio modo de ver, seu próprio sentimento, seu poder individual de entender os homens e as paisagens.

Daí a integração de Marques Rebelo no mundo do Rio de Janeiro. Daí porque, como viveu, ele viverá sempre nesta cidade; daí a sua resposta a um repórter que estranhara a sua nenhuma viagem ao exterior. Resposta de caçoada, mas de certo modo verdadeira: “Quando ultrapasso os ponteiros de Jacarepaguá começo a sentir saudades da pátria”.

De Osvaldo Orico

“Sr. Presidente, meu silêncio nesta sessão prolongaria uma inimizade por todos conhecida. Se falaram os personagens vítimas dos epigramas de Marques Rebelo, se falaram as vítimas não ressentidas de cutiladas, a voz de um desafeto tem, nesta hora, uma singular demonstração de apreço pela obra daquele que, por muitos anos, foi meu inimigo e eu inimigo dele, se não por culpa do saudoso confrade, por motivo da

minha intransigência. Várias vezes Marques Rebelo me prestou a homenagem de querer conciliar-se comigo. Numa dessas ocasiões, a gestão foi procedida através de Josué Montello. Tive, confesso, incapacidade de aceitar, porque nunca desci às interpretações dos seus mais reais e efetivos colegas e amigos, de que Marques Rebelo era um demônio. Necessitava soltar-se para viver. Guardei sempre a imagem do Tutu-Maramba, que me assustava, razão pela qual sempre evitei o convívio. Mas, como dizia Maeterlinck, "o sentido da vida é menos poderoso do que o sentimento da morte". A odisséia do romancista comoveu-me de tal modo que foi objeto de muitas conversas minhas com o Presidente e com Deolindo Couto, que o visitavam sempre. Ele partiu sem saber que — sentimental e mentalmente eu me havia reconciliado com sua personalidade, através de rezas e de votos pelo restabelecimento de sua saúde, sem que ninguém interviesse para isso, porque sabia na existência dele um lutador que não falhou a seu destino e ao seu dever, e cuja transformação ao transpor os umbrais desta Casa é motivo de júbilo para todos nós que conhecíamos através daquele capeta que logrou a eleição para a vaga de um santo do cristianismo, Magalhães de Azeredo. Sabemos que Marques Rebelo, depois do memorável discurso de posse nesta Casa, tornou-se um Acadêmico exemplar. Dou meu testemunho de que a nossa inimizade militante nunca sofreu uma estocada que pudesse reavivá-la. Por isso mesmo, sem que ele soubesse ou adivinhasse, eu indagava de seus amigos e convivas pelo estado de sua saúde como se fosse ele um dos meus melhores companheiros. Participo da impressão já aqui externada, de que tanto na lealdade ao voto aos verdadeiros escritores como também nos pareceres das comissões de que fazia parte, Marques Rebelo foi corretíssimo, um exemplar e autêntico magistrado literário. Cumprindo sua missão de maneira galharda, da maneira mais nobre, Marques Rebelo recomendou-se à minha estima íntima, demonstrando ao mesmo tempo devotamento aos compromissos assumidos como colega e confrade. De maneira que nesta sessão em que desrespeitamos seu pedido para que não houvesse discurso no seu túmulo, e como dizem os espanhóis pôr *añanidura* nas homenagens que lhe eram devidas, entendi do meu dever como brasileiro e como Acadêmico, não fugir a este depoimento em homenagem à lealdade, à fidelidade com que ele aqui exerceu seu mandato literário. Dessa forma, meus senhores

e minhas senhoras, nesta hora em que a Academia, pela totalidade dos seus membros, faz seu depoimento e rende sua homenagem ao escritor humilde que se consagrou devotadamente à sua missão, sem outras ambições senão de servir à vocação que lhe marcou a vida, desejo ilustrar estas palavras com o diálogo que, na véspera de sua morte, tive com Deolindo Couto, que sempre esteve à cabeceira do enfermo. Encontrando-me com esse confrade na rua Raul Pompéia, ele revelou: — “O nosso Rebelo está se acabando”. — “E não há meio de fazê-lo voltar à vida?”, indaguei. — “Se sobreviver ficará paralítico”, esclareceu Deolindo Couto. — “Então, — rematei a conversa — o pior para ele será o melhor”. Reconciliando espiritualmente com sua ausência, sem que ele o soubesse, deixo aqui este testemunho para juntar-me aos colegas que lhe reverenciaram a memória e desmentir o conceito tantas vezes repetido de que os inimigos não mandam flores”.

De Josué Montello

“Sr. Presidente, na minha ausência desta Casa, a Academia realizou a sessão de saudade em homenagem a Marques Rebelo. Se presente estivesse, teria acrescentado, à minha palavra de Acadêmico, o meu depoimento pessoal, depoimento que já deixei, em parte, na minha coluna do *Jornal do Brasil*, no artigo de terça-feira, escrito em circunstâncias curiosas.

Sr. Presidente, hoje ao entrar na Academia senti alterada a nossa casa, com a ausência do nosso companheiro, que tinha o seu lugar à esquerda de V. Exa., no plenário, e o seu canto na sala de estar onde era dos primeiros a chegar. Quando vim para o Rio, em começo de 37, Rebelo era já uma figura notável na vida intelectual brasileira. Tinha acabado de conquistar o Prêmio Machado de Assis, com o seu romance *Marafa*. Mas era uma criatura de convívio ao mesmo tempo sedutor e temível, porque aliava — e creio que este traço já foi acentuado aqui — à sua ternura e ao encanto do seu convívio, uma certa agressividade, uma capacidade de ferir extremamente engraçada. Este lado era também acompanhado por uma faculdade de representar — ele talvez tivesse sido um grande ator se não fosse um escritor — porque sabia dizer esplendidamente suas frases, sobretudo suas frases maliciosas, suas frases malignas. Mas o convívio desfez este outro aspecto. A Academia tem esta vantagem para todos nós, acadêmicos. É uma instituição vitalícia

e nós aqui envelhecemos juntos, com uma singularidade: quando desaparece um companheiro, a Academia coloca outro em seu lugar, com idênticas peculiaridades. Pois bem, enquanto não temos um sucessor para Marques Rebelo vamos cultivar a saudade dele, saudade que é imperecível nesta Casa. Rebelo, com o qual convivi durante muitos anos de vida literária, soube ser também para comigo, na última fase da sua vida, um admirável amigo. E talvez as três últimas páginas que ele escreveu tenham sido suscitadas por mim, porque o convidei para escrever seu último livro sobre Manoel Antônio de Almeida — o que, aliás, ele fez rapidamente, com certo temor, me dizia, de que fosse a última coisa que estava escrevendo — e escreveu, também, um livro que ainda não está publicado, um guia do Rio de Janeiro, com quatro capítulos fundamentais, inclusive a página de abertura, uma espécie de visão panorâmica do Rio, feita por quem, realmente, conhecia a história do Rio nas suas minúcias. Ele recompõe aquele ambiente de Machado de Assis, Lima Barreto e dele próprio, em quatro capítulos primorosos e também um capítulo que eu lhe pedi para um livro sobre o carnaval carioca, livro que ele fez inteiro, e que deve ser publicado, possivelmente no começo do próximo ano, saindo em inglês, francês e espanhol, com a verdadeira história do carnaval, que Marques Rebelo conhecia como poucos, porque tinha não só o conhecimento de ordem cultural, mas, sobretudo, a vivência de quem era um verdadeiro folião. Vestia o seu dominó para os bailes carnavalescos com a mesma alegria e o mesmo *aplomb* com que chegava envergando o fardão de acadêmico. Rebelo é para mim a grande saudade, porque do nosso convívio o que ficou não foi a frase maliciosa que ele semeou ao longo do seu destino, o que ficou foi a ternura do companheiro; Sr. Presidente, foi para mim particularmente grato ter sabido dos depoimentos de Francisco de Assis Barbosa, de José Honório Rodrigues e também o de V. Exa., todos três acordes em que foi extraordinário para a Academia a incorporação da página do nosso companheiro Osvaldo Orico sobre Marques Rebelo. Fui eu quem, por várias vezes, teimou com o teimoso Osvaldo Orico para que reatasse as suas relações com Marques Rebelo. Se ele não reatou as relações na ordem afetuosa, podemos verificar que havia conservado a sua admiração pelo escritor. Ao fim da vida de Rebelo, de

repente a ternura pelo companheiro e a admiração pelo escritor fizeram com que fosse proferido esse depoimento à altura da Academia. Eu, que de balde tentei ser o autor da reconciliação, me rejubilo verificando que ela se fez, ainda que póstuma. Era este, Sr. Presidente, o depoimento que queria acrescentar às palavras de saudade aqui deixadas pelos nossos companheiros, certos de que Rebelo há de ser para todos nós, que tivemos a fortuna do seu convívio, uma perene presença.”

De Afrânio Coutinho

“Sr. Presidente, gostaria de dizer algumas palavras de saudade, acrescentando-as às que já foram aqui pronunciadas, pelo passamento do nosso companheiro Marques Rebelo. Não fui dos seus mais antigos amigos. Só privei com ele nos últimos anos, depois da sua entrada para a Academia. Nunca o havia encontrado antes. Guardo, no entanto, dele, grata recordação, pelo seu calor de vida, pelo seu espírito aberto. Na sessão de outro dia assisti a uma das falas sobre a qual, justamente, quero manifestar-me hoje. Foi o discurso de Afonso Arinos uma das coisas mais belas que aqui já foram ditas a respeito de um companheiro morto, bela pela grandeza, pela expressão literária, pela expressão crítica. Não é possível esquecer-se a beleza das frases que aqui foram proferidas e que me deixaram embevecido. Não sabia que Afonso Arinos era tão íntimo de Marques Rebelo para fazer dele o juízo que nos transmitiu e que nos deixou a todos encantados.”

De Antonio Houaiss

“Sr. Presidente, tenho certeza que se o querido Marques Rebelo pudesse estar nos ouvindo ele estaria entressorrindo de si para si pela falta de perspicácia de todos nós em relação a ele que se considerava uno, porque realmente já falamos vários e unanimismo não houve em torno nem da pessoa nem do escritor Marques Rebelo, e isso não deixaria de ser algo que seguramente iria aprazê-lo e muito. Porque o mistério fundamental da vida de Rebelo é de que foi uma vida dedicada à literatura. E literatura para ele era algo tão ricamente multifacetado que se sua literatura pudesse ser decifrada horas após a sua morte, com certo unanimismo dos seus intérpretes, seguramente estaríamos em face de uma literatura algo natimorta. As opiniões sobre o estilo de Rebelo, as opiniões sobre

os temas de Rebelo, as opiniões sobre a profundidade da matéria que versou, são as mais díspares e entretanto todas elas fundadas. É porque realmente existe nesse grande escritor, e não há nenhum exagero em empregar as palavras grande escritor, nesse grande criador brasileiro do século XX, uma tal riqueza de matéria que somente os anos poderão decantar para que nós possamos entrar na plenitude dela. Acabamos de perder um dos grandes escritores da língua portuguesa. Mas, Sr. Presidente, não poucos vacilaram entre a análise do escritor e a análise do homem. Certa vez, numa confiança pícara, há alguns anos, ele me perguntava num fim de noite, em bate-papo a dois: — ‘Afim de contas, qual dos dois é o maior? o homem ou o escritor?’ Evidentemente ele dizia aquilo com uma certa irreverência. Havíamos confidenciado sobre seus sentimentos, sobre seu passado, sobre sua vida, sobre seus planos e havia tanto de projeto humano e tanto de realização literária que a pergunta que ele me fazia, que nós nos fazíamos, não deixava de ter cabimento. Eu gostaria apenas de frisar esse fato. Ressalta-se a aspereza de Marques Rebelo, ressaltou-se a rudeza de Marques Rebelo, ressaltou-se até um pouco a falta de polidez no trato de Marques Rebelo, tudo isso muito relativo. Porque poucas pessoas, no que vai de minha vida, conheci que tiveram tantas e tão fiéis amizades, tantas e tão incondicionais amizades, como Marques Rebelo. Eu posso assegurar a V. Exa. que não é figura de retórica se eu disser que alguns homens, que algumas mulheres, se sentem definitivamente mutilados em parte de si mesmos com a perda de Marques Rebelo. Poucas pessoas souberam usar da amizade com tamanha grandeza, com tamanha generosidade, com tamanho desinteresse, como Marques Rebelo soube fazer. É este vazio do companheiro que vamos sentir muito. Mas, ele soube transfundir tanto de si para essas amizades que eu creio que muitas vezes acordamos de um sonho com Marques Rebelo, com um sorriso nos lábios, porque o que ficará dele é aquela força de viver, aquela coragem infinita de viver, que foi sempre tema para a sua literatura. Creio que o literato Marques Rebelo nasceu antes do cidadão Eddy Dias da Cruz. É neste sentido, Sr. Presidente, de que literatura para ele constituiu aquela área vazia da humanidade que é preciso preencher, que nenhuma ciência, nenhum saber, nenhum fazer, nenhuma técnica esgota; é aquele ponto que eu não diria neutro porque é fundamental,

que pode talvez dar um eixo de solidez, de amparo, de continuidade, em muitos homens. Era esse elemento, esse amparo, esse apoio, que ele buscava para si e para transmitir aos outros. A literatura foi sua razão de ser e nessa razão de ser, se houve uma evolução estilística, foi porque houve uma evolução de sua vida. Se houve momentos em que alguém pudesse ter preferências, a realidade é que no conjunto a sua obra é uma obra de tal relevo, de tal transcendência que só o tempo irá ter a capacidade de dar-lhe o devido valor. Eu não gostaria de usar a palavra saudade para com Marques Rebelo, eu gostaria de dizer que ele ficará para muitos de nós como uma doce, gostosa e eterna presença.”

OUTROS DEPOIMENTOS

Marques Rebelo e Augusto Frederico Schmidt *

O escritor Marques Rebelo, que durante trinta anos esteve rompido com Augusto Frederico Schmidt, nunca deixou de admirar o poeta. Conheceram-se quando tinham oito anos. Eram vizinhos, freqüentaram a mesma escola pública, em Copacabana. A amizade cresceu quando os dois passaram a se interessar por literatura; perdiam noites em cafés, recitando poemas e discutindo os grandes nomes da época, precursores do movimento modernista que surgia em 1922.

Schmidt, ao fundar sua editora, em 1931, escolheu o livro *Oscarina*, de Marques Rebelo, para fazer sua estréia no campo da divulgação literária. Porém, anos depois, próximo ao advento do Estado Novo, os dois amigos se desentenderam. E esse desentendimento, se bem que guardado em alto nível, durou até dezembro do ano passado, quando Marques Rebelo e Schmidt voltaram a apertar as mãos, como se nada houvesse acontecido.

Marques Rebelo diz que, na adolescência, ele e Schmidt participaram de muitas aventuras literárias, acompanhando,

* Quando morreu o poeta Augusto Frederico Schmidt, em fevereiro de 1965, Marques Rebelo relembrou, em entrevista a *O Globo* (edição de 10 de fevereiro de 1965), as suas relações com o poeta, as divergências que existiram entre ambos e os motivos da reconciliação. Reproduzimos a seguir o texto de *O Globo* publicado sob o título "Um gesto de Schmidt que fixa a sua grandeza moral", seguido de um artigo de Josué Montello (13-2-65) e de outro, a que alude Montello, de Schmidt (17-12-64).

inclusive, os debates na Academia Brasileira de Letras sobre o modernismo. Integram numerosos grupos literários e, geralmente, encontravam-se à noite nos principais cafés da cidade, descobrindo fórmulas de afirmação literária, que nem sempre vingaram.

— Schmidt — conta Marques Rebelo —, nessa primeira fase de sua vida, sempre foi dispersivo. Eu é que me interessava em publicar suas obras, seus trabalhos.

As divergências começaram em fins de 1935. Schmidt apoiava o processo estado-novista. Rebelo era contra. Passaram, então, às hostilidades, através de crônicas que publicavam em vários jornais.

A reconciliação se verificou no ano passado, depois de 30 anos de rompimento. Schmidt escreveu um artigo, em *O Globo*, simpático à indicação de Marques Rebelo para a Academia Brasileira de Letras. Amigos comuns se incumbiram do resto. Ambos visitaram-se, e daí por diante, nem sequer falaram no passado.

— Como se vê — frisa Marques Rebelo — foi o Schmidt quem provocou o nosso reencontro. A verdade é que nunca fomos inimigos. Tínhamos freqüentes quisílias, mas isto não passava de pontos-de-vista suscitados pelos nossos temperamentos. Sempre tive por Augusto Frederico Schmidt a mais profunda admiração.

Recorda Marques Rebelo que outros admiradores do poeta, já falecidos, foram o escritor Cornélio Pena e o poeta Antônio Tavares Bastos. O grupo, no começo de sua vida literária, se reunia quase diariamente.

— Schmidt era um poeta de categoria extraordinária. No fim de vida se revelou um prosador exemplar. A página que escreveu sobre o seu último encontro com Getúlio Vargas é uma obra-prima. Como homem de ação desempenhou um papel sem precedentes na renovação da vida brasileira. Foi uma figura ambulatória, isto é, sempre esteve em lugares diferentes, repartindo o seu talento em suas múltiplas atividades.

Marques Rebelo revela que, desde criança, Schmidt se preocupava com a morte. Dizia que ia morrer no dia seguinte.

— Neste pouco tempo em que voltamos a conviver, vi que ele não mudara. Várias vezes afirmou, para mim, que a morte lhe estava próxima. Assim ocorreu na quarta-feira da semana passada, quando tive com ele o meu último encontro.

Um encontro de companheiro

JOSUÉ MONTELLO

Eu estava no aeroporto de Belo Horizonte, à espera do avião para voltar ao Rio, quando vi no balcão à minha frente um pequeno quadro de formatura em pau-marfim. O senhor de óculos, ao meio do quadro, com a etiqueta de paraninfo por baixo da fotografia minúscula, não me era estranho. Logo apertei os olhos, tentando identificá-lo, e foi nesse momento que a voz inconfundível de Augusto Frederico Schmidt cresceu em minha direção:

— Você também por aqui?

— E você, Schmidt?

— Estou vindo de São João d'El-Rei, aonde fui fazer um discurso como paraninfo de um colégio.

Estava feliz, tomado de um contentamento transbordante. E foi assim que entrou no avião, daí a momentos. Dir-se-ia ainda acompanhado pelas palmas recebidas no auditório escolar da pequena cidade mineira.

Durante a viagem, sentado junto de mim, o poeta ali-geirou o tempo com a graça de sua conversa e a sonoridade de seu riso, até o instante em que lhe confessei haver antecipado o meu regresso ao Rio para dar meu voto a Marques Rebelo na Academia Brasileira, assim que descesse do avião.

E Schmidt, levantando os braços, alarmado:

— Não faça isso! Você vai pôr na Academia um capeta! Fui amigo dele, editei o seu primeiro livro! O Rebelo vai tocár fogo na Academia!

Deixei que o poeta falasse por mais alguns instantes, sempre no mesmo tom de exaltação e advertência. E afinal, valendo-me de seu primeiro silêncio:

— Posso lhe garantir que nada disso vai acontecer. Não tenho dúvida de que esse seu desafeto será um excelente companheiro. E você, Schmidt, vai pôr de lado o desentendimento que o separa do Rebelo. Vocês foram companheiros de colégio na infância. Juntos entraram na vida literária. Ambos têm um patrimônio comum: as saudades da juventude. Já é tempo de acabarem com a divergência.

Schmidt tornou a rir alto:

— Você não sabe que ele faz de mim uma caricatura terrível no seu último romance? Aquele Altamirando de Azevedo sou eu!

Riu mais forte. E ainda rindo entrou a recordar as diabruras do antigo companheiro, pouco a pouco resvalando na emoção das reminiscências:

— Foi ele quem corrigiu os meus primeiros versos — confessou. — E é um grande escritor. Há páginas dele que eu gostaria de ter escrito. Você faz bem em lhe dar seu voto. E eu, pondo de lado velhas mágoas, vou saudar a entrada desse demônio na Academia com um artigo: *O Imortal Rebelo*.

Quando dei a notícia dessa conversa ao romancista de *O Espelho Partido*, senti que Rebelo não me queria acreditar. Daí a dias, Schmidt cumpria a promessa feita no avião, saudando a imortalidade do novo acadêmico num primoroso artigo.

Rebelo, na noite desse dia, pediu-me o telefone do poeta. E, novamente amigos e companheiros, os dois escritores se reencontraram, levados pelas saudades antigas, e trinta anos depois de separados, pouco antes do dia de Natal.

Jornal do Brasil — 13 de fevereiro de 1965

O Mestre Rebelo

JOSUÉ MONTELLO

Andei relendo ultimamente, com vistas a uma antologia da moderna prosa de língua portuguesa, umas páginas antigas de Marques Rebelo. E a impressão que me ficou desse reencontro é que o mestre de *Oscarina*, sem ter abdicado de sua originalidade pessoal, que de pronto o individualiza, ficará nas letras brasileiras como a confluência destas três vertentes: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto.

Destes três mestres, lidos com particular atenção, não herdou Rebelo unicamente a ternura comum pela terra carioca, de que foram eméritos cantores — com eles também se identificou na simplicidade da escrita, como ideal de arte literária.

Vem a propósito recordar Montaigne: “De que serve ter a pança cheia de carnes, se ela não se digere, se não se transforma em nós, se não nos aumenta e fortifica?”

Esse reparo de Montaigne, a propósito de suas leituras e citações, Marques Rebelo m'o recordou mais uma vez, referindo-se ao seu gosto da leitura. A leitura sempre foi para ele a dimensão artística da vida. Através dos textos impressos,

sabia enriquecer-se, assimilando a lição alheia, sobretudo de ingleses e americanos.

Mas as viagens por longes terras, no plano da cultura estritamente literária, não o distanciaram de seus mestres brasileiros, a que freqüentemente voltava, para os reencontros de si mesmo.

Mais de uma vez Rebelo me fez esta confissão: todos os anos relia Alberto de Oliveira. O mestre parnasiano, com a solenidade de seu verso, pareceria exatamente o oposto do mestre de *Stela me Abriu a Porta*. E a verdade é que se harmonizavam plenamente o prosador e o poeta, no cuidado da forma, no reconhecimento da arte como a contemplação superior da vida, no enriquecimento quotidiano das letras pelo tirocínio lúcido da existência.

Certa vez, vi em mãos de Rodrigo Melo Franco de Andrade um exemplar de *A Estrela Sobe* revisto e corrigido pelo seu autor. Não havia ali uma linha com retoque de Marques Rebelo. Dir-se-ia um texto de Balzac ou Eça de Queirós, indicativo da ânsia de perfeição do escritor, na luta pela palavra artisticamente concebida.

Ao apreciar a vocação do espírito clássico em Marques Rebelo, a propósito de sua entrada na Academia Brasileira, eu tive oportunidade de observar, num dos capítulos de *Na Casa dos 40*: "Moderno sem ser modernista, Marques Rebelo estava dispensado de renegar os valores por que se batera na mocidade, se pretendesse entrar na Academia. Acresce ainda a circunstância de que a Casa de Machado de Assis, conciliando antagonismos literários desde que foi constituída, tê-lo-ia admitido entre os seus sócios efetivos, mesmo que ele houvesse participado da formidável vaia com que os modernistas agrediram a instituição na tarde da conferência de Graça Aranha sobre o espírito moderno."

Em outro trecho do mesmo estudo, acentuei ainda: "Em toda a sua obra de contista, romancista, cronista e biógrafo, Rebelo sempre deixou sentir a linha clássica de sua vocação literária."

Essa linha se acentua à medida que o escritor acumula seus livros. Desse modo, três tomos publicados de *O Espelho Partido*, que lhe servem de remate à obra romanesca, correspondem ao altiplano de perfeição de sua arte. De certa forma, retoma Rebelo aí, pela forma do diário, a derradeira lição de Machado de Assis, no *Memorial de Aires*. Com esta diferença

fundamental: Machado, sempre que podia, disfarçava-se diante do leitor, ao passo que Rebelo faz questão de que o reconheçam, nas suas iras, nos seus amores e nas suas ternuras.

Convém guardar na memória, para bem apreciar o mestre de *Três Caminhos*, esta linha do primeiro tomo de *O Espelho Partido*: "Sou leitor de mim mesmo. Isto é importante."

Nessa confiança ocasional, não se há de indentificar o Narciso, que se rejubila na contemplação de si mesmo, e sim o artista, que repensa o que lhe saiu da pena e luta contra a própria fluência, para que a densidade de seu pensamento fique contida nas palavras essenciais. E é do mesmo livro esta lição de estilo: "O que se puder escrever em duas linhas, nunca escrever em três."

A compreensão da literatura, na ordem dos valores clássicos, Rebelo a sintetizou nestas palavras de *O Trapicheiro*: "A literatura é um baile com casaca obrigatória. Um cavaleiro de terno branco pode forçar a porta e entrar. E pode dançar, se divertir muito, e até ser citado pelos cronistas elegantes, todavia estará sempre sujeito a ser posto para fora do salão."

Compreende-se que, andando o tempo, o romancista que, em mais de uma página risonha, e mesmo áspera, zombou da Academia e dos acadêmicos, chegaria a envergar o fardão verde para ler o seu discurso de posse, visto que cada um de nós, segundo a advertência do provérbio francês, acaba sempre por seguir a estrada que passou na sua aldeia.

Eu próprio lhe disse, quando ele lá chegou com o aplauso de meus votos, que a Academia é apenas um episódio solene na vida literária e não um acontecimento na literatura. E ninguém mais exemplar que Rebelo, na gravidade de sua poltrona. A Academia estava nele, por uma inclinação natural de seu espírito. Seu caso tem analogia com o de Manuel Bandeira e o de Alceu Amoroso Lima, também acadêmicos, não por luta ou empenho, mas por derivação natural, no plano dos valores estéticos.

Recentemente, pedi a Rebelo que escrevesse dois trabalhos: um sobre o carnaval carioca; outro, sobre Manoel Antônio de Almeida. E ele, que andava com o tédio da escrita, logo encontrou entusiasmo para tirar do tinteiro os dois estudos admiráveis.

Folião por gosto, sabendo integrar-se na multidão para acompanhar-lhe os ritmos e as cantigas, só há pouco tempo Marques Rebelo pôs de lado o seu dominó festivo, que nunca julgou incompatível com o seu fardão acadêmico. É que a alma carioca sempre prevaleceu na sua sensibilidade, dando-lhe o gosto da terra e da gente, no contorno inconfundível de suas paisagens e na pura alegria de seus folguedos.

Essa mesma alma o aproximou de Manuel Antônio de Almeida, de quem se fez o apologista e o biógrafo. Suas pesquisas relativas ao romancista das *Memórias de um Sargento de Milícias* situam-se no plano dos estudos fundamentais para o conhecimento da vida e da obra do criador do Leonardo Pataca. Mas a inclinação maior de seu espírito, aquela que falava mais alto, ele a reservou para o culto a Machado de Assis — sobre o qual escreveu uma página de irreprimível ternura, no segundo tomo de *O Espelho Partido*.

Jornal do Brasil, Rio, 4 de setembro de 1973

O Imortal Rebelo

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Voltando a freqüentar, depois de longa ausência, a “sociedade”, o narrador e personagem desse romance épico que é *A La Recherche Du Temps Perdu* (o *moi* proustiano) reencontra fisionomias familiares completamente transformadas, retocadas, emaciadas, diferentes. Em primeiro lugar, o *moi* está no salão da Princesa de Guermantes, que outra criatura não é senão a antiga Mme. Verdurin, figura que, durante muitos anos, representou o “contrário” do guermantismo. Viúvo, porém, o Príncipe, e viúva Mme. Verdurin, esta pescou o indeciso e indefinido nobre. Fundiram-se, assim, os dois “lados”, misturaram-se as águas inimigas e contrárias. E o nada acabou repousando no nada.

Muito mais, porém, do que a união surpreendente Guermantes-Verdurin foram as fisionomias antigas transmudadas, o que impressionou o infatigável e o minucioso narrador. O tempo pintara de branco os cabelos dessa elegante gente, traçara sulcos nesses rostos, retocara esses seres de tal forma, que eles pareciam se terem fantasiado para um estranho desfile. Eram outros, amadurecidos e tocados pela mão invisível que tudo modifica por dentro e por fora do homem.



A mesma sensação de estranheza diante da realidade, sentia-a eu quando li a notícia de que meu implacável inimigo, Marques Rebelo, fora eleito para a Academia Brasileira de Letras. Marques Rebelo imortal só não é uma espécie de condenação perpétua para mim, porque sou, e continuarei por este resto de tempo, mortal nesta terra que nos viu, Rebelo e eu adolescentes, quando caminhávamos ao encontro de nossas ilusórias ambições. Tomou-me o escritor (que jamais deixei de admirar, apesar dos muitos pesares) como alvo de suas maldades, há uns trinta anos. Mas decerto, um dos grandes fracassos de Rebelo na vida foi não ter conseguido que eu retribuísse os seus desalmados sentimentos a meu respeito. É que esse homem, hoje de cabelos grisalhos, ocupando uma poltrona no "sodalício" e para sempre fardado de verde, portando espadim; esse homem, estabelecido nas letras pátrias, reconhecido e proclamado, é um personagem do meu encontro com o mundo, alguém que iniciou comigo os primeiros passos desta difícil viagem.

Há mais de trinta anos que não olho para Rebelo senão de soslaio — mas jamais me esqueci do que fomos os dois, quando tentávamos canhestramente abordar a vida literária, em que ele acabou plenamente vitorioso, por ser o escritor de fato é e por ter, também, se especializado até tornar-se uma espécie de demônio oficial, respeitado e conspícuo. Agora, sinto-me velho, e mais ainda por dentro do que por fora; por isto, já é tempo de Eddy Dias da Cruz (este é o nome certo de Marques), um ano mais moço do que eu, mudar o alvo de seus ataques. Mas, mesmo me poupando, que não deixe jamais Rebelo de ser quem é, tal como Deus o fez. Dizia Edmundo da Luz Pinto que o seu ideal nesta terra era ser medalhão por fora, mas vivo por dentro. A respeitabilidade e a malícia, a pausa, o comedimento, o passo ritmado, mas oculta e viva a espevitação, o petite, o gosto disfarçado e mascarado da vida.

Continue vivo, embora medalhão — são os meus votos para o novo acadêmico.



Já não tenho o que fazer da inimizade de Marques Rebelo, nem onde a colocar. Saíamos juntos outrora, quando éramos adolescentes, pouco mais que mocinhos. E brincávamos com os nossos amigos, muitos dos quais hoje desapa-

recidos sem glória, como esse admirável Cornélio Pena, autor do romance *A Menina Morta*, que é e continua a ser, para mim, uma obra-prima, a que mais alto coloco em nossa literatura moderna. Quantas vezes discutimos os três, Cornélio, Rebelo e eu... Cornélio Pena se divertia com as maldades do hoje imortal escritor. famos, os três, visitar Tavares Bastos (Antônio), que se assinava Charles Lúcifer. Lúcifer, apesar do pseudônimo, era sensível e delicado; lia tudo o que se publicava em França e foi o primeiro a me falar em Proust. Tenho remorsos, agora, das pilhérias que fazíamos à custa de uma paixão não correspondida que atormentava Lúcifer. Ele amava uma "criatura". Essa "criatura", senhora respeitável, morava na mesma pensão do falso poeta francês. Os comentários luciferianos nos distraíam. Não sabíamos ainda que não se brinca com os sentimentos do amor, principalmente com os não correspondidos.



Foi Marques Rebelo quem publicou, no *Beira-Mar* (revista do nosso bairro de Copacabana e de propriedade do "Seu" Manoelzinho de Sá), os meus primeiros e estúpidos versos e prosas. Marques sabia português bem melhor do que eu, e sempre o soube. Conseguira boas relações com o diretor da revista, Téo Filho, e lá se introduzira. No entanto, não se aproveitara ele egoisticamente do prestígio alcançado, para aparecer sozinho: arrastava esse seu amigo e confrade. Copiava à máquina, ele próprio, as minhas tristes produções; arranjava-as da melhor maneira, consertava os pronomes, revia a pontuação. E disputava para mim um bom lugar numa página que ele reputasse conveniente e distinta.

Há alguns anos, achei uma carta pré-histórica (datada de 1927, me parece, que Marques Rebelo me escrevera para São Paulo, onde eu fora trabalhar. Nossa inimizade, então, atingira a sua plenitude. Nessas tiras amarelecidas de papel, o meu ex-amigo Eddy pedia-me que mandasse algumas produções novas para uma página literária não sei mais de que jornal.

Lembro-me que fui um dos primeiros a quem ele comunicou que resolvera chamar-se literariamente Marques Rebelo. Era uma resolução grave. Nesse tempo, lia o novo imortal os portugueses. Lembro-me, salvo erro, que ele colocava alto Fialho de Almeida: — "Marques Rebelo soará assim como Fialho de Almeida" — me dizia Eddy.

Nunca amou a ninguém e a nada tanto quanto à literatura. Nem mesmo à sua primeira e verdadeira namorada. Era eu, então, seu confidente. Já Eddy brincava com os seus próprios sentimentos — mas nem o longo exercício da maldade intelectual, da maldade como ofício, foi bastante forte para esconder uma outra face mal disfarçada desse “inimigo” que é também capaz de ser amigo, de valorizar os seus amigos, de promovê-los, de servi-los — principalmente aos mais humildes — nas horas de dificuldade. Para enraivecer Marques Rebelo, quero desmascarar de vez esse mal, dizendo que ele guarda, não sei onde, uma forte raiz de bondade.

Alguns dos seus contos estão entre os melhores de nossa língua. Fez bem em elegê-lo a Academia Brasileira de Letras. Ele deve estar feliz. E eu também. Não desejo senão que me deixe em paz. Espero ter bastante resistência até o fim da vida para não querer o seu voto para a Academia. Nem dar-lhe a alegria de combater-me.

Mas, apesar de tudo, não me foi possível conter-me. E comovi-me vendo chegar ao porto desejado essa criatura que foi um dos meus primeiros companheiros, amigo com quem inaugurei esta vida que, a ele, conduziria à glória oficial e, a mim, aos misteres mais humildes e incaracterísticos.

O Globo — 17 de dezembro de 1964

Um Escritor Olha o Mundo

(ENTREVISTA A PAULO MENDES CAMPOS)

As entrevistas austeras convencionais são verdadeiras, às vezes, e refletem a personalidade do entrevistado, ou pelo menos, a pose que ele assume diante do repórter. Com Marques Rebelo, no entanto, uma entrevista bem arrumada seria uma falsificação. O jogo das perguntas e respostas, vigoroso jogo floral com os escritores graves e lerdos, aqui se transforma em uma esgrima ágil, rápida e um pouco desordenada. Marques Rebelo é muito vivo — exploremos este lugar-comum e obteremos uma verdade.

Uma contradição percorre este romancista: às vezes, diante de uma pergunta ele salta inconseqüentemente como um gato, e responde em puro exercício de gratuidade, improvisando com prazer, sem medir a autenticidade das respostas; outras vezes, e não é possível pre-

cisar quando, a pergunta o imobiliza apenas pronunciada, ele pede tempo para pensar e vai escolhendo as palavras, ponderando os conceitos, reformando-os com paciência se não os encontra satisfatórios.

Marques Rebelo tem uma personalidade dramática, e nisso reside o encanto e o perigo de seu espírito, sempre solicitado a dizer a verdade do momento, indiferente a contradições que se satisfazem do conflito interior que as provocou.

— Quando você começou a escrever?

— Ainda não comecei. A praticar, comecei aos 17 anos.

— Até então...

— Li, joguei futebol, estudei, fui trabalhar no comércio.

— Por que escreve?

— Por causa da falta de escritores no Brasil. Senti-me na obrigação de cobrir uma lacuna.

— Quais eram os luminares da burrice em sua época?

— Todos.

— Qual a primeira coisa que escreveu?

— Um poema que Schmidt publicou com o nome dele na *Revista Souza Cruz*.

— Era bom o poema?

— Era ruim. A prova disso é que o Schmidt gostou.

— A primeira coisa em prosa?

— *Oscarina*. Minto: um conto ruim na *Ilustração Brasileira*.

— Qual foi a primeira crítica?

— De Mário Andrade.

— Houve detratores?

— Infelizmente não. O que me fez, aliás, duvidar da qualidade do livro. Caprichei mais no segundo, de que já não gostaram tanto. Mas nenhuma grande espinafração. No estilo nacional: *gosto com restrições*...

— Já recebeu alguma crítica séria?

— Lembro-me de duas: dois pequenos trechos a respeito de livros meus me mostraram que se poderia entender o que desejava fazer: um de Álvaro Lins sobre *A Estrela Sobe*, outro de Carlos Drummond de Andrade (sobre *Rua Alegre, 12*).

— Qual o livro seu que lhe deu mais prazer?

— O que estou escrevendo — *Espelho Partido*. Traz uma epigrafe de Georges Moore: — “O coração de cada homem

é um espelho de mulheres mortas". Como se vê, trata-se de um romance social.

— O que gostaria de dizer sobre a carreira de escritor?

— Isto: o escritor só pode ser um artista valioso quando compreende que não precisa viver da arte.

— E quando você compreendeu isso?

— Aos 17 anos.

— Lê muito?

— Da meia-noite às quatro da manhã. Dou este conselho aos escritores brasileiros: devem ler.

— Acredita que o livro vai entrar em decadência?

— Não.



— O que acha da televisão?

— A maravilha da ciência a serviço do cretinismo.

— Tem um aparelho?

— Tenho; e é por isso que o digo.

— E do cinema?

— É um divertimento de cretinos, um Brucutu um pouco mais movimentado.

— Do rádio?

— Não ouço nunca.

— Nem mesmo o do vizinho?

— Não, porque mandei impermeabilizar as paredes, que são à prova de novelas radiofônicas. Tijolo, aliás, caríssimo.

— Sua única diversão é futebol?

— Futebol não é diversão, é sofrimento. Sou do "América"... O que me distrai é conversar com os amigos. O mundo não é divertido, meu filho.

— Que acha de sua fama de destruidor e maledicente?

— Um engano. Noventa e nove por cento das coisas não são boas; 99% dos homens não são bons. Tenho a ingenuidade de dizer. Sempre acreditei em estatística.

— Gosta de música?

— Tenho vasta discoteca. Cada vez mais acho importante o samba e o fox.

— Acha o samba em decadência?

— Não, o samba mudou.

— E a respeito de jazz, ou de fox como diz você?

— Sou encantado de Fat's Waller.

— Acha que há alguma arte de importância universal no Brasil?

— A música e a arquitetura. Nossa arquitetura sempre foi boa.

— Tem alguma opinião sobre o arranha-céu?

— Serve para tapar morro.

— Não gosta de montanha?

— Montanha é uma bobagem.

— Que experiência tirou do comércio?

— Aprendi, como empregado, como a gente deve ser patrão. Hoje sou patrão. Aprendi também que a burrice só existe em relação a certas coisas. Homens burríssimos do comércio me ensinaram coisas inteligentíssimas.

— Tem medo da morte, Marques?

— Não — porque não sou supersticioso. Mas creio que vou mais cedo do que precisava. Tenho uma lesãozinha cardíaca.

— Gostaria de morar fora do Rio?

— Só compreendo viver no Rio, apesar da falta d'água, dos prefeitos, de tudo... Conheço o Rio como conheço meu coração.

— E qual o lugar que prefere?

— Meu quarto.

— E o bairro?

— Vila Isabel. Não moro lá para ter saudades.

— Que acha de Copacabana?

— Devia ser bombardeada todos os sábados.

— Não sofre com as mutilações do Rio?

— Atribuo minha miocardite ao general Mendes de Moraes, quando mandou cortar a amendoeira da curva que tinha este nome. Senti uma dor de ir para a cama.

— Viaja muito?

— Tenho o privilégio de conhecer o Brasil, conheço o que se chama o problema brasileiro. Devia ser proibido ir à Europa.

— Diga alguma coisa que o faça infeliz.

— Ainda não consegui ficar indiferente diante do sucesso de um cretino. Fico também triste quando vejo um amigo meu casar-se pretendendo ser feliz.

— Então não aprova o casamento?

— Acho-o um estado ideal. Os homens deviam casar todos os anos.

— Seu pensamento sobre o amor...

— Hei de amar até morrer.

— Qual a qualidade humana que você mais admira?

— Um interesse gratuito no bem público. Acho fabuloso um sujeito, por exemplo, ficar de manhã até de noite no Instituto de Manguinhos querendo descobrir a cura do câncer.

— Tem algum vício?

— Um modesto, de fumar. Aliás, dou-me ao luxo de mandar fazer cigarros especiais para mim. Beber me faz mal. Não preciso de evasões artificiais. Desligo-me facilmente da vida. Aliás, é por isso que sou mais ou menos bom comerciante.

— Gosta dos chamados prazeres da mesa?

— Comer é uma coisa de gênio. Gosto muito da comida brasileira.

— Que acha da mecanização moderna?

— A invenção mais importante é o elevador.

— Tem idéia formada sobre o telefone?

— Odeio telefone. Tenho nostalgia do moleque de recado.

— Cite uma coisa importante do meio-século.

— Bismuto.

— Que pensa sobre a prostituição?

— Não direi que é uma chaga.

— Acredita na psicanálise?

— Acredito: tenho vários amigos curados.

— Que acha da medicina no Brasil?

— Aqui quem é capaz de curar uma dor de garganta é médico de vias urinárias.

— E da imprensa brasileira?

— Cada povo tem a imprensa que merece.

— Da arte gráfica no Brasil?

— Está no adiantamento igual ao de Chicago em 1790.

— Voltando à medicina: acha que deve ser socializada?

— Tudo deve ser socializado. Quem entende menos de socialismo no Brasil é o Partido Socialista.

— Há algum autor fundamental em sua formação?

— Jules Renard.

— Qual seu sentimento predominante?

— Ternura. Mas no mundo não há lugar para a ternura.

— Acredita em algum regime?

— Nenhum presta.

— Anarquista?

— Nilista.

— Então não vota nas eleições?

— Voto sempre no doutor Getúlio Vargas.

— Que acha da educação no Brasil, você que é inspetor do ensino?

— Não temos sentido educacional. Todas as reformas do ensino foram ineficientes. O problema da educação no Brasil é simples, e só não é compreendido pelos ministros da Educação. Agora mesmo, por exemplo, o ministro da Fazenda cortou grandes verbas do Ministério da Educação... Pergunte a esse cretino por que não cortou as verbas do Ministério da Guerra e da Marinha? É impossível melhorar a produção de um país sem melhorar o nível cultural.

— Que acha do "imperialismo americano"?

— Cada época tem o seu imperialismo. Pena que a história seja tão mal estudada nos cursos secundários.

— Que acha da 3ª guerra?

— Ótimo: as coisas não podem ficar como estão... Depois, haverá, naturalmente, uma quarta guerra, que será ainda melhor. O homem é péssimo, e a guerra é a sua única maneira de tentar solucionar problemas.



— Depois da literatura, qual a arte que prefere?

— A pintura. Sobre pintura meu pensamento é este: uma arte verdadeira tem que falar a linguagem de seu tempo, boa ou má. Na segunda-feira, gosto menos das coisas que gostava no sábado. Agora acredito no abstrato. Vou tirar todos os meus quadros figurativos da parede.



— Praticou esporte?

— Futebol, natação, boxe, corrida. Agora pratico um único esporte: pensar.

— E pensar lhe traz alguma felicidade?

— Não. Quanto melhor pensamos, mais nos sentimos sós, descrentes e infelizes. E ainda por cima sem a esperança do reino do céu.

Voga — Rio, 31 de março de 1951

Marques Rebelo na Academia

LUÍS MARTINS

Pode-se dizer que a cadeira nº 9, que o escritor Marques Rebelo acaba de conquistar na Academia Brasileira de Letras, é a mais carioca das cadeiras da Casa de Machado de Assis.

O seu patrono é o poeta Gonçalves de Magalhães, natural do Rio de Janeiro; e o seu único ocupante, desde a fundação do sodalício até a data recente de sua morte, foi outro Magalhães, também poeta e também natural do Rio de Janeiro: Magalhães de Azeredo.

Elegendo Marques Rebelo, carioca de nascimento e o mais carioca dos nossos prosadores (como poeta, há Vinicius) pelo sentido, o tom e a atmosfera de sua obra, a Academia parece prestar homenagem, não sei se intencional ou fruto de mero acaso, à cidade de Estácio de Sá, quase à entrada do ano em que se comemora o 4º Centenário de sua fundação.

De qualquer forma, ninguém mais credenciado para representar as letras guanabarinhas no ilustre conclave do que o romancista de *Marafa*. Quando me apertam saudades do Rio, é na releitura de seus livros que mergulho. E é como se me transportasse a um cenário querido e a um tipo de vida para sempre perdido, mas inolvidável. O Rio de Marques Rebelo está muito mais próximo da minha sensibilidade e da minha experiência vivencial, que o de França Júnior, Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto.

Há muitos anos não vejo esse carioca ilustre. Lembro-me, porém, do rapaz vivíssimo, irrequieto, trepidante, que nos segurava pela aba do paletó numa esquina qualquer e, os óculos faiscantes de malícia, começava a desancar o próximo... O encontro de Marques Rebelo era uma festa, na monotonia do cotidiano. A extraordinária improvisação, a alucinante capacidade de invenção de piadas, alusões ferinas, achados espirituosos, deixava-me atordoado, às vezes vagamente irritado, mas incapaz de resistir àquele turbilhão de humorismo oral... Era a graça carioca, maliciosa e irônica por natureza e hábito, numa versão altamente intelectualizada.

Mas esse mordaz era um lírico e escrevera *Oscarina*, essa suavidade. Ninguém melhor do que ele sabia captar a estranha, emoliente magia de um "noturno" de bairro carioca, cheirando a bogari e jasmim do Cabo, um namoro de portão em rua sossegada, essas ternuras anônimas do Rio de 1930...

Acho que a Academia acertou em cheio, elegendo Marques Rebelo: na Casa de Machado de Assis, o maior escritor carioca de todos os tempos, não poderia faltar o melhor escritor carioca do nosso tempo.

O Estado de São Paulo, 12 de dezembro de 1964

De Marques Rebelo aos 50 Anos

— Venha almoçar domingo, em minha casa. Assim poderemos conversar sossegadamente.

O convite veio de Marques Rebelo quando pelo telefone lhe dissera:

— Estou sabendo, com algum atraso, que você acaba de completar cinqüenta anos. Se não se opõe, proponho-lhe que façamos uma entrevista para *Ultima Hora*, algo parecido como um depoimento do escritor, um depoimento mais humano que literário.

Na manhã de 6 de janeiro o cidadão Eddy Dias da Cruz (é este o nome civil do escritor) deixou seu apartamento em Laranjeiras e foi comemorar a data fora do Rio. É que há cinqüenta anos, nesse mesmo dia, ele nascia no sossego de uma rua tranqüila, no bairro de Vila Isabel.

Afonso Arinos de Melo Franco, quando não era ainda o político de hoje, mas o escritor sensível de *O Roteiro Lírico e Sentimental de Ouro Preto*, certa vez fez esta observação: "Pedro Nava me disse uma vez com seu espírito habitual: 'Vi Marques Rebelo no bonde da Tijuca.' 'E que fazia', perguntei. 'Estava compreendendo muito', retrucou Nava. É isto mesmo. Marques Rebelo vai no bonde da Tijuca e olha o que se passa em torno (nunca até o Cristo Corcovado, que aparece lá em cima, entre as nuvens). Mas olha como ninguém, compreende como ninguém, e quando nos conta o que viu revelamos a poesia, a tristeza, e, por que não dizer, o patético daquelas vidas humanas cariocas que mal percebíamos, sem ele.

— Dados biográficos não interessam, vai logo dizendo. O importante para um escritor, que é também um homem, é a sua experiência, é o conhecimento acumulado das coisas. Sobre isto eu gostaria de falar.

Lembro-lhe o que lhe dissera pelo telefone e mais uma vez acentuo:

— Não vamos fazer uma entrevista literária. Meu desejo é que você me fale de seus sentimentos em face da vida, de sua experiência adquirida. Creio que tudo quanto você disser a este respeito ajudará o leitor a uma melhor compreensão de sua obra.

— Exatamente. Veja, no dia em que fiz cinqüenta anos a noite foi maravilhosa. Eu fugira da cidade, pois queria evitar qualquer manifestação por motivo de meu aniversário.

Tenho horror a estas coisas. Pude assim ficar sozinho e entregar-me a uma espécie de contemplação, de revisão de todo o meu passado. E isto eu fiz olhando as estrelas, o que é formidável quando se chega à minha idade. Lembrei-me então desta frase de Cocteau: — “De habilidade em habilidade até o esquecimento, de *gaffe* em *gaffe* até a glória.”

Há um certo amargor na expressão, amargor que Marques Rebelo acentua ao acrescentar:

— Vi naquela noite, na solidão a que eu mesmo me entregara, que levei toda a minha vida escrevendo para pouca gente ler. Para isto, sacrifiquei muitos dos prazeres da existência.

Marques recorda a propósito alguns dos caminhos antes por ele percorridos. O escritor de hoje entregou-se no passado a experiências várias. Mas uma de suas aspirações mais constantes foi a de emprestar sentido humano às suas atividades práticas, aquelas mesmas atividades que dele eram exigidas para atender a muitas de suas solicitações imediatas. Assim, por exemplo, criou uma revista, para ensinar os pais a cuidar dos filhos. Depois, como funcionário de uma empresa comercial, tentou emprestar aos métodos de propaganda caráter educativo. Andou pelo Brasil fazendo conferências sobre artes plásticas e fundando museus, que perduram, com vida mortíça. Por fim, ingressou numa emissora, desejoso de elevar o nível do rádio brasileiro. “Em tudo — observa com uma ponta de melancolia — fracassei ou perdi dinheiro. Algumas vezes até passei por cretino.”

“Não atirei flores nos colegas, o que seria muito cômodo. Não cortejei a política. Mas dentro de nós mesmos, carregamos sempre um grande sentimento de altruísmo, de vontade de fazer o bem e de reparti-lo com o mundo. Muitas vezes, por isso mesmo, somos injustos para com os nossos mais íntimos. É que sacrificamos o amor a vida toda em prol de um amor maior. Mas quando se chega aos cinquenta anos, percebe-se que aquelas criaturas que nos poderiam amar e retribuir-nos com amor maior muitos dos nossos sacrifícios não compreenderam sequer as nossas palavras. Então, a gente sente uma grande vontade de morrer, o que seria ainda uma última afirmação de vida. Pois não é fácil continuar a viver num mundo que só apresenta estupidez e espinhos.”

Não é sem alguma emoção que Marques Rebelo me faz esta confissão. Acredito que pela primeira vez este homem amante das farpas, irrequieto e agressivo, temido pela sua

ironia, sarcástico ao extremo, usa uma linguagem que deixa a nu a sua verdadeira imagem, aquela imagem que nele andou sempre escondida, vislumbrada apenas no lirismo de sua prosa. Tenho diante de mim não o ironista, nem o lírico, mas simplesmente o homem e o desejo de se afirmar diante daquilo que lhe parece a brutalidade da vida. E isto deixa bem claro quando me declara:

— Há em todos nós uma força interior muito grande, e que quase sempre a desconheço. É ela que nos permite continuar dando-nos aquele equilíbrio necessário diante da estupidez. É sua voz ainda que grita dentro de nós: “Viverás sempre em minoria. Mas tens de viver. És menos que um grão de areia. Mas um grão de areia inconformado; um grão de areia que não se amedronta diante das montanhas do mal.” Então a gente sente que precisa viver mais alguns anos para continuar a gritar. Gritar contra a deseducação, contra a mentira, contra a usura, contra a polícia, contra a desorganização administrativa, contra o pauperismo, contra o fantasma da guerra.

Quando o escritor silencia, indago se acredita ter contribuído de alguma maneira com sua obra para corrigir ou esclarecer todos esses males da vida que ele condena com veemência.

— Nunca — respondeu-me com firmeza — escrevi uma página que não fosse dirigida para perto dos humildes e dos pequeninos, procurando mostrar-lhes as injustiças e humilhações de que são vítimas, as flores e as reservas de amor que levam no coração e que não conseguem que sejam colhidas para enfeitar o mundo e a vida. Porque o mundo é enfeitado pelos Governos e poderosos com flores de papel como se o mundo fosse um salão de baile em que todos fossem obrigados a dançar as músicas de suas bandas militares. Sinto que debaixo de uma obra apenas artística procurei amenizar os sofrimentos dos nossos iguais. Ninguém pode estar tranqüilo quando sabe que seu irmão está entregue ao abandono e ao desamparo, como as crianças sem lar e os homens que se abrigam à noite nas soleiras.

Ao se aproximar dos cinquenta anos Marques Rebelo pensa em condensar numa única obra toda a sua experiência de vida. O autor das *Cenas Brasileiras*, o criador de *Oscarina* e de *A Estrela Sobe*, o narrador da vida simples e humilde da gente anônima agora ambiciona pintar num grande painel o retrato de seus pais, os anos que viu passar,

com seus dramas e comédias, seus ridículos e trágicos, toda essa imensa gama de fatos e acontecimentos ocorridos numa sociedade em que foi quase sempre testemunha silenciosa e algumas vezes também parte e conviva. *Espelho Partido*, sua obra da maturidade, que se desdobrará em sete volumes, será, como ele próprio me diz, “um roteiro de cinquenta anos de vida no Brasil”.

Pensando nos anos que passaram, nos dias em que a geração dos cinquenta anos começou a se interessar pela vida e dela participar, indago de Marques qual a impressão que lhe fica quando compara os dias de ontem com os de hoje. Por acaso melhoramos ou pioramos. Sua resposta, no entanto, não é otimista. A este respeito o escritor esboça um rápido paralelo da vida brasileira, aparentemente amargo, mas a que não falta uma consciência muito viva da realidade de seu País.

— A impressão que tenho é que quando comecei, o Brasil era uma coisa muito atrasada, muito abandonada, mas tranqüillo. O homem brasileiro não tinha consciência de sua miséria. As convulsões que abalaram o mundo terminaram por levar a ele essa consciência que lhe faltava. Mas ao mesmo tempo surgiu o que se chama de fórmulas do progresso, as quais, sem trazer nenhuma solução para a libertação do homem, terminaram por povoá-lo de fantasmas terríveis. Não melhoramos nada. Somos hoje piores do que éramos antes.

Diante de suas repetidas palavras de condenação da vida brasileira lembro a Marques Rebelo que ele sempre foi olhado como um irreverente, dando muitas vezes a impressão de não levar as coisas muito a sério.

— Não é verdade, responde-me. Se fosse encarar com a real tristeza a real tragicidade que os nossos problemas oferecem eu seria um homem insuportável. Na realidade não fiz outra coisa que ferir os responsáveis com zombaria. A única maneira de suportá-los é rir deles. Mas nunca ninguém me viu rir de uma dor verdadeira. Ri-me, sim, mas ri-me dos poderosos, dos imbecis, dos hipócritas e dos falsos.

Mas quando pergunto, logo em seguida, o que acha dos meus companheiros de viagem, numa referência aos escritores de sua geração, ele pára, pisca os olhos por trás dos óculos, recosta-se sobre a cabeceira da cama, ajeitando o travesseiro e diz:

— Alguns estão integrados no vai-da-valsas, colhem naturalmente os louros compensadores da convivência. Mas não

são poucos os que são de briga, que não se dobram e esperneiam bastante. Mas a meu ver a coisa mais miserável que pode acontecer a um homem de letras é academizar-se e querer atribuir essa academização, essa complacência, a um estado biológico. Outros, por sua vez, refugiam-se na forma, na semântica, na sintaxe. Fazem revoluções de adjetivos e de advérbios. E encontram centenas de palermas que acreditam na importância de sua esperteza. Eu pergunto: como se pode numa terra como esta, com tanta tristeza flagrante, escamotear-se a verdade e não se ter a coragem de enfrentá-la.

A insistência com que Marques Rebelo refere-se às questões sociais leva-me a indagar se o escritor deve necessariamente se engajar a alguma das correntes de idéias em face dos problemas de seu tempo.

— Acho — me diz prontamente. Vou mesmo mais além: sou de opinião que não se deve escrever uma linha que não seja para condenar, para apontar e criticar os erros de uma sociedade que se decompõe, para ferir de morte a superstição. Não confundir isto, no entanto, com o panfletarismo. Mas a verdade, esta sim, deve ser contada sempre. Em meus primeiros contos não fiz outra coisa que retratar a desesperança das classes humildes, a impossibilidade em que elas se encontram de ascender. Diante do espetáculo da vida o escritor tem inclusive a obrigação de cultivar o jornalismo. Pois este não requerendo a forma artística permite o trato direto de conceitos e de problemas que precisam ser debatidos. Se temos, por exemplo, que nos exprimir sobre a bomba atômica não vamos tecer uma coroa de sonetos, mas podemos lançar mão do jornalismo para exprimir nossa opinião a respeito. Esses problemas, é claro, podem servir para fundo de uma obra de arte, mas aí como ponto de fixação.

— Até agora — digo — você se tem limitado a condenar em seus aspectos mais gerais a vida brasileira. Mas eu lhe pergunto, deixando-o inteiramente à vontade para responder ou não: qual lhe parece o caminho mais acertado para o Brasil vencer a miséria que você aponta com tanta insistência?

Marques Rebelo está agora de pé diante de mim. Vejo-o nervoso, agitado, em seus trajes esportivos. Não se perturba, contudo, com a minha pergunta, embora esteja a exigir dele mais que uma simples resposta, desde que se trata na realidade de arrancar uma definição do escritor em face das correntes de idéias de seu País. Algumas de suas opiniões a respeito são conhecidas. Mas não deixo de me surpreender

quando, com clareza rara em muitos homens públicos de seu País, ouço me expor estes conceitos:

— A primeira condição de salvação do Brasil é a criação de um verdadeiro e real nacionalismo, portanto uma consciência da Pátria. Este nacionalismo, já apontado, caminhará tardiamente ou não caminhará, porque depende de um nível de cultura que o Governo tem negado sistematicamente ao povo. O nível da massa brasileira está aquém do mínimo problema. É claro que o estado de coisas atual beneficia uma pequena minoria que pouco se importa que o País seja ou não nosso. Há em tudo isso um problema correlato que é preciso não esquecer. Para criarmos uma nação independente precisamos, além de um grau de cultura médio, de um espírito de sacrifício espartano. Mas se os donos do País engabelam o povo com um falso conforto acredito que só mesmo a grande força cultural e espiritual fará com que esse mesmo povo renuncie a essas facilidades e a esses comodismos baratos e falsos, até que venha a criá-los com os seus próprios meios e recursos. Mas tudo que é supérfluo só será obtido depois da solução dos problemas básicos, que nos liberte da condição de país subcolonial. Dentro de minha pequeníssima esfera de ação — eu não tenho poderes — tudo que faça pela cultura está contribuindo para levantar um bocadinho o nível, despertando nas consciências a chama de certos problemas. Não é à toa, aliás, que se teme tanto o intelectual. Sempre que um intelectual pensa é tachado de comunista, e termina fichado pela Segurança Política e Social.

— Percebo bem o que quer dizer. Mas — observo — não deve você ignorar que há hoje em dia uma tendência, que não deixa de ser terrível, para colocar as nações como o Brasil diante do dilema entre Oriente e Ocidente. Acredita que pode haver um caminho fora da opção entre Estados Unidos e Rússia, a que se procura reduzir o atual conflito mundial?

— É claro. O que acontece é que a perniciosa mania de simplificação reduz o homem a escolher entre binômios, como alegria e tristeza, quando os problemas de caráter político não são tão primários e nem tão metafísicos. Temos que ter a coragem, como os cientistas, de lançar mão de todos os fatores, dados e argumentos para resolver os problemas. É por acaso absurdo supor que duas experiências, como a russa e a americana, filtradas, combinadas, conjugadas, possam resultar numa terceira, numa quarta ou mesmo numa

quinta solução? Um dos pânicos do homem, aliás, é não querer se lançar numa aventura política e econômica com medo dos resultados finais. Mas o importante numa grande experiência é corrigi-la quando seus resultados não apresentarem índices satisfatórios.

Marques Rebelo confessa-me não saber o que vai acontecer nem se as angústias atuais do homem serão resolvidas num futuro próximo. Mas acredita que a humanidade poderá ser surpreendida por uma nova catástrofe.

— Acredito na guerra. Fala-se demais que a bomba atômica não permitirá novo conflito. Mas por acaso a pólvora acabou com a guerra? E a aviação? Não. A cada instrumento de agressão surgem outros tantos meios de defesa. O homem vive em perpétuo susto. A condenação total da guerra, no entanto, só será possível quando os países não tiverem, para sua sobrevivência ou manutenção, que recorrer ao domínio dos campos mercantis.

Batem à porta, anunciam que o almoço nos espera. Durante quase duas horas o escritor falara sobre os mais diferentes temas, sem jamais deixar sem resposta nenhuma das perguntas que lhe fiz, falando sempre com entusiasmo, com ímpeto, com veemência. Dera-me — acredito — um depoimento sincero e corajoso. Poucos escritores, suponho, ousariam falar com tal franqueza. Mas antes de levantar-me volto-me mais uma vez para ele e digo-lhe:

— Se agora, quando você chega aos cinquenta anos, fosse chamado a dizer alguma coisa, uma única frase, que seja, aos jovens, àqueles que mal se iniciam, que apenas começam a vislumbrar a vida, que lhes diria?

— Eu diria apenas isto: vocês estejam certos de que a vida pode ser realmente bela. Mas o gozo desta beleza depende inteiramente de vocês.

Última Hora (São Paulo) — 8 de fevereiro de 1967

Marques Rebelo, Quem É Você?

JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO

Eddy Dias da Cruz é o seu nome e Marques Rebelo a sua fama. Eddy nasceu para as pequenas faxinas da vida. Marques Rebelo para a glória de sempre. O que existe de morrível nele fica por conta do Sr. Eddy Dias da Cruz, bom cidadão, sujeito à gripe e aos Atos Institucionais, em dia com as leis da República e principalmente com os seus parágrafos. O

outro, fazedor de tanta coisa que está além da moda e do tempo, é eterno. Como o bronze. À prova do raio e do vento. É Marques Rebelo.

No Mundo do Arco-da-Velha

Não quero falar com a sua glória, quero falar com a sua rotina. Quero saber amenidades do Sr. Eddy Dias da Cruz. E vou às Laranjeiras, atravesso um parque de beleza antiga, para falar com ele. Bato na porta e o bigode ralo de Marques Rebelo diz que a casa é minha, que sou muito bem-vindo e esperado. Varro com o espanador dos olhos a sala, que é grande e de manso conforto. A tarde é de lavoura. Cai lá fora uma chuvinha miúda, de dar verde até em maracujá de gaveta. Vejo logo que estou em mato sem cachorro. Marques Rebelo não anda em maré de Dias da Cruz. É Marques Rebelo puro, que conversa como um anjo, se anjo conversasse espalhando cravo, pimenta e canela. Ancorado em canto de sofá, Francisco Inácio Peixoto, velho amigo do escritor, mineiro de bom gosto e de boas letras, apura o ouvido. Faço o mesmo. O narrador sem igual abre o seu baú de maravilhas, onde há coisas mais bonitas e modernas do que meia dúzia de tapetes mágicos. E mais eficientes do que a própria lâmpada de Aladim. Estou no mundo do arco-da-velha.

As Viagens de Marco Pólo

As viagens de Marques Rebelo! Foi preciso que passasse o seu talentão por certas paróquias brasileiras para que elas entrassem oficialmente para a geografia universal. Não existiam antes dele. Um dia, de raspão, transitou Rebelo seus olhos por suas estradas e vielas e, de repente, ganharam pernas e carteiras de identidade. Certa feita, andou por terras de Sabará. Andou e deixou esta gota de bom humor:

— A casa mais colonial de Sabará foi construída no ano passado.

Não é preciso dizer mais nada. Nem menos.

Mania de Grandeza

E conta casos, como aquele do caixeiro-viajante que chegou a Laranjal. Bem falante, bem trajante, disse que

sabia mágicas. Logo botaram o moço no palco para tirar da cartola gatos e lebres. Tão entusiasmado ficou ele que exagerou os milagres. Disse:

— Tenho o corpo fechado. Quem quiser pode atirar. O enterro foi na parte da tarde.

Céu em Fatias

E gosta de lembrar aquele padre — Padre Zacarias — que vendia terrenos no céu, único modo de arrumar dinheiro para as obras de sua fé. A batina do padre chegava e mostrava ao possível comprador as vantagens de tais aquisições imobiliárias. Seu dedo igrejeiro corria na frente dos lotes:

— Este aqui é de 15 mil-réis, mas já está vendido. Não está vendo a cruzinha marcada?

O cliente engolia a cruz em seco e perguntava:

— E este, Padre Zacarias?

O padre dava o preço do repouso eterno:

— 25 mil-réis.

O freguês chiava:

— Muito caro, padre!

E o padre:

— Não é terreno baldio não, meu filho. É coisa distinta. Tem doze nuvens de frente por sessenta de fundo.

O que o padre queria era vender o céu. Mesmo em retalhos.

Rebello e a Medicina

Tem mania de médico, acredita em médicos, apesar de gozar de santa saúde. Gosta de dizer:

— Em medicina, como em cardápio, o que exijo é o melhor. Não faço por menos.

Uma ocasião, em Estocolmo, foi chegando e perguntando:

— Qual o maior doutor desta praça?

O maior doutor de Estocolmo era uma doutora, a famosa Nanna Svart. Tão doutora que era responsável pelo bom andamento do rei sueco. E por um sujeito que era mais do que um rei, o Marechal Stalin. Pois foi em mão da doutora do rei e do marechal que o brasileiríssimo Marques Rebello colocou o seu esqueleto e os seus dodóis. E sabem quanto pagou por esta festa em receita sueca? Apenas 300 cruzeiros

velhos por quatro consultas e uma infinidade de exames. Se fosse no Brasil, Marques Rebelo teria que fazer um crediário. Ou abrir falência.

Talento e Murros

Gosta de futebol e de boxe. Tem feitio e jeito de peso pluma. E peso pluma foi no tempo em que emprestava seus talentos e seus murros ao exército. Um esquilo não era mais ágil do que ele. Nesses recuados outroras dominavam o mundo os punhos de Jack Dempsey, mais tarde derrotado por um intelectual do bofetão, Gene Tunney, leitor de Marcel Proust e admirador de poetas e romancistas. O moço Eddy (bom nome para um campeão mundial de peso pluma!) era mais Tunney do que Dempsey no ringue. Não pelos sonetos e redondilhas. Mas pelo estilo, que era alegre e festivo. Com esquivas que valiam por anedotas.

Paixão em Vermelho

Mas a paixão de sua vida tem sido o futebol. Ou melhor, o América F. C. Para o América, vermelho como o diabo, vão todos os bemóis de sua melhor ternura. E lembra, na tarde chuventa, nomes imortais que estão nas paredes de seu coração americano. O goleiro Marcos Mendonça, por exemplo. Elegante, sereno, soberbo. Um muro servido por duas ágeis mãos. E havia um becão de nome Paulo Barata Ribeiro. Não passava nada, que suas chuteiras varriam céus e terras. E depois veio Oswaldinho. Com arte de encantador de serpentes, fazia o que bem queria da bola. Mandava e ela obedecia. Vai-pra-lá, vem-pra-cá. E a bola corria na frente de seus pés como um lulu bem mandado e penteado. Nunca houve bola tão redonda como a bola de Oswaldinho. Um gênio de chuteiras e camisa vermelha.

O Dia Maior

Falar de futebol é tocar na corda mais sensível de Marques Rebelo. E aponta o dia 18 de dezembro de 1960 como o mais feliz de sua vida. Que aconteceu nessas 24 horas para tornar um homem tão requintado e exigente como Marques Rebelo feliz do bigode ralo ao bico do sapato? Tirou a sorte grande? Recebeu de herança as minas do Rei

Salomão em carta registrada? Nada disso. Nesse dia, e nesse ano, o América foi campeão desta leal cidade do Rio de Janeiro. Um campeão de corpo inteiro, de quadro a óleo. Quando o juiz deu por finda a batalha de botina e bola entre o América e o Fluminense, Marques Rebelo foi pisar a tarde que descia. Era verão. Havia cigarras pelas árvores. E em Marques Rebelo também.

Rebelo, o Amigo

Sua mão amiga tem ajudado muita gente, gente que presta e que não presta. Herberto Sales, lá do fundo da província, mandou um dia carta a Marques Rebelo. Marques respondeu. E entre o escritor famoso e o moço de Andaraí houve um gasto de selos sem fim. Certa ocasião, Herberto, de óculos pretos e originais de romance no bolso, mostrou interesse em vir para o Rio. Rebelo apoiou. Herberto fez as malas e partiu. Ainda na cabeça da viagem, encabulado e modesto, deu marcha à ré na sua navegação. Marques Rebelo, quando soube da viagem partida ao meio, mandou telegrama para Andaraí: "Obriguem Herberto a vir." Então, tomando gás, Herberto veio para o Rio. E embaixo das telhas de Marques Rebelo ficou todo um ano, prestigiado e fomentado. E ainda foi Marques Rebelo quem arrumou editor para *Cascalho*. E fez muito bem. Herberto é uma grande criatura e *Cascalho* um grande livro.

A Velha Guarda

Como Pixinguinha, tem também a sua velha guarda, feita de amigos e admirações: Walter Benevides, Antônio Bulhões, Herberto Sales, Paulo Silveira, Ezo Pinto Monteiro, Francisco Inácio Peixoto e Hélio Alves de Araújo. São os seus mosqueteiros, heróis de capa e espada de sua amizade e de seu coração. Uma noite, o jornalista Paulo Silveira olhou o Rio de Janeiro e achou tudo muito cacete, muito limonada purgativa. Telefonou para Marques Rebelo. Marques Rebelo não estava. Rolava sua ilustre pessoa por terras e mares de França. Silveira não perdeu tempo. Arrumou as malas e voou sua saudade para a Europa. O Rio de Janeiro sem Rebelo não valia nada. Era cidade morta.

A Paisagem e a Omelete

Uma tarde, diante de bem modulada omelete, Marques Rebelo dizia a Herberto Sales das inconveniências de uma viagem que tinha programado para Manaus. Herberto, para incentivar o turismo de Marques Rebelo, lançou mão das belezuras da Amazônia, seus verdes sem fim, todo um mundo ainda molhado pelas águas do Dilúvio, com paisagens não acanalhadas pela mão do homem. E Rebelo, melancólico:

— Seu Herberto, não há paisagem da Amazônia que valha uma omelete.

Herberto ficou com a paisagem. Rebelo com a omelete.

Lirismo e Ferro Velho

Fala do Brasil, que ele conhece em várias ortografias. E desse conhecimento deixou cartões postais que são obras-primas. Ninguém soube ver melhor o Brasil do que os óculos faiscentes de Marques Rebelo. Viu o Brasil montado em avião ou pilotando queixo de burro. E muito pó comeu nas velhas estradinhas de ferro desta nação, lentas, movidas a carvão de caracol. Aproveito para fazer o elogio delas. E falo com líricas estatísticas de seu caminhar civilizador e digo a Marques Rebelo, em tom de lamento, do massacre que essas estradinhas vêm sofrendo nas garras do governo. Não há semana que elas não tomem porretadas do Diário Oficial. Marques Rebelo concorda com o governo e com as porretadas. E concorda para dizer que esse material de sucata não tem sentido no Brasil. E de dedo acusador:

— Estrada de ferro foi feita para transportar grandes massas, como por exemplo, minérios. Mas que faz a estrada brasileira? Transporta passageiros de graça e balaio de galinha quase de graça.

E Rebelo exagera, com seu delicioso exagerar, quando diz que só sujeito sem prestígio, mais por baixo do que barriga de lagarto, compra passagem nessas estradinhas de ferro. Vai num desses trenzinhos puxando fumaça a trinta quilômetros por hora. De quarenta passageiros que leva, apenas dez compraram ingressos. O resto é passe livre e balaio de galinha. Mais passe do que balaio.

Um Coração de Pão-de-ló

Marques Eddy Dias da Cruz Rebelo! Há trinta anos encanta os brasileiros com a sua arte sem igual de escrever

bem e contar bem. O menor dos seus gestos, como a mais diminuta de suas frases, têm dois metros de bom humor. Faíscam, iluminam. Vai chover muita chuva e ventar muito vento antes que Deus, criador das nuvens e do arco-íris, resolva lançar um outro Marques Rebelo nas praças do mundo. É edição única, de um só exemplar. Talento intransferível. Amigo dos bichos, das flores, dos pássaros e dos homens. Visto assim sem aviso prévio, parece território de mandacaru, lugar de bugre de arco e flecha. Mas em verdade vos digo que não há coração mais pão-de-ló do que o seu coração carioca de Vila Isabel. Suas muralhas, que parecem de cimento armado, não passam de papel pintado. A mais compreensiva e terna das criaturas. E a mais generosa. Leão feito de rosas.

O Cruzeiro — 7 de outubro de 1967

Marques Rebelo: um Conjunto Premiada

PAULO CÉSAR DE ARAÚJO

Olhos nervosos, já atacados por uma catarata, refletem um raciocínio rápido. Olhos e fala agitados contrastam com a austera piteira e a aparência cansada, de quem já teve seu tempo de combate. Agora, confessa: “A velhice gosta de ser afagada.”

Em duas horas de conversa no confortável apartamento da Rua das Laranjeiras, que para ele só tem um defeito “não é meu”, Marques Rebelo fala do estágio em que se encontra sua obra *O Espelho Partido* e termina dizendo que “a Academia não é mais uma entidade reacionária, pois já não se fecha à entrada dos valores novos”.

Um Homem Sem Pressa

Premiado no mês passado em Brasília, pelo conjunto de obra literária, Marques Rebelo diz que ainda não encerrou seu trabalho.

— Minha obra é produto de uma longa experiência literária. Neste *Espelho Partido* condensei a decadência burguesa. Pude durante sessenta e tantos anos apreciar toda a nossa crise, que é de uma burguesia que nós não sabemos para onde vai. Faltam realmente quatro volumes, porque o plano são sete. Assim, eu abarcaria aquilo que considero a

vida burguesa brasileira: o início da decadência até quase o epitáfio dela, no sentido de que já podemos antecipar seu epitáfio, foi com a morte do Getúlio.

De chinelos, calças de veludo marrom e camisa grená, Marques explica que não tem nenhuma pressa de terminar essa obra, que “é realmente difícil de fazer”.

— Tem uma densidade, um organismo, uma coisa assim. Podia ser uma trilogia, um quarteto, um quinteto. Cada vez que acabo um volume, ali está encerrado um livro. Agora, se eu acrescento, apenas eu alargo este livro.

O Chão Está Fugidio

— O senhor vê nessa geração que está aí, escritores com características semelhantes à sua, de cronista da vida, das coisas e da gente do Rio?

— O problema é outro. Não existe uma continuidade obrigatória. Também a continuação se faz em maior ou menor lapso de tempo. Por exemplo, Raul Pompéia, Machado de Assis, Lima Barreto, há intervalos. De repente, o Rio tomou um caráter tão convulsivo que faltou um elemento mais local para captar essa espécie. Mas, que ele aparece, não tenha dúvida. Nós temos sentido, principalmente na crônica, que o sujeito já começa a sentir essa cidade de outra maneira. Ele quer continuar o que fizemos nós, continuar a linha. Mas eles ainda não têm bem a maneira como, porque o chão está mais fugidio. As sociedades que nós retratamos eram mais estáveis. Mas agora, repare que ela tem outro sentido. A prova é que você hoje não sabe como vai ser o Rio daqui a 30 anos.

Apesar de não querer citar nomes, Marques Rebelo vê alguns escritores que “em manchas, já estão fixando toda essa mudança”. A convulsão política proveniente do próprio progresso, desencadeou, para ele, “uma problemática política que afastou muito valor literário para o campo da agitação”.

— Quanto valor foi de repente lançado para a Sociologia, Psicologia, Política, Economia, para problemas que são muitas vezes de caráter ficcionístico. A Sociologia no fundo é uma ficção, a Economia, a ficção das ficções — completou sorrindo.

Uma Tonteira Normal

— Então — prossegue ele, agitado — é preciso que de repente haja aquela percepção que nós vínhamos ten-

do, de que a literatura, realmente, é uma espécie de complexo de todas essas coisas. Agora, o que estamos sentindo de realmente maravilhoso é que ela está perturbada. Ela não se dispersou, está meio tonta.

O autor de *Oscarina* cita o fato de valores eminentemente literários estarem agora expressando sua arte no teatro e o cinema, o que não ocorria em seu tempo.

— Então, estão contando o negócio com outros meios que nós não tínhamos. Acontece que a literatura não vai acabar por isto, haverá de tudo. Apenas há uma variação de explicações para explicar esse fenômeno carioca que, no fundo, é um fenômeno brasileiro.

— E no cenário nacional, o senhor destacaria algum autor?

— Tenho acompanhado a evolução de todos, apesar de ler hoje menos do que antes. As primeiras páginas eu já vejo que o problema não me interessa. E também por uma convicção patriótica, embora a palavra não seja das mais brilhantes, na verdade, hoje eu me interesso muito mais pela literatura nacional. Apesar de não ler todos até o fim, tenho uma idéia do mérito deles. Agora... há uns não, há uns por que eu estou seduzido.

— Quais são?

— Eu não direi quais porque posso dar o bicho errado, pode ser um erro de reflexão. Não é covardia nem medo: minha vida foi de pancada pra frente, de dizer o que quis. O que acontece é que eu cheguei a uma idade e à criação de uma obra que não me permite criticar quem vem. Quem vem é que pode me criticar, me condenar, ou me aplaudir. Não estou aqui para orientar ninguém. Eu orientei a mim, fiz o meu caminho literário, agora cabe aos outros fazerem o deles. Porque eles nos continuarão, não podem repetir a gente, senão serão uns pobres diabos.

O Gosto Pelo Afago

— O senhor já recebeu muitos prêmios. O de Brasília teve um significado especial?

— Teve, porque agrada ao escritor, ao artista, uma coletividade, alguns elementos destacados, escolherem a mim entre tantos, e reconhecerem que minha obra tenha validade. Não sei que extensão tem essa validade, mas que tem, tem.

Para quem já chegou a uma certa idade, como eu, esse reconhecimento é um começo, é uma homenagem que dá pro começo. A gente sente que envelhece, viu? E a velhice gosta de ser afagada.

— Há um tempo de combate, em que o combate é a nossa alegria. É toda a alegria o combate. É a luta. Senão o sujeito é um idiota, um pateta. É brigar, é espinafrar o sujeito, é deixar o sujeito safado com a gente, não tem importância. Deixa, depois, quando eles lidarem comigo mais pessoalmente, vão ver que eu não sou tão mau assim.

— Chega o momento em que as armas já vão ficando desafiadas, já vão ficando sem gume. Acabou esse período de briga literária. Hoje só me importa é que o companheiro reconheça que eu não trabalhei em vão. E segundo é ver o que fiz servindo de degrau pra outros irem à frente.

Uma Acertada Popular

— Já que o senhor está em fase mais amena, cabe a pergunta: a que atribui o sucesso do José Mauro de Vasconcelos?

— Cada tempo tem seus equívocos. Se você consultar a história das artes em geral e da literatura em particular, você vê que houve gênios de seis em seis meses, de seis em seis anos. Houve sujeitos que inflamaram todas as bancas. Abafaram a banca. Passa-se o tempo e você verifica que o êxito era circunstancial. Um amigo meu muito inteligente, o Adonias Filho, quando perguntaram a ele o que era *best-seller*, disse que *best-seller* mesmo é um livro que a gente vende a vida toda. Por exemplo: Stendhal, *Madame Bovary*. Isto é que é *best-seller*. Livro que teve a vida da Bíblia é um *best seller* esplêndido.

— Então, o José Mauro deu agora uma acertada de caráter popular. Faço votos que ganhe muito dinheiro, pra ele acertar a vida. É uma coisa perfeitamente justificável, cada tempo tem seu *best seller*, sua coqueluche, seu sarampo. Literatura é outra coisa, e a estabilidade literária é outro problema. Nós estamos fartos de ver isso na vida, principalmente na literatura brasileira, que ainda é tão pequenininha. Há o escritor nato, permanente, que não vende muito, mas está permanentemente impulsionando a literatura, está presente à literatura.

Para Marques Rebelo “uma literatura vence pela média literária”. Diz que o gênio, o sujeito superlativo, não faz um campo literário.

— O que faz isso é uma média de bons escritores. Não de extraordinários, sublimes. Isto pode nem aparecer. Leva um século, dois, para aparecer. O que é importante é que haja uma grande média literária.

Diz que uma coisa importante está acontecendo no movimento literário nacional, que é a existência de um maior número de bons escritores.

— Se nem todos têm mérito é outro problema. Hoje há um número imenso de pessoas fazendo coisas, se não digo extraordinárias, pelo menos aquilo que é importante para a literatura, média. Nós não teremos um Machado de Assis tão cedo. Nem um Gonçalves Dias. Foram fenômenos, surpreenderam. Mas existe a massa, que é importantíssima. Estão todos muito próximos do mestre. Estão todos entendendo muito bem a coisa literária, a coisa artística.

A Invasão da Fortaleza

— E a Academia Brasileira de Letras?

— A Academia no Brasil é um órgão de cúpula. O sujeito faz uma obra, consagra-se com ela, e recebe um diploma oficial de mérito. A Academia é um diploma oficial de mérito. Se alguém pra lá entrou sem mérito, isso é um problema humano que acontece em qualquer instituição. Mas na verdade, em tese, se você consulta a vida literária brasileira, repara que todas as figuras que você consagra passaram pela Academia.

— Ela representa um último estágio da consagração. O que é importante numa Academia é que ela renove seus quadros. Hoje, por exemplo, nós sentimos que nos últimos dez anos ela avançou extraordinariamente, com recebimento no seu seio de figuras que jamais o público brasileiro imaginava que alcançassem a Academia. Há 20 anos passados, João Cabral teria um voto, contra qualquer pascácio que se apresentasse. Hoje, foi eleito por unanimidade.

Suplemento do Livro do *Jornal do Brasil* — 19 de julho de 1969

Um Romancista

CLARICE LISPECTOR

Marques Rebelo tem o mesmo cabelo cortado à escovinha do tempo em que eu o conheci, o olhar rápido e malicioso.

Para quem já chegou a uma certa idade, como eu, esse reconhecimento é um começo, é uma homenagem que dá pro começo. A gente sente que envelhece, viu? E a velhice gosta de ser afagada.

— Há um tempo de combate, em que o combate é a nossa alegria. É toda a alegria o combate. É a luta. Senão o sujeito é um idiota, um pateta. É brigar, é espinafrar o sujeito, é deixar o sujeito safado com a gente, não tem importância. Deixa, depois, quando eles lidarem comigo mais pessoalmente, vão ver que eu não sou tão mau assim.

— Chega o momento em que as armas já vão ficando desafiadas, já vão ficando sem gume. Acabou esse período de briga literária. Hoje só me importa é que o companheiro reconheça que eu não trabalhei em vão. E segundo é ver o que fiz servindo de degrau pra outros irem à frente.

Uma Acertada Popular

— Já que o senhor está em fase mais amena, cabe a pergunta: a que atribui o sucesso do José Mauro de Vasconcelos?

— Cada tempo tem seus equívocos. Se você consultar a história das artes em geral e da literatura em particular, você vê que houve gênios de seis em seis meses, de seis em seis anos. Houve sujeitos que inflamaram todas as bancas. Abafaram a banca. Passa-se o tempo e você verifica que o êxito era circunstancial. Um amigo meu muito inteligente, o Adonias Filho, quando perguntaram a ele o que era *best-seller*, disse que *best-seller* mesmo é um livro que a gente vende a vida toda. Por exemplo: Stendhal, *Madame Bovary*. Isto é que é *best-seller*. Livro que teve a vida da Bíblia é um *best seller* esplêndido.

— Então, o José Mauro deu agora uma acertada de caráter popular. Faço votos que ganhe muito dinheiro, pra ele acertar a vida. É uma coisa perfeitamente justificável, cada tempo tem seu *best seller*, sua coqueluche, seu sarampo. Literatura é outra coisa, e a estabilidade literária é outro problema. Nós estamos fartos de ver isso na vida, principalmente na literatura brasileira, que ainda é tão pequenininha. Há o escritor nato, permanente, que não vende muito, mas está permanentemente impulsionando a literatura, está presente à literatura.

Para Marques Rebelo “uma literatura vence pela média literária”. Diz que o gênio, o sujeito superlativo, não faz um campo literário.

— O que faz isso é uma média de bons escritores. Não de extraordinários, sublimes. Isto pode nem aparecer. Leva um século, dois, para aparecer. O que é importante é que haja uma grande média literária.

Diz que uma coisa importante está acontecendo no movimento literário nacional, que é a existência de um maior número de bons escritores.

— Se nem todos têm mérito é outro problema. Hoje há um número imenso de pessoas fazendo coisas, se não digo extraordinárias, pelo menos aquilo que é importante para a literatura, média. Nós não teremos um Machado de Assis tão cedo. Nem um Gonçalves Dias. Foram fenômenos, surpreenderam. Mas existe a massa, que é importantíssima. Estão todos muito próximos do mestre. Estão todos entendendo muito bem a coisa literária, a coisa artística.

A Invasão da Fortaleza

— E a Academia Brasileira de Letras?

— A Academia no Brasil é um órgão de cúpula. O sujeito faz uma obra, consagra-se com ela, e recebe um diploma oficial de mérito. A Academia é um diploma oficial de mérito. Se alguém pra lá entrou sem mérito, isso é um problema humano que acontece em qualquer instituição. Mas na verdade, em tese, se você consulta a vida literária brasileira, repara que todas as figuras que você consagra passaram pela Academia.

— Ela representa um último estágio da consagração. O que é importante numa Academia é que ela renove seus quadros. Hoje, por exemplo, nós sentimos que nos últimos dez anos ela avançou extraordinariamente, com recebimento no seu seio de figuras que jamais o público brasileiro imaginava que alcançassem a Academia. Há 20 anos passados, João Cabral teria um voto, contra qualquer pascácio que se apresentasse. Hoje, foi eleito por unanimidade.

Suplemento do Livro do *Jornal do Brasil* — 19 de julho de 1969

Um Romancista

CLARICE LISPECTOR

Marques Rebelo tem o mesmo cabelo cortado à escovinha do tempo em que eu o conheci, o olhar rápido e malicioso.

Mas há uma coisa nova no seu rosto: mais bondade do que antes, o que certamente a vida lhe veio ensinando. Era conhecido como tendo uma língua venenosa que não poupava ninguém. Também isso o tempo e a experiência e um natural cansaço vieram amenizar.

Marques Rebelo é seu “nome de guerra”. O verdadeiro é Eddy Dias da Cruz, nome que parece ter outra personalidade. Marques Rebelo achou que era necessária uma eufonia mínima para um nome literário, e rebatizou-se: acha que todo o mundo devia batizar-se sozinho. Os dois nomes se fundiram e ele ficou uno. Começou a escrever quase menino. Escrevia mas não se comunicava nem consigo próprio e rasgava os papéis. Aos 19 anos publicou poesias em revistas modernistas como *Antropofagia*, *Verde*. Mas envergonha-se desse seu passado poético. Aos 21 anos, em plena vida de soldado, escreveu *Oscarina*, que lhe deu satisfação. Seguiram-se *Três Caminhos*, *Marafa*, *A Estrela Sobe*, *Stella me Abriu a Porta* e — depois de largo tempo longe da ficção — os volumes do *Espelho Partido*, que é uma tentativa de painel da vida brasileira, feita de infinitos fragmentos. É produto de paciência, quase de obstinação. Trabalha por disciplina, sem esperar por inspiração: escreve sempre, mesmo que seja para jogar fora ou refazer 30 vezes. Para ele, reescrever é mais importante que escrever.

E a madrugada é a sua hora. O silêncio é que convida. Descobriu a noite desde meninote, quando tinha durante o dia que trabalhar.

O livro de literatura que gostaria de ter escrito e o deixaria plenamente satisfeito é *Nils Lyhne*, de Jacobs: acha-o apaixonante.

Quanto aos novos escritores, opina que são ainda os mais velhos que estão conduzindo o barco: os moços ainda não deram seu depoimento, parece que um horizonte tão aberto os assusta. Acha que, bem ou mal, está dando o seu *recado*. Concorde que é o escritor mais carioca do Brasil mas não acha isso uma qualidade e sim produto de circunstâncias.

Quando perguntado sobre o que faz na Academia Brasileira de Letras responde sorrindo que marca passo para o mausoléu. Não se queixa dos críticos, às vezes se queixa de si mesmo. O momento mais decisivo de sua vida talvez tenha sido aquele em que decidiu ser escritor.

Viveu sempre modestamente, de trabalhos extraliterários, de modo a que lhe sobrasse tempo para ler e escrever. É um grande leitor. E escrever, para ele, vale a pena: é o seu reduto de liberdade. Fora escrever, o que mais lhe agrada mesmo é viver.

A literatura, segundo ele, nunca traz amigos, no máximo traz alguns simpáticos desafetos. Em literatura se sente muito sozinho; em vida se reparte bastante.

Nasceu em Vila Isabel, morou na Tijuca, Botafogo e Laranjeiras, cada bairro com uma personalidade própria: o Rio é uma cidade com muitas cidades dentro.

Seu clube de futebol? América, única paixão de sua vida. Esse time o alucina. O América perde sempre... Gosta de cinema mas prefere teatro.

Quanto ao preço alto que se paga na vida, ele acha que vale.

Jornal do Brasil — 30 de junho de 1973

Rebelo: Sarcasmo e Ternura

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Era um diabo miudinho, de língua solta e coração escondido. Falava o que não devia, para fazer rir e rir ele mesmo do riso que provocava, sem maldade. Encontrá-lo no acaso da rua era uma festa; tê-lo em casa, para a conversa desenfreada, outra maior. Quem ia casmurro e pensando no pior, iluminava a mente em cinco minutos de *papo* com ele. Chegava a dar aflição, nos seus grandes dias, pela criação inesgotável de caricaturas verbais — não estereotipadas, ao contrário do que sucede com outros artistas no gênero. Mas parece que fazia rir e ria, para diluir o sentimento de que a vida não é alegre nem cômoda. Punha paixão nos julgamentos, incoerência no gostar, no desgostar e no voltar a gostar da mesma pessoa. Sem se dar ao luxo de fornecer explicações. Compreendesse quem quisesse. Arrasava um livro, um poema, um quadro, um disco, um atleta, com uma frase. Matava um escritor — matou quantos — com um epigrama. Depois, ressuscitava o morto. Sua inquietação desdobrava-se em projetos de escrever, correr mundo, morar. Morar em casas diferentes, que fossem a casa definitiva; conhecer países que submetesse à sua visão crítico-carioca; levantar a obra final e populosa, que fosse espelho de sua época e de seu meio, com milhares de personagens, temas, ângulos e dire-

ções. Não pôde concluí-la. Mas o que deixou fala alto e claro de sua ambição fascinante. Ambição que se desatava à noite. A noite vivia, isto é, lia, escrevia. Já não tinha que se gastar nos jogos de improvisação graciosa que todos esperavam dele. Nem de cuidar da dura vida de escritor obrigado a tarefas mesquinhas de ganhar (perder) a vida. Ficava só com seus livros, seus fantasmas urbanos do começo do século, sua ânsia de criação, e era aí que começava o medido trabalho de botar a vida no papel. A vida e os sonhos nela agasalhados. Levava então para dentro do pequeno escritório uma cidade inteira, com seus costumes e músicas, a tristeza e o pitoresco, o ar, o paladar, o odor do ajuntamento humano. À medida que o tempo passava, ia ficando mais exigente consigo mesmo, queria ferir mais fundo, chegar ao coração da vida, e perdia-se talvez no emaranhado de tecidos que a composição complexa necessitava deslindar e atravessar. Lutava contra os prazos que a doença lhe impunha. Conheceu a doença em seus pormenores e astúcias, variações e esperanças. Livrou-se dela em sucessivos *rounds*. Mas a doença voltava, com outras caras e modos. Nos intervalos, ressurgia o alegre demolidor diurno, o inflexível trabalhador noturno. Sem desanimar. Seu clube não conquistava jamais o campeonato? Ficava querendo mais ao seu clube. Cultivava o prazer da fidelidade na derrota. Desempenhou funções comuns, numa existência comum, a que só o amor às letras e às artes dava relevo, mas extraiu de tudo saborosa experiência humana. Imaginava-se homem prático e hábil, entendido tanto em negócios como um pouco em tudo, medicina inclusive, mas era principalmente o artista desarmado e à mercê de choques, sem integração em meio social inapto para permitir o desabrochamento pleno da personalidade, e mesmo hostil a esta, se não aceitasse as regrinhas da acomodação política e econômica. Tal como outros, cumpriu obrigações a que não se destinava, afastando com isto oportunidades de ser totalmente ele mesmo. Reagia pela sátira: sua defesa, mais que outra coisa. Sem esquecer a ternura pelos velhos amigos e pelas criaturas do povo, anônimas e presentes em sua paisagem literária. Lançou e projetou escritores, ajudou outros em momentos de crise e desânimo (posso dar testemunho), e no meio de tudo isso fingia-se de mau. Para se divertir, ainda uma vez, com a surpresa de algum observador superficial. Foi intrépido ao dispor, em perfeita lucidez, no círculo da família, sobre os momentos finais. A constituição frágil disfarçava o espírito

forte — torturado, mas forte — que soube zombar de ridículos, fraquezas e imperfeições, sem deixar de praticar o exercício do carinho para com o ser vivo — animais, inclusive. Nos últimos meses, andando pela cidade, amparado ao braço de Elza, companheira admirável, parecia desprender-se do lépido, saltitante diabo que encarnara a vida inteira. Sem amargura. Não se dava em espetáculo de tristeza. Não há razão para necrológios lacrimojantes de Marques Rebelo. Ele não os levaria a sério, e riria de todos.

Jornal do Brasil — 30 de agosto de 1973

O Espelho Partido

FERNANDO SABINO

Para aqueles dois meninos de 15 anos voltando do ginásio pela Avenida Bias Fortes, em Belo Horizonte, não poderia haver nada de mais sensacional: é ele, não é, mas só pode ser, será possível? Ignorando a comoção que ia largando atrás de si, o homenzinho de óculos e cabelo à escovinha, metido numa japona bege singularmente esportiva para a austeridade mineira da época, ia seguindo tranqüilo o seu caminho. Marques Rebelo. Era ele mesmo, não tinha dúvida.

— Marques Rebelo?

Fui eu que me adiantei, tomado de excitação; Hélio Pellegrino se deixou ficar, intimidado ante minha audácia. Quando emparelhei os passos com os do grande contista da minha admiração, meu colega acabou tomando rumo de casa — afinal de contas ele queria ser poeta, quem tinha pretensões a prosador era eu. O escritor carioca, nem por ser consagrado, deixou de olhar com simpatia aquele inesperado êmulo que acabava de abordá-lo, e que caminhava agora a seu lado, gestos agitados, contando lorotas: também escrevia contos; tinha, aliás, um livro já pronto; o Guilhermino César, grande crítico e romancista, havia lido e gostado; conhecia o Guilhermino? Ah, ia justamente à casa dele — mas que coincidência. Eu também costumava freqüentá-lo, era um grande amigo meu.

Só não cheguei a contar-lhe que o Guilhermino me havia aconselhado a esperar até que escrevesse coisa melhor. Mas à porta de nosso amigo comum ele me surpreendeu, ao despedir-se, com um único conselho:

— Vá escrevendo e cortando. Escrever é cortar.

Sua presença no ambiente literário mineiro foi perturbadora como se houvesse baixado em Belo Horizonte um disco

voador. Era visto sempre cercado de jovens escritores nos cafés, nas livrarias, nas ruas. Sua maledicência nos deixava boquiabertos: fulano não sabe nem assinar o nome, o último livro de beltrano é uma titica, sicrano só falta cair de quatro. Não perdoava nem os mineiros seus amigos:

— No Rio, quando a gente sente alguma coisa, vai escrever. Vocês aqui vão ao médico.

O que não o impedia de me dizer de súbito, com persuasiva sinceridade, que gostaria de ler meus contos, não deixasse de lhe mandar. Murilo Rubião, já seu amigo, era um que se valia de seus conselhos e sugestões, em permanente correspondência com ele. Estimulado, resolvi seguir o seu exemplo. E Marques Rebelo, eficiente e objetivo, não só me atendeu com seus ensinamentos, como se encarregou de arranjar editor para um primeiro livro meu, que hoje eu talvez preferisse não haver publicado. Mas naquela época era importante publicar.

E como era importante escrever! A literatura era o Olimpo e os escritores eram deuses. Não só o pequenino Marques Rebelo assumia aos nossos olhos de literatos deslumbrados as proporções de um gigante no mundo da criação pela palavra. Vir ao Rio e ver Graciliano Ramos sentado no fundo da Livraria José Olímpio significava a própria visão da imortalidade. Ser publicado por aquela famosa casa editora, com capa de Santa Rosa, era simplesmente a consagração definitiva. Visitar Carlos Drummond, encontrar Manuel Bandeira num ônibus, receber carta de Mário de Andrade, subir com o Schmidt num elevador, ter um livro autografado pelo Érico Veríssimo, tomar chope com Otávio de Faria na Taberna da Glória — era a glória em vida. Onde estão as neves de antanho? Na Academia Brasileira de Letras? O próprio Rebelo, grande iconoclasta da Academia, acabou metido num fardão:

— O que acontece — confessou ele a Jaguar e Millor Fernandes numa entrevista ao *Pasquim* — é que quando a gente entra para a Academia, já está um pouco cansado da batalha intelectual, ninguém fica jovem a vida toda. Então o erro, ou melhor, a inconveniência das academias, é que a gente já entra na base do medalhão, já se chega um pouco acadêmico.

Talvez por isso é que a literatura brasileira atual, com raras e significativas exceções, esteja quase toda lá.

“Conheci Marques Rebelo quando era chefe da propaganda da Nestlé no Brasil, querendo fazer uma campanha

para substituir a cachaça, a cerveja e outras bebidas pelo leite condensado. Iríamos ter uma grande geração de atletas. Depois, deixou a Nestlé e me disse: Ora, deixe essa gente beber sua cachacinha.” (R. Magalhães Júnior, *Manchete*.)

Em sua casa só bebíamos água. O que não impedia que a roda fosse sempre animada: sua verve contagiante dispensava o estímulo de qualquer bebida. As vezes apareciam Maurício Roseblat, Magalhães Júnior, Alvaro Lins, que moravam no mesmo prédio, ali no Botafogo, no princípio da curva do Morro da Viúva. A mineirada era fiel: Otto, Paulo, Rubião, eu. Os artistas plásticos predominavam: os pintores Percy Deanne e José Moraes, o escultor José Pedrosa, o crítico Flávio de Aquino. Por essa época Rebelo já se interessava por pintura e promovia exposições itinerantes pelo Brasil a fora, vários museus de arte moderna iam surgindo no seu rastro.

Suas tiradas eram irresistíveis, sua reação sempre desconcertante, sua conversa um espetáculo: fantasiava situações, transformava conhecidas figuras em personagens de farsa, recriava incidentes em termos de chanchada, parodiava, escarnecia, satirizava, com uma mordacidade que não poupava nem a si mesmo. Não surpreendia que seu escritor predileto fosse Jules Renard. Um dia, Moacir Werneck registrou numa coluna de jornal um cochilo seu, ao traduzir do inglês *General Staff* por *General Staff* mesmo, em vez de *Quartel-General*, criando assim novo personagem em livro por ele vertido para o português. Apanhado em falta, se desculpou com o jornalista: “Como é que você queria que eu traduzisse, se eu não sei inglês?”

Na verdade sabia suficientemente francês e inglês para ler o que havia de melhor em ambas as línguas. E as traduções, “revistas por Marques Rebelo”, eram em geral a sua maneira de ajudar tradutores ainda desconhecidos a ganhar um dinheirinho. Onde quer que julgasse haver algum talento literário, ia buscar um grande escritor em potencial. E passava a promovê-lo com uma dedicação obstinada, que desmentia o seu proclamado ceticismo em relação à inteligência alheia: Arnaldo Tabaiá, Francisco Inácio Peixoto, Êzio Pinto Monteiro, o próprio Murilo Rubião foram alguns dos muitos que ele ajudou e protegeu. Em diferentes ocasiões chegou a hospedar em sua casa os que procurava incentivar — como fez com um baiano chamado Herberto Sales, que veio para o Rio a convite seu, depois de lhe ter enviado os originais de um romance.

“A constituição frágil disfarçava o espírito forte — torturado, mas forte — que soube zombar de ridículos, fraquezas e imperfeições, sem deixar de praticar o exercício do carinho para com o ser vivo.” (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*.)

Por muitos anos o frequentei, aprendendo com ele que a glória era um tecido de equívocos. E mantendo aceso no calor de sua convivência aquilo que Eduardo Frieiro chamou de ilusão literária. Depois o tempo foi passando, a literatura também, e aos poucos nos vimos cada um para o seu lado. Embora o considerasse à distância o amigo de sempre, maledicente às vezes até comigo, não o encontrava senão em circunstâncias fortuitas. Vimo-nos pela última vez num hotel em Recife — e recordamos, entre gargalhadas, pessoas e episódios de outros tempos. Eu trazia nas mãos os originais de um jovem contista pernambucano, que me pedira uma opinião. Ele passou curiosamente os olhos pelo trabalho, leu aqui e ali, e apesar de meus elogios (o jovem era bom) o devolveu com uma única palavra: *analfabeto*. Mas senti no olhar matreiro, que lançou ainda aos originais de novo em minhas mãos, uma ponta de interesse, como a dizer: se deixar comigo, faço dele um escritor.

Aquele mesmo olhar de afetuosa ironia com que acolheu há muitos anos numa rua de Belo Horizonte o ginásiano que queria ser escritor: olhar de quem acreditaria até à morte na literatura, com uma fidelidade que hoje já não poderia me transmitir.

“Ninguém assistiu ao formidável enterro da tua última quimera.” (Augusto dos Anjos.)

Com ele não morreu outro dia apenas um escritor: foi toda uma fase literária do Brasil que se rompeu como um espelho partido em mil fragmentos.

Jornal do Brasil — 3 de setembro de 1973

Na Morte de Marques Rebelo

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Morreu sem deixar a gramática
de sua maneira clínica:
essa maneira de médico
que toma a doença com pinças,
e seja doença de fora
seja de dentro, examina-a

limpamente, do mais alto,
da ciência, do fora, do cima.
Daquele cima que permite
ser/fazer com assepsia:
sem beatice, se a ternura,
e desamargo, se a ironia.

II

Fuzilar o gesto no vôo:
mas que o gesto assim fuzilado
prossiga no seu vôo vivo
e conserve vivo seu pássaro.
Fuzilar o gesto de jeito
que aquele vôo assim cortado
não se corte num instantâneo;
mas continue a voar parado.
Continue ainda a se fazer,
a se voar, com todo espaço;
conserva o gesto e o pulso de antes,
e não morra, embora caçado.

Marques Rebelo Morre

FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO

À Elza

Não me reconheces mais
e bocejias
como se a cansaço antigo
teu corpo abandonasses
(apenas ossos que o lençol cobre
já baixo-relevo de estela funerária).

Ainda uma vez entreabres os olhos
cegos
pupilas para sempre oclusas
ao que foi vida na superfície
ou profunda.

Antevejo o rio de fogo
de que serás em breve fermento e magma.
Nenhum céu
que não querias (não precisavas)
te abrigará:
só esse rio
só esse rio
e a memória de ti
do que nos deixaste
— mundo de incorruptível amor.

Porque ninguém nos vê
modelo em teu próprio rosto

uma forma de carinho.
Decalco todos os contornos
do que foi rosto e hoje é máscara
(nem sofrida nem indiferente: máscara).

Sei que para mim mas falo: Aqui estou. Sou eu amaro
[amargo

neste quarto
nesta noite onde não mais que sombras vivem
pousam nas árvores que agora ciciam na aragem de agosto
tua última solidão.

***Colaboração
Especial***

No Mundo de Perez Galdós

JOSUÉ MONTELLO

Morto em 1920, já de olhos apagados pelo constante desvelo do trabalho literário, Perez Galdós deixou pelo menos uma obra-prima que pode figurar sem favor na mesma linha dos grandes romances universais: *Fortunata y Jacinta*. Depois do *Dom Quixote*, não se escreveu romance mais importante, no amplo domínio das letras de língua castelhana.

Nunca me esquecerei da emoção que me dominou, pelo outono de 1958, quando lhe empreendi a releitura, em Madri, no mesmo cenário em que se desenrola o seu entrecho. Escrito entre janeiro de 1886 e junho de 1887, na unidade orgânica de quatro volumes compactos, o livro de Galdós não perdeu o seu flagrante sabor de atualidade. A Madri do século passado, que ainda em parte sobrevivia, com as suas casas antigas, as suas ruelas estreitas, a sua Praça Maior, dir-se-ia ter permanecido intata, à revelia das mudanças em seu redor, para permitir aos estudiosos da obra galdosiana a confrontação da realidade objetiva com os textos do escritor. E foi de livro em punho, à medida que as relia, que andei a cotejar-lhe as páginas mais representativas com a fisionomia urbana à minha volta, em sucessivos passeios maravilhosos. Ao ressoar de meus passos na pedra das calçadas, parecia-me ver despontar, das sacadas sobre a rua, a farândola de seres

inesquecíveis que o romancista tirou do seu tinteiro para o papel em branco, numa letra miúda e certa que se lia sem esforço.

Certo, a Calle de Pomberos, onde Don Baldomero tem a sua casa espaçosa, cenário de boa parte da narrativa, não seria a mesma, como a mesma não seria a Cava de San Miguel, com a sua escada de cento e vinte degraus, onde Juanito Santa Cruz encontra Fortunata. Mesmo porque, ao começar a escrever o seu longo romance, Perez Galdós retrocede de vinte anos no tempo, e fixa a Madri que seus olhos de provinciano viram pela primeira vez, pintando-a assim com o colorido das evocações.

A atmosfera urbana, porém, não se alterou por inteiro, em alguns trechos da velha cidade, e é essa resistência ao progresso, mais por inércia que por zelo histórico, que nos permite justapor à realidade ambiente a urdidura romanesca.

Se daí resulta uma impressão nítida de contemporaneidade da criação galdosiana, cumpre desde logo acentuar que essa atualidade vem menos da concordância dela com o ambiente madrileno que do processo técnico com que foi elaborada, em termos de transposição artística.

Relegada a um plano secundário na própria Espanha, a obra do grande escritor volta a ser examinada sob uma luz propícia, que lhe deixa sentir a magnitude de proporções balzaquianas. Em verdade, Perez Galdós está para a Espanha como Balzac para a França, Dickens para a Inglaterra e Tolstoi para a Rússia. Ou seja: como o romancista nacional por excelência, em cuja obra portentosa um povo se espelha na sua mais fiel visão de conjunto.

Dickens e Balzac foram mesmo, de início, os mestres de Galdós, que neles recolheu a lição realista do romance. A essa lição, que está na base de seu processo narrativo, ele soube acrescentar uma contribuição pessoal de inegável importância, sobretudo na técnica do monólogo interior, que mais tarde figuraria entre as soluções mais ricas da moderna arte de construção romanesca.

E só agora, volvido mais de meio século da morte do romancista espanhol, sua obra começa a ser divulgada na França, que nele identifica, com surpresa, um dos maiores romancistas universais, não sabendo explicar como antes não lhe viu a grandeza.

Também na área de língua inglesa essa obra só episodicamente foi difundida, não obstante ter sido escrita nessa

língua a mais importante biografia de Galdós, obra de pesquisa paciente e meticulosa de um mestre da Universidade de Wisconsin, H. Chonon Berkowitz, *Perez Galdós, Spanish Liberal Crusader* (Madison, 1948).

No livro de estudos críticos que lhe consagrou, Leopoldo Alas (Clarín), que com Galdós longamente se correspondeu, diz-nos, textualmente: "Uno de los datos biográficos de más substancia que he podido sonsacarle á Pérez Galdós es... que él, tan amigo de contar histórias, no quiere contar la suya." Em última análise, a sua biografia se resume na copiosa bibliografia que lhe saiu da pena, um livro atrás do outro, dando a lembrar aquela Isabel Cordero de Arnáiz, de *Fortunata y Jacinta*, a qual, no dizer do romancista, depois de já ter cinco filhos, "siguió pariendo con la puntualidad de los vegetales que dan fruto cada ano". Com esta diferença: Galdós publicava regularmente dois livros por ano, às vezes três, e ainda aparecia nos jornais e revistas com seus longos artigos de critica, além de ter a sua peça em cena, num teatro de Madri.

Tanto labor porfiado, no curso de uma longa vida, não foi suficiente para que lhe fosse dada no mundo a merecida atenção. O ocaso dessa existência de beneditino literário não se coloriu de límpida luz. Pelo contrário. Cego, recolhido ao seu domicílio, Galdós recebia o desdém da critica militante, que não lhe dava o devido valor. Ou então o silêncio hostil crescia à sua volta, como se ele devesse pagar, já encanecido, por ter trabalhado tanto, o duro imposto do desapareço nacional.

A geração literária de 1898, que assumiu a liderança das letras espanholas ao fim do século XIX e no começo deste século, contribuiu sensivelmente para a caracterização de Galdós como um romancista superado. Que tinha a dizer o velho mestre aos novos tempos, se a sua obra se distinguia por ser uma reconstituição e não uma mensagem? Unamuno e Pio Baroja condenaram-no, por isso mesmo, em nome dos novos valores estéticos. E Galdós conheceu as sombras noturnas do esquecimento e do abandono, unicamente favorecido, à hora de seu crepúsculo, por uns saldos mitigados de prestígio popular. É dessa fase o retrato em que ele nos aparece num canto de varanda, sentado, a mão direita a envolver a cabeça de um cão, a outra descansando numa saliência de parede, o charuto entre os dedos, a cabeça coberta por um boné, os óculos velando os olhos apagados.

Nos últimos vinte anos, dir-se-ia ter havido uma re-descoberta de Perez Galdós, de início na Espanha, depois no resto do mundo. Além de novas edições de sua obra, de que constituem paradigma os seis volumes da edição Aguilar, lançada em 1950, num total superior a 11.000 páginas de texto compacto, com introdução e notas de Federico Carlos Sainz de Robles, vale lembrar toda uma copiosa literatura em torno da vida e do legado de arte do grande romancista.

Cumprê pôr em destaque, nessa bibliografia sobre Galdós, o estudo em que Ricardo Gullon evidencia a concordância dos valores galdosianos com os valores atuais, no mundo da criação romanesca.

Antes de sair em volume, na unidade orgânica de um livro especial consagrado a Galdós, esse estudo serviu de introdução a uma edição crítica de *Miau* — outro dos grandes romances do mestre espanhol — sob os auspícios da Universidade de Porto Rico, através da *Revista do Ocidente*, de Madri. Sem alterações dignas de nota, nesta sua consolidação em volume, o trabalho de Ricardo Gullon pode ser considerado, à hora da definitiva revisão da novelística de Perez Galdós, como o grande enfoque crítico do mundo artístico galdosiano. A ele devemos, entre outras observações de alta importância, a significação, a relevância do monólogo interior do mestre de *Fortunata y Jacinta*. Ao precedente concreto de *Les lauriers sont coupés*, de Edouard Dujardin (1887), já indicado na genealogia estilística do monólogo de James Joyce, acrescenta Gullon o de Galdós, logo esclarecendo: “Galdós utilizó el monólogo tradicional con variantes reveladoras de tan clara consciencia de sus posibilidades que no es aventurado, en este punto, calificarle de precursor: en sus novelas se encuentra, a su manera, naturalmente — no a la de Joyce o Faulkner —, un tratamiento nuevo, intenso, del soliloquio, que antecipa el discutivo proceso estilístico.”

Certo, o monólogo galdosiano não tem a linha desconexa que caracteriza o monólogo de Joyce: sua seqüência lógica obedece a um encadeamento natural — o encadeamento da fala discursiva que se desenvolve racionalmente, uma frase puxando a outra, sem a participação da oralidade. Mas esse solilóquio constante, indispensável à lógica e à evolução da narrativa, atua como elemento básico do processo romanesco, como revelação do mundo fechado dos personagens.

Ricardo Gullon acentua: “Galdós elimina del monólogo lo superfluo y con esto acepta una ley artística invariable:

la ley de la selección, de acuerdo con la cual separa de una masa de hechos y detalles los en verdad significantes.” E acrescenta: “Quizá la técnica de Joyce produzca mayor impresión de semejanza con la realidad que la de Galdós, pero el punto a discutir sería si tal semejanza es artísticamente más útil. Yo creo que no. Si se me excusa lo pedantesco de la expresión diré que, científicamente, el procedimiento de Joyce por lo general está más cerca de mecanismo real del pensamiento, pero desde el punto de vista de la novela — arte credor, invención y no copia Galdós estaba en lo cierto.”

No plano temático, a obra de Galdós retoma um veio antigo do romance espanhol, já presente na novela picaresca e no *Dom Quixote*: a participação do homem da rua na trama romanesca. Essa participação é genuína, sem nada de artificial. Da mocidade à velhice, o escritor nunca desdenhou a comunhão com o povo, antes com ela se comprazia, e era nos carros de terceira classe que habitualmente empreendia as suas viagens, dentro e fora da Espanha. Sempre que descansava a pena ao pé do tinteiro, apanhava o chapéu e a bengala, e lá ia, rua abaixo, ou rua acima, misturar-se com a multidão, recolhendo-lhe os modismos, a nova gíria, o apelido insubstituível. Daí, nos seus romances e nas suas novelas, a conversa de rua, a controvérsia dos cafés, a interjeição popular — sem prejuízo do elemento aristocrático ou burguês, também corretamente captado da vida real para o entrecho do romance. Dir-se-ia que, no contexto extremamente complexo do mundo espanhol, na segunda metade do século XIX, e mesmo antes, no plano de ordem histórica, nada escapou à argúcia certa da observação de Perez Galdós. No entanto, convém acentuar que suas narrativas não devem ser confundidas com meras reportagens. Longe disso. A imaginação do escritor completava com recursos próprios o que ele via e ouvia à sua volta, transferindo assim a observação para o altiplano da criação. Graças a esse dom de romancista autêntico, não é a fotografia dos muitos aspectos da Espanha que ele nos dá nas suas páginas de romancista, mas a própria vida espanhola, no seu fluir incessante. Em vez do retrato, o ser vivo; em lugar da descrição, a paisagem. Por vezes a força da vida recriada obriga o romancista a reduzir a narrativa a um recurso único, na ordem dos elementos técnicos, e daí resultam os extensos romances dialogados, como *Realidad* e *El Abuelo*, numa linha de urdidura

que seria retomada em língua francesa, neste século, por Roger Martin du Gard, em *Jean Barois*.

Peça de capital importância para o conhecimento da temática e do processo romanesco do mestre é o seu discurso de posse na Real Academia Espanhola, a 7 de fevereiro de 1897, e a que se deve associar ainda o que proferiu, dias depois, no mesmo instituto, recebendo seu amigo José Maria de Pereda, também grande romancista.

No primeiro, discorrendo sobre "la sociedad presente como materia novelable", diz Galdós: "En vez de mirar á los libros y á sus autores inmediatos, miro al autor supremo que los inspira, por no decir que los engendra, y que después de la transmutación que la materia creada sufre en nuestras manos, vuelve á recogerla en las suyas para juzgarla; al autor inicial de la obra artística, el público, la grey humana, á quien no vacilo en llamar *vulgo*, dando á esta palabra la acepción de muchedumbre alineada en un nivel media de ideas y sentimientos; al vulgo, si, materia primera y última de toda labor artística, porque él, como humanidad, nos da las pasiones, los caracteres, el lenguaje, y después, como público, nos pide cuentas de aquellos elementos que nos ofreció para componer con materiales artísticos su propia imagen: de modo que empezando por ser nuestro modelo, acaba por ser nuestro juez."

No segundo discurso, examinando o problema do regionalismo, suscitado pelo espírito localista da obra de Pereda, termina reconhecendo: "Creo que con igual acierto se puede imaginar y componer grandes obras de verdadera transcendencia nacional, aqui ó en cualquiera de los reinos, provincias y lugares de nuestra hilvanada nación; porque en todas las partes del territorio hay algo que es común á cuantos en él vivimos; porque la síntesis nacional existe, aunque se esconde á nuestras miradas, y si en nuestras virtudes no seria fácil descubrirla, seguramente en nuestros defectos la descubriríamos." E conclue: "Lo que importa es que el artista sepa encontrar la desnudez humana, y acierte á ornarla con el colorido local sin que sus bellezas se pierdan."

Esta última tese, sustentando o princípio de que o caráter nacional prescinde do regional para exprimir-se nas suas peculiaridades, vale ainda por uma confissão, porquanto foi esse o caminho que Galdós seguiu ao longo de sua obra. As palavras de ambos os discursos acadêmicos valem assim

por expansões de confidências, explicativas de conteúdo e forma no romance galdosiano.

Assim como foi o pintor veraz de Madri, copiando-lhe a comédia humana com o vigor e o colorido dos pincéis de Balzac no mundo de Paris, Perez Galdós soube ser também o pintor de outras regiões da Espanha, notadamente a Toledo incomparável que serve de cenário a grande parte de *Angel Guerra*, o seu maior romance depois de *Fortunata y Jacinta*.

É preciso ter ali permanecido algum tempo, sentindo-lhe a austera beleza dominada pelas linhas de sua catedral, para sentir todo o vigor toledano deste trecho do romance: "De noche, el misterio y la poesia resaltaban más que á luz del sol. Las puertas erizadas de clavos, la desigualdad infinita de planos, rasantes y huecos, las fachadas con innumerables dobleces, las rejas, las imagenes dentro de alambreira y con lamparilla, los desfiladeros angostos, entre muros que se quieren juntar, los cobertizos y travesias empinadas, la soledad, la sombra distribuida en masas caprichosas, avivaban más en el espíritu del vagabundo la impresión de leyenda dramática ó de histórico lirismo. En sus primeras caminatas, la planimetria de la ciudad érale desconocida; pero pasando y revolviéndose de Norte á Sur y de Levante á Poniente, empezó a orientarse, fijó los grupos de edificios más visibles, las torres y cúpulas, y de este modo pudo dominar el sentido de las calles, y entenderlas como signos de endiablada escritura, que se va comprendiendo después de pasar por ella los ojos una y otra vez. Sale ahora este vocablo, después aquel; se despeja parte de una cláusula, luego se trasluce una frase íntegra, hasta que interpretados con cálculo y paciencia los espacios intermedios, llegase á leer de corrido todo el conjunto de gabaratos."

Para recolher essa impressão nítida, que se apodera do forasteiro às primeiras caminhadas noturnas pelas ruas mal iluminadas, o que se requer é precisamente o contrário da intimidade regionalista, que vê a minúcia e o pitoresco, mas não experimenta o impacto da descoberta da cidade, toda ela envolta no jogo de luz e sombra das pinturas de El Greco. Embora, andando o tempo, Galdós houvesse terminado por penetrar nos segredos e mistérios de Toledo, como se ali sempre houvesse vivido, jamais esqueceu o instante em que pela primeira vez ouviu ressoar seus próprios passos na pedra das velhas calçadas. E foi essa imagem, transposta para a

sensibilidade de *Angel Guerra*, que o romancista fixou no papel, à hora da recriação literária.

A circunstância de ser genuinamente espanhol, no sentido de poder exprimir nos seus romances, nas suas novelas e no seu teatro a própria alma da Espanha, sem os excessos regionalistas, que particularizam a obra de Pereda, poderia ter aberto a Galdós, desde cedo, o caminho da universalidade. Mas não foi isso que aconteceu. A Espanha, quando era grande potência, deu ao mundo Cervantes, lembra Salvador de Madariaga. E logo acrescenta, num lampejo de ironia que não deixa de trazer em si uma fulguração de verdade: "Desde la Armada invencible no tenemos derecho a un gran novelista." Para revigorar sua conclusão, alude o mesmo ensaísta ao fato de que, num programa sobre a evolução cultural da Europa, transmitido pela BBC, a Espanha não foi mencionada: "De poco o nada sirve que hagamos valer lo que España ha dado al mundo fuera de esta perspectiva histórica: haber cristianizado, es decir, europeizado, a todo un continente y haberlo cubierto de belleza como ninguno otro pueblo lo ha hecho en ninguna parte; haber dado al mundo una pintura sólo igualada por Itália e Holanda, una literatura solo igualada por Francia y por Inglaterra. Todo eso, para la perspectiva de hoy, no es más sustancial que el piano que se enseñaba a las chicas cursis del siglo XIX, por el que dirán. Lo que importa hoy es la físico-química. No a dónde ascienden los espíritos, sino hasta dónde se alzan las chimineas."

Mas há a universalidade e o universo de Galdós. Este, sim, é que de perto nos interessa, por ser o núcleo radiativo de sua glória, a razão mesma de sua perenidade e de sua grandeza. Não o lêem no resto do mundo? Sua obra está quase que circunscrita ao domínio da língua castelhana? O prejuízo, no plano da fruição de ordem estética, é de quem não penetrou o seu universo, para admirar, por exemplo, a mestria com que o grande romancista faz evoluir *Angel Guerra* de ateu a beato, no mais denso romance anarquista que já se escreveu.

Em vão buscareis esse romance nas livrarias espanholas. Seus três volumes, publicados em 1891, não foram reeditados. Desinteresse do público? Não. Algo mais grave: rigor da censura oficial. Somente no bojo das Obras Completas, lançadas pela Casa Aguilar, haveis de encontrá-los — a menos que vos aconteça o que a mim sucedeu, uma tarde, ao dar com a esguia porta de um livreiro de Sevilha, por onde pe-

netrei devagar, atraído por umas velharias impressas, para dali sair, momentos depois, sobraçando o grande livro de Galdós. No relance da primeira leitura, não tardei a dar com a figura do Marquês de Taramundi, que me pareceu extremamente atual, no seu gosto da ação política. Dele nos diz o romancista com uma ponta de riso brincalhão: “Usaba con abrumadora frecuencia de ciertas expresiones y figuras, y rara vez dejada de decir: — “Cual es la meta á que nos proponemos llegar? Pues la meta no es otra cosa que la nivelación de los presupuestos.” — O’bien: — “Yo entiendo que hay una meta en la cual el carro del progreso debe detenerse.” — Y con esto de la meta tenía tan mareados á todos los de la tertulia, que Angel no hablaba nunca con él sin sacar á relucir también, por chanza, su poquito de meta.”

Para quem aspire iniciar-se no universo galdosiano, *Angel Guerra* oferecerá os tropeços das grandes narrativas. O melhor seria tomar uma obra-prima de proporções mais reduzidas, como *Torquemada en la Hoguera*, e daí partir para a penetração do mundo galdosiano. Citei *Torquemada en la Hoguera*, e citei bem. Assim como saiu da pena de Galdós, com *Fortunata y Jacinta*, o grande romance espanhol depois do *Dom Quixote*, também saiu da pena do mesmo mestre, com *Torquemada en la Hoguera*, a mais importante novela espanhola, depois das *Novelas Ejemplares*.

O sentimento de admiração entusiástica, que me levou não apenas a ler a obra de Perez Galdós, mas também a recolher sobre ela o que de mais notável se escreveu a seu respeito, dentro e fora da Espanha, levou-me igualmente a visitar a filha do escritor, D. Maria Perez Galdós, em sua casa da Rua do Conde de Aranda, em Madri, pela primavera de 1958.

Ali não residiu o escritor. Se bem me recordo, com a reminiscência de antigas leituras, sua última residência foi na Calle de Hilarión Eslava, nº 5, onde dois jornalistas, Luis Anton del Olmet e Arturo Garcia Carraffa, dele recolheram confidências e impressões, de que resultou um livro de informações preciosas, editado em 1912, *Los Grandes Españoles — Galdós*. E outra seria a morada que a Condessa de Pardo Bazán, ainda no século passado, descreveu em seu *Nuevo Teatro Critico*, no número correspondente a agosto de 1891, dois anos depois da publicação de *Torquemada en la Hoguera*. Por outro lado, como, além da casa em Madri, Gal-

dós tinha outra em Santander, La Quinta, tudo quanto fui encontrar na Calle de Conde de Aranda seria a junção de relíquias de ambas as residências do escritor.

D. Maria Perez Galdós, que soube ser, ainda jovem, os prestimosos olhos de seu pai, quando a luz se apagou nas pupilas do romancista, soube ser também a zeladora de suas relíquias, e são elas que, de relance, assim que me vejo portas adentro de sua casa, me dão a repentina presença do criador de *Angel Guerra*.

Num livro de juventude, publicado em 1912, *Lecturas Españolas*, Azorin assim no-lo descreveu: "Don Benito Pérez Galdós es un anciano alto, recio, un poco encorvado; viste sencillamente; cubre su cabeza un sombrero blando, redondo, um poco grasiento; no recuerda ningún mortal haber visto sobre el cráneo del novelista ningún sombrero hongo. La modestia de Don Benito respecto a indumentaria es pria de todo gran trabajador intelectual." E é ainda Azorin quem adianta: "Habla poco el autor de los *Episodios*. De cuando en cuando hace una pregunta, escucha atento la charla, permanece largos ratos en silencio. Sus ojos no brillan ni fulgen con resplandores de vida interna; su cara no expresa ni alegría ni tristeza, ni entusiasmo, ni indignación. Lentamente, pausado, con su gabán usado y su bufanda blanca en invierno, va caminando el ilustre anciano por las calles, entra en el Congreso, escribe unas cartas, se acerca a un corro, escucha en silencio — siempre en silencio — lo que se charla y vocifera entre manoteos y interjecciones."

Em todas as páginas que retiveram as imagens do escritor, na pena dos memorialistas de seu tempo, seu retrato é sempre o mesmo: falando pouco, onvindo sempre, o gesto manso, o andar tranqüilo. Emílio G. Gamero, que lhe consagrou três volumes de estudos críticos, aduz ainda um ponto: "Cosa rara entre literatos, leía sin esfuerzo lo que producían los demás, dando su aplauso a aquello que era de su agrado, y su consejo se le fuera pedido. Resultaba más expressivo en la correspondencia epistolar que en el diálogo."

Ao ver-lhe o retrato pintado por Sorolla, na sala a que me conduz a generosa acolhida de D. Maria Perez Galdós, demoro a olhar no seu rosto tranqüilo, e vejo que o pintor lhe guardou ainda um traço que chamou a atenção de seus contemporâneos: os olhos do escritor nada tinham do fulgor habitual dos homens de gênio. Pelo contrário: por vezes pa-

reciam ausentes, como esquecidos no ar — e é esse esquecimento que Sorolla fixou na sua tela.

Dias antes, um velho fotógrafo de Madri, que foi amigo de Perez Galdós, tinha-me dado o mais comovedor dos retratos do romancista: aquele do mestre num canto de jardim, sentado contra a parede, a mão esquerda envolvendo a cabeça do cão que lhe serve de companhia.

D. Maria oferece-me uma cadeira, faz-me sentar junto à mesa onde seu pai trabalhava, e logo coloca diante de mim, para que os compulse, os manuscritos de *Fortunata y Jacinta*. Fico em silêncio, com ar devoto, a percorrer aos poucos, devagarinho, as folhas cuidadosamente ordenadas e sobre as quais se sucedem as linhas correntias com uma ou outra emenda, dando a impressão de terem vindo de si mesmas, sem esforço, suavemente, uma palavra puxando a outra, a entremear ternura e ironia.

Enquanto corro os olhos salteadamente pelas páginas do longo manuscrito, conta-me D. Maria que seu pai tinha um processo curioso de trabalhar: todos os dias, muito cedo, tirava da gaveta à sua esquerda certo número de folhas de papel em branco, e escrevia a sua tarefa; depois recolhia as folhas manuscritas na gaveta à sua direita. E assim o fez, sem descanso, anos a fio, na mesma letra miúda, com a qual cumpria rigorosamente o seu compromisso editorial de dar um livro novo de três em três meses.

Salvador de Madariaga, no seu estudo sobre a universalidade de Galdós, diz-nos que o romancista escrevia a lápis e que isto “hay que tomarlo en cuenta para justificar su lado flojo”. E esclarecendo melhor seu pensamento: “No sé si se há hecho estudio alguno de los medios de escribir del escritor. Lápis, pluma, taquigrafía, máquina, dictáfono. Cada cual tendrá, sin duda, sus ventajas y sus inconvenientes en cuanto a su arte. Al fin y al cabo, su razón habrá para que el artista literario lleve el nombre de *escritor*. Mucho me temo que el lápiz haya perjudicado el estilo de Galdós. El lápiz, comparado con la pluma, presenta dos caracteres al parecer contradictorios. Exige más presión de la mano sobre el papel, pero es de manejo más fácil. Predispõe ao descuido, al perfil borroso. Vá contra la precisión, la exactitud, la claridad.”

Poder-se-ia argüir, em defesa do lápis de Galdós, que o escritor, sempre que uma expressão melhor lhe acudia no impulso da escrita, não precisava de outro recurso além da

borracha no papel. Mas a verdade é que, nos manuscritos de *Fortunata y Jacinta* e *Angel Guerra*, que eu tive o privilégio de ter em mãos por um par de horas, o papel está coberto pela tinta: por ali correu a pena, não o lápis.

Passo a vista pela biblioteca do escritor, adianto a mão para examinar um ou outro livro que seus olhos percorreram. Em vão busco à minha volta, nas severas estantes trabalhadas, de que o próprio Galdós fez o desenho, a meia dúzia de livros portugueses que H. Chonon Berkowitz relacionou no catálogo publicado em 1951 pelo Museu Canário. Lembrome que nele figuravam um tomo desgarrado das *Farpas*, os sonetos de Antero de Quental, *Os Lusíadas*, uma novela de Camilo Castelo Branco, a edição de 1880 de *O Crime do Padre Amaro*.

Falo a D. Maria Perez Galdós de um exemplar da *História da Civilização Ibérica*, de Oliveira Martins, que este ofereceu ao romancista na cidade do Porto, quando por lá passou este na sua viagem para o Minho, um ano antes de começar a escrever *Fortunata y Jacinta*. O próprio Galdós, nas suas *Memórias*, alude ao fato. D. Maria corre os olhos pequenos pelas lombadas perfiladas à sua frente, termina por erguer os ombros para dizer que não tem idéia do livro.

Em seguida, ponho-me a ver os bonecos que Galdós desenhava na primeira fixação visual de suas personagens e de que se socorria, para melhor memorizá-los, à medida que lhes dava corpo e alma no calor da criação literária.

Ao contrário do que pensava Pio Baroja, ao afirmar que Galdós “como historiador ha hecho poco o nada”, Mesonero Romanos exaltadamente o louvava, na sua qualidade de grande historiador, e historiador de Madri, pela mestria com que o romancista servira à História: “Sobre todo, es sorprendente, y más para mi que para ningún otro, la intuición con que se apodera usted de épocas, escenas y personajejes que no ha conocido y que, sin embargo, fotografia con una verdad precursora. Ya dije a usted en otra ocasión que en tal concepto no tiene rival y que sus novelas tienen más vida y enseñanza ejemplar que muchas historias.”

A opinião de Boroja deve ser levada à conta do conflito geracional. Por maior que fosse o gênio de Perez Galdós, dominando a cena do romance e do teatro espanhol à hora em que entrou a constituir-se o novo grupo literário que teria no romancista de *El Mayorazgo de Labraz* uma de suas

magnas figuras, não estava ele imune à contestação dos novos poetas e prosadores. E a contestação veio — ou com a negação ou com o silêncio.

Um desses novos, Jacinto Benavente, iria experimentar na própria pele, andando o tempo, a injustiça da impiedade dos jovens. Nas palavras que servem de prólogo às suas *Obras Completas*, deixou ele fluir da pena, aos setenta e quatro anos de sua idade, este desabafo amargo: “A los impacientes por verme desaparecer, que tan mal han sabido disimular su impaciencia en estos ultimos años — y algún dia también se hablará de esto, con nombres propios y adjetivos, y hay mucho que hablar —, les deseo paciencia; ya falta menos. Pero tengan en cuenta que las categorias literarias no se consiguen por vacante, ni están numeradas, como las localidades en el teatro.”

Perez Galdós, mais sereno, não se queixou. Ainda em vida, sob as árvores do Parque do Retiro, em Madri, ergueram-lhe o monumento, obra do escultor Victorio Macho, seu grande amigo. O escritor parece um pouco reclinado, na posição de quem resignadamente espera. Outro monumento, este erguido em Las Palmas em 1970, obra de Pablo Serrano, transmite-nos uma impressão de brutalidade nos seus cortes de pedra; mas, ainda aí, as mãos da estátua, uma sobre a outra, dão ao monumento a impressão da espera paciente. Em realidade, o mestre de *Fortunata y Jacinta*, a despeito do tempo transcorrido após a sua morte, continua a aguardar para o universo de sua obra a merecida universalidade.

Carlos Nejar

OCTÁVIO DE FARIA

CARLOS NEJAR — *Sélesis* (1960) — *Livro de Silbion* (1963) — *Livro do Tempo* (1965) — *O Campeador e o Vento* (1966) — *Danações* (1969) — *Ordenações* (1969-71) — *Canga* (1971) — *Casa Dos Arreios* (1973) — No prelo: *O Poço do Calabouço* (1974).

Não obstante oito volumes publicados e um no prelo, ainda é cedo para se traçar um esquema da trajetória poética de Carlos Nejar. Qualquer delimitação rigorosa afigura-se arbitrária, problemática mesmo. E não estou longe de pensar que ele próprio se recusará a endossar não importa qual das tentativas até hoje esboçadas para o enquadrar nesse ou naquele esquema. Aliás, uma de suas maiores forças vem daí — dessa eterna fuga a qualquer definição inapelável. Mas, também, o fato de ainda não se lhe ter reconhecido a sua extraordinária importância.

Por outro lado (como se estivéssemos contemplando agora a outra face da medalha), Carlos Nejar, em pouco mais de dez anos, construiu uma obra poética de tal vulto, não só pela quantidade de títulos, ano após ano editados, como pela qualidade dos poemas apresentados, que não há como não reconhecer que, entre os contemporâneos, nenhum conseguiu oferecer, em tão pouco tempo, provas tão seguras, tamanha riqueza poética, tanto trabalho íntimo,

tão fundo domínio do *métier*. Para o limitado de apenas uma dúzia de anos, a densidade poética de sua obra é realmente espantosa. E é ela que nos convida, aqui, a uma meditação em que o cuidado e o espanto se revezam de modo ininterrupto.

De sua estréia, em 1960, com *Sélesis*, a 1973, ano da publicação de *Casa dos Arreios*, sucedem-se volumes de poesia os mais diversos, cada qual trazendo, em relação aos anteriores, novidades substanciais, vivências absolutamente inesperadas. Não só nenhum deles repete os que o precedem (nem em forma nem em temática), como em nenhum se anuncia o ciclo que está por vir. E isso, sem que, a cada volume, se vá deparar com um Carlos Nejar diferente, novo, inconciliável com os anteriores. Pelo contrário, ante nossos olhos de leitor atento, curioso talvez, Nejar está sempre presente — Nejar como ele é, imutável em sua essência poética, em sua figura humana.

De fato, cada livro que publica apresenta um aspecto diferente do seu evoluir poético, de sua natureza em desenvolvimento — em constante e até hoje não-advinhado prolongamento interior. Ainda que o núcleo permaneça o mesmo (o eu-Nejar), é sempre sob um aspecto novo que se mostra, de conformidade com sua dinâmica essencial: um permanente movimento em direção à maior expressão e à mais íntima compreensão do seu eu problemático, multiforme. Ou seja: um esforço em direção a uma melhor realização do seu eu humano potencial.

Um poeta em movimento, eis realmente um ângulo pelo qual o poeta Carlos Nejar pode ser focalizado — e foi o que Ernani Reichmann viu com segurança quando escreveu: “Nejar é um poeta em caminho, isto é: no tempo.”⁽¹⁾ E isso em não importa qual de seus livros, tanto nos quase simbólicos, como *Sélesis* e *Livro de Silbion* (ali o cão, aqui o pássaro — sempre o homem, sempre Nejar), como nos quase líricos *Livro do Tempo* e *O Campeador e o Vento*, ou aparentemente conceituais, como *Danações* ou *Ordenações*. Nenhuma repetição de temas, insisto — a problemática é sempre nova, como em *Canga* ou *Casa dos Arreios*. É que, ao longo de sua obra, o poeta vai se mostrando sob aspectos novos e vários, enfrentando problemas diferentes, revelando-se à luz de sua contínua, trágica, e jamais estática persona-

1) *A Poética de Carlos Nejar* — Temístocles Linhares e Ernani Reichmann — p. 84. (U. F. P. — Curitiba, 1973.)

lidade. Um poeta em devir ininterrupto. Uma natureza das mais ricas, sem dúvida, em fases diversas, iluminadas por luzes cambiantes, caminhando sempre e sempre registrando todas as etapas de suas mutações imprevisíveis. Nada o detém nessa caminhada — e nada o retém em parte alguma: campo, casa, tempo, ordem, estado, crença. Avança sempre. Devora espaços, consome estados de alma, diz, repete, labuta sempre. Se aqui o julgamos chegado a um porto — a tranquilidade da casa, o amor ao campo, a força do vento, o poder do tempo, a segura ordenação das coisas, o absoluto do amor —, como se se tratasse de um ponto fixo, um amparo, uma arribada, logo o vamos encontrar adiante, prosseguindo a jornada, transpondo espaços, físicos e psíquicos, apontando novos portos e deixando-os sempre para trás, como se realmente estivesse em busca de qualquer coisa impossível de especificar ou definir, mas que está pressuposto em seu permanente evoluir de um estado para outro.

O poeta não traça, não delimita, não indica nenhum dos itinerários habituais entre os demais poetas — pois, como tão admiravelmente indicou Ernani Reichmann: “Sua mensagem é ele mesmo em seu ser original e indissociado, onde cabe toda condição humana.”⁽²⁾ Não se assemelha, por exemplo, aos que, partindo para chegar a uma certeza, e aportando a essa certeza, descobrem que foi uma total incerteza o que se lhes deparou. Ou, em direção a uma fé, esbarram na irremediável incredulidade. Nenhum programa, nenhuma conformidade com as “partidas” e as “chegadas” usuais. Digamos mesmo que seus movimentos nada têm de “direcionais” e são, apenas, ou essencialmente, “circulares”. E situemos: nesse particular, Nejar lembra mais Cassiano Ricardo ou João Cabral do que, digamos, Bandeira ou Schmidt, Murilo ou Vinicius. Mas, não nos esqueçamos: esses “círculos” são, essencialmente, em torno de sua pessoa humana que ele os descreve: Nejar e o destino do homem, Nejar e o tempo, Nejar e o vento do campo, Nejar e a danação, Nejar e as coisas a ordenar, Nejar e o humano a preservar, Nejar e o amor supremo. E isso como se, de cada vez, ele se visse e visse o mundo sob ângulo inédito: o do círculo que descreve em torno do novo ponto (casa, campo, tempo, danação, ordem, amor, segurança) — o que lhe vai permitir afirmar:

“A resposta não existe nesta terra sem resposta.” (*Livro de Silbion*)

2) Op. cit., p. 104.

Assim, a cada livro, a cada círculo que Nejar traça em torno de si mesmo, o mundo nos é oferecido renovado, vário, instável, às vezes desconhecido, inesperado. É que o eu do poeta se desloca, torna-se sujeito, objeto, amplifica-se, distorce-se, concentra-se, avança, pára, renuncia, cede o lugar ao mundo e às suas realidades, volta, torna a assumir novas proporções imprevistas — sonho, imaginação, devaneio —, agiganta-se, confunde-se com o próprio universo, desfaz-se, some. Tudo se torna angulação poética, visão privilegiada e distorcida, projeção descomunal, multiplicidade do eu, descoberta, invenção, intuição, pergunta sem resposta. Ou, quem sabe, presença do sobrenatural, por menos invocado que seja? Pois o poeta bem sabe:

“Deus não se inventa, se encontra.” (*Livro de Silbion*)

Assim, como fazer a volta temática de Nejar, como estruturar um sistema que condicione todo o seu mundo poético? Alguma coisa escapa sempre e as tentativas até agora feitas, por mais brilhantes que, aqui e ali, tenham sido, esbarram sempre nesse irremovível obstáculo: a poesia de Nejar ainda não pode ser circunscrita, a definição última do poeta escapa sempre por entre as malhas que sobre ele lançam.

As duas principais experiências,⁽³⁾ a quase estruturalista de Nelly Novaes Coelho⁽⁴⁾ e a, sob tantos aspetos extraordinária, existêncio-fenomenológica, de Ernani Reichmann⁽⁵⁾ colocam-nos ante o mesmo obstáculo: Carlos Nejar excede, extrapassa os limites que eles tentam traçar. Ao fim desses estudos, sentimos um Nejar que ultrapassa, que não se deixa enclausurar, que reclama mais espaço e mais altura, uma espécie de ultrademarcação. Pois é em vão que, quase ilhada pela exaltação humanística de *Casa dos Arreios*, Nelly Novaes Coelho procura recorrer a Berdiaef e a suas concepções filosóficas de um cristianismo antropomórfico. E é o próprio Reichmann que, ao término de suas espantosas análises terrivelmente exaustivas de um por um dos volumes de Nejar, confessa que nenhuma palavra definitiva pode ser pronuncia-

3) Já não falo dos prefácios, orelhas ou estudos de um Antônio Houaiss, de um Guilhermino César, de um Itálico Marcon, de um Antônio Ramos Rosa (este, em *Dois Poetas Novos do Brasil — Carlos Nejar e Armino Trevisan* — Lisboa, 1973).

4) Nelly Novaes Coelho, *Carlos Nejar e a Geração de 60* (S. Paulo, Ed. Saraiva, 1971) e o prefácio de *Casa Dos Arreios*, 1973.

5) Op. cit.

da sobre “qual o destino do homem” — que é, lembremos, a pergunta inicial e a pergunta final de *Sélesis* — e, honestamente, declara: “Assim, a pergunta pelo destino do homem adquire, a cada livro, nova dimensão e novo sentido pelo mergulho cada vez mais profundo no trágico — que reside também em nosso cotidiano.” (6)

É essa constante “nova dimensão”, esse permanente “novo sentido” de cada uma de suas obras que confere a Nejar, a nosso ver, a sua excepcional importância. Já o dissemos, mas não será demais repetir: é um novo (e, ao mesmo tempo, o mesmo) Nejar, aquele com que sempre deparamos. Defini-lo pelos seus característicos essenciais (e tão freqüentemente apontados: interiorização e humanismo) não nos leva muito longe, mesmo que ampliemos esses conceitos o mais possível e repitamos, já agora com o poeta:

“O homem é uma angústia de Deus” (*Sélesis*),

ou:

“Sou apenas um homem
E não vos peço nada.
Sou apenas um homem
Não um anjo nem Deus” (*Livro de Silbion*)

ou:

“Encontrei o humano
— o seu rosto inteiro —
não somente os traços.” (*Ordenações*)

ou, finalmente:

“Onde existir o humano
irão meus ossos.
.....
Onde existir o humano
aí vão meus parentes
e todos os pertences.
.....
Onde existir o humano
irá meu reino vivo.” (*Casa dos Arreios*)

Mas, em Carlos Nejar até onde não irá realmente o humano? Essa busca feroz, trágica é a sua força motora, sua maior grandeza, aquilo que o torna o mais problemático dos nossos poetas moços, alguém capaz certamente de atingir

6) Op. cit., p. 134.

os cumes máximos de nossa literatura. Nesse terreno do intransigente, apaixonadamente humano, Nejar tem diante de si o mais arrojado, mas também o mais ilimitado dos caminhos. Dirá, quase relembrando o Fernando Pessoa do "Tudo vale a pena/se a alma não é pequena":

"Até onde a paixão vier
a alma se entenderá.
Não pararei." (*Ordenações*),

ou, absorvido na própria experiência:

"Quando há coisas do amor
a morte é espuma" (*Ordenações*)

Que lhe importa verificar que a sua contribuição não pôde, até agora pelo menos, ser rigorosamente sistematizada, enquadrada em definições precisas? Seu depoimento — essa extraordinária obra poética em expansão — está aí, presente, desafiando todas as tentativas, porque as palavras finais, prometidas, estão longe de terem sido proferidas. Aliás, não é ele próprio que nos pede, sempre que nos referimos ao seu último livro publicado, que só o tentemos analisar depois da leitura do volume a sair? Que maior prova de vitalidade, de força de devir poético, pode nos dar um "poeta em caminho" (um autêntico poeta, portanto), do que essa opção para um depoimento em elaboração, esse pedido de atenção e ouvidos vigilantes, essa solicitação para que seja acompanhado no testemunho ainda não terminado do seu "reino vivo"? Sim, ele que nos avisa:

"Como repor-me
entre os vivos
se ainda trago
o calabouço comigo?" (*Ordenações*),

mas ele, também, que nos tranqüiliza:

"Carregai-me, barca.
E ainda canto." (*Danações*)

Octávio de Faria. Rio, 1974.

**A CONTRIBUIÇÃO DE
ALUÍSIO AZEVEDO
PARA A FORMAÇÃO DO
REALISMO CRÍTICO
NO ROMANCE BRASILEIRO**

SIGURD SCHMIDT

**O Cortiço, Obra
Principal de Azevedo ***

Gênese e aceitação da obra

O *Cortiço*, contrariando-se a discrepância existente com relação à apreciação crítica dos demais romances, assim como das obras completas do autor, é qualificado com quase plena unanimidade pela crítica literária brasileira como a principal obra de Azevedo. As manifestações expressas a respeito externam, no fundo, o mesmo pensamento e, partindo-se de “o melhor romance de Aluísio Azevedo”, entremeando-se com “o livro mais verdadeiro de Aluísio Azevedo” e “a sua obra-prima”, chegam a pronunciar que é “a obra que lhe dá lugar definitivo na novelística brasileira” e “um grande livro, dos maiores da literatura brasileira”. Raul de Azevedo, finalmente, destaca das demais produções do autor esta obra, incluindo-a na “galeria dos dez ou doze romances brasileiros

* Da Tese de Doutorado na Faculdade de Letras da Universidade Humboldt de Berlim (Humboldt — Universität zu Berlim), em 1968. Tradução para o português dos caps. I, II, VIII e IX.

imortalizados” e, com isto, apelando para o seu caráter de um clássico da literatura do Brasil.

Azevedo realizou em 1884 os primeiros esboços para *O Cortiço*, quando, junto com Pardal Mallet, saiu fazendo passeios pelo Rio em trajés bastante populares, para estudar a vida das camadas inferiores do povo, mormente dos trabalhadores das pedreiras e das lavadeiras, e retê-la em notas como documentos. Um ano mais tarde o título da obra, ao lado de quatro outras que não deveriam ser realizadas (*A Família Brasileira*, *O Felizardo*, *A Loureira* e *A Bola Preta*), aflorou no já mencionado projeto dos *Brasileiros Antigos e Modernos*: “O primeiro romance, *O Cortiço*, faz-nos ver um colosso analfabeto, que de Portugal vem com a mulher trabalhar no Brasil, trazendo consigo uma filhinha de dois anos. Esta criança vem a ser a ‘menina do cortiço’, um dos tipos mais acentuados da obra, o qual será ligado imediatamente a um tipo novo, o tipo do ‘vendedor amancebado com a preta’. O colosso deixa a mulher por uma mulatinha e deste novo enlace surgem o ‘Felizardo’ e a ‘Loureira.’” Em confronto com a única obra realizada da planejada série de romances, este esquema parece haver correspondido a uma idéia ainda muito pouco nítida e incompleta, porquanto posteriormente alterações foram executadas em pontos essenciais.

Não menos importante que a relação com o plano da série de romances é o trabalho temático e artístico precedente, para a formação de *O Cortiço*, o qual se depreende da análise das outras obras. Este trabalho revela-se na forma do particular interesse de Azevedo na representação do meio-ambiente popular (trabalho na pedreira, trabalho das lavadeiras e engomadeiras) tanto nos romances folhetinescos como em *O Homem*, o único romance de cunho fisiológico antes de *O Cortiço*, onde também vem à tona a própria confrontação das diferentes classes sociais. Porém este trabalho preparatório apresenta-se igualmente na ampla caracterização do quotidiano e da miséria das casas de pensão da capital, num dos melhores romances. Torna-se esta particularmente nítida no artigo de Azevedo *Casas de Cômodos*, que denuncia a implacável exploração dos moradores de pensões e cortiços pelos proprietários, em grande parte imigrados, e que principia com os seguintes termos programáticos: “Há no Rio de Janeiro, entre os que não trabalham e conseguem, sem base pecuniária, fazer pecúlio e até enriquecer, um tipo digno de estudo — é o ‘dono de casas de cômodos.’” Exa-

tamente nesta direção é que se processa uma das mais radicais mudanças do projeto original.

O *Cortiço* só surgiu cinco anos após o mencionado esquema cíclico, em maio de 1890, e segundo o relato de Raimundo de Menezes descobriu um público entusiasta: "O público fluminense recebe-o com sofreguidão. A crítica cobre-o de rasgados elogios. É o mais perfeito dos seus romances, afirmam todos... Os comentários cruzam por toda parte: nas repartições, nos serões familiares, nas ruas, nos cafés, nos encontros fortuitos entre amigos e conhecidos... Só se fala no último livro de Aluísio Azevedo." Verdade é que diante de um semelhante entusiasmo não se permitiria fazer vista grossa a que se tratava, no caso, de uma edição de apenas mil exemplares, cuja publicação esteve acompanhada de um não muito irrisório dispêndio com publicidades (*Gazeta de Notícias* de 27 de abril de 1890: "Esperem um pouquinho, Srs. glutões, Aluísio Azevedo já lhes vai servir essa finíssima iguaria"); e de que o autor recebeu pela obra não mais que a quantia de 600 mil réis, ao passo que a venda dos direitos de *A Mortalha de Alzira* em 1892 lhe rendeu 1.000 mil réis, conforme contrato. Substancialmente mais importante para a aceitação e o histórico dos efeitos da obra no Brasil é o fato de se haver podido publicá-la, já em 1951, no Rio, em décima primeira edição.

Conteúdo de *O Cortiço*

Com *O Cortiço* Azevedo consoma a série de seus romances realistas, cujo anseio precípua reside na análise crítica da realidade social do Segundo Império no Brasil, na revelação de contrastes sociais essenciais. Após a representação da camada superior da sociedade provinciana em *O Mulato* e da camada média da capital em *Casa de Pensão*, volta-se ele, então, também para as camadas inferiores do povo do Rio de Janeiro, cujo destino e miséria confronta, de forma dramática, com as condições de vida de alguns novos ricos capitalistas. Como em *Casa de Pensão*, capta ele, com isso, um fenômeno típico da Capital dos anos oitenta, com seu célebre progresso econômico e social, o qual lhe permite concentrar e dramatizar convincentemente uma multiplicidade de destinos individuais em suas interdependências. O cortiço característico do Rio daquela época, com sua impressionante explosão demográfica, que consistia num número, quase

sempre grande, de casinhas de aluguel dando para um único pátio, deveria prestar-se de maneira especial ao propósito de Azevedo, uma vez que ele associava e confrontava, direta e concretamente, a existência dos moradores dessas habitações, vivendo a maioria em precárias condições, com a dos exploradores dessas empresas.

A ação do romance está principalmente localizada no bairro de Botafogo, onde, em parte, também se desenrolou a ação de *O Homem*. Ela se organiza numa série de linhas mais ou menos nitidamente distintas, que sempre de novo se tocam ou cruzam nos focos principais e que, apesar de sua relativa autonomia, em suma não rompem com a unidade artística da obra. A principal dessas linhas relaciona-se com o destino e a ascensão social do inescrupuloso negociante João Romão, no centro de uma relação, dupla de tensões, socialmente definida: para o plano inferior, mediante a paleta colorida dos habitantes do cortiço de trabalhadores; e para o superior, pelo ambiente aristocrático do vizinho Miranda.

De simples caixa numa venda em Botafogo, João Romão, natural de Portugal, matou-se de duro trabalho, economizando fanaticamente para tornar-se dono da venda, antes de subir, deste estágio, rapidamente à escala social, com ambição, cobiça, brutalidade e negócios desonestos. Da modesta venda brota um florescente negócio que adquire seus artigos em parte diretamente da Europa, e cujo proprietário especula, prosperamente, com ações inglesas. Ao lado da casa comercial, que se vai apoderando cada vez mais do comércio atacadista do bairro, um projeto do cortiço desenvolve-se a partir da casa de pasto, modesta no início, através de compra de terrenos e infatigável trabalho de construção. Este cortiço serve a Romão para uma múltipla exploração de centenas de trabalhadores, que não só o enriquecem com elevados aluguéis (as lavadeiras pagam somas extras pelas tinas e coradouros!), mas trabalham também, em muitos casos, na sua pedreira adjacente ao cortiço, e devem comprar em sua venda; isto independentemente da usura do dono com seus empréstimos de dinheiro e penhores. Mesmo quando um incêndio destrói uma considerável parte do cortiço, Romão é o grande vencedor, pois se precaveu com apólices de seguro muito oportunas, e se apropria, além do mais, da vultosa economia de 15 contos de uma das vítimas.

Seus êxitos comerciais, João Romão os alcança em companhia da preta Bertoleza que, no começo, é sua cozinheira,

tornando-se a seguir sua amásia, porém continuando a ser sempre o “animal de trabalho” desmedidamente explorado por ele. Esta preta escrava, ganhando com uma venda em Botafogo o dinheiro para seu dono e para sua ansiada alforria, viu-se ludibriada e frustrada por Romão de maneira vergonhosa mediante um documento fictício, porquanto seu dono nada conhecia da pretensa “carta de liberdade”, e assim o dinheiro de Bertoleza, que fora sendo poupado à custa de duras privações, passou às mãos gananciosas do hábil comerciante português. Todavia, a abnegada negra, trabalhando infatigavelmente, torna-se cada vez mais um entrave para a ascensão social de Romão, pois este faz amizade com seu vizinho Miranda, homem realizado socialmente, um atacadista de tecidos, guindado entrementes à nobreza (como Barão do Freixal), e que de início fora seu rival, e deseja, mediante um casamento com a filha deste, Zulmira, penetrar nos círculos superiores da sociedade. Uma vez não só bastassem a este propósito de uma adaptação ao ambiente aristocrático dos Miranda as novas aquisições de móveis e peças de guarda-roupa, típicas de novo rico, e as presenças regulares nos teatros, clubes dançantes e confeitarias, Romão também não hesita diante do último passo. Seguindo o conselho de Botelho, parasita que vive em casa de Miranda e antigo traficante de escravos e especulador, disposto, mesmo, a tirar proveito do casamento arruinado do barão, Romão informa o “legítimo” dono de Bertoleza, a fim de se descartar definitivamente do obstáculo vivo ao seu enlace. Quando, sob pressão policial, deve a escrava ser entregue ao filho de seu dono, de Juiz de Fora, falecido nesse meio tempo, ela opta pelo suicídio; para Romão, porém, está assim desembaraçado o caminho para um título de nobreza, ardentemente desejado, e para esplêndidas viagens à Europa: “E só depois de ter o título nas unhas é que iria à Europa, de passeio, sustentando grandeza, metendo invejas, cercado de adulações, liberal, pródigo, brasileiro, atordoando o mundo velho com o seu ouro novo americano!”

A escalada social de Romão e a transformação de seu relacionamento com as pessoas do círculo em torno do seu conterrâneo Miranda, para quem o Brasil nada mais significa senão uma “Costa d’África” com boas possibilidades para uma rápida aquisição de fortuna, atravessam, como um fio vermelho, a ação do romance; porém Azevedo dedica um espaço maior à caracterização das condições de vida dos mo-

radores do cortiço; ao penoso trabalho com as tinas de lavar roupa e na pedreira; às diversões simples com músicas e danças nos domingos, e aos fortes entrechoques de paixões, quando entra em jogo a noção duma honra pessoal ou coletiva ultrajada.

Da multiplicidade dos fios da narrativa fixados neste âmbito sobressai o destino do trabalhador da pedreira Jerônimo, a quem Azevedo se refere no esquema citado. Este português cheio de vigor, chegado ao Brasil com a mulher Piedade e filha, já havia trabalhado duramente numa fazenda e noutra pedreira antes de ser admitido como capataz, por Romão, e mudar-se para o cortiço. Entretanto, sua exemplar disciplina de trabalho, à qual corresponde exatamente o bom trabalho de Piedade como lavadeira, e sua honestidade modelar, apreciados por todo o povo do cortiço, vêem-se profundamente abalados quando Jerônimo se entrega aos encantos da sensual mulata Rita Baiana. Por amor desta brasileira atraente e dengosa, cuja alegria às vezes contagiava todo o cortiço, o português, antes tão prudente, bate-se com o ciumento mulato Firmo, antigo amante de Rita, matando-o, finalmente, a pancadas, junto com dois cúmplices contratados. Por amor de Rita, ele deixa à sua família um triste fado e se entrega a uma conduta leviana e dissoluta.

A estas duas linhas centrais da ação acrescenta-se ainda um número de ações secundárias relacionadas, sobretudo, com os moradores do cortiço. A "menina do cortiço", mencionada no esquema, transforma-se, no romance, ainda que não com aquela posição prioritária anunciada, na doentia Pombinha, cuja mãe, Dona Isabel, originária da classe média, anseia novamente retornar às boas condições sociais através do casamento de sua filha com um jovem comerciante. Porém Pombinha, escrevendo as cartas dos moradores do cortiço em virtude de sua instrução e conhecendo perfeitamente os seus trágicos destinos, cai nas malhas sedutoras da prostituta Léonie, e acaba, ela própria, na prostituição. Também a ardente mulata Florinda, cortejada inutilmente por Romão, seduzida e engravidada de um dos seus auxiliares da venda, segue por um caminho semelhante, depois que a mãe, procurando em vão ajuda das autoridades policiais, a repudia.

Por outro lado, é diferente o destino de Leocádia, a leviana mulher do serralheiro Bruno, apanhada pelo marido em flagrante adultério com um estudante, de que gostaria de ter o filho que aquele não lhe podia dar. Chega-se aqui,

primeiramente, a um dramático e ruidoso desentendimento do casal e a uma separação provisória, triunfando no final solidariedade, reconciliação e amor. E nenhuma outra, senão Pombinha, é que redige a carta de reconciliação a Leocádia. Estes e ainda mais outros destinos preenchem o coeso complexo do cortiço com vida, paixão e dramaticidade.

A crítica social e o enunciado do artista no romance

De maneira diversa de *O Mulato*, em que o autor, através de partes declamatórias, leva de forma mais ou menos bem clara e casualmente panfletária a tendência do livro ao primeiro plano, o enunciado do artista em *O Cortiço* é, em essência, alcançado diretamente pela configuração dos personagens e da ação. Isto motivou que críticos, como Massaud Moisés, constatassem que aqui Azevedo não toma partido algum, mas descreve e analisa com indiferença e “com a frieza científica do médico” um fenômeno social, em que nada se pode mudar.

De certo este romance não encerra nenhuma tentativa de solução de problemas sociais, segundo verifica, com razão, o mesmo crítico acima; todavia, um parecer desta natureza mal poderia prevalecer para uma obra, cuja idéia de enunciado artístico central é a cruel exposição de falta de escrúpulos, e corrupção da minoria da camada superior, do mesmo modo que a miserável e nula condição das classes inferiores do povo.

Este enunciado e acusação conseguir-se-ão sobretudo mediante a nítida e conseqüente estruturação de João Romão, cujo desejo fanático de enriquecimento e egoísmo personificam, de forma bem sucedida, os traços típicos do capitalismo febril em sua evolução: “Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens... Afinal, já não lhe bastava sortir o seu estabelecimento nos armazés fornecedores; começou a receber alguns gêneros diretamente da Europa: o vinho, por exemplo, que ele dantes comprara aos quintos nas casas de atacado, vinha-lhe agora de Portugal às pipas, e de cada uma fazia três com água e cachaça... Criou armazéns para depósito, aboliu a quitanda e transferiu o dormitório, aproveitando o espaço para ampliar a venda, que dobrou de tamanho e ganhou mais duas portas.

Já não era uma simples taverna, era um bazar em que se encontrava de tudo: objetos de armarinho, ferragens, porcelanas, utensílios de escritório, roupa de riscado para os trabalhadores, fazenda para roupa de mulher... E toda a gentilha daquelas redondezas ia cair lá, ou então ali ao lado, na casa de pasto, onde os operários das fábricas e os trabalhadores da pedreira se reuniam depois do serviço, e ficavam bebendo e conversando até às dez da noite... Era João Romão quem lhes fornecia tudo, tudo, até dinheiro adiantado, quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornaleiro, cujo ordenado não fosse inteirinho para as mãos do velhaco. E sobre este cobre, quase sempre emprestado aos tostões, cobrava juros de vinte por cento ao mês, um pouco mais do que levava aos que garantiam a dívida com penhores de ouro ou prata." Nenhuma possibilidade de enriquecimento parece escapar aos olhos de gavião desse inveterado obreiro da acumulação capitalista, e todo meio lhe convém para a exploração dos outros, por tão baixa e infame que fosse, seja extorsão, roubo ou fraude.

A caracterização deste herói que, por assim dizer, lembra freqüentemente os tipos de Balzac, atinge sua mais clara expressão no comportamento desumano deste administrador brutal com relação à escrava Bertoleza. Porém numerosos outros detalhes são os elementos que deixam o leitor, de uma maneira realista, mirar num abismo moral. Romão, assim, oferece ao sedutor da mulata Florinda uma possibilidade para a fuga do cortiço, e combina esta proposta com uma tentativa de passá-lo para trás, escamoteando-lhe a recompensa devida. Seus pensamentos, quando da admissão do trabalhador Jerônimo ("os meus setenta mil-réis voltar-me-ão à gaveta. Tudo me fica em casa!"), desmascaram tanto o frio calculismo como o brutal aumento dos aluguéis e dos preços das mercadorias, depois do sinistro irrompido no cortiço. Servir-se Romão, finalmente, da mediação de um super-reacionário traficante de escravos para o seu plano de casamento, para quem a simples menção do movimento abolicionista e da Lei Rio Branco agia como veneno, ressalta mais fortemente ainda o seu caráter hostil ao povo. Nada mais que parcialidade do autor contra as práticas dessa camada social, descrita, no fim do livro, em seu esplendor externo nos cafés da Rua do Ouvidor, é também o fato de que a brilhante escalada de Romão constitui, ao mesmo tempo, o seu ingresso em um ambiente de pseudo-moral e

hipocrisia, conforme mostra o exemplo do casamento arruinado de Miranda e Dona Estela: "Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério, ficou furioso e o seu primeiro impulso foi mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social... Mas não é apenas o relacionamento do próspero novo rico com a família de Miranda, fundado em frios cálculos e na ausência de genuínos sentimentos humanos, que reforça a crítica e estabelece os elementos da antipatia do artista. Antes do que, isto também ocorre através das numerosas tomadas intercaladas, do pano de fundo social, as quais ilustram o típico deste personagem. Nisto se inclui a especulativa atividade de construção de alguns empreiteiros ("construíam-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor), do mesmo modo que a doce vida dos "sensuais gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas pelos seus escravos". Para tornar mais carregada esta atmosfera forjada de egoísmo, corrupção e fraude também contribuem as alusões referentes às compras de votos por "importantes chefes de partido." A conduta moral das figuras principais está representada em sua relação causal com a específica da realidade social.

Um importante elemento do enunciado artístico de *O Cortiço* é, porém, antes de tudo a sensível simpatia do autor pelo povo simples, à qual Jacob Ornstein oportunamente já fez referência. Esta corresponde plenamente a uma atitude que Azevedo em 1912 externou em carta a Raul Vachias, com as palavras: "Meu coração não pertence aos felizes e bem dotados pela sorte, meu coração pertence aos míseros, aos mesquinhos, aos desamparados...". Ela se expressa nesta obra das mais variadas formas e, em harmonia com a composição do romance, refere-se tanto ao destino individual como ao coletivo.

Abstraindo-se da exposição geral da condição desta camada inferior do povo, despojada de direitos, inteiramente sujeita à arbitrariedade dos proprietários, e às autoridades a serviço destes, revela-se esta atitude de forma mais marcante na figura da negra Bertoleza, que de fato, como vítima de uma instituição desumana em sua essência, apresenta as características de uma deformação psíquica (“envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara”, porém que guardou para si um resto inalienável de dignidade humana, com o qual ela manifesta seu amor à liberdade e pelo qual ela se torna ao mesmo tempo acusadora: “Sou negra, sim, mas tenho sentimentos!”). E exatamente por estes sentimentos, que nada têm a ver com aquela outra especulação calculista, é ela, no ponto de vista humano, muitíssimo superior aos Romãos e Mirandas. Moralmente ela se torna, assim, no sentido positivo do termo, um corpo estranho em casa do próspero especulador.

Esta simpatia do autor vai tomando forma em muitos pequenos episódios do romance, como, por exemplo, na tocante cena em que o trabalhador Bruno (não sem vacilações e sacrificadamente) dita a carta de reconciliação com a sua demasiadamente alegre e leviana mulher, ou nas despreziosas palavras com que a lavadeira branca, Augusta, descreve seu feliz matrimônio com um mulato (“Meu marido é pobre e é de cor, mas eu sou feliz, porque casei por meu gosto”), a qual, naturalmente, está servindo de pólo oposto às especulações de casamento na camada de elite. Porém esta mesma avaliação moral se encontra, também, nas coloridas cenas panorâmicas que descrevem as lavadeiras e os trabalhadores da pedreira durante a execução de sua penosa faina diária. Aqui o autor utiliza precisamente o trabalho na pedreira, pelo qual ele, de várias maneiras, já revelou especial interesse, para uma representação estilística, que atribui àqueles que o executam uma particular dignidade: “E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo e a surda zoadá ao longe... tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desviados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios...” Aqui

a simpatia do autor pelos trabalhadores passa diretamente para aquela "posição populista", já observada por Fernando Góes em *O Mulato*.

Ao mesmo tempo, em *O Cortiço* este entusiasmo por atividade e criação, dos homens, que de vez em quando lembra o arrebatador efeito da "atividade em si", conforme foi esta observada na obra de Zola, associa-se com uma exaltação das conquistas da técnica moderna. Assim o episódio do grande sinistro, ocorrido no cortiço, estiliza-se através da intervenção dos bombeiros, em forma duma luta entre homem e natureza, cuja expressão abarca simultaneamente, além da simpatia pelo homem ativo, uma crença nos progressos materiais do século dezenove. "E logo em seguida apontaram carros à desfilada, e um bando de demônios de blusa clara, armados uns de archotes e outros de escadinhas de ferro, apoderaram-se do sinistro, dominando-o incontinenti, como uma expedição mágica, sem uma palavra, sem hesitações e sem atropelos. A um só tempo viram-se fartas mangas de água chicoteando o fogo por todos os lados... homens, mais ágeis que macacos, escalavam os telhados abrasados por escadas que mal se distinguiam... ao passo que outros, cá de fora, imperturbáveis, com uma limpeza de máquina moderna, fuzilavam de água toda a estalagem, número por número, resolvidos a não deixar uma só telha enxuta — o povo aplaudia-os entusiasmado, já esquecido do desastre e só atenção para aquele duelo contra o incêndio".

Ao lado dos elementos analisados compartilha do enunciado do romance uma fé comprometida na índole brasileira, na miscigenação de raças e no Brasil, no mais amplo sentido da palavra. Este credo inequivocamente já está compreendido no impiedoso desmascaramento dos dois novos ricos portugueses, em verdade considerados como corpos estranhos dentro da estrutura da nação brasileira em formação: Miranda aceita que lhe seja concedido pela coroa portuguesa o título de nobreza, Romão sonha até mesmo tornar-se "chefe da colônia portuguesa no Brasil". Expressa-se, também, na inclusão de muitos mulatos, desenhados com traços positivos, no âmbito de ação do cortiço dos trabalhadores. Mas ele alcança seu ponto culminante na configuração e na função da mulata Rita Baiana, que em sua popular alegria de viver e seu despreconceito moral lembra tanto a Vidinha, de Almeida, como também a Gabriela, de Amado. Em *O Cortiço* ela se vê poeticamente elevada a um ideal de bra-

silianismo, e na descrição do personagem que é (sobretudo de sua influência sobre o imigrante Jerônimo) acumulam-se os símbolos e quadros orientados para o nativismo: “E viu Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se num momento, envolvendo-a na sua cama de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher... Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer...”.

Em torno dessa ardente mulata, cuja sexualidade faz jus a uma imagem hoje em dia ainda profundamente arraigada no país, desdobra-se uma profusão de erotismo brasileiro, a lembrar, com suas referências às frutas, à flora e fauna tropicais, além dos pratos nativos (farinha de mandioca, feijão-preto, muqueca, vatapá, caruru, pirão de fubá, etc.), o componente regionalista de *O Mulato*. Aqui se põe, assim, em relevo o sentimento de fé nacional comprometida, através de uma sólida confrontação dos elementos e de suas correspondências portuguesas, mediante uma rivalidade que cessa com o triunfo do brasileiro. Não só os “gostosos quitutes baianos”, que de maneira característica emanam do “berço da cultura nacional” do Brasil, se impõem perante o “bacalhau com batatas e cebolas cozidas”, mas também a cachaça de cana ao vinho, e a rede à cama portuguesa. Neste duelo dramático de ambos os cortejadores de Rita triunfa a faca do ágil mulato Firmo sobre o “varapau mi-nhoto” do espadaúdo português.

Este confronto etno-psicológico atinge, todavia, a sua expressão mais contundente lá onde ela apreende o grande

talento artístico e musical típico do caráter nacional brasileiro, em que hoje também se baseia a multiplicidade de formas da arte popular. Trata-se, aqui, das sonoridades fascinantes dos chorados, sambas e modinhas dos mulatos, dominando com sua musicalidade e afugentando a tèmpera saudosa dos fatos portugueses. Aqui, o próprio instrumento musical é elevado ao nível de um símbolo nacional, que deve exprimir o modo de ser brasileiro. “Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristezas; mas, de repente, o cavaquinho... rompeu vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas... E aquela música de fogo doudejava no ar como um aroma quente de plantas brasileiras... E à viva crepitação da música baiana calaram-se as melancólicas toadas dos de além-mar.”

Entretanto, no comprometimento, por diversas vezes violentamente inflamado, deste livro com o Brasil e a miscigenação de raças, que coloca Azevedo numa fileira de pensadores tão progressistas como Sílvio Romero, mesclam-se dissonâncias, só explicáveis a partir do conhecimento objetivo da época. Verdade é que Rita Baiana, não exposta em seu *habitat* popular aos preconceitos raciais, que para o protagonista de *O Mulato* se tornaram fatalidade, incorpora um ideal que se manifesta, entre outros aspectos, na ênfase de sua solicitude e de seus encantos físicos. Raymond Sayers fala até mesmo de “the apotheosis of her race”. Não obstante, revelam-se nesta figura ideal os elementos de uma “Ideologia do Colonialismo”, e sobretudo no imigrante português, Jerônimo, que sofre, sob sua influência, um processo de “abrasileiramento”. Estes elementos assomam ora na insinuada graduação da mesclagem racial (“O sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração e Rita preferia no europeu o macho de raça superior”), ora no fato de que as conseqüências da marginalização dos mulatos, condicionada socialmente, são motivadas pelo clima (“aquela Natureza alcoviteira”) e pelo fator da miscigenação racial, pelo que são resgatados à sua concreção histórica e, de forma arriscada, assinalados como permanentes atributos nacionais. Este fato aflora com a maior nitidez na pessoa de Jerônimo, onde Azevedo se deixa fascinar pelo clichê de conhecida

“preguiça brasileira”, amplamente difundido na literatura de seu país, com o qual se disfarçam fatos históricos e sócio-econômicos: “O português abrazeirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento, fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro à felicidade de possuir a mulata...”. Por meio destes reflexos de ideologia colonialista e das teorias de Taine e Buckle, o credo nacional, comparando-se com *O Mulato*, vê-se enfraquecido na força de seu depoimento, apesar da paleta colorida dos símbolos. Este credo é agravado pela absolutização de elementos que, ou têm uma importância secundária, ou condizem com uma situação socio-econômica definida, cujo caráter de transição e historicidade não é satisfatoriamente elucidado. Decerto estes limites do conhecimento de Azevedo estão demarcados pelo desenvolvimento social do país.

A composição e a configuração do coletivo social em O Cortiço

Para um romance que aspira a criar um vasto panorama da sociedade brasileira no último quartel do século dezanove, e que na opinião do moderno crítico Alvaro Lins reproduz o espírito de uma cidade concebida em crescimento e transformações, uma grande importância era preciso atribuir à solução de problemas de composição. Da parte da crítica já se fizeram referências às dificuldades técnicas que, de um modo geral, se formam para o autor, do entrelaçamento dos numerosos destinos individuais nos limites de um todo maior. Se quiséssemos delinear com as palavras mais breves o caminho aberto por Azevedo, precisaríamos então mencionar o extraordinário dinamismo do livro e o radical confinamento das partes apenas em descrição, em favor de uma estrutura rígida. Aliás, com isto seria feita somente uma constatação geral, que carece de precisão; porém, ao mesmo tempo, teria sido feita alusão ao contato direto com *Casa de Pensão* relativamente à composição. Um contato que se permite, simultaneamente, assinalar como continuação e aprimoramento.

O referido dinamismo caracteriza de antemão o princípio do romance, pois aqui se faz em algumas páginas uma concentrada introdução, de vigorosa expressão, aos antecedentes, às normas sociais, ao meio-ambiente e às ambições dos dois

comerciantes portugueses. Os retratos são quase que completamente convertidos em ação direta, e os detalhes objetivos servem *stricto sensu* à caracterização desses personagens e de seus conflitos, que definem a ação principal do romance. Ao mesmo tempo, antes ainda de se encerrar o segundo capítulo, são apresentados com toda a clareza o contraste e a tensão existentes entre ambas as esferas sociais.

Após esta concisa introdução na ação central, a partir do terceiro capítulo surgem no primeiro plano, duma forma mais vigorosa, as massas humanas que habitam o cortiço. As pessoas reunidas em torno de Miranda (Estela, Zulmira, Henrique, Botelho, Isaura, Leonor e Valentim) opõem-se, agora, as lavadeiras (Leandra, Augusta Carne-Mole, Leocádia, Paula, Marciana, Dona Isabel e outras) com seus maridos e filhos, introduzidas qual numa galeria de retratos. Seus problemas, seu trabalho, seu quotidiano, as festas ruidosas e suas fortíssimas discussões determinam também, a partir daí, o ritmo do livro, e para o trecho dos períodos de tempo, concentrados em visualização sumária, ocorre agora, na exposição, uma grande duração, típica dos romances de costumes, e indicação detalhada do tempo, às vezes chegando-se até à citação das horas ("Deram três horas da tarde"). Muitos capítulos são dedicados às ocorrências de um único domingo no cortiço, embora aqui também não falte nenhum acontecimento dramático.

Azevedo solucionou de diversas maneiras, em termos de composição, o problema da inclusão das massas na ação do romance. Vêm ao caso as fileiras de retratos, com seus componentes bastante distintos (detalhadamente no de Dona Isabel, muito passageiro em Leocádia), assim como a representação do coletivo social em conexão com seu trabalho e seus usos e costumes. Precisamente o último aspecto lança, juntamente com a cantiga popular entremeada na ação, uma ponte direta para o componente regionalista de *O Mulato*, muito embora em *O Cortiço* aspire-se mais intensamente à relevância do contexto nacional em geral. As personalizações casuais do cortiço e justaposições niveladoras de destinos individuais, que, por assim dizer, são retomadas frequentemente *en bloc* ("Rita desaparecera da estalagem durante a confusão da noite; Piedade caíra de cama, com um febrão de quarenta graus; a Machona tinha uma orelha rachada e um pé torcido; a das Dores a cabeça partida..."), acarretam, sem dúvida, uma supervalorização do coletivo, que em

determinados trechos se torna o verdadeiro personagem principal do romance, exercendo uma semelhante função absorvente tal qual, noutros pontos, o clima igualmente supervalorizado do Brasil. A crítica brasileira denominou, em conseqüência, esta imagem do coletivo como "alguma coisa mais do que a soma de vidas humildes". Ela constatou também não haver neste romance caracteres relevantes que influenciassem a vida dos outros figurantes. E no caso de Dino F. Fontana, chegou a ponto de caracterizar João Romão e Rita Baiana como figuras de romance "irremediavelmente impotentes e incapazes de reação", uma vez que o próprio cortiço domina a ação.

Nessas críticas, especialmente na última referida, cuja impraticabilidade já se permitiria provar pela trama da obra, não se toma, porém, em consideração, a relação recíproca entre personagem individual e coletivo, importante para a composição e dinâmica do romance. Muitas existências individuais são acentuadas e dramatizadas exatamente com a participação do grupo, não perecendo, de modo algum, no meio da multidão anônima. A volta da mulata Rita Baiana ao cortiço torna-se um acontecimento que interessa a todos os habitantes e os lança num turbilhão de excitações, deixando, porém, ao mesmo tempo reconhecer-se, também, o caráter magnânimo, inclinado à leviandade, desta popular figura. Da mesma forma, a visita da embonecada prostituta Léonie transfigura-se numa cena coletiva tal, em que todas as mulheres do cortiço admiram e apalpam os vestidos e as roupas íntimas da coquete mulher. O fracasso conjugal de Leocádia, a gravidez de Florinda e o desespero de Piedade após abandoná-la o marido são, de certo modo, reforçados pelos comentários e pela participação dos outros. O grupo, pelo autor denominado ora de "coro", ora de "roda", atua, aqui, sobre os destinos individuais, como uma caixa de ressonância. Por outro lado, refletem sobre o indivíduo acontecimentos ou emoções introduzidas pelo grupo adentro e assim intensificadas. Isto se faz de forma particularmente nítida na caracterização dos ânimos que precedem o casamento de Pombinha com Costa: "Mas, daí a uma semana, a estalagem era toda em rebuliço desde logo pela manhã. Só se falava em casamento; havia em cada olhar um sanguíneo reflexo de noites nupciais". Estas relações dão ao livro um movimento íntimo especialmente vigoroso.

Também constam da composição de *O Cortiço* gradações dramáticas em forma de reações em cadeia, como se pôde de antemão verificar nas outras obras do autor. Aqui, este processo de fato alcança o seu ponto culminante nas duas grandes cenas da luta. Nesta passagem consegue-se aquele “espetáculo das massas” de que fala Lúcia Miguel Pereira. O duelo entre Jerônimo e Firmo, coroando-se com o ferimento do português provocado pelo ágil lutador de capoeira, passa diretamente a uma espécie de batalha de rua, entre os habitantes do cortiço e a polícia. “De cada casulo espia-vam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se ficassem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez”. Uma nova gradação da dramaticidade ocorre quando, de repente, irrompe um incêndio no cortiço, e ainda desaba um temporal sobre a cidade. Semelhante é também a segunda cena coletiva desta natureza, na qual se incluem os moradores de um cortiço vizinho, pertencente, também, a um rico português. O duelo entre Rita e Piedade é que transforma sentimento nacional em paixões irrefreáveis e divide o cortiço em dois partidos. “E as palavras *galego* e *cabra* cruzaram-se de todos os pontos, como bofetadas. Houve um vavau rápido e surdo, e logo em seguida um formidável rolo, um rolo a valer, não mais de duas mulheres, mas de uns quarenta e tantos homens de pulso, rebentou como um terremoto”. No entanto, a apaixonada “rivalidade nacional” de repente dá lugar a um sentimento de solidariedade, ao aproximar-se uma tropa de homens armados, vindos do hostilizado cortiço vizinho. Esta gradação, de uma atuação romantizada pelos nobres gestos dos lutadores, da qual igualmente compartilha a natureza (“O sol, único causador de tudo aquilo”), novamente atinge o clímax com um incêndio, aliás a interromper a luta das duas facções, introduzindo, contudo, uma nova batalha dramática, desta feita, segundo já fora mencionado, entre o homem e a força da natureza, e com duas vítimas de morte entre os moradores.

Importante elemento de composição do romance é a oposição contrastante de ambos os meios sociais, significativa não só para o depoimento crítico, mas também para a configuração dramática da ação. Esta confrontação, cuja base de partida espacial (e com isto, imposta, em princípio, naturalistamente) é integrada por tensões socialmente motivadas

e que, por ora, se torna afinal interessante, perpassa todo o romance e condiciona, essencialmente, a sua estrutura íntima. Ela prossegue ao mesmo tempo com um processo que, de antemão, se esboça em *O Coruja*, no quadro dos romances realistas. Para João Romão, a presença concreta do aristocrático meio-ambiente vizinho vira fonte de inveja perene e de mais e mais novas ambições a refletirem uma disputa desempenhada com todos os meios. Esta situação tensa ainda se manifesta até mesmo quando os dois capitalistas já chegaram a um acordo e Romão realiza a restauração e ampliação das suas casas. "O prédio do Miranda parecia ter recuado alguns passos, perseguido pelo batalhão das casinhas da esquerda, e agora olhava a medo, por cima dos telhados, para a casa do vendeiro, que lá defronte erguia-se altiva, desassomburada, conseguira meter o sobrado do vizinho no chinelo: o seu era mais alto e mais nobre..."

O outro campo de tensões nasce entre o colorido e rude populismo no cortiço dos trabalhadores, personificando o Brasil explorado por Portugal, e o arrogante e enfastiado grupo de esnobes na casa de Miranda, em que se infiltra João Romão com uma lógica coercitiva. Esse campo cria-se pela freqüente e brusca mudança de cenas em que, todavia, quase sempre o meio aristocrático é esboçado apenas esquematicamente, e atua de maneira um tanto desbotada e palidamente, em comparação com a estruturação plástica dos costumes. Ao fevor do trabalho, estilizado pela mania de limpeza de Marciana, opõe-se um nítido distanciamento de qualquer trabalho corporal na família do barão. Assim, a título de ilustração, após animada cena que descreve as lavadeiras trabalhando ("E as lavadeiras não se calavam, sempre a esfregar, e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício") e mexericando a respeito das outras ("Para a Rita todos os dias são dias santos! A questão é aparecer quem puxe por ela!"), insere-se um instantâneo daqueles que levam uma vida completamente diferente. "Em uma das janelas da sala de jantar do Miranda, Dona Estela e Zulmira, ambas vestidas de claro e ambas a limarem as unhas, conversavam em voz surda, indiferentes à agitação que ia lá embaixo, muito esquecidas na sua tranqüilidade de entes felizes". A acumulação destes confrontos, os quais também encerram um comentário sobre a duvidosa moral de Dona Estela, expresso pelos moradores do cortiço, além de um insulto e ameaça aos trabalhadores, partido de Miran-

da (“Ah, canalhas! O que eu devia fazer era atirar-lhes daqui como a cães danados!”), acarreta uma presença constante de ocorrências de oposição de classes, e com isso tensões, a refletirem a estrutura social do país. Para este conflito falta, todavia, o método para a solução que no fim reunisse Romão e Miranda.

Como nas outras obras realistas, também em *O Cortiço* cabe ao desfecho do romance uma função importante em termos de composição. Depois da profusão de vidas individuais e cenas coletivas, que atingiram o seu apogeu dinâmico com a luta de um cortiço contra o outro, Azevedo desloca novamente para o primeiro plano, de forma cabal, aquelas figuras que reinavam no dramático começo do romance. Encerra-se assim um quadro que, em face do grande número de linhas de ação, possui uma função disciplinadora. Ao mesmo tempo, porém, este desfecho é também o ápice da dramaticidade humana do romance, pois em nenhum outro lugar da obra a carência de direitos das camadas inferiores do povo é representada com tanta comoção. Como em *O Mulato*, aqui é a sobriedade da descrição que provoca, realisticamente, a indignação do leitor pelo caráter cruel do regime escravocrata, sem com isso recorrer a comentários enfadonhos. Esta indignação intensifica-se mais ainda com as irônicas frases finais com que o autor reproduz o triunfo social do abrutado novo rico: “Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visita”.

O método literário de Azevedo em O Cortiço

Relativamente ao método, aos princípios da captação em arte, da realidade, afloram também na obra principal de Azevedo os efeitos da redução e aceleração do processo evolutivo literário no Brasil. Estes se revelam na justaposição e fusão de diferentes métodos literários e se manifestam mormente na tipificação dos personagens e das circunstâncias. Como nos outros romances significativos do autor, são os elementos românticos e naturalistas que aqui se sobrepõem a uma obra realista.

Os componentes românticos em *O Cortiço* acham-se, todavia, reduzidos a um mínimo de particularidades estilísticas

e de estrutura formal, razão por que este romance se prende mais fortemente ao contexto de *Casa de Pensão* que de *O Mulato* e *O Coruja*. Não obstante, são estes elementos perceptíveis. Eles se apresentam com a tendência para o exagero e o grotesco fantásticos, qual na poetização da mulata Rita Baiana, elevada à condição de símbolo nacional, e na romantização da pancadaria geral, em que se idealiza o nascimento de um difuso sentimento de solidariedade. Desta forma registra-se, à guisa romântica, também a rivalidade entre os dois cortiços: "... mas entre os próprios policiais havia adeptos de um e de outro partido; o urbano que entrava na venda do João Romão tinha escrúpulo de tomar qualquer coisa ao balcão da outra venda. Em meio do pátio do 'Cabeça-de-Gato' arvorava-se uma bandeira amarela; os carapicus responderam logo levantando um pavilhão vermelho. E as duas cores olhavam-se no ar como um desafio de guerra". No mesmo componente deve-se incluir o misterioso incêndio criminoso, no cortiço, provocado pela lavadeira Bruxa, enlouquecida, que encontra sua própria morte entre as chamas. Outros elementos românticos, como a poetização do trabalho na pedreira, de fato se prestam a um depoimento realista e salientam os contrastes sociais expostos: "... surgiam do caos opalino das neblinas vultos cor de cinza, que lá iam, como sombras, galgando a montanha, para cavar na pedra o pão-nosso de cada dia. E, quando o sol desfechava sobre o píncaro da rocha os seus primeiros raios, já encontrava de pé, a bater-se contra o gigante de granito, aquele mísero grupo de obscuros batalhadores".

As epígrafes de uma obra nem sempre se referem a elementos essenciais do método de um escritor. Mas no *O Cortiço* a citação extraída do *Droit Criminel* — "*Lá vérité, toute la vérité, rien que la vérité*" — é tão esclarecedora quanto a exigência procedente do *Journal de Timon*, do historiógrafo João Francisco Lisboa, por uma censura impiedosa dos crimes e dos vícios. Ao menos duas destas epígrafes do livro, que são quatro ao todo, insinuam o caráter realista deste e se harmonizam com as exposições teóricas do autor acerca de sua ambição de configurar a realidade na arte e de desmascaramento de inconvenientes sociais.

A *O Cortiço* pode-se aplicar a conclusão de Ivastchenco, de "que o método literário de um escritor pertencente a uma determinada corrente literária não necessita estar de acordo com todas as características dessa escola". Em seu estudo

especial, Massaud Moisés faz alusões à dificuldade de enquadramento deste romance. Entretanto pode-se constatar que *O Cortiço* corresponde, em pontos fundamentais, às características primordiais do método realista, que Goloventchenko esboça em sua *Introdução à Ciência Literária*. Este fato procede, em especial, quanto à estruturação dos personagens, tanto na dependência de seu caráter, como da realidade social que as envolve. É igualmente procedente com relação ao ponto de vista histórico a levar em consideração as particularidades nacionais e as condições de evolução de um povo, e em escala limitada também prevalece para a apreensão essencial do mundo interior dos heróis. Neste romance, “a mais profunda compreensão dos contrastes sociais e a representação da vida da sociedade e do homem em sua evolução, revelam-se os princípios típicos do realismo crítico. E com razão os autores do prefácio para a edição em língua russa, de *O Cortiço*, frisam o seguinte: “A vida real e os homens reais dominam a maior parte do romance, e exatamente nisso é que está seu valor”.

O teor de realismo de *O Cortiço* decorre, de um lado, da representação verídica da realidade, da qual compartilham os detalhes materiais e econômicos (inclusive as exatas designações do lugar e da rua e os termos característicos dos diversos ramos de trabalho), da mesma forma que os quadros vivos e policrômicos dos diferentes costumes nacionais e do trabalho quotidiano no cortiço. Gilberto Freire fez de antemão referências ao valor peculiar do livro, como “documentação sociológica de uma fase e de um aspecto característicos da formação brasileira”. Porém o realismo se mostra de forma mais notória onde a motivação social da degeneração moral dos caracteres se deixa vislumbrar, e passa para uma afiada crítica à sociedade brasileira, em que a acumulação capitalista às custas das camadas plebéias, a que tanto brasileiros como imigrantes portugueses e italianos pertencem, e a brutalidade do regime escravocrata são denunciadas pela ação convincente de convincentes caracteres, sem que para tanto se impescinda de mais longos comentários do autor.

Como bem sucedida criação de um tipo social e histórico concreto é que deve ser qualificado, em especial, o herói principal do romance. A tipificação realista de João Romão, que se evidencia na relação recíproca entre o seu caráter individual e a realidade social que o envolve, é alcançada mediante os mais variados recursos da forma. Ao lado do retrato

dramatizado, do relato e da caracterização do fundo social, do qual este herói parece literalmente brotar, surgem os inúmeros diálogos mostrando o inescrupuloso caçador de dotes em ação: seja durante a transação com Botelho acerca da sua comissão como mediador no plano do enlace, ou seja durante a conversa com Miranda, carregada de ironia, a respeito da bem sucedida tática do seguro, ela própria refundindo, ainda, em lucro a miséria alheia: “— Ah, ah, meu caro! Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doente! . . . Segredou o dono do cortiço a rir. Olhe, aqueles é que com certeza não gostaram da brincadeira! Acrescentou, apontando para o lado em que maior era o grupo dos infelizes que tomavam conta dos restos de seus tarecos atirados em montão”.

Constitui também um componente do método realista, junto à figura principal da obra, a análise psicológica que, auxiliada por comentários, monólogos e visões oníricas, dá ao leitor acesso ao mundo das idéias e dos sentimentos de Romão. Sua ilimitada ambição, inflamada pela ascensão de Miranda à nobreza, transfigura-se artisticamente numa visão que, em grandes proporções, continua presa à realidade: “E em volta do seu espírito, pela primeira vez alucinado, um turbilhão de grandezas, que ele mal conhecia e mal podia imaginar, perpassou vertiginosamente, em ondas de seda e rendas, veludo e pérolas, colos e braços de mulheres seminuas, num fremir de risos e espumar aljofrado de vinhos cor de ouro. . . E carruagens desfilavam reluzentes, com uma coroa à portinhola, o cocheiro teso, de libré, sopeando parelhas de cavalos grandes. E intermináveis mesas estendiam-se, serpenteando a perder de vista, acumuladas de iguarias, numa encantadora confusão de flores, luzes, baixelas e cristais, cercadas de um e de outro lado por luxuoso renque de convivas, de taça em punho, brindando o anfitrião”. O ódio de Romão contra a dedicada Bertoleza exprime-se na forma repulsiva do limitado mundo das idéias do novo rico: “Diabo! E não poder arredar logo da vida aquele ponto negro; apagá-lo rapidamente, como quem tira da pele uma nódoa de lama! Que raiva ter de reunir aos vós mais fulgurosos da sua ambição a idéia mesquinha e ridícula daquela inconfessável concubinação!”. O amadurecimento paulatino do pérfido plano contra Bertoleza deixa-se transparecer ao leitor com a apresentação do mundo das idéias de Romão. Deste mesmo modo a sua hesitação entre uma avareza conseqüente e uma

magnanimidade "socialmente necessária", além de suas inibições quando ao ingressar no círculo social de Miranda, assumem a forma de realismo psicológico.

Para inúmeros personagens do romance é válido o princípio da motivação social do caráter e dos atos assumidos. Isto prevalece para o parasita Botelho, da mesma forma que para o comerciante de fazendas, Miranda, e sua ambiciosa mulher Estela. E, apesar dos elementos presentes de um complexo de inferioridade racial, como produto da já mencionada ideologia colonial, este princípio importa também, em última análise, na configuração da preta Bertoleza e da mulata Rita Baiana. O próprio destino de personagens secundários como Florinda, que, após a sua fuga do cortiço, se torna a concubina de um velho libertino, revela-se ao leitor como efeito da vigente justiça de classes: "Mãe e filha passaram todo esse sábado na rua, numa roda vida, da secretaria e das estações de polícia para o escritório de advogados que, um por um, lhes perguntavam de quanto dispunham para gastar com o processo, despachando-as, sem mais considerações, logo que se inteiravam da escassez de recursos de ambas as partes". Muitos dos personagens secundários do ambiente do cortiço, como Leocádia, Bruno e Marciana, apresentam-se como que primitivos e simples, condizendo, sem dúvida, também com uma realidade simples.

Malgrado a base realista do romance, não se deve ignorar o componente naturalista de *O Cortiço*. Este se apresenta no forte realce do instintivo, bem como nos pormenores sexuais e fisiológicos, o qual trai a experiência estética de *O Homem*, e alcança seus pontos culminantes em algumas drásticas cenas amorosas (por exemplo: Leocádia-Henrique, Rita-Jerônimo), sem contudo descambar para a pornografia. Este componente manifesta-se, porém, ainda mais nitidamente na estruturação de algumas figuras, para quem o cortiço se torna uma espécie de campo de experimentos do autor para o estudo da decadência moral, sob condições ambientais especiais. Pombinha é, no caso, um exemplo saliente. O rumo de sua vida, partindo do meio-ambiente da pequena burguesia desraigada para, praticamente, em linha reta, o da prostituição, pode ser, em seu desfecho, de um modo geral sintomático para a sua condição social. No entanto, a motivação dada pelo autor assemelha-se a uma experiência naturalista em que a grande ênfase da influência ambiental e dos fatos fisiológicos desem-

penha um mesmo papel do casual e do extraordinário da estrutura social vigente. A menina, doentia e estimada por todos em virtude de sua prestimosidade, satisfaz, aliás, o desejo da mãe e, após um despertar para a puberdade, que o autor descreve com demasiadas minúcias, se casa com o comerciante João da Costa, com quem ela logra a possibilidade de deixar o cortiço dos trabalhadores. Assim, vendo-se sob o prisma de uma estruturação realista, estaria garantido o futuro da menina, uma vez que Costa é descrito como um marido cheio de atenções e avesso a todos os vícios. No entanto, naquela época Pombinha já era vítima daquela "esterqueira, onde ela, depois de se arrastar por muito tempo como larva, um belo dia acordou borboleta à luz do sol". E uma vez que essa "pobre flor do cortiço" conheceu, além disso, a volúpia do amor lésbico nos braços da perversa mundana Léonie (a orgia é descrita com muitas particularidades!), brotará em sua "alma enfermiça e aleijada" a semente espalhada na lama do cortiço com a exatidão de uma lei natural. Pombinha acompanhará as insinuações de sua fantasia mórbida, abandonará o seu sóbrio marido e se entregará ao mesmo vício da mundana Léonie. Ela transmitirá o seu vício à filha de Piedade, que vive no cortiço. Conforme a Nana, de Zola, ela se vingará da sociedade com uma frieza de sentimentos e a perfeição com que ela exerce a sua daninha profissão: "... seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si". Na caracterização de Pombinha, os fatores econômicos e sociais são então dissimulados e deformados pelos elementos da psicologia sexual, o que provoca uma cisão entre as esferas individual e social.

Entre os componentes naturalistas, embora sem a tendência, verificada no caso de Pombinha, para o estudo psicopatológico, está a configuração de Jerônimo e Piedade. Seu destino representa o malogro dos inúmeros imigrantes portugueses, para quem no Brasil uma ascensão social ficava vedada, em contraposição aos empresários como Romão e Miranda. Entretanto, a evolução de Jerônimo, de trabalhador exemplar a alcoólatra desenfreado, à qual corresponde uma evolução paralela de Piedade, com os mesmos efeitos, não é motivada pelas particularidades da estrutura social ou econômica do país. Ela se consuma, antes, como processo de influências do meio geográfico e como um abandono pas-

sivo da vontade própria do herói diante das “imposições mesológicas” e das “terras da luxúria”. A mulata Rita Baiana é, assim, uma espécie de instrumento de que a natureza tropical se serve para abrir todas as comportas à atuação de suas forças. Esta condenação do herói à passividade, que o torna juguete de uma força onipotente da natureza e que se vê ainda acentuada pela força de caráter e aprumo, posta em relevo no início, faz com que Jerônimo apareça como contraponto naturalista do romance. Apenas duma forma totalmente frágil a lógica social, aqui, vislumbra-se por detrás da fachada do determinismo mecânico-biológico.

Um aspecto particularmente interessante do método literário em *O Cortiço* é o uso de elementos do naturalismo para a tipificação realista. Este fenômeno, verificado também na obra de Zola, aqui assoma em forma de freqüente representação do animal no homem. De um lado, ela serve à reprodução impressionante das condições existenciais aviltantes das camadas inferiores do povo. As miseráveis moradias surgem, pois, como “viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma cama; paraíso de vermes; brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão”. Mas, do outro lado, serve também para a revelação intensa da brutalidade e desprezo humano dos novos ricos capitalistas, que encaram o povo simples somente como coisa e objeto de suas especulações. Assim, para Miranda o cortiço é uma vizinhança enfadonha que provoca sua pretensão de classe com aquela “exalação forte de animais cansados” e com “aquele bafo, quente e sensual”. Romão logra, também, alcançar uma posição semelhante quando se encontra de todo infiltrado na esfera social de Miranda, e de cuja casa olha com desprezo por “sobre aquela gentilha sensual, que o enriquecera e que continuava a mourejar estupidamente, de sol a sol, sem outro ideal senão comer, dormir e procriar”. A mesma brutalização caracteriza Romão quando, motivado pelas suas ambições sociais, ainda considera a sua antiga amásia apenas qual uma coisa repulsiva, e, por assim dizer, a coisifica em seus pensamentos.

Neste caso e em muitos outros Azevedo atribui aos elementos a função de uma expressão substancialmente realista, que é realçada duma maneira mais vigorosa pela expressão acentuadamente plástico-sensorial. Simultaneamente o autor realiza, assim, na prática artística, o entrelaçamento

dos princípios metódicos insinuados em suas explicações teóricas.

Os aspectos lingüísticos e estilísticos do romance

Os recursos lingüísticos e estilísticos de uma obra literária acham-se estreitamente ligados ao método literário, cuja forma de realização, individualmente cunhada, e concretização prática eles, de certa forma, representam. Daí parecer justificado abordar questões da língua e do estilo, também durante o tratamento do método, e vice-versa, abordar questões do método no tratamento de ambos os outros aspectos. Aqui é importante que o conceito do método literário seja encarado como predominante, malgrado os problemas da terminologia ainda hoje em aberto, aos quais se refere G. L. Abramovitch, porquanto só partindo-se desta plataforma é que se compreende a específica dos aspectos lingüísticos e estilísticos.

Com relação a *O Cortiço* isto significa sair de um método crítico-realista em essência, com pouquíssimas incursões românticas, e incursões naturalistas que se podem perceber mais intensamente. Assim, cabe a este romance, no tocante a língua e estilo, uma importância especial no quadro de toda a obra de Azevedo, visto não poderem, aqui, ser julgadas procedentes as referências sempre argüidas pela crítica acerca de um descuido da expressão ditado pela pressão do tempo e pelo gosto do público. Fato é que faltam quaisquer manifestações teóricas do autor a respeito desses aspectos de sua obra; entretanto, o vivo trabalho, de muitos anos, de *O Cortiço* denota que Azevedo atingiu aqui o zênite e os limites de sua faculdade de expressão artística. A obra reúne o total de suas capacidades lingüísticas e estilísticas, e, por não esquecer, é daí que provém seu grande e duradouro sucesso.

O fato de Azevedo haver conseguido uma configuração realista manifesta-se em *O Cortiço*, numa forma de linguagem que lança pontes para os dois modelos europeus do autor: para Eça de Queirós que, como reformador da prosa portuguesa, adotou por base para a sua obra a língua corrente de Lisboa, e para Zola, que deixou fluir para dentro de seus romances a gíria dos trabalhadores parisienses. Dentre as características eminentes de *O Cortiço* conta-se o imediatismo e a simplicidade populares dos inúmeros diálogos, que

contribuem consideravelmente para a criação de uma atmosfera a reproduzir com autenticidade a vida. Tal prevalece para a querela de Miranda com Romão por causa de uma faixa de terreno, da mesma forma que para o forte desentendimento de Bruno com Leocádia, após flagrado seu adultério em companhia do estudante Henrique. A título de exemplo, cita-se aqui a altercação entre Piedade e Rita Baiana, introduzindo uma das grandes cenas de pancadaria do romance: “Muda-se, não é verdade? insistiu a outra, fazendo-se vermelha. — E o que tem você com isso? Mude-me ou não, não lhe tenho de lhe dar satisfações! Meta-se lá com a sua vida! Ora esta! — Com a minha vida é que te meteste tu, cigana! exclamou a portuguesa, sem se conter e avançando para a porta com ímpeto. — Hein! Repete, cutruca ordinária! berrou a mulata, dando um passo em frente. — Pensas que já não sei de tudo? Maleficiaste-me o homem e agora carregas-me com ele! Que a má coisa te saiba, cabra do inferno! Mas deixa estar que hás de amargar o que o diabo não quis! quem to jura sou eu! — Pula cá pra fora, perua choca, se és capaz!”. Esta força de expressão popular ainda se vê intensificada pela inclusão de provérbios (“Para um pé doente há sempre um chinelo velho!”) e a citação de apelidos dos personagens (Pataca, Machona, Roberto Papa-Defuntos). Assim consegue-se um colorido nacional da língua mediante a multiplicidade de expressões chulas brasileiras empregadas, do mesmo modo que pelo acúmulo de formas diminutivas, típico do Português do Brasil. Este aspecto faz-se particularmente claro no diálogo entre Bruno e Pombinha: “Ora Nham Pombinha... tinha-lhe um serviçinho a pedir... mas vosmecêzinha anda agora tão tomada com o seu enxoval e não há de querer dar-se a maços... — Que queres tu, Bruno? — N’ é nada, é que precisava que vosmecêzinha me fizesse uma carta pr’aquele diabo... mas já se vê que não tem cabimento... Fica pr’ao depois!”.

Este imediatismo de expressão, do povo, lembra a democratização da prosa, a qual foi atestada em Eça de Queirós, numa das mais sólidas análises do estilo de sua obra. Não só regendo, porém, os numerosos diálogos, que por isso se apresentam, em seu todo, mais fiéis à vida real do que em *O Mulato* e *O Coruja*, este imediatismo também domina as várias passagens do livro em que o autor se serve do recurso estilístico do discurso indireto livre a fim de tornar acessíveis ao leitor, conforme antes dele Eça de Queirós e Zola prati-

caram, os personagens também nas partes narradas, de forma direta e com a tensão de suas emoções: “Florinda ria, como de tudo, e a velha Marciana queixava-se de que lhes respingaram querosene na roupa estendida ao sol. Nessa ocasião justamente, um saco de café, cheio de borra, deu duas voltas no ar e espalhou o seu conteúdo, pintalgando de pontos negros o coradouro. Fez-se logo um alarido entre as lavadeiras. Aquilo não tinha jeito, que diabo! Armavam lá as suas turras e os outros é que haviam de aturar?!... Sebo! que os mais não estavam dispostos a suportar as fúrias de cada um!” Este recurso estilístico, já assinalado, encontra em *O Cortiço* aplicações diversas e se presta à caracterização dos sentimentos e pensamentos secretos dos heróis, como também à intercalação de vozes anônimas nas cenas coletivas. Qual em Zola, ela serve “para tornar fluentes as fronteiras entre narrativa e ação”, e isto é, ao mesmo tempo, o recurso adequado para dar expansão à vitalidade, ao colorido e à força de expressão da linguagem corrente brasileira para muito além do âmbito das próprias partes dialogadas.

Imediatismo, precisão e um respeito aos fatos e detalhes típicos, específico da estruturação realista, caracterizam também de uma maneira ampla os trechos narrados do romance. Este aspecto prevalece para o começo da obra, exatamente como para o desfecho dramático, já citado, em conexão com a composição. Com isso, proporção e ritmo das frases adaptam-se à movimentação da ação, conforme mostra a seguinte cena coletiva: “Em casa da Rita Baiana a animação era inda maior, Firmo e Porfiro faziam o diabo, cantando, tocando bestialógicos, arremedando a fala dos pretos cassanges. Aquele não largava a cintura da mulata e só bebia no mesmo copo com ela; o outro divertia-se a perseguir o Albino, galanteando-o afetadamente, para fazer rir à sociedade. O lavadeiro indignava-se, dava o cavaco. Leocádia, a quem o vinho produzira delírios de hilaridade, torcia-se em gargalhadas, tão fortes e sacudidas que desconjuntavam a cadeira em que ela estava; e, muito lubrificada pela bebedeira, punha os pesados pés sobre os de Porfiro, roçando as pernas contra as dele e deixando-se apalpar pelo capadócio”. Em outras passagens, a turbulência do episódio é sublinhada pela brevidade dos parágrafos, constantes às vezes de uma só frase.

Acresce-se à tônica popular, fundada no elemento da linguagem coloquial em *O Cortiço*, uma série de notas lin-

güísticas e estilísticas secundárias que ocorrem mais ou menos de maneira insistente (e de vez em quando importuna também). É preciso mencionar, aqui, sobretudo a coloração naturalista da língua. Esta se revela não só no processo de erotização da expressão, encontrado também em romancistas brasileiros da atualidade como Jorge Amado e Dalton Trevisan, e na referência de detalhes de natureza fisiológica. Ela se apresenta, igualmente, no aglomerado de substantivos tais como "cheiro", "zunzum", "lama" e "fermentação", de adjetivos como "quente", "farto", "ardente", "mole" e "sensual", além de verbos como "arfar", "germinar" e "vermilhar", todos a insinuar, de qualquer modo, os domínios dos sentidos, do animal e da podridão. Assim, o autor usa um sem-número de sinônimos para todas as gradações dos ruídos e dos cheiros, como para todos os matizes das cores, da vermelha em especial. O trabalho com as percepções visuais e contrastes de cores, traindo claramente o Azevedo conhecedor da pintura, passa parcialmente a uma configuração impressionista de fato, que lembra o "*écrire pour les yeux*" dos Irmãos Goncourt: "E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco".

Qual o trabalho de Azevedo com as percepções sensoriais, que deixa igualmente suspeitar um aproveitamento de vivências estéticas próprias, da pintura, e de influências estilísticas do impressionismo, também a plasticidade da linguagem de *O Cortiço* apresenta um caráter duplo. Aos quadros naturalistas do domínio da podridão, dentre os quais possuem alguns uma função expressiva perfeitamente realista, opõem-se inúmeras comparações e metáforas que, com a sua referência ao animal ou com sua personificação das coisas, e de quando em vez também de animais, correspondem, aliás, à estética naturalista, mas acentuando, ao mesmo tempo, o caráter nacionalista. Comparações de personagens do romance, a "uma onça enjaulada", a um "jabuti quando vê chuva" ou a uma "anta bravia" são, antes de tudo, também responsáveis por que no uso das imagens se saliente,

nitidamente, do mesmo modo, o elemento nacionalista do romance, já analisado com relação à expressão. Comparações com fenômenos naturais do país como a “seca”, e com frutas típicas brasileiras como “sapoti”, “caju” e “coco” igualmente contribuem para o mesmo fato. E não infundadamente foi que um dos mais notáveis críticos contemporâneos de Azevedo se regozijava entusiasticamente com esse estilo, graças à sua coloridade, e declarou: “O estilo, nesta terra, é como o sumo da pinha, que, quando viça, lasca, deforma-se, e pelas fendas irregulares, poreja o mel dulcíssimo, que as aves vêm beijar... e se há um escritor capaz de incorporá-lo a uma literatura nascente, como é a nossa... esse escritor é o autor d’*O Mulato*, em cujas páginas já encontraram-se audácias dignas dos melhores, e que, nos capítulos inéditos d’*O Cortiço*, vai derramando todo o luxuriante tropicalismo desta América do Sul”.

Certamente também não se procurará em vão, na linguagem de *O Cortiço*, por indícios da estética romântica. Azevedo, neste ponto, poderia dizer, como Zola: “*Nous tous, écrivains de la seconde moitié du siècle, nous sommes donc, comme stylistes, les enfants des romantiques*”. Contam-se entre estes indícios, no sentido negativo, alguns clichês na descrição dos personagens e uma determinada predileção pelo vago e nefasto epíteto “sinistro”, que, de certa forma, continua o elemento do misterioso em *O Mulato*. Na já mencionada cena do sonho de Pombinha, que o autor denomina “seu idílio com o sol”, esses clichês aparecem em mescla, de aparência um pouco banal, com os símbolos de fertilidade, de cunho naturalista. Pode-se, aqui, concordar perfeitamente com Massaud Moisés, ao constatar este o seguinte: “Não é impunemente que o escritor cede, por anos seguidos, aos padrões do público leitor feminino, escrevendo narrativas de entretenimento”.

Da multiplicidade de recursos estilísticos em *O Cortiço* fazem parte repetições à guisa de *leitmotiv*, como o intercalar constante das expressões “mangas de camisa” e “tamanco” de Romão, com que é ilustrada a origem inferior dessa figura. Também consta deste caso o acúmulo de hipérbolos, com o qual algumas idéias básicas (por exemplo, a transformação de Romão, de sovina ao magnânimo e sociável empresário) são alçadas até ao ultradimensional ou, mesmo, transfiguradas numa visão onírica. Ademais disso, conta-se, no caso, o recurso da ironia, que Azevedo, e antes

dele Eça de Queirós, manipula magistralmente, com uma profusão de gradações. À maneira de um sutil e, contudo, desmascarador jogo de linguagem, assim se afigura este recurso na caracterização do relacionamento do casal Miranda com a filha Zulmira: “Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, este a detestava porque tinha convicção de não ser seu pai”. A brutal contradição entre aparência e o ser de fato revela-se por meio da ironia quando o marido de Pombinha se vê logrado “com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção, declamando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada”. Em muitos casos, passa esta ironia a uma figura grotesca (por exemplo, Libório) ou a uma caricatura, colocada a serviço da expressão geral do romance. Este aspecto é igualmente válido para o antigo traficante de escravos e oportunista Botelho, tachado de “comido de desilusões, cheio de hemorróidas”, como para breve caracterização do atacadista de fazendas, indignados com a festa dos trabalhadores: “O Miranda apareceu furioso à janela com o seu tipo de comendador, a barriga empinada para a frente, de paletó branco, um guardanapo ao pescoço e um trinchante empunhado na destra, como uma espada”. Uma mistura de ironia e comicidade autêntica é, enfim, alcançada na cena em que a primeira visita de Romão em casa de Miranda e o embarço, um tanto penoso para o novo rico, estão caracterizados.

A variedade e tonalidade cromática dos recursos lingüísticos e estilísticos em *O Cortiço* condizem, pois, com a complexa problemática do método literário, cujo princípio realista fundamental, porém, aqueles, no fundo, refletem e realizam esteticamente. Juntamente com os aspectos da expressão expostos, é esta unidade dialética de conteúdo crítico-social e forma artística que pressupõe o valor permanente da obra, sobre a qual escreve, com razão, o crítico iugoslavo Josip Tabak, como sendo “um livro único, devido à força da narrativa e eficácia dos quadros, como também devido à complexidade e diversidade dos tipos e ênfase dos contrastes”.